

cherish
BOOKS

A
E S P E R A
D O

Coração

AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

SHARI J. RYAN



AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

SHARI J. RYAN

A
E S P E R A
D O
Corações

cherish
BOOKS

Copyright © 2016 por Shari J. Ryan
Copyright © 2020 Cherish Books

Ryan, Shari

A Espera do coração (A Heart of Time) / Cherish Books; Rio de Janeiro; 2020

Edição Digital

1.Romance Contemporâneo 2. Literatura Estrangeira 3.Ficção

A Espera do Coração © Copyright 2020 — Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Tradução: Denise Telles

Revisão: Cristiane Castro

Capa: L.K. Design

Diagramação: A.J Ventura

SUMÁRIO

<u>Capa</u>	
<u>Agradecimentos</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo Um</u>	
<u>Capítulo Dois</u>	
<u>Capítulo Três</u>	
<u>Capítulo Quatro</u>	
<u>Capítulo Cinco</u>	
<u>Capítulo Seis</u>	
<u>Capítulo Sete</u>	
<u>Capítulo Oito</u>	
<u>Capítulo Nove</u>	
<u>Capítulo Dez</u>	
<u>Capítulo Onze</u>	
<u>Capítulo Doze</u>	
<u>Capítulo Treze</u>	
<u>Capítulo Quatorze</u>	
<u>Capítulo Quinze</u>	
<u>Capítulo Dezesseis</u>	
<u>Capítulo Dezesete</u>	
<u>Capítulo Dezoito</u>	
<u>Capítulo Dezenove</u>	
<u>Capítulo Vinte</u>	
<u>Capítulo Vinte E Um</u>	
<u>Epílogo</u>	
<u>Notas</u>	
<u>Sobre a Autora</u>	

Para Gigi e Nina que são a inspiração para que eu seja uma mulher forte e uma escritora. Sua orientação para as Artes me levou à paixão da minha vida. Agora seu passatempo favorito pode viver através de mim.



Muito obrigada a todos os meus leitores. Sem vocês, minha escrita seriam apenas palavras impressas em uma página, mas vocês permitem que minhas histórias ganhem vida.

Lisa Brown, minha editora extremamente talentosa. Obrigada por ser o fim da minha agitação, medo, lágrimas e dúvidas sobre este livro. Você sempre organiza requintadamente meus pensamentos confusos, ajudando-me a criar a melhor versão da minha história.

Barb Shuler e Emily Maynard, meus mais perfeitos suportes e meu apoio. Seu encorajamento e motivação tornaram-se um trunfo durante minha jornada de escrita, e não sei o que faria sem vocês. Obrigada por polir *A espera do coração* com a sua excepcional atenção para os detalhes.

Linda e Sassy Savvy Fabulous, obrigada por sua valiosa contribuição no lançamento do meu livro. Sou grata por vocês terem me dado uma chance e estou ansiosa para trabalhar mais com vocês no futuro.

Minhas leitoras betas: Lori, Mignon, Christina, Heather e Carla, vocês são a minha salvação. Ser honesto com a crítica nunca é fácil, mas eu sei que todas vocês me amam o suficiente para serem diretas comigo.

Twisted Drifters, vocês fazem com que eu me sinta privilegiada por ser autora, e agradeço pelo seu apoio contínuo.

Autores de resenhas, vocês iluminam os livros e seu apoio é o que faz com que esta indústria evolua e cresça. Obrigada por sacrificar

continuamente seu tempo.

Lori, minha irmã, minha sempre primeira leitora... desculpe, você teve que ler isso enquanto estava grávida, mas eu te amo por continuar a leitura e por estar sempre do meu lado. Amo você!

Mamãe, papai, Mark e Ev, vovó e vovô, obrigada por seu contínuo amor e apoio aos meus livros. Sua motivação significa muito para mim.

Rapazes — Bryce e Brayden — algum dia, quando vocês tiverem idade para ler este livro, verão o amor que sua mãe e seu pai têm um pelo outro através das palavras que escrevi aqui. Vocês são presentes para nós e espero que nunca se esqueçam disso.

Josh, com a nossa assustadora jornada pela paternidade da segunda vez, esta história foi o meu pesadelo naquela época. Ela me acordou muitas noites, sabendo o quão perto você esteve de se tornar o personagem deste livro. Eu escrevi o que eu mais temia e agradeço todos os dias que nossa família esteja unida e perfeita. Obrigada por ser minha rocha sólida e o melhor marido que eu poderia ter pedido.



— SHH — digo a ela. — Apenas confie em mim.

Eu levanto Ellie, ajudando-a a passar sobre o portão de ferro forjado e, com um leve baque, ela chega ao outro lado em completa escuridão.

— Venha! — Eu pulo para o outro lado onde ela está esperando por mim. Pegando sua mão, seguimos pelos degraus cobertos de musgo que subimos e descemos centenas de vezes ao longo de nossas vidas.

— É tão escuro aqui à noite — diz ela, sem fôlego.

— Você está com medo? — pergunto, acariciando com meus dedos a sua cintura.

Ela me dá uma cotovelada no estômago, e zomba com sarcasmo.

— Não, idiota. Mas e se tiver bichos ou algo assim?

— Eu te protejo — digo a ela, envolvendo meu braço firmemente em torno de seus ombros.

— O que eu faria sem você? — lamenta. — Meu cavaleiro Hunter.

Sem precisar responder, dou um beijo rápido na sua testa e desço as escadas. Assim que chegamos ao último degrau, tiro a lanterna do bolso de trás e ilumino o caminho que leva a um banco embaixo de alguns carvalhos grossos. O medo parece ter passado e Ellie tem um acesso de riso.

— Elle — digo a ela, levando-a até a árvore mais próxima.

— Sim? — ela diz ainda rindo.

Eu viro a lanterna para o chão e pego a pedra mais afiada que consigo

encontrar.

— Estou prestes a fazer algo totalmente idiota.

— Não me diga que você vai escrever nossos nomes na árvore — diz ela de uma forma que significa que ela adora a ideia, mesmo sendo brega e idiota, ou não. Eu coloco a lanterna no banco e passo meus braços levemente em volta do seu pescoço.

Através de um espaço entre os galhos, um leve brilho da lua ilumina seu rosto. Ela abre aquele sorriso, aquele que sempre foi só para mim desde que tínhamos cinco anos de idade. Com os grilos cantando em torno de nós e o leve frio do ar de maio, eu a beijo, a garota que sempre foi minha.

Quando nossos lábios se separam, eu pego sua mão e deslizo a pedra entre seus dedos. Com minha mão apertada ao redor da sua, eu a pressiono contra a árvore, arrastando a pedra em linhas retas, gravando nossos nomes na casca macia antes de envolvê-la com um coração.

— Se alguém no time de futebol souber disso...

— Nosso segredo para sempre — ela sussurra em meu ouvido.

— Sabe o que não é segredo? — Espero uma resposta, uma dica para continuar o que estou prestes a dizer, mas só há silêncio. — Estou tão apaixonado por você, Ellie. Eu te amei como minha melhor amiga todos esses anos, mas agora, preparando-me para concluir o ensino médio e encarar esse mundo difícil, eu preciso que você saiba o quanto eu te amo de verdade. É o tipo de amor que faz um cara querer gravar o nome da garota em uma árvore. É o tipo de amor que eu espero que nunca desapareça.

— Eu sou sua para sempre, Hunter. E essa sempre será nossa árvore.



26 de dezembro
SETE ANOS DEPOIS

— **E**u não consigo acreditar que finalmente seremos pais — diz Ellie, ainda respirando pesadamente durante a última contração. Enquanto eu corro pela casa como uma barata tonta, ela está segurando o braço do sofá com tanta força que os nós dos dedos estão ficando brancos.

Bolsa de viagem... aqui. Bolsa do bebê... confere.

— Tem mais uma coisa. O que estou esquecendo?

— O cobertor do bebê. Aquele que eu tricotei — ela grita da sala de estar.

Ellie passou os últimos sete meses tricotando um minúsculo cobertor rosa. Ela não sabia tricotar, mas disse que era um rito de passagem para a maternidade. Ela aprendeu, eu preciso admitir.

— Deixa comigo, baby! — Baby... nas próximas horas, serei o pai de alguém. Nós vamos ser uma família. O pensamento ainda é assustador e emocionante ao mesmo tempo. — Ok, mais um segundo. Vou ligar o carro pra ir aquecendo. — Nosso pequeno milagre não era esperado por mais duas semanas, mas evidentemente ela decidiu que o dia depois do Natal seria um

bom momento para chegar. Eu não poderia concordar mais. Não posso esperar para conhecê-la.

Corro pela porta da frente, quase escorregando na neve recém-caída antes de chegar à porta do carro. Eu entro no carro e ligo a ignição pra já ir aquecendo. Vamos, aquece logo porque essa menina não vai esperar por nada essa noite.

Quando volto pra dentro de casa, Ellie está no mesmo lugar, ainda segurando o sofá para se apoiar. Seus olhos estão fechados, os dentes cerrados. Gotas de suor estão se formando em sua testa e sua respiração está rápida e alta. Limpo suavemente a testa dela com as pontas dos dedos e afasto seu cabelo que caiu no rosto, fazendo o possível pra acalmá-la enquanto espero que a contração diminua. Quando a contração passa, eu a seguro pelo braço enquanto ela pega sua bolsa da mesa lateral. Lentamente nós saímos de casa e a seguro firme para evitar que ela escorregue na neve.

— Estamos fazendo isso, Ell. Nós estamos realmente fazendo isso!

Ela sorri e concorda com a cabeça, focada em tentar recuperar o fôlego e entrar no carro antes da próxima contração começar.

Eu acomodo Ellie no carro e derrapo na entrada da garagem quando vou para o banco do motorista. Quando fecho a porta, respiro fundo e olho para ela brevemente, com um sorriso no rosto e lágrimas nos olhos.

— Eu te amo — diz, colocando a mão sobre a minha. — Este vai ser o melhor dia de nossas vidas.

— Apenas o primeiro melhor dia. Teremos muitos melhores dias pela frente agora — respondo com um sorriso.

Embora pareça uma eternidade, levamos menos de vinte minutos para chegar às portas de vidro deslizantes da sala de emergência.

— Você não vai me deixar, vai? — Ellie pergunta. É a primeira vez que vejo medo nos olhos dela durante toda a gravidez. Ela manteve a calma durante todo o tempo enquanto eu fazia o meu melhor para esconder o nervosismo.

— Eu não quero fazer você andar pra atravessar o estacionamento, Ell.

— Eu ficarei bem. Eu só... não me deixe.

Sem pensar muito, piso no acelerador e sigo para o estacionamento. Ainda bem que encontro uma vaga no primeiro andar bem perto da entrada principal. Outra contração está vindo forte e ela está começando a gemer de dor.

— Quatro minutos entre as contrações agora — digo, olhando para o

relógio.

Quando a contração termina, aproveito para descer do carro e ajudá-la a sair. Eu coloco meu braço sob o dela e andamos o mais rápido que ela consegue se mover. Quando passamos pela porta, vejo uma cadeira de rodas e ajudo-a a sentar. Estou tentando manter a calma por causa da Ellie, mas por dentro... Oh, Deus. Estou enlouquecendo.

Eu empurro a cadeira de rodas em direção ao balcão principal com uma mão enquanto a outra está firmemente agarrada ao ombro dela.

— Minha esposa está em trabalho de parto — digo à recepcionista.

— Terceiro andar. Eles vão assumir a partir daqui — diz a mulher, sorrindo brilhantemente. — Parabéns, mamãe e papai.

Mamãe e papai. Nós vamos ser pais. Nós vamos ser pais! Isso é incrível. Isto é incrível! Eu não posso esperar para ver seu rostinho. Me pergunto se ela se parecerá com Ellie. Deus, espero que sim. Eu quero que ela tenha os cachos loiros de Ellie, seus grandes olhos cor de avelã e o sorriso que ilumina todo o ambiente. Espero que ela tenha meu humor e o cérebro de Ellie. Eu só sei que ela vai ser perfeita.

— Acredita nisso? — Ellie pergunta, entrando no elevador. — Três anos não parece um grande problema agora. Eu esperaria para sempre por esta menina.

— Mas não precisamos. Nós somos muito sortudos, baby.

Nós saímos do elevador no terceiro andar, onde uma enfermeira imediatamente nos cumprimenta. Ela dá uma olhada em Ellie e nos leva para um pequeno escritório.

— Eu só tenho algumas perguntas para você, Eleanor. Então nós fazemos a admissão.

Eu tento manter a calma, ou pelo menos fazer parecer que estou calmo, mas ainda estou nervoso. Que tipo de perguntas eles poderiam fazer agora? Eu fiz o pré-registro, fiz tudo do jeito que deveríamos, e liguei para o consultório do médico de Ellie para avisá-lo que estávamos indo para o hospital.

A enfermeira pede que Ellie confirme suas informações básicas e faz uma pulseira de hospital para ela. Em seguida, se inclina sobre a mesa e a coloca em volta do pulso de Ellie. Embora esteja tendo outra contração agora, Ellie grunhe a palavra “obrigada”. Essa é a minha garota. Sempre educada, não importa a situação.

— Eu vou falar com seu médico para que ele saiba que está aqui.

Enquanto isso, vocês dois podem me seguir. — A mulher nos leva através de portas duplas para uma grande sala dividida por cortinas. — Um dos nossos médicos da triagem irá examiná-la e determinar se você está em trabalho de parto ativo. — Ela coloca um cartão com o nome de Ellie na porta. — Há uma camisola para você colocar, e vamos precisar de uma amostra de urina também — diz enquanto aponta para o potinho.

Como ela poderia não estar em trabalho ativo? Claro que está. Quer dizer, olhe para ela. Estou tentando manter a calma, mas eu só quero que alguém pare a sua dor. Eu não posso assistir enquanto ela sofre assim.

Como se estivesse lendo minha mente, Ellie diz:

— Não se preocupe, Hunt, tudo vai ficar bem — eu gostaria de poder dizer que a risada dela me conforta, mas sei que ela está forçando isso para o meu bem. O que estou dizendo? Eu deveria estar consolando-a agora. Já estou falhando como marido e pai.

Eu tenho praticamente agido assim desde o dia em que recebemos o exame de sangue, confirmando a gravidez. Há muito o que fazer para se preparar para o nosso bebê, e eu não posso deixar nenhuma das minhas garotas na mão. Eu não posso decepcioná-las agora também.

Ellie está tentando tirar a roupa, e eu estou aqui parado olhando para ela. Eu me forço a sair do meu torpor e tomá-la pelo braço, ajudando-a a tirar as calças. Pego a camisola da cama e visto nela.

— Você está tão bonita agora — digo e estou falando sério. Ela está brilhando. Está feliz, apesar da dor. Ela nasceu para esse papel e eu posso ver isso agora. Eu sou o homem mais sortudo da terra.

— Sente-se — sussurra Ellie. — Vou usar o banheiro. Não se preocupe. Apenas relaxe.

Ela sai com um sorriso. Ela está sorrindo. Eu deveria estar sorrindo também. Então, por que a sala parece estar girando em torno de mim? Eu não deveria estar praticando os exercícios de respiração sem ela, mas preciso, ou vou desmaiar. Ela está em trabalho de parto e eu é que estou com dificuldade para respirar. Tenho que respirar mais fundo porque parece que não consigo ar suficiente agora.

Ellie retorna dentro de alguns minutos, sobe na cama e puxa o lençol ao redor de seu peito para ficar confortável.

— As contrações estão ficando mais próximas — diz ela. — Eu não achei que aconteceria tão rápido.

A aula que recebemos dizia que as mães de primeira viagem geralmente

têm um trabalho de parto longo, por isso não precisávamos nos apressar pra chegarmos ao hospital. Eles nos deram essa regra de cinco e um. Cinco minutos de intervalo, com duração de um minuto e por mais de uma hora. Pelo menos, acho que foi isso, mas agora minha mente está dando branco. Deus, espero que não tenhamos que esperar muito tempo. Eles vão pensar que eu sou um marido e futuro pai horrível.

— O que você está pensando? — Ellie pergunta, vendo o olhar de angústia no meu rosto.

Eu olho para o rosto pálido dela.

— Nada, baby, estou apenas animado. Ansioso.

Ela estende a mão para mim.

— Eu também.

Um médico chega para examiná-la, e ele causa mais dor ao fazer isso. Parte de mim gostaria de machucá-lo por tê-la machucado, mas me abstenho de dizer qualquer coisa, já que sei que estou exagerando.

— Bem, você está com quase nove centímetros. Eu já posso sentir a cabeça do bebê, precisamos levá-la para a sala de parto imediatamente.

— Hum... eu preciso falar com meu médico primeiro. É importante — diz ela, o pânico de repente enchendo sua voz.

— Ell, ele estará aqui. Não se preocupe, ok? — falo baixinho, tentando tranquilizá-la. Ela está olhando para mim com uma expressão vazia, como se não quisesse responder, ou talvez seja outra contração vindo. Não tenho certeza.

— Tudo bem — diz, a incerteza enchendo os olhos.

— Você pode conseguir uma epidural? Qualquer coisa para a dor? — pergunto ao médico.

— Sr. Cole, não há tempo suficiente para anestesia — ele responde. — Isso só significaria mais dor para Ellie.

Eu fiz isso com ela. Eu deveria tê-la trazido para cá antes. Eu causei a dor dela.

— Me desculpe, querida. Eu sinto muito — digo solenemente, enquanto alguém empurra a cama em que ela está deitada.

— Está tudo bem. Eu vou ficar bem, mas preciso do meu médico — ela geme. Eu mantenho a mão dela na minha enquanto corremos pelo corredor para outra sala onde duas enfermeiras a ajudam a subir em uma cama maior. Eles estão conectando-a a um monte de fios e um acesso intravenoso. É sempre assim? Todo mundo parece tão sério.

— Sua pressão arterial está baixa — diz uma das enfermeiras. — Precisamos virá-la de lado. — Os olhos de Ellie estão fixos nos meus, ignorando toda a confusão em torno dela. Nossos dedos ainda estão entrelaçados e ela está apertando com força. — Eu não consigo sentir o batimento cardíaco do bebê — a enfermeira continua a dizer.

O quê?

— O que você quer dizer com não pode sentir o batimento cardíaco do bebê? Ela está bem? O que está acontecendo? — Eu cuspo todas essas perguntas de uma só vez quando sinto o sangue drenar do meu rosto... do meu corpo inteiro.

— Sr. Cole, por favor, relaxe — a enfermeira diz calmamente. — Eleanor, quando foi a última vez que você sentiu o bebê chutar?

— Uh, algumas horas atrás, eu acho. Eu não tenho sentido muito com as contrações.

Todas as enfermeiras compartilham um olhar, e uma sai correndo pela porta. Deus nos ajude. O que está acontecendo agora? Eu me ajoelho e pego a mão de Ellie, trazendo-a aos meus lábios. Ela me dá um pequeno sorriso e diz:

— Lembre-se, nas aulas eles disseram que isso acontece às vezes, Hunter. Mas eu preciso que você encontre o Dr. Moore. É muito importante. Ele tem meu plano de parto e eu preciso dele.

Estou preocupado. Estou incrivelmente preocupado agora, e embora eu odeie ignorar os desejos dela, eu não vou sair para encontrar seu médico, onde quer que ele esteja agora. Há bons médicos de plantão que podem fazer o parto do nosso bebê, e se o Dr. Moore não chegar aqui a tempo, eles terão que servir.

— Hunter, eu estou preocupada, com medo — choraminga. — Algo está errado.

— Nosso bebê está bem. Ela está — tento convencer a mim e a ela, apertando sua mão. Ela tem que estar. Onde está esse maldito médico? E por que ninguém está falando conosco, nos dizendo o que está acontecendo?

Um médico de plantão finalmente entra na sala com uma máquina de ultrassom portátil.

— Só vamos garantir que o bebê esteja na posição certa para sair — explica o médico calmamente.

Isso é tudo o que eles estão procurando? Não parece ser esse o caso. Ele está apenas tentando nos manter calmos? Se assim for, não está funcionando.

— Ok, nós temos um batimento cardíaco, mas não é tão forte quanto eu gostaria que fosse. Eu odeio fazer isso com você estando tão perto da dilatação total, Sra. Cole, mas só por segurança, precisamos tirar o bebê imediatamente.

— Uma cesariana? — Ellie pergunta, através das lágrimas. — Eu queria parto normal.

Uma enfermeira entrega a Ellie uma caneta e pede que ela assine alguns papéis, o que leva menos de dez segundos.

Eles rapidamente a levam para fora do quarto, de volta para o corredor. Alguém me joga um avental, me diz para colocá-lo e segui-los até a sala de cirurgia. Isso é seguro? Ellie vai ficar bem? Ela parece com tanto medo..., mas eu sei que eles fazem isso o tempo todo. Eles disseram isso na nossa aula também.

Eu me esforço para colocar o avental por cima da roupa enquanto corro pelo corredor em direção aonde vejo médicos se reunindo em um quarto. Tremendo e fraco, eu entro no centro cirúrgico em transe e uma enfermeira me guia até um banquinho ao lado da cabeça de Ellie.

— Apenas relaxe — a enfermeira diz sorrindo e acariciando minha mão. — Ela precisa de você agora.

Eu gostaria que todos parassem de me dizer para relaxar. Como diabos eu deveria relaxar? Minha esposa está em uma mesa de operações e minha filha está em apuros. Quem iria relaxar nessa situação?

Eu tento respirar para acalmar meus nervos, mas não está funcionando. Eu passo os dedos pelos cabelos macios de Ellie e os tiro do rosto dela.

— Você está bem? — pergunto. Pergunta estúpida. Claro que ela não está bem, mas agora eu não sei mais o que dizer.

— Tão bem quanto posso estar — diz em voz baixa. Eu sei que ela está apavorada.

— Não há tempo suficiente para uma anestesia subaracnoide — grita um médico. É o médico da Ellie, graças a Deus. Eu não sei quando ele chegou, mas está aqui. — Sr. Cole, precisamos que você saia agora mesmo.

— O quê? Por quê? — pergunto, sentindo-me totalmente impotente. Uma enfermeira insere outro tubo no acesso intravenoso de Ellie. — O que é isso? — pergunto.

— Precisamos colocar sua esposa sob anestesia geral para realizar a cesariana. Não há tempo suficiente para lhe dar uma raquianestesia ou uma epidural sem colocar o bebê em risco, então eu preciso que você se despeça e

espere na sala ao lado. Assim que o bebê nascer, informaremos o que está acontecendo.

— Não posso ficar aqui para o nascimento da minha filha? Eu não posso ficar aqui com Ellie?

— Sr. Cole, precisamos fazer isso agora mesmo — seu médico grita, me tirando da minha névoa de pânico.

Ellie já parece sonolenta quando me inclino e pressiono meus lábios contra os dela, sentindo as lágrimas encherem meus olhos.

— Eu te amo, Ell. Quando você acordar, nós vamos ser uma família. Nós já somos. Certo?

Sua mão levanta fracamente e ela a coloca sobre meu rosto.

— Vamos chamá-la de Olivia — murmura.

— Você disse que não queria dar nome a ela até que a visse — eu a lembro. Mas os olhos dela já estão fechados e estou sendo puxado para fora do quarto. — Eu te amo, Ellie — grito. Eu não deveria estar chorando. Eu deveria ser o mais forte. Eu não choro. Eu não choro desde criança. Por que tudo isso parece tão errado? Eu não deveria estar deixando-a logo agora. É minha obrigação estar ao lado dela.

Agora estou sozinho em uma pequena sala com um bebedouro e uma TV. Eu só sento porque sinto que meus joelhos podem ceder. Eu posso desmaiar e nem vi uma gota de sangue. Apoiando a cabeça em minhas mãos, conto os segundos imaginando quanto tempo terei que esperar antes que alguém me dê alguma notícia.

Minha garganta está tão seca que me sinto sufocado, então caminho até o bebedouro e encho um copo de água. Este não era o nosso plano.

Depois do que parece uma hora, um médico entra pela porta, mas não é o médico de Ellie.

— Sr. Cole — ele diz. Eu me levanto, ignorando a fraqueza nas pernas. — Sua filha é perfeita. Ela estava com o cordão umbilical enrolado no pescoço duas vezes, mas está recebendo oxigênio agora e ficará bem. Uma enfermeira vai levá-lo para a unidade de cuidados neonatais para que você possa ver sua filha. Com um sorriso orgulhoso, o médico pega minha mão. — Parabéns, filho. Ela é uma beleza.

— Como está Ellie? — pergunto, respirando um pouco mais fácil. — Ela estará recuperada logo?

— Eleanor está só... — O médico para de falar enquanto olha para o seu pager. Depois de um longo segundo ele olha de volta para mim com os olhos

arregalados. — Alguém virá falar com você em um momento.

O médico sai apressado, e eu fico olhando para a porta que ele acabou de cruzar. O seu olhar estava preocupado. Era sobre Ellie? Ela está bem? Eu saio da sala e me vejo em um corredor vazio, girando, procurando por uma enfermeira... ou qualquer um que possa me ajudar a entender o que está acontecendo. Não encontrando ninguém, volto para a sala de espera.

Uma enfermeira finalmente entra na sala de espera e se senta ao meu lado, colocando a mão nas minhas costas.

— Você quer conhecer a sua filha? — ela pergunta com um sorriso gentil.

— Ellie está bem? — pergunto.

— Os médicos estão cuidando bem dela — diz com uma pitada de desconforto.

— O que isso significa? Aconteceu alguma coisa? — pergunto, com mais firmeza desta vez, enquanto tentava não entrar em pânico.

— Quando eles souberem mais, virão falar com você — fala, aparentemente tentando parecer tranquilizadora — Por enquanto, você deve se concentrar em sua filha.

— Olivia. O nome dela é Olivia.

Eu sinto como se tivéssemos andado quilômetros neste corredor antes de nos virarmos para uma sala cercada por janelas. A enfermeira me leva até um pequeno berço com laterais de plástico. E eu a vejo... Olivia. Ela é perfeita. Eu olho para os dedos dela, contando-os. Faço o mesmo com os dedos dos pés. Dez e dez. Seu nariz, ela tem o nariz perfeito de Ellie. Ela é absolutamente linda.

— Você quer segurá-la? — uma enfermeira pergunta. Ellie deveria segurá-la primeiro.

— Eu não me sinto bem... — começo.

— Ela gostaria que você segurasse sua filha — a enfermeira diz com um pequeno sorriso. — Especialmente desde que o parto exigiu anestesia geral. Ela não iria querer que Olivia esperasse até que ela acordasse antes de ser abraçada por seu pai.

Ela debruça no berço e cuidadosamente pega minha garotinha, toda embrulhada firmemente em uma manta rosa.

— Precisamos manter os tubos no nariz por mais algum tempo até que seus níveis de oxigênio estejam onde gostaríamos. Portanto, tenha cuidado para não os mover.

A enfermeira puxa uma cadeira de balanço de madeira e me pega pelo braço, guiando-me para o assento. Rígido como uma tábua, com medo de ferir essa pequena pessoa, eu seguro Olivia contra meu peito, sentindo seu calor. Isso me acalma. Olivia abre os olhos, me fitando com um olhar perdido, um olhar curioso. Eu me derreto instantaneamente. Estou apaixonado. Essa garotinha é minha. Ela pertence a mim para sempre. Como criamos algo tão perfeito?

— Eu sou seu pai. — respondo com uma voz fraca: — Eu geralmente não choro tanto, mas você é tão bonita.

A enfermeira retorna com uma mamadeira e a segura na minha frente.

— Você quer alimentá-la? — pergunta.

— Ah, não. Ellie está planejando amamentar. — Isso era uma coisa que ela estava decidida. Ela sabia que seu plano de parto poderia mudar, mas deixou claro que queria tentar amamentar, evitando totalmente as mamadeiras, se possível.

A enfermeira puxa um banquinho e se senta ao meu lado.

— Nós vamos dar só um pouco então — diz.

— Você sabe de alguma coisa? — pergunto, olhando para a expressão mostrada em seu rosto envelhecido. Porque sua expressão me diz que ela sabe alguma coisa ou já viu isso antes. Alguma coisa. Há simpatia em seus olhos, não a alegria que ela deveria mostrar para um pai vendo sua filha pela primeira vez.

— Eu não posso. Acho que um médico virá falar com você em breve.

Meu coração está doendo. Há algo que eles não estão me dizendo, e com absolutamente nenhuma informação, sinto que o ar me falta.

— Poderia segurá-la por um momento, enfermeira? — Não queria que ninguém tocasse na minha filha, eu a queria só pra mim, mas agora não consigo respirar.

A enfermeira pega Olivia. Minha Olivia. Ela a tira de mim e a balança suavemente enquanto coloco a cabeça entre os joelhos, tentando respirar mais profundamente.

— Ela vai ficar bem? Você pode pelo menos me dizer isso? — pergunto com um toque de hostilidade. Estou tentando controlar minha raiva. Eu estou em um berçário, então sei que preciso me controlar. Mas estou no meu limite, se alguém não me disser logo o que está acontecendo, dane-se eu vou perder a cabeça.

A enfermeira olha de novo para mim e nem sequer me responde desta

vez. Ah, merda. Merda! Ellie! Não! Eu me levanto e dou um beijo rápido na cabeça de Olivia.

— Eu voltarei logo, meu bebê.

Saio correndo e volto para a sala de cirurgia antes que alguém possa me impedir. Quando me aproximo da porta, empurro, sabendo muito bem que eu não deveria estar ali, e estou um pouco surpreso por ninguém ter me impedido.

Quando a porta se abre, vejo um monte de sangue, o sangue da minha esposa, isso me choca. Por que ninguém está mexendo nela? Por que ninguém está parando o sangue? Eu examino a sala, olhando os rostos de todos até ver seu médico. Ele está olhando para o relógio. O que ele está fazendo? Não... não... Ellie! Eu corro para ela, pegando sua mão e puxando-a para o meu peito. Eu caio de joelhos.

— Não. Ellie, querida. Ellie! — grito. Continuando a gritar, eu chamo o nome dela várias vezes. Por que ninguém está me impedindo? Eu me pergunto, mas no fundo sei a resposta para essa pergunta. Eu sei por que ninguém está me impedindo. Não importa, não é?

— Hora da morte...

— Não diga isso. Não diga isso, porra! — Continuo gritando.

— Onze horas — o médico diz baixinho.

— Não, ela não partiu! Você não pode simplesmente tirá-la de mim assim. Ela não foi embora. Traga ela de volta. Faça alguma coisa. Qualquer coisa! — Como isso pôde acontecer? Ela é saudável. Ela era a imagem de uma gravidez perfeita. Sem enjoos matinais, sem problemas de pressão arterial, nada. Então o que é isso?

O silêncio consome a sala depois das minhas explosões. A atividade ao meu redor é apenas um borrão, de repente estou sendo levantado por várias mãos.

Todos me soltam quando outra mão pousa no meu ombro, mas não consigo desviar o olhar de Ellie. Seus olhos estão fechados. Suas bochechas estão pálidas. Os lábios dela estão azuis.

— Por favor, Ellie. Você não pode me deixar. Nós temos nossa família agora. Ellie... — Eu soluço.

— Fizemos tudo o que podíamos. — As palavras do médico flutuam no meu ouvido e giram ao redor do meu cérebro, afastando todos os pensamentos lógicos. — Ela sofreu o rompimento de um aneurisma.

— Isso não é no cérebro? — perguntei, confuso, olhando para o lençol

azul encharcado de sangue que cobre a metade inferior do corpo dela.

— Infelizmente, a tensão das suas contrações fez com que um aneurisma se rompesse. Aconteceu muito rápido. Ela não sofreu, no entanto, seu cérebro não está mais funcionando.

— Como nós não soubemos que ela...

— Algumas pessoas não sabem até que seja tarde demais, receio — diz um médico, não o médico de Ellie.

E, assim, minha família foi separada antes mesmo de se unir. O amor da minha vida, a outra metade do meu coração, morreu.

— Filho, eu sei que este não é um momento oportuno para discutir isso com você, mas o tempo é essencial. Quando os níveis de oxigênio dela esgotaram, colocamos Eleanor temporariamente em ventilação porque ela decidiu doar seus órgãos. Eu queria informá-lo antes de começarmos o procedimento. O cirurgião está a caminho, já que isso precisa ser feito imediatamente.

Há muita coisa passando pela minha cabeça e eu não consigo aceitar que isso era o que Ellie teria desejado. Isso não é o que eu quero. E quanto a mim? E quanto a Olivia? Nós deveríamos ter todas as partes dela, e egoisticamente, não quero doar parte dela para ninguém. Quero ela inteira. Eu a quero comigo. Viva. Não posso fazer isso sozinho.

— Eu vou te dar um momento.

— Então ela ainda está viva? Quero dizer, o coração dela ainda está batendo? — eu pergunto perplexo. — Ela pode me ouvir? Tem certeza de que ela realmente partiu? Você não deu a ela anestesia geral? Talvez ela simplesmente não tenha acordado.

— Isso aconteceu enquanto nos preparávamos para acordá-la, filho. Tenho certeza. Fizemos vários testes para confirmar o que percebemos imediatamente. Seu coração ainda está batendo, mas temo que o resto dela se foi.

A sala se esvazia ao meu redor, deixando-me sozinho com a minha Ellie. Minha garota, a mulher que eu sabia que foi feita pra mim. Eu me ajoelho de novo ao lado da cama, incapaz de compreender como chegamos a este momento.

Cinco horas atrás, estávamos rindo do nosso programa de TV favorito. Ela estava fazendo uma longa lista de nomes de bebês e zombando dos mais ridículos que pudesse encontrar no dicionário de nomes. Cinco horas atrás, nossa vida era perfeita.

Eu sempre tentei não pensar que Deus não queria que tivéssemos um bebê. Nós tentamos de tudo, incluindo tratamentos de fertilidade. Nada funcionou, mas continuamos tentando. Talvez devêssemos ter pegado a dica. Mas nós não o fizemos. Nós precisávamos de Olivia. Nós precisávamos dela como se precisássemos de ar para respirar, e agora eu sei que Olivia realmente era o ar de Ellie para respirar.

— Ellie, baby, eu nunca pensei em ter que dizer adeus hoje. Como posso dizer adeus? Eu não quero. Quero te implorar para ficar, mas isso não vai importar, vai? Deus. A vida é cruel... tão cruel. Não deveria ter sido assim. — Coloco meus lábios sobre sua bochecha fria. Ela se foi. Eu posso sentir isso. Sua alma se foi. Minha linda Ellie se foi. Eu a observo por um momento, estupidamente pensando... esperando... ela simplesmente vai abrir os olhos. — Abra os olhos — peço em seu ouvido. — Por favor. Eu não posso fazer isso sem você. — Meu coração... Parece que alguém o puxou pela minha garganta e agora está me sufocando. Tudo dói tanto, e isso não é uma dor que vai desaparecer.

— Ellie, eu vou criar nossa filhinha do jeito que você queria criá-la. Ela vai saber tudo sobre você, todos os detalhes, até a sarda em forma de coração sob o olho direito. Eu não vou te decepcionar. Não vou. Por favor, Ell, apenas saiba o quanto você é amada. Te amei desde o dia em que nos conhecemos, e eu vou te amar até o dia que morrer. Você é minha esposa, minha melhor amiga. Minha para sempre. Assim como eu sou seu para sempre.

Eu realmente era dela para sempre. Nos conhecemos no primeiro dia do jardim de infância quando tínhamos cinco anos. Nós fomos melhores amigos até o colegial, depois namorados até o último ano da faculdade, quando nos casamos. Nunca houve mais ninguém... para qualquer um de nós. Nós tínhamos nossas vidas planejadas, e isso deveria ser o começo... não o fim.

Eu me levanto e dou mais um beijo em sua testa. Eu estou realmente dizendo adeus a ela agora? Isso não é real. Isso não está acontecendo. Alguém me acorde.

Mas ninguém consegue. Isso é real. O que deveria ser o melhor dia da minha vida, se tornou um inferno.

Eu toco o cabelo de Ellie uma última vez porque é algo que eu nunca poderei fazer novamente. Eu não acho que vou conseguir compreender a perda que está diante de mim. Como essa adorável criatura, que era parte integrante do meu passado, não pode fazer parte do meu futuro? Eu toco seus lábios, suas pálpebras, suas orelhas, suas bochechas e seu pescoço. O peso da

mão dela não é algo que reconheço, no entanto. Esta não é a minha Ellie, a mulher bonita e calorosa sem a qual eu não passei um dia.

Isso não está acontecendo. Não pode ser real. Alguém por favor me diga que isso não é real. Tudo dentro de mim está gritando com um alarme de pânico. Minha mente não entende o que estou prestes a fazer. Minha mente não sabe como dizer adeus ao amor da minha vida. Eu não deveria ter que dizer adeus. Eu não consigo.

— Ellie — falo docemente como se a minha voz calma e suave a puxasse de volta para mim. — Você não entende, baby. Eu não consigo fazer isso. Viver. Eu não consigo fazer isso sem você. — Minhas palavras na forma de um apelo não são ouvidas, não são respondidas, ignoradas por Deus, por Ellie, e por qualquer um e qualquer coisa que pudesse me dar apoio. Isso não é justo. Isso não é justo. — Ellie, eu preciso de você. Nós precisamos de você. Por favor, volte.



Eu estou andando em círculos ao redor da sala de estar, procurando desesperadamente por uma mochila azul neon. Como algo brilhante pode simplesmente desaparecer? Deus, ela vai se atrasar para seu primeiro dia de jardim de infância e eu já falharei antes do início do ano letivo.

— Olivia? — chamo. — Você viu sua mochila?

Eu levanto as almofadas do sofá, sabendo que a mochila não pode caber aqui, mas estou ficando sem lugar para procurar. Estou enlouquecendo agora. É isso. Eu definitivamente estou pirando porque não estou pronto para mandá-la para a escola. Ela é tão jovem. Ela não está pronta. Ela não vai querer ir. Eu deveria apenas educá-la em casa, talvez isso fosse o melhor, mas então eu teria que parar de trabalhar com AJ, e ele me mataria se eu fizesse isso. Sem mencionar que Olivia e eu morreríamos de fome.

— Papai, o que você está fazendo? — Olivia pergunta, em sua voz estridente. Eu me viro, derrubando a almofada. — Você perdeu alguma coisa? — Ela caminha em minha direção com a mochila firmemente sobre os ombros, a lancheira na mão e um sorriso que me diz que ela não está nervosa em me deixar. Sou eu que não quero deixá-la, não o contrário. Tê-la comigo nesses últimos cinco anos tem sido a minha salvação... Meu jeito de manter um pedaço de Ellie perto de mim. Meu coração dói por um breve minuto enquanto eu olho pra ela, imaginando como seria esse momento se Ellie

estivesse aqui. Ellie estaria chorando? Provavelmente, mas também ficaria empolgada com Olivia e me ajudaria a ser corajoso quando mandássemos nossa filhinha para seu primeiro dia no jardim de infância. Pelo menos eu sei que ela aprovaria a mochila azul fluorescente. Era sua cor favorita também.

— Não, eu não perdi nada. Estava apenas me arrumando.

— Não — ela sussurra com um sorriso cheio de dentes. — Você estava procurando a minha mochila. — Eu juro que há uma garota de vinte anos vivendo dentro da minha filha de cinco anos. — Não se preocupe, papai. Eu vou ficar bem hoje. E você também. Eu te fiz almoço e café da manhã. E liguei o telefone ao carregador porque a barra da bateria ficou vermelha.

Eu me ajoelho e abro meus braços, esperando que ela corra para mim como sempre faz.

— Você me fez almoço e café da manhã? — pergunto enquanto aperto meus braços ao redor de seu corpo minúsculo.

— Sim. Eu fiz cereal para o café da manhã e pão e maionese para o almoço. Agora você não terá que fazer o almoço sozinho hoje. — Um pequeno suspiro escapa de seus lábios e ela olha para mim com toda seriedade possível para uma criança de cinco anos. — Você me disse ontem que ficaria triste por não ter ninguém para ajudá-lo a fazer o almoço enquanto eu estivesse na escola, e eu não queria que você ficasse triste.

Meu peito aperta um pouco mais.

— Você é a menina mais prestativa do mundo, Olivia. Obrigado por me fazer refeições. — Ela me dá um beijo molhado e acaricia as minhas costas.

— Vamos perder o ônibus — diz. Eu olho para o relógio, vendo que temos cinco minutos para chegar ao ponto de ônibus na rua, então a pego pela mão. Eu não quero deixá-la ir. Eu a mantive ao meu lado por cinco anos. E, para provar isso, ela provavelmente é a única criança de cinco anos que poderia instalar um tapete com os olhos fechados.

Todo dia vinha sendo um dia de “traga seu filho para o trabalho” e eu adorava. Hoje será o primeiro dia de trabalho sem ela ao meu lado em cinco anos.

Quando chegamos na calçada, AJ está chegando. A janela dele está abaixada e ele está com a cabeça para fora da janela.

— Minha garotona finalmente vai para a escola hoje? — ele grita.

— Tio AJ! — ela grita de volta, se soltando dos meus braços e correndo para o caminhão dele. — Eu estou indo para a escola!

AJ estaciona, desce do caminhão e pega Olivia nos braços e, em

segundos, ela está sentada em seus ombros.

— Você vai ter o melhor dia, garotinha. — Ele faz cócegas nela até que ela esteja pendurada de cabeça para baixo e completamente sem fôlego.

— Vamos perder o ônibus — digo a ele.

— Bem, o Sr. Certinho disse que eu tenho que colocar você no chão — diz AJ em uma profunda voz de zombaria. — Não pode perder o ônibus no seu primeiro dia, Ollie-Lolly. — Com uma última risada, Olivia corre de volta para mim, segurando a minha mão.

— Vamos, papai — ela fala lentamente.

— Eu volto em vinte minutos — digo a AJ.

— Vou direto para o trabalho. Me encontre lá quando estiver pronto — diz AJ. Eu dou-lhe um aceno rápido e continuo em direção ao ponto de ônibus. — Ei, Hunt!

Eu olho pra trás, para AJ, enquanto continuamos a andar.

— Sim?

— Ela vai ficar ótima, mano. Não se preocupe. — AJ é um homem de muitas palavras, mas a maioria delas é cheia de humor, sarcasmo ou coisas que eu não preciso ouvir. Equilibra a minha seriedade, mas quando ele diz algo de coração, significa muito.

— Obrigado — digo, acenando por cima do ombro.

— Estou animada — diz Olivia quando nos aproximamos do ponto de ônibus.

— Vou sentir sua falta hoje — digo, percebendo que lá já tem meia dúzia de mães e o que devem ser dez crianças. E se o motorista do ônibus não vier buscá-la?

— É só o jardim de infância — ela sussurra no meu ouvido.

Eu rio, a beijo e a coloco no chão. Ela rapidamente, joga sua mochila no chão e vai se juntar às outras crianças correndo pela área gramada. Ela não conhece nenhum deles, mas não se importa. Olivia faz amizade com todos que conhece, assim como Ellie fazia. Eu poderia aprender uma coisa ou outra com minha filha inteligente.

— Oi — uma das mães diz e se aproxima de mim com a mão estendida.

— Você é novo no bairro?

Limpo a garganta do que parece ser uma substância gelatinosa alojada entre a língua e as amígdalas. Controle-se, Hunter.

— Sim... hum... Olivia e eu nos mudamos há algumas semanas. — Eu consigo dizer enquanto aperto sua mão, sua mão quente, convidativa e

surpreendentemente forte.

— Oh, vocês são os novos vizinhos da casa amarela? — diz, apontando na direção de que viemos. Eu não olho para onde ela está apontando, já que o vento soprando em seu longo cabelo ruivo parece ter me chamado a atenção.

— Sim, senhora, nós somos... — Senhora? Sêrio?

Ela ri baixinho.

— Eu sou Charlotte Drake. Bem-vindo! — Com uma pausa desajeitada, porque não consigo descobrir como dizer meu nome, ela continua: — Bem, tenho certeza de que você e sua esposa serão felizes aqui. Este é um bairro maravilhoso para criar uma família, como você pode ver claramente. — Ela enfatiza sua declaração olhando para todas as crianças brincando.

Minha esposa... minha esposa, deveria estar aqui conosco hoje, mas não está. E, assim, lembrei como nada neste dia é como deveria ser. Uma dor se forma no meu estômago com outro pensamento do que nunca poderá ser. Não sei quantos eventos importantes da vida de Olivia serão roubados de Ellie... de nós como família, mas com tantos eventos quanto posso contar até agora, ainda é muito doloroso toda vez que experimentamos algo novo. Ellie teria ficado tão orgulhosa de Olivia hoje... de ver que garotinha incrível ela já está se tornando.

As palavras de Charlotte são inocentes, mas elas me atingem de uma forma tão dura que é como se eu recebesse um soco, há muito tempo nada me atingia assim. Não é como se eu nunca tivesse despertado curiosidade por ser um pai sozinho, mas hoje eu não precisava de um lembrete de que nossa família está quebrada.

Eu esperava que um novo bairro significasse um novo começo, uma vida sem olhares de pena e ofertas de ajuda. Embora ficasse agradecido, gostaria que todos me dessem o benefício da dúvida e percebessem que posso lidar com as coisas. Pelo menos, eu acho que posso lidar com as coisas, apesar de que, em alguns momentos, eu ainda não me sinto bem.

— Somos apenas Olivia e eu, na verdade — digo, oferecendo-lhe essa pequena informação, que só estou dando porque sei que não permanecerá escondida por muito tempo aqui, de qualquer maneira. Minha resposta faz com que ela afrouxe seu aperto e solte a mão da minha.

— Oh! — Ela faz, seus cativantes olhos azuis como um lago apertando como se quisesse se punir por me acusar de ter uma vida normal. — Divorciado. Isso é péssimo. Eu mesma acabei de passar por um. Pelo menos o idiota me deixou a casa. — Ela solta um suspiro alto e cobre o rosto com as

mãos. — Desculpa, falei demais. — Ela me olha por um momento e baixa os braços. — De qualquer forma, tem sido um longo verão, e eu estava começando a me sentir como a única neste bairro entre os outros cinquenta casais felizes. Você sabe, devemos começar um clube de divorciados aqui. Certo? Deveríamos. Isso seria uma coisa interessante.

Sua divagação é bem-humorada e suas suposições são de que eu me divorciei. De fato, tentei me convencer nos últimos cinco anos de que passei por um divórcio horrível. Eu até tentei acreditar que odeio Ellie e essa era a minha única opção. Mas em nenhum mundo eu poderia odiá-la.

— Eu não sou divorciado. Minha esposa e eu tivemos um ótimo casamento. — Charlotte parece atordoada por apenas um segundo antes de seus lindos olhos se arregalarem. O significado de “tivemos um ótimo casamento” e não ser divorciado deve ter ligado os pontos em sua cabeça.

— Oh, meu Deus! — Colocando a mão sobre o meu ombro, ela respira profundamente e pergunta: — A sua esposa... ela...? — Não tem como escapar dessa.

Mais uma vez eu concordo e aperto meus lábios esperando que ela não force nenhum detalhe adicional. Não tenho certeza se é normal ou não, mas mesmo que tenham se passado cinco anos, não importa quantas vezes essa pergunta tenha sido feita, tudo dentro de mim ainda dói da mesma forma que naquela noite em que eu tive que dizer adeus. Depois de tanto tempo, acho que é seguro dizer que essa dor nunca irá embora. Mesmo achando que não devo dizer isso e não tenho certeza se quero. Ellie está perdendo a vida que deveríamos viver juntos. Eu posso viver tudo isso e ela não. Eu deveria sentir a dor por ela.

— Ela não está mais conosco — estou olhando além dela, vendo o sorriso inquebrável de Olivia enquanto ela segura um microfone invisível perto dos lábios e canta a nova música da Taylor Swift que ela me fez tocar sem parar.

Quando volto minha atenção para Charlotte, deixando o momento de desespero para trás, encontro-a com as mãos cruzadas sobre o coração.

— Essa menina tem sorte de ter você — diz. — Você é um bom homem. Eu espero que saiba disso.

Eu sou um bom homem por cuidar da minha filha? Ela se vira e chama a filha, depois chama Olivia também. Sua filha parece ser um pouco mais velha que Olivia, mas provavelmente não mais do que um ano. As garotas vêm correndo e Charlotte se ajoelha na frente delas.

— Lana, hoje é o primeiro dia de aula da Olivia. Você pode se sentar com

ela no ônibus?

— Mãe — diz Lana, exasperada. — Nós já somos novas melhores amigas. — Lana ri e pega a mão de Olivia. — Olivia é tão engraçada!

— Sim, nós já somos amigas, e você sabe o que mais? — Olivia diz com prazer. — Vivemos do outro lado da rua uma da outra. Não é ótimo, papai? — Eu olho para Charlotte, me perguntando por que ela não mencionou que vivia em frente aos “novos vizinhos”. Acho que talvez seja porque fomos eremitas desde que nos mudamos e, com o carro na garagem, não somos muito vistos na frente da casa.

— Isso é ótimo, meninas. Estou tão feliz — diz Charlotte.

O monstro amarelo vindo para roubar minha filha me chama a atenção e agora sei que tenho que aceitar a possibilidade de ela ir embora.

— O ônibus está chegando — digo a elas. O aperto aumenta na boca do meu estômago quando o ônibus estaciona.

Eu devo deixar Olivia subir nessa engenhoca que uma pessoa aleatória está dirigindo e deixá-la ir sozinha para Deus sabe onde? Eu não posso fazer isso, pego Olivia e a seguro apertado, passando meus dedos pelos seus cachos loiros. É preciso toda a coragem que possuo para dizer:

— Você vai se divertir muito hoje e eu estarei aqui esperando por você quando voltar. Ok? — Dou um beijo em sua bochecha e a aperto um pouco mais forte.

Ela me beija de volta e coloca a mochila sobre os ombros.

— Não se esqueça de comer o seu café da manhã — é a última coisa que ela diz antes de caminhar até os três enormes degraus do ônibus. Minha garganta está apertada e meu coração está acelerado, mas tenho que me controlar, se não pelo bem de Olivia, então pelo fato de estar cercado por seis mulheres sorridentes. Por que elas estão todas olhando para mim desse jeito? E por que me sinto como um menino cujo balão acabou de estourar?

Eu olho pelas janelas do ônibus enquanto Olivia senta no segundo assento. Ela é tão pequena que só consigo ver o topo da cabeça pelo vidro da janela. Eu não posso ver o rosto dela. Não sei dizer se está assustada ou feliz. Ela tem que estar feliz. Ela tem que estar. Quando a porta do ônibus se fecha, a mão dela lentamente aparece acima de sua cabeça e ela acena, de forma lenta e insegura. Merda... agora não tem mais jeito. Eu me viro, evitando despedidas e, com os rostos de todas as mães me olhando como se eu fosse louco, corro direto pra casa.

Quando chego em casa, entro, tranco a porta e me inclino contra ela. Eu

preciso destruir alguma coisa. Pego toda a correspondência na mesa de café e a jogo contra a parede. Isso não foi suficiente. A seguir, os malditos portacopos que mamãe me deu como presente de boas-vindas, jogo cada um deles contra a parede individualmente, ainda sentindo apenas um pequeno alívio. É só a escola, ela está só indo para a escola, mas deixá-la ir dói demais e eu não deveria ter que fazer isso sozinho, é por isso que estou com raiva. Uma razão lógica, no que me diz respeito; independentemente do fato de que, se eu estivesse vendo alguém se comportar da maneira que estou fazendo agora, eu diria pra ir para o inferno. Eu não estou interessado em seguir meu próprio conselho, não hoje pelo menos.

Uma batida na porta me tira do meu devaneio. Um momento semelhante aos outros que eu me permito ter com demasiada frequência. Eu me assusto; preocupado que pudesse ser Olivia... ou algo assim, mesmo que isso não fizesse sentido. Ela está em um ônibus indo para a escola. Uma parte normal da vida.

Abrindo a porta, vejo Charlotte na minha frente. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos da calça jeans e a expressão em seu rosto me diz que ela está tão insegura em ficar de pé na minha frente quanto eu me sinto sobre tudo que está acontecendo agora.

— Você está bem? — ela pergunta sinceramente, o tipo de sinceridade, que não é como se estivesse falando com uma criança. Sem me dar um segundo para responder, ela continua: — Todos nós já passamos por isso. Você é o único com uma aluna do jardim de infância este ano. O resto de nós passou pela dor no ano passado. Havia seis de nós em pé no meio-fio em lágrimas quando o ônibus partiu pela primeira vez. — Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego e soltou uma risada suave. — Pelo menos Olivia foi de bom grado. Você não acreditaria no que eu tive que fazer com Lana no ano passado. Tive que arrastá-la para o ônibus, chutando e gritando. Foi como um filme de terror. Parecia que eu ia deixá-la à beira de uma estrada deserta.

— Caramba! — falo com simpatia.

— Sim, eu sei. Quando ela estava no ônibus, se levantou no banco e colocou as mãos na janela, chorando, chamando por mim. Eu me senti a pior mãe do mundo inteiro durante as seis horas que ela ficou na escola. Como você deve ter notado, este ano pareceu um pouco mais fácil.

Eu olho para ela por um tempo, sem saber o que dizer e repito o meu comentário:

— Caramba! — O que mais há a dizer? — Estou feliz que as coisas

correram melhor para ela hoje.

Eu poderia parecer menos interessado, ou menos preocupado pela sua presença não me fazer sentir melhor? Digo a mim mesmo todos os dias para sair dessa e agir como uma pessoa decente, mas é como se tudo dentro de mim fosse negro e frio. Eu só tenho calor suficiente por dentro para Olivia. Só amargura sai de dentro de mim e afasta todo mundo.

— Bem, se você quiser conversar, eu... — Ela aponta para o outro lado da rua, para onde eu sei agora ser sua casa. — Eu estou do outro lado da rua. — Charlotte vira pra ir e solta um suspiro que parece ser de alívio.

— Eu penteei o cabelo dela certo? — As palavras escapam da minha boca antes que eu perceba que estou pedindo ajuda. O que diabos estou fazendo? Eu não peço ajuda, encorajamento ou simpatia. Eu fecho as portas na cara das pessoas e encerro os telefonemas cheios de perguntas que não quero responder. Sou fechado e não me preocupo com o que as pessoas pensam da minha vida ou de mim.

Charlotte solta uma gargalhada quando se vira.

— Ela tem cabelos lindos e a bandana é adorável. Você está indo muito bem.

— Eu cresci com um irmão. Ter uma filha, às vezes, é como se estivesse morando em um país estrangeiro onde ninguém fala minha língua. — É exatamente assim que eu me sinto desde o dia em que Olivia fez dois anos e pegou sua primeira boneca, uma princesa Disney, em uma prateleira, sozinha.

Um olhar travesso passa pelo rosto de Charlotte e ela volta até onde estou.

— Você toma café? — pergunta.

Que tipo de pergunta é essa? Há um pai acordado a esta hora que não beba café?

— Como eu poderia sobreviver sem ele? — Rio.

— Você tem mais de uma xícara?

Ela está se convidando? É isso que os pais fazem quando seus filhos vão à escola durante o dia? Sair e beber café enquanto compartilham segredos sobre como não estragar a vida de seus filhos?

— Eu tenho quatro, acredite ou não. Todas elas vieram em uma caixa, então eu realmente não tive escolha — respondo, sorrindo um pouco. Essa leveza é algo que não é natural há tanto tempo, que parece estranho saindo dos meus lábios, mas ficar na frente de alguém que entende minha dor atual, a camaradagem, não é ruim. Na verdade, fico surpreso ao perceber que é

legal.

— Você tem café suficiente para mais de uma xícara? — Charlotte continua, apertando os olhos, como se estivesse esperando que eu dissesse não.

— Você gostaria de entrar para uma xícara de café? — finalmente pergunto, não que eu não tenha sido forçado a perguntar, mas eu sei fazer café. Eu posso ser um ser humano normal por apenas alguns minutos hoje. Além disso, não faz mal que ela seja incrivelmente linda. Uma distração com a aparência dela é boa, suponho.

— Oh, meu Deus, muito obrigada! — ela diz, como se fosse um convite inesperado. — Meu café acabou hoje de manhã... inteligente, né? Se você não me convidasse, eu teria que implorar por alguns grãos de café. Eu não tenho nem um moedor, mas estou tão desesperada que teria batido no inferno para conseguir resolver meu dilema.

Sua piada me faz rir — uma risada real — não como as risadas que dou a AJ quando estou tentando fazer com que ele pare com uma piada de mau gosto antes que estrague tudo.

Eu convido Charlotte pra entrar e a conduzo até a cozinha. Eu me pergunto o que ela está pensando sobre as almofadas do sofá, porta-copos e correspondência no chão do meu ataque de Demônio da Tasmânia momentos atrás.

— Uma Keurig — diz, olhando para a cafeteira. — Gosto do jeito que você pensa. — Eu puxo uma cadeira para ela se sentar. — Você está bem ajeitado pra quem se mudou tão recentemente.

— Eu não gosto de me sentir deslocado — falo enquanto pego algumas canecas no armário.

— Eu te entendo — ela murmura em retorno, olhando para as unhas, inspecionando cada uma como se as estivesse usando como distração. Sua súbita mudança de humor me faz questionar se eu disse algo errado.

Eu pego o açúcar e o creme e coloco os dois na frente dela.

— Você está bem? — pergunto.

— Sinto muito por ser rude — ela responde sem pestanejar. — Eu não deveria ter me convidado depois de conhecer você por apenas vinte minutos. Eu realmente só queria um café, mas... isso é estranho. Então eu estava perguntando se você tinha mais de uma xícara. Considerando as circunstâncias, isso não foi engraçado. Sinto muito. Eu simplesmente não conheço mais ninguém na nossa rua, já que somos os únicos com crianças,

então bater em outras portas teria sido ainda mais estranho. E as mães da parada de ônibus moram a duas ruas de distância. — Ela solta um suspiro alto. — Oi, eu sou Charlotte e gosto de divagar e fazer papel de idiota imediatamente depois de conhecer uma pessoa legal. — Sua risada nervosa realmente me deixa à vontade.

— Eu fiz o convite, está tudo bem. — Sorrio. Estou sorrindo. Eu quase me esqueci que acabei de mandar minha filha para a guerra.

Com as canecas cheias, Charlotte tira um guardanapo da pilha no meio da mesa e limpa um pouco de açúcar caído. Eu me vejo observando suas mãos, lembrando do jeito que as mãos de Ellie se moviam enquanto ela limpava nossos balcões. Nossos balcões foram sempre muito limpos. Tudo foi sempre muito limpo. Ellie era o que ela chamava de maníaca da limpeza. Eu acho que era TOC, mas ela preferia o termo maníaca da limpeza.

O barulho das duas canecas tilintando uma contra a outra me tira dos meus pensamentos sobre Ellie, forçando-me a voltar minha atenção para a estranha sentada à minha frente. Se estivéssemos na antiga casa, eu provavelmente teria arrancado os olhos de Charlotte ao simples pensamento de outra mulher colocando as mãos em qualquer lugar onde Ellie tivesse colocado, mas essa é uma das muitas razões pelas quais eu precisei vender nossa casa. Eu estava basicamente vivendo no caixão de Ellie com ela. Só que eu ainda estou vivo.

Charlotte me entrega uma das canecas enquanto me sento em frente a ela. Isso é subitamente estranho. Eu não a conheço e ela está sentada na minha mesa da cozinha.

— Eu não posso nem começar a imaginar o que você passou — diz.

Eu odeio pena. Realmente odeio. Quando se recebe muito de uma coisa, ela vira a coisa menos desejada da vida, da minha vida de qualquer maneira.

— Tem sido um caminho difícil — digo a ela, passando meus dedos pelo cabelo.

— Uma das minhas amigas mais próximas perdeu o marido — diz, colocando a caneca na mesa. — Eu vi como ela levou anos para juntar os pedaços de sua vida. Nada que ninguém fizesse podia facilitar o processo para ela, então tudo que qualquer um de nós podia fazer era apenas estar lá quando ela precisava.

Eu sei que não facilitei para AJ ou meus pais. Na verdade, eu sei que tenho sido um completo pé no saco. Todos tentaram juntar meus pedaços para mim e juntá-los da forma que achavam que eu deveria ser a partir de

agora, mas Charlotte está certa, não há nada que ninguém possa fazer por uma pessoa que perdeu metade do coração.

— É uma coisa horrível de se passar. — É tudo o que posso responder.

Seu foco muda de mim para o espaço vazio ao meu lado, para a moldura com a foto que mantenho no terceiro lugar na mesa. O lugar de Ellie. Com um sorriso, Charlotte passa o dedo pela lateral da moldura.

— Ela é linda. Olivia parece com ela. — Ela tira a mão da foto e coloca sobre a minha. A sensação do seu toque faz tudo dentro de mim enrijecer, tudo. Com a respiração presa em minha garganta, meus olhos se prendem em nossas mãos, a conexão e a desconexão. — Ela morreu recentemente?

Eu aceno com a cabeça, sentindo um pouco de raiva dentro de mim. Por que ela está me fazendo responder a todas essas perguntas? A maioria das pessoas que eu conheço ficaria cheia de dedos pra tocar nesse assunto e apenas ofereceria um olhar de pena, mas Charlotte não. Ela está tentando abrir essa porta que eu tentei manter fechada.

— Ela morreu há cinco anos, oito meses e vinte e sete dias, quando deu à luz Olivia.

Eu estava me perguntando quando Charlotte iria quebrar, mas eu acho que está tudo certo agora. Seus olhos ainda estão arregalados, olhando para mim, mas agora estão se enchendo de lágrimas. Eu não quero ninguém chorando por mim ou comigo. Eu não quero ninguém falando comigo, olhando para mim ou ficando perto de mim. Eu também quero sentir que morri, porque isso torna tudo muito mais fácil. Sem mais paciência, levanto-me, puxando minha mão pra longe da dela. Pensando em fugir dessa cena completamente, eu me lembro que não posso exatamente sair correndo da minha própria casa, então eu afasto o creme e o açúcar, fazendo o meu melhor para mostrar que estou pronto para terminar esse café antes que eu diga algo de que me arrependa.

Há um pesado silêncio e ainda há lágrimas nos olhos dela, então eu saio da cozinha. Eu a deixo lá chorando porque... porque eu acho que não sei como evitar ser um babaca com qualquer um que ouse entrar na minha vida.

Eu ando pela sala de estar algumas vezes, tentando recuperar o fôlego, esperando meu coração desistir de lutar boxe com minhas costelas. Mas não melhora. O coração sempre ganha sobre todo o resto. O que quer que ele precise sentir ele sente, e isso traz todo o resto com ele.

Eu me jogo no sofá e respiro fundo. A dor é tão latente hoje quanto há cinco anos. É como ter estilhaços em uma ferida. Se a ferida se fechar ao

redor do que está causando a dor, a dor será incorporada para sempre. Eu já aceitei isso.

— Eu nem sei o seu nome — diz Charlotte, saindo da cozinha, torcendo as mãos em torno de seus pulsos.

— Hunter — murmuro baixinho.

— Sinto muito se eu fui agressiva ou intrometida, mas você parece... parece que você pode precisar de um amigo. Somos vizinhos, então imaginei que... — Eu poderia ser seu projeto de caridade ou um receptor de piedade para fazê-la se sentir melhor sobre si mesma.

— Obrigado — falo rispidamente. — Eu geralmente estou bem. São apenas em dias como hoje, os primeiros da vida de Olivia, que tudo volta à minha cabeça, parece que foi ontem. Eu normalmente não me altero tanto.

— Fui à terapia com minha amiga depois que o marido morreu, foi a única maneira de conseguir que ela seguisse em frente. O médico sempre dizia que a dor nunca desapareceria, mas que, no fim das contas, os bons dias compensariam os maus. Eles também disseram a ela que os dias difíceis seriam mais difíceis do que nunca, não importa quanto tempo tenha passado. O luto é como uma cicatriz, você pode cobrir tudo como quiser, mas sempre estará lá. — Ela está dizendo o que eu sempre pensei. Todo mundo que é alguém em minha vida me disse que a dor vai diminuir, as coisas acabarão ficando mais fáceis, e eu vou seguir a vida e esquecer dela. Mas na verdade, a dor me lembra dela, e eu não quero esquecê-la, então eu suporto a dor, e a carrego como uma bolsa pesada nas minhas costas. Às vezes a carrego com orgulho e outras vezes eu deixo pesar até que eu estou no ponto em que estou agora.

Charlotte suspira em voz alta e olha ao redor da sala, concentrando-se na bagunça em que estão as almofadas do meu sofá.

— Você trabalha em que, Hunter? — ela pergunta hesitante, sentando-se na poltrona reclinável na minha frente.

E eu estou pronto. O tempo acabou. Ela acabou de se tornar minha terapeuta? Porque, sim, estou pronto pra isso.

— Eu sou carpinteiro. Gerencio uma empresa com meu irmão. — Como diabos eu faço essa garota sair? Preciso de tempo para lidar com Olivia indo para a escola antes de ir para o trabalho e, em vez disso, tenho Charlotte, cavando todos os detalhes da minha vida. Mais do que eu gostaria de compartilhar em qualquer momento.

— Você não é da *Harold and Sons*, é? — ela pergunta, ajeitando a

almofada atrás das costas, ficando mais confortável.

Eu não quero que você se sinta confortável na cadeira que Ellie e eu passamos duas semanas inteiras e cansativas brigando enquanto decidíamos se íamos comprar ou não. Eu odiei a cadeira e venci. Então eu a comprei depois que ela morreu. Agora é minha cadeira favorita.

— Sou da *Harold and Sons*. — Há apenas três empresas de carpintaria aqui em Sage. E apenas uma delas é de gerência familiar.

— Mentira! — ela fala. — Meus pais usaram o serviço de vocês alguns meses atrás para repintar suas madeiras.

Eu penso por um minuto, recordando os poucos trabalhos de madeira que tivemos. Apenas um desses casais estava mais para mais velho.

— Os Olsans? — pergunto.

— Sim. — Ela sorri. — São eles. Um mundo tão pequeno.

— Ótimas pessoas, seus pais. Eles foram muito gentis. — Minha voz soa tão monótona quanto eu a ouço? Por que alguém iria querer sentar aqui e continuar uma conversa comigo? Eu fiz isso, tecnicamente, eu a convidei pra entrar, mas isso foi antes que eu soubesse que ela era uma provável caçadora. — O que você faz? — Por que perguntei isso? Eu não me importo com o que ela faz. Mas eu deveria. Então eu perguntei. Eu deveria fazer um esforço para conversar com uma mulher bonita, especialmente uma que quase, mas não completamente, convidou-se para a minha casa. Eu deveria estar tendo pensamentos inadequados agora, e esperando que ela estivesse compartilhando esses pensamentos inapropriados. Em vez disso, estou olhando para a foto de Ellie pendurada na parede atrás de Charlotte.

— Sou engenheira de software — diz. Quando ela responde, eu me viro surpreso, mas acho que seria incrivelmente rude parecer chocado, então eu faço o meu melhor para esconder minha reação. Ela não parece uma engenheira de software, isso é sexista. Eu acho que nunca conheci uma mulher como ela, envolvida em uma profissão tão intensa. Uau, eu sou um total sexista.

— Muito legal. Você trabalha em casa? — Ela está bem vestida às oito da manhã, mas não exatamente em trajes corporativos. Jeans e uma camiseta branca de manga longa não seriam aceitáveis em nenhuma empresa que conheço. Mas os tempos mudaram, suponho. Esse código de vestuário foi uma das razões pelas quais tomei a decisão de assumir a carpintaria em vez das finanças como eu tinha planejado na escola. Ficar preso em um terno, trabalhando dez horas por dia, e voltando para casa com uma dor de cabeça

nunca me atraiu. Embora, agora que estou prestes a fazer trinta, alguns dias o corpo dói da carpintaria, fazer um trabalho que exige um terno parece mais atraente.

— Trabalho. Eu dirijo minha própria companhia — ela diz com um pouco de orgulho. — Já ouviu falar do “TheLWord.com”?

O site de namoro. Oh, Deus. Internamente, zombo da menção. Essas coisas são a epítome do amor. Juntar estranhos com base em interesses comuns não parece ser a forma mais natural de conexão, mas, para algumas pessoas, funciona. Apenas, definitivamente isso não é pra mim. Claro, AJ discordaria completamente desde que “TheLWord.com” foi onde ele conheceu Alexa, a ditadora feminina de seus sonhos.

— Eu definitivamente já ouvi. É sua empresa?

— Eu tenho uma paixão por ajudar as pessoas a se apaixonarem. O que posso fazer? — Ela parece tímida ou reservada ao dizer isso, o que é um pouco chocante considerando sua ousadia anterior. — Meio irônico que tenha acabado de me divorciar, né?

É como ser um médico com uma doença incurável, eu diria.

— Vivendo e aprendendo. Aposto que seu divórcio a ajudará a melhorar sua empresa de uma forma que você ajude os outros a evitar o caminho que tomou.

Isso não vai dar certo. Na verdade, espero mesmo que não, assim é possível terminar logo com isso, seja lá o que for. Não é irracional querer ficar sozinho agora. Quero dizer, é a primeira vez que Olivia sai sem mim em cinco anos, e estou aqui com uma mulher que conheci há uma hora. Eu não faço isso. Eu realmente evitei as pessoas e a ideia de fazer novos amigos exatamente por esse motivo. Charlotte olha para o relógio e seus olhos se arregalam.

— Oh, uau, como a hora passou rápido. — Ela olha para mim. — Você vai ficar bem até as três?

Eu sou tão patético? Sim. Sim, eu sou.

— Eu vou ficar bem. Tenho que estar no trabalho em uma hora, e Olivia fez a gentileza de me deixar uma tigela de cereal para o café da manhã da qual eu devo dar conta. — O ar está começando a circular em meus pulmões de novo quando eu sinto que esse encontro está terminando.

— Eu estava curiosa sobre a tigela quase transbordando e cheia de cereal de amuletos da sorte, mas eu presumi que você está morrendo de fome ou com muita pressa de achar o brinquedo. — Com um sorriso astuto, ela pisca

rapidamente para mim e se levanta. — Bem, Hunter, foi um prazer finalmente conhecer meu novo vizinho. Se precisar de alguém para conversar hoje, minha campainha está a apenas trinta metros de distância.

— O mesmo pra você. Pais solteiros unidos, certo? — Eu acabei de dizer isso? Eu disse. E ela está olhando para mim da mesma forma que eu estaria olhando para alguém que tivesse me dito isso.

— Isso. Nós vamos passar por isso — diz em voz baixa. — Obrigada pelo café.

Nós. Não existe um “nós” além de Olivia e eu.

Eu me levanto e acompanho Charlotte até a porta, abrindo-a e ficando de lado pra ela passar.

— Estou feliz que nos conhecemos.

Eu não respondo, nada de bom sairia da minha boca se eu tentasse. Nunca foi minha intenção me fechar para o mundo depois que Ellie morreu, mas foi uma espécie de compromisso não oficial que eu fiz comigo mesmo. Se Ellie não conseguiu seguir em frente com a vida dela, então por que eu deveria? Eu sei que é irracional, assim como a maioria das decisões comuns que eu tomo, mas faz sentido na minha cabeça. Pelo menos eu acho.

Eu vejo Charlotte descer a minha calçada e atravessar a rua, mas agora estou fechando os olhos assim eu não olho para sua bunda porquê... por que eu não quero olhar para sua bunda? É uma bunda bonita, é provavelmente por isso. Eu estou tentando muito manter meus olhos fechados, mas com o máximo de constrangimento que eu pensei que tinha, chego à conclusão de que obviamente não tenho nenhum. Então eu me rendo à minha fraqueza e fico assistindo-a desaparecer dentro de casa. Eu sou um idiota, um idiota cujo dia acabou de ficar um pouco melhor, apesar do meu esforço de evitar o que poderia ser um amuleto de sorte na minha vida, um que não está transbordando de uma tigela de cereal.



Cinco minutos. Cinco. Mais cinco longos minutos e depois vou embora. Este dia está durando para sempre. Eu olho para os pregos que deveria estar martelando, mas não consigo me concentrar enquanto olho para o relógio novamente. Quatro minutos e trinta segundos. E se o motorista do ônibus chegar cedo por algum motivo? Olivia não saberia o que fazer. Ela estaria lá sozinha, chorando, imaginando se eu teria esquecido dela, depois que ela esteve fora por tanto tempo. Oh, Deus. Eu não posso aceitar isso. Eu tenho que ir.

— Cara, o que você está fazendo? São apenas duas! — AJ grita da sala adjacente.

— O ônibus pode chegar cedo.

— Uma hora mais cedo? A aula não termina às três horas? Porque se esse é o caso, eu tenho certeza que é praticamente impossível para o ônibus chegar ao ponto de ônibus antes que Olivia saia da escola. Eu tenho um argumento, não tenho? Sim, eu tenho razão.

— Pode haver tráfego. — Tento raciocinar; embora raciocinar com AJ seja como raciocinar com uma criança de cinco anos de idade. Olivia e AJ se enfrentam com bastante frequência e nunca há um vencedor. Nunca.

— Estamos a dois quarteirões de distância, então... — AJ começa a falar. Ele olha para mim e para no meio da frase. Estou andando de um lado para o outro na sala de estar sem tapete, passando meus dedos pelos cabelos,

tentando entender minhas ridículas apreensões, mas não há clareza aparecendo para aliviar as minhas preocupações irracionais. Estou tão desconfortável por estar longe de Olivia. — Eu sinto muito, Hunt. Você está certo — AJ diz, largando o martelo e apagando a luz. — Vamos pegar nossa pequena guarnição de Martini¹.

— Sério? — Eu soco o ombro dele. — Eu disse para você parar de chamar ela assim porque ela tem idade suficiente pra contar pra alguém na escola.

Ele bufa e esfrega o ponto em seu braço que eu soquei.

— Eu disse para você, não para ela.

— Basta uma pancada e você se rende? — lanço meu argumento, fazendo-o revirar os olhos para mim. Se eu tivesse que descrevê-lo para alguém, eu poderia resumi-lo como o garoto que estava sempre na sala do diretor por fazer algo estúpido, como intimidar um professor ou cuspir uma bola de papel no cabelo de alguém. Anos depois, AJ não mudou. Seu cérebro não amadureceu junto com seu corpo de vinte e oito anos de idade.

— Por que você chegou tão atrasado esta manhã? — AJ pergunta. — Batendo pernas com a velha senhora que lhe trouxe uma torta na semana passada? Oh, ela trouxe uma torta esta semana também?

Engolindo uma gargalhada, ele recupera a compostura quando falo:

— Na verdade, minha vizinha apareceu. Ela veio tomar um café.

AJ para na minha frente, impedindo que eu continue andando.

— Havia uma garota em sua casa?

Eu o empurro para o lado e continuo a andar.

— Minha vizinha. Não é uma garota. — Embora fosse desse jeito que mentalmente eu me referi a ela apenas algumas horas atrás.

— Você disse ela, o que faz dela uma garota. Ela é casada?

Por que essa é sempre sua primeira pergunta? Por que eu disse isso para ele?

— Não, não é.

— E ela queria tomar café?

— Sim, e foi apenas café. Ela não me colocou contra uma parede e fez o que quis comigo. — Aqueles eram os pensamentos que eu estava evitando o tempo todo, mas AJ não tem que saber disso.

— Mas aposto que você está pensando que teria sido uma foda muito doce, hein? Como ela é? Gostosa? Peitão? Bunda boa? Preciso de detalhes, mano.

Deus, cale a boca. Fecho meus olhos lutando para respirar enquanto ignoro cada uma das suas perguntas.

— Você teria dito não, se ela não tivesse algumas, se não todas, dessas qualidades — ele continua, apesar da minha falta de incentivo. Eu posso ver seu sorriso debochado na minha visão periférica, e agora estou absolutamente certo de que contar a ele sobre tomar café com Charlotte foi um erro horrível. Porém, não foi um erro tão grande quanto levá-lo ao ponto de ônibus onde Charlotte está, atualmente, de pé.

— Mano. — AJ aperta a mão em volta do meu ombro e me força a parar de andar. — O que aconteceu com você hoje? Você tem se saído bem ultimamente e é a primeira vez que eu vejo você com esse olhar destruído no rosto depois de um bom tempo.

— Hoje foi difícil. Tem sido difícil — falo, mantendo meus olhos fixos em Charlotte.

— Você sabe que ela foi só para a escola, certo? — pergunta ele.

— Sim, eu sei, AJ.

Mas tudo só vai piorar a partir daqui. Primeiro, jardim de infância... Então, quando eu me der conta, ela vai estar dirigindo, vai estar namorando... Vai se esgueirar no jardim à noite com um cara que quer esculpir seu maldito nome em uma árvore.

Eu tento continuar andando, mas a mão dele aperta meu ombro.

— Hunter, qual é o nome dessa garota? Me diga isso pelo menos.

— Hey! — Charlotte grita.

Faltam quarenta e cinco minutos para o ônibus chegar, então acho que não sou o único responsável louco aqui. Eu me viro para contar isso a AJ, mas ele está muito ocupado andando a passos mais rápidos em direção a Charlotte.

— Eu acredito que nós não nos conhecemos — diz AJ. — Eu sou AJ, irmão de Hunt. — Ele aponta para mim e eu cubro meu rosto com as mãos. Como nós dois pudemos sair do mesmo lugar? — Você por acaso é a vizinha de Hunter? Aquela que se juntou a ele para o café esta manhã?

Espreitando por entre meus dedos, vejo quando Charlotte coloca um marcador entre as páginas do livro que estava lendo e se levanta, de frente para AJ.

— Não. — Ela sorri. — Nós definitivamente não nos conhecemos. Eu sou vizinha do seu irmão, e sim, eu tomei café com ele esta manhã. Isso é um problema?

Charlotte ergue a mão para apertar a dele, mas AJ acha necessário, primeiro, se virar e colocar a mão em torno de sua boca, gritando, fingindo um sussurro:

— Você não precisa responder minhas perguntas. Eu mesmo respondi.

Eu amo como ele está fingindo sussurrar, como se qualquer tipo de volume importasse agora. Se eu olhar para AJ por mais um segundo, eu posso ir atrás dele com o punho levantado, então, ao invés disso, eu olho para Charlotte, percebendo que ela não está nem um pouco embaraçada por esse encontro constrangedor.

— Eu conheci vários como você — diz ela, inclinando-se para o lado para que pudesse me ver através de AJ. — Isso não é novidade para mim. — Seu sorriso é sarcástico e adorável. Adorável? Eu não sabia que essa palavra ainda fazia parte do meu vocabulário, a não ser me referindo a Olivia.

— Estamos aqui cedo porque Hunter estava esperando que você estivesse aqui cedo também.

Você só pode estar de brincadeira comigo. Eu vou nocauteá-lo.

— AJ, talvez você pudesse sentar e parar de falar. Ou melhor ainda, volte para a loja e continue trabalhando — sugiro.

— Mas eu gostaria de conhecer sua nova vizinha.

Ela me dá uma piscada rápida e se senta ao lado de AJ no banco.

— O que você gostaria de saber? — Charlotte concorda.

— Bem, eu já sei que você é solteira. Mas agora eu descobri é mãe solteira, eu nunca teria adivinhado isso, honestamente. Você mora em frente à casa de Hunter, agora estou imaginando quando vocês dois vão direto ao assunto e sair para jantar agora que já tomaram café? Eu posso cuidar das crianças. — Ainda querendo desaparecer, eu mantenho meus olhos presos nesta cena, esperando para ouvir as respostas de Charlotte.

Felizmente, não preciso esperar muito porque ela se levanta e caminha até mim com o rosto sem expressão.

— Seu irmão... — ela começa. Eu gosto de onde isso está indo. Eu acho. — É maluco e um pouco engraçado. Por que você está aqui tão cedo?

— Ei, você! — AJ grita. — Nós estávamos no meio de uma conversa muito séria...

Charlotte se vira e dá a ele um olhar que eu não consigo ver, mas imediatamente depois ela se vira para mim.

— Você está bem? Sobreviveu às seis horas de espera brutal?

— Eu estou bem. Só queria ter certeza de que estaria aqui quando o

ônibus chegasse. Eu sei que provavelmente pareço louco, mas talvez não, já que você está aqui também.

Ela sorri com o canto dos lábios.

— Sim, no ano passado, eu vinha até o ponto de ônibus uma hora mais cedo e lia, usando esse horário como meu intervalo de almoço diário. Pelo menos eu sabia que nunca iria me atrasar.

— Isso é fantástico. Hunter, você não terá que ficar aqui sozinho todos os dias — AJ interrompe novamente, com um sorriso astuto que eu ainda quero socar.

— Realmente, você precisa voltar ao trabalho, senão nós ficaremos lá até as seis, pra terminar. — AJ não gosta de trabalhar depois das cinco, então estou usando a única arma em que posso pensar agora. Ele olha para o relógio e aperta os olhos, debatendo qual é a melhor escolha: me torturar ou sair do trabalho na hora certa. — Alexa vai te matar se você se atrasar hoje. — Isso deve convencê-lo. É o aniversário deles. E quando digo “matar” quero dizer que ela fará da vida dele um inferno por um período indefinido de tempo.

— Merda — diz ele. — Bem. Você ganhou desta vez, mano.

— O que exatamente eu estou ganhando?

— Foi um prazer conhecê-la, Charlotte. — AJ inclina seu chapéu invisível e volta para o local de trabalho.

Charlotte não responde. Em vez disso, ela imediatamente volta sua atenção para mim.

— Você tem que voltar ao trabalho depois de pegar Olivia? — Charlotte pergunta.

— Sim, Olivia está acostumada com a carpintaria. Ela me acompanhou no trabalho todos os dias nos últimos cinco anos.

— Que menina sortuda — diz, colocando as mãos nos bolsos. Charlotte olha para o sol e aperta os olhos enquanto suspira suavemente. — Rapaz, você parece levar essa coisa de pai solteiro numa boa.

— Que escolha eu tenho?

Não é a opção que eu teria escolhido. Nunca. Assistir Olivia crescer sem uma mãe, ou qualquer influência feminina, tornou essa tarefa de ser pai solteiro ainda mais difícil. O que eu sei sobre criar uma menina ou uma adolescente? Nada.

— Deixe-me levar Olivia para casa enquanto você termina no trabalho. Ela e Lana podem brincar um pouco. Será uma ótima maneira de terminar o primeiro dia de aula para as duas.

Eu penso sobre isso rapidamente, mas não vejo minha filhinha há seis horas e não tem nada que faça com que eu me afaste dela pelo resto do dia e da noite.

— Eu agradeço a oferta, mas...

— O que eu estou dizendo? — ela diz, colocando a mão na bochecha. — Você não vê aquele rostinho precioso há horas.

— Sim, isso. — Eu rio desajeitadamente. Eu sempre fui tão estranho com as mulheres? Eu mal consigo lembrar, considerando que Ellie e eu crescemos juntos. Nós prometemos nos casar quando éramos crianças.

Os minutos com Charlotte passam com conversas curtas sobre o tempo e a horrível muda de grama que as frentes de nossas casas receberam. O constrangimento entre nós começa a diminuir, mas a cada segundo, à medida que meu nível de conforto aumenta, a culpa se infiltra em minhas veias, culpa por apreciar a companhia de outra mulher e culpa por falar com uma mulher bonita, que agora está me fazendo sentir como se de algum modo eu estivesse traindo minha esposa morta. Não há problema em seguir em frente. Tudo bem fazer isso. Venho dizendo isso a mim mesmo por anos e através de dezenas de terríveis primeiros encontros, mas, toda vez, eu ainda me pergunto se isso é errado.

Alívio toma conta de mim quando o ônibus se aproxima. O pensamento de ver Olivia me enche de tranquilidade, a única coisinha neste mundo que me faz sentir como se estivesse vivo e não um morto-vivo. Minha filha é como o cobertor que eu não conseguia largar quando criança, e a cama debaixo da qual eu costumava me esconder durante uma tempestade. Ela é a voz calma sempre me dizendo que tudo vai ficar bem. Principalmente, ela é a voz que eu desejo ouvir por cinco anos, a voz que eu sei que nunca mais vou ouvir. Ela é Ellie. Tudo sobre ela é Ellie. É como se Ellie a criasse sozinha, sem minha ajuda. E eu não gostaria que fosse de outro jeito. Ela sozinha faz minha vida valer a pena.

Quando o ônibus para bruscamente, meu coração congela. As portas se abrem e eu vejo cada criança descer do ônibus, uma a uma, até que eu vejo o rabo de cavalo loiro que eu estive esperando o dia todo.

— Papai! — ela grita, correndo em minha direção com toda velocidade. O orgulho iluminando seu rosto derrete tudo dentro de mim. Seus braços envolvem minhas pernas, apertando-me com tanta força quanto eu quero esmagá-la. Seu abraço me diz que ela sentiu tanto a minha falta quanto eu senti a dela. Eu a pego no colo e a aperto com força, curtindo o calor de sua

bochecha contra a minha. Sinto seu pequeno coração batendo nas costas, sua boca treme um pouco. — Eu senti tanto a sua falta hoje. Eu estava tão preocupada por você estar sozinho.

Meu mundo para. Minha mente para de girar e meu coração... meu coração está doendo. O que eu fiz com ela?

— Por que você estava preocupada? Você nunca deve se preocupar comigo. — As palavras saem, mas elas parecem presas na minha garganta, é como se eu estivesse tentando convencê-la de algo diferente do que ela estava acostumada a acreditar.

Afastando-se, ela pega meu rosto em suas mãos e me olha diretamente nos olhos, exatamente como Ellie sempre fazia quando queria mostrar seu ponto de vista.

— Porque você não gosta de ficar sozinho. Você precisa de mim. — Suas palavras são ditas com a sabedoria que nenhuma menina de cinco anos deveria ter. Essas palavras definem um pai que não tem o direito de cuidar de uma criança pequena quando claramente não consegue cuidar de si mesmo.

— Olivia... — Suspiro. — Você precisa me ouvir — Seus lábios se apertam de um jeito que sugerem uma atitude que está começando a se formar. — Você nunca precisa se preocupar comigo. Eu nunca gostei de ficar sozinho porque eu amo estar com você. E sim, você está um milhão por cento certa: eu sempre, sempre precisarei de você, e espero que você sempre precise de mim também. Além disso, eu não estava sozinho hoje, tive o tio AJ comigo o dia todo no trabalho.

— Oh, papai. Você é tão bom em evitar a verdade — Olivia responde. Ela não tem cinco anos. Estou convencido disso. Em vez de lutar uma batalha perdida, eu a puxo de volta e seus braços enrolam em volta do meu pescoço enquanto descansa a cabeça no meu ombro. — Você pode acreditar ou não, mas eu fui enviada a você por um motivo. — Embora haja muitas vezes em que sinto que o uso de suas palavras ultrapassa a idade dela, estou começando a me perguntar onde ela está obtendo essas declarações perspicazes, ou melhor, quem as leu para ela.

— Olivia. — Suspiro. — Quem leu o seu livro de bebê para você?

— Tia Alexa — ela ri. Já faz alguns anos desde que abri o livro do bebê de Olivia. Eu costumava ler para ela todas as noites, as partes que Ellie insistia em preencher antes que Olivia nascesse. Uma escritora nunca tem escassez de palavras e, como professora de inglês, nunca deveria ter me surpreendido com quantas cartas escreveu a Olivia em preparação para sua

vida. Havia noites em que eu ficava sentado no quarto de Olivia depois que ela adormecia e lia as palavras de Ellie sob a luz do luar, imaginando o som de sua voz como se ela estivesse falando as palavras em meu ouvido. Algumas das páginas tinham manchas de lágrimas... lágrimas de felicidade que ela sentiu quando sonhava com uma vida que estava criando. Eu costumava passar meu dedo sobre os pontos suaves e enrugados no papel, desejando que eu pudesse limpar outra das lágrimas de Ellie do rosto dela, em vez de numa página de um livro de bebê.

Chegou ao ponto em que eu não conseguia mais ler. A dor que me fazia imaginar as palavras que não tinham sido ditas depois da morte de Ellie começou a me assombrar. Eu queria escrever as palavras para ela, explicar detalhadamente como era Olivia, como o som de seu choro era nada menos que uma canção de ninar calmante vinda do céu. Eu queria descrever a cor incrível dos olhos de Olivia, como eles são azuis, mas com verdes, amarelos e roxos misturados como um toque de aquarela. Eu deveria ter sido capaz de escrever sobre a hora em que Olivia olhou para o céu e disse “Ma”. Eu sei que não era nada mais que balbúcio de bebê, mas para mim era um sinal que conectava nossa família.

Nunca falha, no segundo em que coloco uma caneta no papel brilhante do livro de Olivia, as palavras parecem flutuar acima da minha cabeça como uma brisa, voando pra longe do alcance e me fazendo esquecer como formar uma frase. Eu não sou escritor. Eu sou um leitor e a única escritora de quem que eu já quis ler palavras, não pode mais respirar o ar necessário para formar uma sílaba.

Olivia desce do meu colo quando nos aproximamos da nossa garagem.

— Vou pegar a correspondência — ela grita, correndo na frente. Ela abre a porta da caixa de correio e fica na ponta dos pés para alcançar o que está dentro. Quando pega a correspondência, olha rapidamente, folheando como faz todos os dias. Não tenho certeza de que entendo a emoção de ansiar pelo correio, considerando a quantidade de contas que recebo, mas, por algum motivo, ela gosta de folhear tudo. Eu suponho que isso pode mudar algum dia quando ela tiver responsabilidades financeiras. — Papai, há uma carta daquela senhora.

Ellie. O coração dela. Eu corro para Olivia e pego a carta da sua mão. Ao virar para o outro lado, espero ter um endereço de retorno, mas, mais uma vez, eu me decepiono quando vejo que essa mensagem continua sendo de mão única.

Olivia está na minha frente, olhando para cima, esperando ouvir o que a carta diz. Antes de abri-la, olho para seus olhos suplicantes. Ela sente o que eu sinto? Ela anseia por uma conexão com o coração que sobrevive à minha esposa, sua mãe?

— Lá dentro — digo a ela, apontando para a porta da frente. — Nós só temos alguns minutos porque eu tenho que voltar a trabalhar com o tio AJ.

— Não até você ler, papai — diz ela, caminhando em direção à porta.

Nos sentamos no sofá enquanto Olivia tira a mochila e o suéter. Ela coloca as pernas pra cima e se inclina para mim, esperando com ansiedade. Nós não recebemos uma carta há alguns meses e eu estava começando a me perguntar se as coisas deram errado na vida desta mulher. Mas enquanto seu coração estiver batendo e ela estiver bem o suficiente para escrever uma carta para mim, tudo deve estar bem. Eu deslizo meu dedo sob a aba do envelope e o abro lentamente, mantendo o envelope intacto.

Sempre que eu abro uma dessas cartas, meu estômago se torna pesado e meu peito aperta. Eu acho difícil engolir ou evocar um pensamento inteligente. Esta não é apenas uma carta de um estranho. Esta é uma carta da pessoa que cuida do último pedaço que restou de Ellie.

Quando eu era criança, lembro-me de mamãe me dizendo que quando uma pessoa morre, é apenas o corpo que passa, porque a alma permanece intacta para sempre. Se uma alma fica para trás, não faria sentido que ela permanecesse ligada ao coração que criou essa alma? Eu sei que é uma maneira tola de pensar, mas faz sentido para mim. Sei que o corpo pelo qual me apaixonei se foi, enterrado profundamente no solo deste mundo, mas o coração que eu observei crescer com a idade, o coração que se adaptou a um amor maior à medida que a vida evoluiu, talvez abrigue pelo menos uma parte de sua alma que permanece. Pelo menos é o que parece dessas cartas que continuo a receber.

Minhas mãos tremem quando desdobro a carta datilografada.

— Papai! — Olivia me tira do meu devaneio. — O que ela diz?

Eu gostaria que a carta fosse escrita à mão, oferecendo pelo menos um pequeno indício de quem ela é.

Caro Sr. Cole,

Eu estava no alto de uma montanha hoje e respirei o ar doce de verão. Fechei meus olhos e senti o calor abraçar o coração dela, parecia cheio, como se estivesse ocupando todo o espaço livre na cavidade do meu peito. Quando me agachei e estiquei os braços sobre a borda, a força do coração dela bateu mais forte e acelerou como se estivesse batendo em minhas costelas, lembrando-me de sua presença. Este coração é tão vivo. Eu estou viva.

Quando me deitei perto da beirada da montanha, coloquei minhas mãos sobre o coração dela e olhei para o céu, sentindo o brilho do sol me dominar como se o céu estivesse me cobrindo com um cobertor, e o coração dela se acalmou sob o meu toque. Eu a senti. Senti sua vida vivendo dentro de mim e sou grata. Eu estou viva por causa dela, assim como o coração dela está vivo por minha causa. A ligação foi forte hoje e eu sabia que precisava enviar-lhe esta carta. Espero que ofereça um pouco de conforto através da dor que deve segui-lo como uma sombra escura.

*Se cuide,
O coração dela*

Em vez de absorver as belas palavras dessa estranha que pode ser a pessoa mais familiar em meu mundo solitário, me concentro apenas na montanha e na questão de onde é essa montanha. Eu preciso encontrá-la, na esperança de finalmente encontrar esta mulher. Embora, eu não devesse ser burro o suficiente para pensar que ela está sentada em alguma montanha esperando que eu apareça.

— Talvez ela estivesse naquela montanha que o vovô nos levou ao ano passado — diz Olivia. Montanha. Que montanha? Não sei se esta mulher vive neste estado ou neste lado do país. Eu não sei como ela sabe quem eu sou, e eu certamente não sei quem ela é. Eu sempre achei que o processo de doação e recebimento era anônimo. Eu entrei em contato com o hospital várias vezes, implorando por informações, mas toda vez, era apresentado a um outro obstáculo. Descobri que essa doação em particular não era totalmente anônima, mas a destinatária solicitou que sua identidade fosse mantida em sigilo. Eu procurei a lei e isso não deu em nada. Toda vez que eu

tentei chegar a algum lugar discutindo o assunto, não cheguei a lugar nenhum. — Devemos ir para aquela montanha. — Não há montanha nesta cidade ou nas proximidades. Olivia pega a carta da minha mão e vira-a. — Olhe, papai. — Durante o curto espaço de tempo que eu levo para pegar a carta de volta e virar, eu rezo para que haja informações de contato.

Mas não existe.

Em vez disso, encontro um desenho.

— Era a favorita da mamãe — Olivia sussurra. — Ela gosta delas também — A carta cai da minha mão trêmula, e eu a vejo flutuar como uma pena e cair no chão.



NOVEMBRO
DOIS MESES DEPOIS

— O seu sanduíche está na geladeira e seu cereal está no balcão — diz Olivia, colocando sua mochila.

Eu me ajoelho e digo a ela:

— Você não precisa mais me alimentar, Ollie.

— Você pode fazer comida pra mim — AJ diz do sofá. — Você sabe que o tio AJ está sempre com fome. — Ele esfrega a mão sobre a barriga proeminente.

— Tio, você come toda a nossa comida! Você vai se transformar em um porquinho — diz Olivia rindo.

— Bem, se a sua tia não me mantivesse nessa dieta desumana de comida limpa, eu não estaria com tanta fome toda vez que venho aqui — Olivia olha para ele com uma interrogação. Ela pode parecer ter mais de cinco anos, mas tem só cinco anos e não sabe o que é uma dieta, muito menos uma dieta de “comida limpa”.

— Bem — Olivia diz, voltando-se para mim. — Se você não quer que eu

faça comida para você, talvez a senhorita Charlotte possa fazer o almoço pra você de novo, eu acho — ela diz sorrindo. — Por mim tudo bem. E por você, papai?

— Olivia, eu já disse a você...

Ela coloca os dedos nas orelhas e cantarola alto, evitando ouvir o que estou tentando falar.

— Essa é minha garota, Ollie-Lolly — diz AJ, apontando para Olivia com uma piscadela.

— Vamos, vamos nos atrasar — digo a ela, dando a AJ o olhar que ele estava desesperadamente tentando evitar.

Quando saímos, Charlotte e Lana também estão saindo de casa. Olivia solta minha mão, para na calçada, olha para os dois lados e atravessa a rua. Em segundos, ela e Lana estão de mãos dadas e correndo à nossa frente.

— Eu percebo que ela está se sentindo melhor hoje — diz Charlotte. — A sopa ajudou?

— Eu acho que sim. — Rio. — Obrigado por nos trazer sopa de novo.

— Era o mínimo que eu poderia fazer depois que Lana foi legal o suficiente para compartilhar seus germes com Olivia. — Charlotte cruza os braços sobre o peito e treme contra o vento forte. — Eu acho que o outono chegou, hein?

Eu olho para ela. Suas bochechas estão rosadas em contraste com o resto de sua pele pálida e seus olhos estão um pouco inchados. Por um instante, me pergunto se ela esteve chorando, mas depois ela espirra.

— Ah, não. Você está doente?

— Estou bem — responde, fungando um pouco. — Mães não ficam doentes.

— Você deveria estar vestindo um casaco — digo. Ela está usando uma camiseta fina de mangas compridas e eu suponho que o ar frio está passando através da camisa. Eu posso ser uma pessoa fria, mas ainda sou um cavalheiro. Eu tiro meu moletom com capuz e entrego para ela. — Põe isto.

— Eu estou bem, mas obrigada — diz, empurrando a minha mão.

— Coloque-o — falo com firmeza. — Eu não faço a melhor canja, então...

Ela olha para mim com a testa franzida e seus lábios apertados.

— Obrigada — resmunga de má vontade, cedendo. Ela veste o meu casaco e precisa dobrar as mangas. O tecido vai até seus joelhos, tornando a diferença de tamanho entre nós bastante aparente.

Suas fungadas continuam enquanto caminhamos, e noto o rubor aumentado em suas bochechas quando chegamos ao ponto de ônibus.

— Você está com febre? — pergunto, dando uma olhada no rosto dela.

Ela sacode a cabeça.

— Eu tenho certeza que estou bem.

— Ela não está bem — diz Lana de onde está. — Ficou acordada a noite toda tossindo e espirrando. Eu passei pra ela meu resfriado.

Sem pensar, coloco minha mão sobre a testa de Charlotte, instantaneamente percebendo o quão fria minha mão deve parecer contra a pele quente dela. Eu posso estar com frio, mas ela está queimando. Ela recua ao meu toque, com um olhar arregalado como se levasse um choque quando eu a toquei. Na verdade, é um choque para mim também tê-la tocado. Eu estava indo bem mantendo as coisas superficiais.

— Oh — ela diz, finalmente admitindo estar com febre. — Ainda bem que eu trabalho em casa, então. — Com uma risada tossida, ela coloca as mãos dentro das mangas do meu moletom e enrola os braços sobre o peito. Eu gosto do jeito que ela está, toda aconchegada no meu moletom.

— Tenho que fazer uma coisa esta manhã antes de ir pra loja, mas posso fazer algo pra te ajudar? — pergunto. — Você tem alguma coisa que possa tomar para diminuir a febre?

— Tenho certeza de que posso encontrar algo, mas se você não se incomodar em comprar Ibuprofeno, será ótimo — diz ela.

Lana corre até nós e enrosca a mão em volta da minha camisa, me puxando para a altura dela. Ela coloca as mãos em concha em volta da minha orelha e sussurra:

— Mamãe estava revirando o armário de remédios esta manhã, dizendo que não conseguia encontrar nada que não fosse para “uma maldita criança”. — Eu me afasto, tentando levantar, mas ela me puxa de volta, sussurrando no meu ouvido. — Então ela disse: “Porra, por que não há ninguém por perto para cuidar de mim?” Ela disse uma palavra feia. Duas, na verdade. — Eu quero rir da parte que incomodou Lana nessa frase, mas eu sei exatamente como Charlotte se sente. Nós gastamos cada segundo de nossas vidas cuidando de outra pessoa e nunca há ninguém para cuidar de nós quando precisamos.

Eu viro o seu rosto de lado e coloco minha mão em concha no ouvido dela.

— Eu vou ter uma conversa com sua mãe sobre dizer palavrões. — Lana

se afasta e coloca as mãos sobre a boca, rindo alto, antes de correr de volta para onde Olivia está brincando.

— O que foi tudo isso? — Charlotte pergunta.

Eu limpo minha garganta e coloco minhas mãos nos meus bolsos traseiros.

— Evidentemente, alguém precisa lavar a boca com sabão — falo, no meu melhor tom de bronca.

Charlotte franze o nariz e a testa com curiosidade.

— O que ela disse?

— Não se preocupe com isso. — Eu rio.

As outras mães se aproximam e a tagarelice que vinha crescendo enquanto caminhavam para quase que imediatamente quando chegam perto de nós. Elas são todas muito amigáveis, mas não posso deixar de perceber que ficam quietas porque não sabem o que dizer para mim. Eu suponho que encontrar um pai sozinho e viúvo não é comum por aqui.

— Como Olivia está se sentindo hoje? — pergunta uma delas.

— Ela está muito melhor, obrigada — respondo.

— Canja é sempre um levanta-defunto — diz outra com um sorriso cínico em seus lábios pintados de escuros. Eu sei que Charlotte não conversa com nenhuma dessas mulheres, o que significa que alguém provavelmente a viu andando pela rua com o pote de sopa ontem.

Felizmente, o ônibus interrompe qualquer conversa que poderia ocorrer e Olivia corre para pegar sua mochila da minha mão.

— Não se esqueça de comer seu sanduíche de maionese hoje, papai. Você vai ficar doente se não comer. — Em vez de discutir com minha pequena Ellie, eu a pego no colo e dou um beijo em seu nariz.

— Tenha um bom dia na escola. Eu te vejo quando você chegar em casa.

— Traz um jasmim pra mim hoje — Olivia sussurra em meu ouvido. — Meu último morreu. — Ela desce do meu colo e corre para a porta aberta do ônibus. — Tchau, papai!

Quando o ônibus vai embora, as outras mães começam a se amontoar, mas eu me afasto com a esperança de deixar o óbvio um pouco menos óbvio, já que não quero responder a nenhuma pergunta sobre canja. Charlotte não tem tanta sorte. Ela está no centro da conversa, e eu decido não olhar para trás e ver no seu olhar que ela está me odiando neste exato momento.

Ela também se sente desconfortável com as outras mães, já que somos os estranhos, os pais sozinhos que não têm a sorte de ter uma família normal.

Eu subo direto na caminhonete assim que chego em casa, saindo cedo eu tenho a chance de chegar antes da multidão diária de visitantes idosos. Eu descobri que se chegar logo após a abertura, posso ficar trinta minutos sozinho sem os olhares e sussurros embaraçosos.

As quinze milhas entre Sage e o jardim em Glenn passam meio nublados enquanto eu me pego pensando em Charlotte. Pela primeira vez desde a morte de Ellie, minha mente se sente dividida entre o luto e a cura. Luto e lembranças são tudo o que sobrou de Ellie, então se eu deixar o luto, Ellie estará realmente desaparecida. Seguir em frente parece traição, então a cura nunca foi uma opção para mim antes, mas ultimamente, eu me pergunto se é possível estar de luto e superá-lo ao mesmo tempo. Talvez eu finalmente tenha espaço na minha vida para ambos.

Em outra vida, uma vida em que Ellie não tivesse deixado sua pegada permanente, Charlotte seria uma mulher com quem eu poderia querer passar mais tempo, talvez até procurando algo mais do que uma amizade. Não que haja algo de errado com a amizade que floresceu bem entre mim e Charlotte nos últimos dois meses, mas deixei claro... talvez um pouco claro demais... que seja lá o que temos, continuará como é. Ela não pediu nada mais ou até mesmo insinuou alguma coisa, mas a razão pela qual eu continuo pensando nisso pode ser porque, recentemente, a ideia de considerar alguma coisa mais tenha cruzado minha mente mais vezes do que eu gostaria de admitir. Há algo nela que me deixa ansioso desde o momento em que eu a vejo pela manhã e espero pela risada que sai de seus lábios todos os dias. Estar perto dela me traz uma sensação de paz que eu sentia falta na minha vida.

Entro no jardim e vejo dois veículos. Um pertence ao zelador, o que significa que um visitante já está aqui.

Saio da caminhonete e desço pelo caminho estreito e coberto de cascalho. O perfume de lírios e jasmims permeia o ar, eu caminho em direção à árvore. Nossa árvore. Minha árvore.

Nós planejamos isso. Plano terrível que nenhum jovem de vinte e poucos anos deveria discutir. Mas nós fizemos por um motivo que eu nem consigo lembrar.

— Vamos ser enterrados juntos na árvore do jardim. Dessa forma, podemos estar sempre juntos no lugar que amamos. — Eu ri dela naquele dia e disse a ela para nunca mais falar de morrer novamente. Foi a primeira e única vez que falamos sobre isso, mas pelo menos essa conversa terrível facilitou as coisas ao planejar o funeral da minha esposa de 25 anos. Seus

pais odiaram a ideia. Eles ficaram com raiva por ser meu direito tomar as providências e decisões. Eu entendi o desejo deles de enterrá-la no cemitério que continha os corpos de seus parentes, mas eu tinha que cumprir o desejo de Ellie, independentemente do quanto seus pais me odiassem.

A única coisa que eu não planejei foi o dono do jardim me dizendo que era contra os regulamentos enterrar um corpo em suas terras. Eles só me concederiam permissão para enterrar uma urna. Eu tive que cremar o corpo de Ellie. O pó sempre foi uma partícula chata que eu estava acostumado a varrer pra lata de lixo, mas agora, os restos mortais de minha esposa não são nada além de pó e é o pó mais lindo e precioso do mundo.

Quando o procedimento de cremação terminou, fui chamado ao escritório para pegar a urna. Minha esposa foi entregue a mim em uma porra de um vaso. Coloquei-o em uma pequena caixa no banco do passageiro e, em seguida, preendi Olivia em seu assento do carro. Foi a única vez em que toda a nossa família esteve junta. Embora destruída.

Ajoelhei-me junto à árvore, perto do entalhe clichê de nossos nomes, cercado por um coração com as palavras “para sempre” abaixo dele. Quem poderia imaginar que “para sempre” terminaria aos vinte e cinco anos? Com a mão colocada sobre o coração na árvore, fecho os olhos e permito que as palavras fluam.

— Sinto saudade, querida. Tanta. — Respiro fundo porque respirar nunca é fácil enquanto estou aqui. Mesmo que conseguisse respirar livremente, o nó na garganta dificultaria expressar as palavras que guardo para esses momentos. Mas com uma leve brisa soprando contra a minha pele, o conforto me cobre como uma mão quente tocando minhas costas. — Olivia está aprendendo a ler. Você acredita nisso? Ela quer ser escritora como a mãe. Ela quer ser como você, Ell. Eu fiz o meu melhor para te manter viva na mente dela. Eu quero que ela te conheça como eu te conheço. Eu gostaria que ela tivesse anos com você como eu tive, mas eu estou fazendo o melhor que posso. Eu sei que digo isso toda vez que estou aqui, mas só preciso que você saiba o quanto estou tentando.

Abro os olhos e tiro a mão do coração gravado.

— Eu espero que você não se importe, mas preciso roubar um jasmim azul para Olivia. Ela pediu.

Eu me inclino e pego o cortador do bolso do casaco. Se não fosse pelas regras rígidas de Ellie sobre como colher uma flor, eu arrancaria a coisa, mas isso seria um pecado para ela. Eu corto a flor e coloco o cortador de volta no

meu bolso.

— Eu te amo, querida. Te vejo na próxima sexta-feira.

Levanto-me e viro para o lago coberto de jasmim. Este foi o lugar que despertou a paixão de Ellie por flores, jasmims em particular. Eles não são cultivados naturalmente aqui, mas acho que os jardineiros as mantêm; embora, como a temperatura está caindo rapidamente agora, eu suponho que elas durarão só por alguns meses. Enquanto eu colho mais um par de flores, meu olhar é atraído para algo rosa do outro lado da lagoa.

Uma mulher está ajoelhada, colhendo flores e colocando-as em uma caixa. Eu sei que não tenho o direito de dizer qualquer coisa, especialmente desde que eu também peguei algumas flores, mas eu não estou colhendo todas as flores da área. O que ela está fazendo com tantas flores? Eu nunca a vi aqui antes, então eu suponho que ela não seja uma nova zeladora. Não vestida assim, de qualquer maneira.

Eu me levanto e caminho em sua direção do outro lado da lagoa.

— Este é um jardim de propriedade privada — digo a ela. Eu sei que não sou mais proprietário do que ela provavelmente é, mas eu tenho um acordo com o dono, que me permite colher alguns jasmims azuis quando estou aqui.

Ela levanta a cabeça, assustada com a minha presença. Eu não pretendia me aproximar dela, e normalmente eu não me aproximaria de ninguém assim... mas essas flores, elas deveriam murchar por conta própria. Eu sou hipócrita. Por que estou aqui?

Seus olhos de jade encontram os meus e ela parece completamente perturbada como se eu a tivesse acusado de um crime hediondo.

— Estas flores são suas? — ela pergunta com uma voz doce. Eu olho para minha mão que segura um único jasmim.

— Não — respondo, desanimado. — Eu-eu tenho permissão do dono do jardim.

— Eu também — diz. — Eu ajudo os jardineiros, às vezes, já que administro uma floricultura no centro da cidade. A loja onde eu trabalho fornece as sementes na primavera e pega o que sobrou no final da temporada. Já que o frio está chegando mais cedo, estou fazendo minhas rondas mais cedo do que o normal este ano.

— Eu não tinha ideia — digo, sentindo como se meu rabo estivesse entre as minhas pernas. Ela é a razão pela qual estas flores continuam crescendo aqui.

— Está bem. Eu tenho certeza que parece um pouco estranho estar

cortando flores no meio de um lindo jardim — diz, fechando a caixa. Colocando-a debaixo do braço, ela se levanta e sacode o cabelo castanho para trás dos ombros. Ela caminha em minha direção, inclina a cabeça sutilmente para o lado com um olhar inquisitivo e pergunta: — Você vem muito aqui?

— Toda sexta-feira. — Eu aponto por cima do meu ombro em direção a minha árvore. — Eu venho visitar minha esposa.

A mulher coloca a mão sobre o peito e aperta o tecido de sua camisa. Ela desvia os olhos dos meus e olha para seus pés.

— Sinto muito pela sua perda.

— Obrigada. — Antes que eu possa agradecer apropriadamente, ela passa por mim. Eu me viro e a vejo subir os degraus, deixando-me olhando com surpresa. Enquanto eu me pergunto o que eu disse para fazê-la fugir, a caixa que ela está carregando abruptamente voa de suas mãos e ela tropeça em um dos degraus. As flores saem pela abertura da caixa e a mulher senta na escada, parecendo derrotada. Derrotada de fugir de mim? Eu caminho em direção a ela lentamente, com cautela, já que eu não quero assustá-la novamente se eu já fiz isso de alguma forma.

Eu pego as flores e a caixa, apoiando-a em um dos degraus. Eu coloco as flores uma de cada vez, com cuidado de volta na caixa para não esfregar nenhuma das folhas umas contra as outras.

— Você está bem? — pergunto. Ela olha para mim com uma lágrima escorrendo pelo seu rosto vermelho. — Você perdeu alguém também? — Eu não sei por que eu pensei isso, mas ela está chorando e eu sinto que eu fui um idiota para uma pessoa sofredora.

Ela acena com a cabeça sutilmente, olhando-me diretamente nos olhos novamente.

— Sinto muito — diz ela, com a voz trêmula.

— Eu acho que nós já superamos as desculpas desnecessárias — olho para ela, e sinto o início de um sorriso se formar em minha boca. Eu acho que eu não sorrio nesses jardins desde a última vez que Ellie esteve aqui comigo.

— Sim, eu perdi alguém — diz ela.

— A vida é uma droga às vezes — é tudo que posso pensar para dizer. — É o que eu tenho dito a mim mesmo todos os dias nos últimos cinco anos.

— Às vezes, mas pode ser muito doce alguns dias também — ela argumenta. — Desculpe por essa cena dramática. — Uma risada silenciosa escapa de seus lábios enquanto ela passa as costas de sua mão contra sua bochecha, secando uma lágrima solitária. — Eu não sei o que dizer a mim

mesma para melhorar minha dor, e eu definitivamente não sei o que dizer a alguém para aliviar sua dor. Então, a única coisa lógica que consigo pensar é fugir. Ela se levanta e pega a caixa da minha mão.

— Palavras nem sempre são necessárias — digo.

— As palavras são quase sempre necessárias — ela retruca.

— É isso que eles dizem?

— Quem? — ela pergunta, parecendo intrigada.

— Quem quer que seja. Você sabe, aqueles que falam todas aquelas coisas malucas que não fazem sentido.

— Essas coisas malucas são como arte. Você tem que deixar as palavras penetrarem, e você tem que deixar sua mente ir até o significado maior do que o que está na superfície. Aí tudo fará sentido.

— Você deve ser filósofa — digo.

— Apenas uma florista — ela me lembra.

— Esta foi a conversa mais confusa sobre palavras que provavelmente já tive.

Tudo porque eu queria acusar a pobre mulher de roubar flores de um jardim. Eu realmente sei como me superar em tomar decisões estúpidas.

— Eu espero que não — diz, abrindo um sorriso. — Mas eu preciso ir. Eu preciso abrir a loja.

— Onde fica a loja? — pergunto, querendo saber onde posso comprar esses jasmims.

— Foi bom conhecê-lo — diz ela, evitando minha pergunta.

— Igualmente — falo em troca.

Eu deixo que ela se afaste um pouco antes de seguir o mesmo caminho, eu olho para a minha árvore mais uma vez, enviando o meu último “Eu te amo” para Ellie. Até a semana que vem. Quando chego à minha caminhonete, vejo a traseira de um híbrido azul-marinho saindo pela estrada principal. É ela, eu acho.



Meus pensamentos divagam enquanto eu caminho pelo supermercado, pegando comida para a semana, bem como um kit de melhoras para Charlotte. Posso não ser mais casado há muito tempo, mas acho que sei o que faz as mulheres se sentirem melhor. Ou eu gostaria de pensar assim.

Ela fez um esforço muito maior para me ajudar do que eu fiz para ajudá-la, então esta é uma oportunidade para eu agradecer a ela e talvez provar que eu não sou tão idiota quanto, às vezes, pareço ser.

Depois de guardar minhas compras, atravesso a rua e bato na porta de Charlotte. Eu ouço algo que soa como um corvo gritando para eu entrar, então abro a porta lentamente, encontrando-a enrolada no sofá debaixo de um cobertor.

— Aposto que trabalhar em casa não está funcionando bem para você hoje — falo, fechando a porta atrás de mim.

— De jeito nenhum — ela murmura.

Sento-me na beira do sofá e coloco a sacola de supermercado no meu colo.

— Eu tenho algumas coisas para você. — Eu pego uma caixa de lenço de papel e a coloco na mesa de centro ao nosso lado. Em seguida vem o Advil e o Nyquil, depois uma caixa de chocolates e, finalmente, todas as revistas que eu encontrei nas prateleiras. Quando seus olhos pousam nas revistas, ela se apoia no sofá.

— Uau — diz. — Você é um solteiro bastante recomendável.

Não sei por que, mas as palavras dela me fazem recuar e levanto da ponta do sofá e sento na beira da mesa de centro. A ironia de ter acabado de relembrar o fato de que ela não “toca nesse assunto” há apenas algumas horas, me diz que eu posso ter me ‘zicado’.

Charlotte coloca a mão no meu joelho.

— Hei. — Ela franze suas sobrancelhas com um olhar de frustração. — Você está bem?

— Eu não sei — digo honestamente.

— Foi estranho o que eu disse? — Ela aperta os olhos como se estivesse se preparando para uma resposta atravessada.

— Eu-eu estou tão fodido, Charlotte. — Verdade. Não direi nada além de verdades aqui e agora... não vejo nenhuma vantagem em ser nada além de honesto, enquanto ela começa a descobrir o quão fodido eu estou.

— Eu estou bem consciente. — Ela ri através de outro ataque de tosse. Uma coisa que eu gosto em Charlotte é que ela não fica cheia de dedos em torno de assuntos complicados. — Eu não tenho filtro, mas não me arrependo do que disse. É a verdade.

Eu olho para minhas mãos, pensando em uma resposta não-idiota, mas não consigo pensar em nada, sei que não deveria dizer nada grosseiro já que

eu estive pensando a mesma coisa sobre ela ser uma solteira recomendável.

— Como foi no jardim? — ela pergunta, gentilmente mudando de assunto. Por minha causa, não dela.

— Foi tudo bem. — Suspiro. — Quer que eu faça um chá ou algo assim?

— Não, obrigada — diz ela pouco antes de um espirro.

Levanto-me e levo a sacola vazia para a cozinha, colocando-a na lixeira.

— Se você quiser que eu pegue Lana no ônibus hoje, eu posso fazer isso.

— Ok. — Impressionante. Acabei de arruinar a única amizade que consegui manter por mais de duas semanas. — Oh, seu moletom está pendurado na porta do armário — acrescenta ela.

— Obrigado. — Eu pego e, ao mesmo tempo, sinto meu celular vibrando no meu bolso de trás. Puxo o telefone e vejo que é da escola de Olivia.

— Alô? — respondo, imediatamente ouvindo a enfermeira da escola explicar algo para mim de uma forma que eu não consigo entender. Ou talvez eu não queira entender. — O que você quer dizer? Ela está bem?

O pânico me faz sair da casa de Charlotte sem um adeus ou explicação. O pânico me leva até a escola de Olivia, no dobro do limite de velocidade, e o pânico me faz correr pelas portas da escola, passando pela equipe de paramédicos, rezando para que Deus me poupe de mais sofrimento.



Houve uma época na minha vida em que questionei por que tive tanta sorte. Eu tinha dois pais que superaram as velhas probabilidades de divórcio, boas notas eram apenas algo que acontecia para mim, dinheiro nunca foi um problema, graças ao meu pai e ao seu negócio de sucesso, e assim foi no departamento amoroso — conseguir uma namorada nunca foi problema porque eu sempre tive uma. Às vezes eu me sentava na beira da cama e perguntava a Deus: “Por que eu?” Não era que eu esperasse que as coisas viessem facilmente, ou que a sorte continuasse, mas sempre fui grato o suficiente para temer o dia em que minha sorte poderia mudar. Talvez parte de mim sempre soubesse que iria.

Até o momento em que vi Ellie deitada na cama do hospital, morta, eu não tinha percebido que ela era a minha sorte, toda a minha boa sorte reunida em um único ser. Essas outras coisas na minha vida: pais felizes, dinheiro, inteligência, isso não era sorte. Eu pensei que era bom em dar valor ao que tinha, mas descobri que eu nunca realmente apreciei como deveria ter feito. Eu valorizei as partes erradas da vida. Agora eu aprecio o tempo, o tempo que tive com Ellie, o tempo que levou para ser pai e criar Olivia, e o tempo que Olivia está acordada e em casa. Ao tempo é que eu sou grato, porque sem tempo, nada mais importa.

Eu passo pela secretaria e entro na enfermaria, procurando pela sala até ver a enfermeira da escola, o diretor e a recepcionista em torno de Olivia.

— O que aconteceu? — pergunto. Eles já me disseram pelo telefone, mas preciso ouvir novamente. Eu preciso de todos os detalhes.

Os paramédicos estão atrás de mim e sou forçado a me afastar para que possam cuidar dela. Um deles está puxando as pálpebras para verificar as pupilas com uma lanterna, enquanto outro verifica seus membros. Eu mantenho meu olhar nos paramédicos enquanto a enfermeira descreve em detalhes sobre este “acidente infeliz” no playground.

— Ela subiu até o topo do ginásio e se pendurou nas barras. No momento em que sua professora viu, já era tarde demais... O pé de Olivia havia escorregado por uma das aberturas e ela caiu pelo lado. A queda foi de cerca de 2 ou 3 metros, e ela caiu de cabeça.

Essa foi uma das minhas maiores preocupações durante a visita de reconhecimento. Perguntei-lhes com que cuidado observavam as crianças no parquinho. Eles explicaram quão grande era a proporção professor/aluno, e que cada criança seria cuidadosamente supervisionada. Eles não sabem que basta um segundo?

— Parece uma concussão de grau três — diz um dos paramédicos com naturalidade, sem uma pitada de emoção em sua voz. Quando outro paramédico passa por mim com uma maca, eles colocam um suporte em volta do pescoço de Olivia, que quase cobre seu rosto. Eu não posso nem a tocar porque eles estão em torno dela, me mantendo longe. Eu só posso ver através do espaço entre seus corpos, permitindo-me uma visão da sujeira manchando sua *legging* rosa.

Mais uma vez, pela segunda vez na minha vida, meu coração dói fisicamente. Está batendo em mim de dentro para fora, e estou tendo dificuldade pra respirar. Quem diabos disse: “O que não te mata, te fortalece...”, pode ir pra merda.

— Olivia! — grito, inutilmente. — Olivia, querida, acorde! — Uma mão quente aperta meu ombro, e um peito pressiona contra as minhas costas, mas eu não me viro. Eu não me importo quem está atrás de mim, quem está tentando me mostrar simpatia ou conforto. Minha garotinha está deitada na minha frente inconsciente, por uma maldita queda de dois metros de altura. — Ela vai ficar bem? Eu preciso saber. Ela vai? — Ninguém responde, então eu pego um dos paramédicos pelo ombro, aquele que não está com as mãos em Olivia. E puxo ele até ele se virar. — Ela vai ficar bem?

— Eu não sou médico — diz ele. — Eu não posso lhe dar nenhuma resposta definitiva.

A mão que estava no meu ombro é baixada para o meu bíceps e outra mão repousa sobre o meu outro bíceps. As mãos apertam com mais força, mas eu ainda não me viro. Eu não tirarei meus olhos de Olivia. Quando o paramédico com quem eu estava falando se afasta, vejo que Olivia está sem um sapato. Ela parece descuidada; não se parece com minha filha.

Os dois minutos necessários para tê-la presa à maca parecem uma hora, uma hora de espera impaciente para ela piscar ou dizer a palavra “papai”.

— O senhor pode vir com a gente.

As mãos ao redor dos meus braços me soltam e uma voz ecoa nos meus ouvidos.

— Eu te encontro lá — diz.

Enquanto os paramédicos correm, eu corro, incapaz de sentir as solas dos meus sapatos batendo no chão, ou de ouvir o pânico nas vozes de todos, ou me concentro nas dezenas de crianças ao longo do corredor com medo em seus olhos. Eu sei que está tudo lá, mas me sinto trancado dentro de um túnel com apenas a escuridão do outro lado.

Eu subo na parte de trás da ambulância, ainda forçado a me sentar longe o suficiente de Olivia para poder tocá-la. Talvez, se souber que eu estou aqui, ela acorde.

— Olivia — chamo baixinho. — Você pode me ouvir?

O paramédico que está sentado ao meu lado olha para mim e balança a cabeça ligeiramente como se para me dizer para não me incomodar. Por que eu não me incomodaria?

— Ela está viva, não é? — pergunto com raiva.

— Sim, ela está — diz ele. — Eu só temo que ela não possa ouvir você.

— Você não sabe disso — grito. — Você não é médico, lembra?

— Calma, senhor — diz ele, permanecendo calmo. Diferente de mim.

— Me acalmar? Me acalmar? — grito novamente. — Minha esposa morreu dando à luz esta menina. Ela é toda a porra do meu mundo. Eu queria educá-la em casa só para saber que ela estaria segura. Então você não me diz para me acalmar, entendeu?

— Isso é irracional — diz ele, olhando para longe de mim. Arrogante, pretensioso, aspirante a médico.

Eu quero bater nele. Eu quero dar um soco na porra da mandíbula dele agora, mas eu sei que eles me expulsariam desse veículo claustrofóbico, então eu fecho minha boca e aperto minha mandíbula.

Nós chegamos ao hospital. Este hospital — este lugar horrível de morte

que eu prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria a pisar, e ainda assim estou aqui. Já me roubou Ellie e agora está ameaçando tomar minha doce e pequena Olivia.

Enquanto ando pelo interminável salão branco, uma imagem passa pela minha mente embaçada, Olivia, com dois dias de idade na cadeirinha, que passei horas aprendendo a desmontar e a montar de novo, só para ter certeza de que saberia exatamente como operar quando chegasse a hora. Ela estava de cócoras confortavelmente, olhando para mim enquanto eu segurava firme o assento no meu abraço. Lembro-me de pensar que “Somos só você e eu agora”, enquanto me perguntava como ia fazer isso, ser o único provedor dessa menininha para cada coisa de que ela precisasse. Então me perguntei como cheguei a esse ponto e por quê? Como eu poderia imaginar sair desse hospital sem Ellie? Esse não foi o plano.

A visão dos paramédicos empurrando Olivia em uma das áreas de triagem me tira do transe. Uma enfermeira nos saúda assim que Olivia é transferida da maca para a cama.

— O senhor está muito pálido — diz ela enquanto puxa uma cadeira e bate no braço. — Sente-se. — Eu faço o que ela pede, porque eu não acho que minhas pernas são fortes o suficiente para suportar o peso do meu coração por mais tempo. — Um médico estará aqui logo. — Ela coloca a mão no meu ombro e eu a olho.

Um rosto familiar me olha, mas eu não falo muito para confirmar a pergunta passando por seus olhos. Sim, pareço familiar. Sim, foi você quem me deu Olivia assim que ela nasceu e quando minha esposa morreu. Eu estou supondo que eu só pareço familiar para ela. Este hospital vê centenas de pessoas por dia, tenho certeza.

— Obrigado.

— Sr. Cole. — Ela suspira. — Já faz um tempo. — Seu lábio inferior treme e seus olhos se enchem de lágrimas. — Vamos dar à sua menina o melhor cuidado possível. Eu prometo.

— Você se lembra de mim? — pergunto, chocando minha voz rouca.

— Eu nunca me esqueci de você. Eu nunca poderia esquecer. Você e Olivia não saíram da minha mente durante anos. Eu penso em vocês frequentemente, imaginando como estão indo. — Ela desvia o olhar dos meus olhos e se concentra em Olivia. — Ela parece com a mãe. E é linda. — A enfermeira coloca a mão no meu ombro e diz: — Eu já volto.

Como prometido, um médico vem correndo e vai até a cabeceira de

Olivia. Ele se apresenta e depois examina Olivia da cabeça aos pés, inspecionando suas pupilas e pescoço primeiro. Ele se vira para mim, dizendo:

— Precisamos mandá-la para uma tomografia imediatamente. — Ele pega o telefone e dá a ordem para quem está do outro lado da linha. Em menos de dois minutos, a cama de Olivia está sendo retirada da sala e levada pelo corredor. Quando entramos na nova área, me pedem para permanecer na sala de espera porque não posso ir com ela para a tomografia computadorizada. Mais uma vez, sou forçado a sentar em uma sala de espera, aguardando para ouvir o destino da única pessoa viva que eu amo.

— Posso pegar um chá ou café para você? — pergunta a enfermeira, a mesma enfermeira que se lembra de mim. A mesma enfermeira que foi capaz de comunicar que Ellie não ia sobreviver com apenas um olhar. Ela não tem esse olhar agora, mas talvez esteja mais experiente em esconder suas emoções.

Eu balancei a cabeça e deixei cair meu rosto sobre as mãos.

— Meu nome é Caroline — a enfermeira diz baixinho enquanto se senta ao meu lado. — Você está fazendo um trabalho maravilhoso com Olivia.

Eu levanto meu rosto das mãos e olho para ela com nada além de interrogação. Como no mundo alguém poderia sentar aqui e me dizer que estou fazendo um trabalho maravilhoso? Minha filha está inconsciente em uma cama de hospital. Estou pensando se é válido ter alguém que acredite na minha capacidade de cuidar de uma criança, não importa se fazendo nada mais que um trabalho legal.

— Eu lamento discordar — respondo, soando menos cínico do que eu realmente me sinto.

— Oh, querido, as roupas dela combinam, o cabelo dela tinha dois grampos colocados nos dois lados, e cabelo dividido certinho no meio. Suas meias combinam. Seus dentes estão limpos. Sua barriga está cheia. Estas são apenas as poucas coisas que notei no minuto em que ela chegou aqui. Eu sei que não é muito, mas posso dizer imediatamente que ela é uma criança bem cuidada. — Caroline tira a minha mão esquerda do meu colo e aponta para o meu dedo anelar. — E você está cuidando dela mesmo, não é? — Ela sabe sobre Ellie, o que significa que está perguntando se eu segui em frente.

— Sim — respondo, olhando para o meu dedo vazio junto com ela. Eu lutei com a decisão de tirar minha aliança. Eu finalmente tirei no ano passado e coloquei em uma caixa com a aliança de Ellie.

— Olivia vai ficar bem — Caroline me diz.

Lembro de perguntar a Caroline se Ellie ficaria bem e ela não me responder. Mas aqui está ela, oferecendo essa informação espontaneamente por mim.

— Vai? — Eu preciso de esperança. Por favor, me dê um pouco de esperança para me segurar.

— Hunter! — grita uma voz da porta. — Hunter. — Charlotte corre e joga os braços em volta do meu pescoço como se fizéssemos esse tipo de coisa, abraçar quando se precisa de um abraço.

Ainda estou olhando para Caroline, enquanto um pequeno sorriso se forma em seus lábios. Enquanto as rugas em suas bochechas se suavizam e um brilho feliz envolve seu rosto. Ela coloca a mão nas minhas costas e se levanta.

— Eu vou deixar os dois por um momento e vou ver Olivia.

— Obrigado — respondo a ela, então me viro para Charlotte com o que tenho certeza que é um olhar perplexo, pergunto: — Como você sabia que eu estava aqui?

— Quando saiu da minha casa tão rápido depois de receber o telefonema, sem nem dizer adeus, suspeitei que poderia ter sido a escola ligando sobre Olivia, então liguei para eles. Eu estava com você na escola, mas... de qualquer forma, eu ouvi o que aconteceu e eu te segui até aqui porque achei que você poderia precisar de mim. E eu não queria que você ficasse sozinho. Eu teria chegado aqui antes, mas estava procurando por você — Charlotte diz, sem fôlego. Foram as mãos dela tentando me abraçar na escola. É Charlotte quem está sempre presente ultimamente. E ainda assim fico com medo quando ela me diz que sou um homem desejável. O que diabos está errado comigo? — O balcão de administração não tinha certeza de onde você poderia estar e liguei para o seu telefone uma dúzia de vezes. Enquanto corria pelos corredores, achei que a segurança iria me expulsar, mas, em vez disso, eles me ajudaram a encontrar você. Como ela está? Ela está bem? Você está bem? Precisa de algo? Eu estava tão preocupada. — Charlotte soa selvagem e fora de controle. A preocupação em sua voz é pura e cheia de compaixão sincera por Olivia, por mim. É algo que não escuto há um tempo desde que afastei todo mundo, todos incluindo meus próprios pais. Eu não permitiria a presença de compaixão em minha vida porque isso tornava tudo pior. AJ é o único que eu não afastei, porque ele não é compassivo. Ele é um idiota como eu, apenas de uma maneira diferente, uma maneira que posso tolerar a maior

parte do tempo.

— Obrigado por ter vindo — digo, honestamente. — Ela está fazendo uma tomografia computadorizada, mas ainda está inconsciente. — Os braços de Charlotte permanecem em volta do meu pescoço enquanto ela geme no meu ouvido. A faca revestida de simpatia que normalmente sinto esfaquear no meu peito quando alguém está tentando “me fazer sentir melhor” é mais como um formigamento sem sentido desta vez e eu não tenho energia para colocar minha parede protetora. Em vez disso, fecho meus olhos e tento ignorar tudo ao meu redor, menos a sensação dos braços de Charlotte envolvendo meu pescoço e, pela primeira vez, não me forço a imaginar Ellie como a dona dos braços. Pela primeira vez, sinto um conforto que nunca imaginei sentir novamente. Mas é incontrolável e, apoiando-me em Charlotte, permito-o. Permito-o porque estou em tão desesperada necessidade de consolo que, de repente, me sinto desidratado da seca de afeto que agora percebo que desejo. Eu acho que preciso de Charlotte para saciar minha sede de proximidade.

Rendendo todas as minhas restrições, meus braços se movem ao redor da cintura fina de Charlotte e eu a puxo para o meu colo, enterrando minha cabeça em seu ombro.

— Por quê? — gemo.

— Ela não deixará nada acontecer — sussurra Charlotte no meu ouvido.

— Quem? — pergunto, sabendo o que eu quero ouvir, mas também entendendo que ninguém pensa do jeito que eu quero.

— Qual é o nome da sua esposa? Você não me contou.

Você não perguntou.

— Eleanor. Ellie.

— Eleanor Cole — ela repete seu nome em apenas um sussurro, um que faz o nome de Ellie soar como se também fosse nada mais que um fantasma. Depois de um suspiro agudo e uma expiração trêmula, Charlotte fala suavemente: — Ellie é o anjo de Olivia e seu. Ela não deixará nada acontecer com nenhum de vocês. Eu acredito.

Meus braços se apertam em torno dela enquanto seu cheiro se infiltra em meus sentidos. O cheiro que me recusei a inalar com medo de amar, penetra nas rachaduras seladas do meu coração frio. A luta que eu travei para manter uma distância emocional de Charlotte foi perdida. Flores. Ela tem cheiro de baunilha e Clematis. Eu inalo tanto quanto meus pulmões permitem, surpreso com o quanto eu sou capaz de respirar de uma só vez. Durante anos, meus

pulmões se sentiram esvaziados, como se eu fosse incapaz de me encher de oxigênio suficiente, mas agora posso respirar livremente.

O alívio momentâneo no meu peito é rapidamente nublado quando o médico passa pela porta. Ele não expõe suas palavras ou pensamentos, ou até mesmo olha para mim com algum tipo de careta preocupada, já que ele evoca as palavras apropriadas necessárias para chegar até a garganta de uma pessoa e arrancar o coração da sua cavidade torácica. Novamente. Charlotte se move do meu colo para a cadeira, como se ela sentisse que eu precisava do espaço desesperadamente.

— Charlotte Drake — diz o médico, interrompendo a informação que ele precisa me dar neste exato segundo. — Como é incomum ver você por aqui novamente. Já faz alguns anos, não é?

— Como está Olivia? — Charlotte retorna o foco para onde deveria estar.

O médico interrompe sua mudança momentânea de atenção de Charlotte de volta para mim.

— É uma concussão moderada, mas ela acordou bem no meio da tomografia computadorizada — diz ele com uma risada suave. — Ela é bem danadinha, hein? — O alívio da agonia, medo e todas as outras emoções me tira do meu lugar e me leva para o médico, onde eu me seguro para não me atirar sobre ele de braços abertos.

— É, ela vai ficar bem? — gaguejo.

— Ela vai ficar bem, Sr. Cole. — Ele olha para as anotações e volta para mim. — Eu quero mantê-la essa noite para mais observação. Ainda estamos aguardando os resultados de mais dois exames, mas tenho certeza de que tudo sairá como eu espero.

— Eu vou ficar com ela — digo a ele, exigente.

— Está tudo bem. — O médico se vira para a porta. — Nós vamos acomodá-la em um quarto agora e você pode ir ficar com ela. Foi bom ver você de novo, Charlotte. — Ele acena por cima da cabeça, desaparecendo na neblina que estou olhando.

Quando a porta se fecha, eu volto para Charlotte, que parece estar enviando uma mensagem para alguém em seu telefone.

— Só pedindo a Rosy, uma das mães do ônibus, para pegar Lana pra mim.

— Você não tem que ficar — digo. Estou acostumado a ficar sozinho e internalizar meus medos e dores, confiando em ninguém além de mim mesmo para seguir em frente de um momento para o outro.

— Eu sei que não. — Ela segura o telefone, observando a tela por alguns segundos antes de colocá-lo de volta no colo. — Lana vai ser pega, então sou toda sua se você quiser, mas eu posso ir também. O que você precisa agora.

Eu não entendo. Não entendo o que é isso.

— Por quê? Por que você continuamente quer estar perto de mim? Eu mal sei como formar um sorriso, quanto mais soltar uma piada digna de riso. Eu te afasto. Eu não sou um bom amigo e, francamente, sou um idiota com você mais vezes do que deveria. Então, por que, Charlotte? Tem que haver uma razão lógica para esse derramamento de benignidade imerecida.

Ela ergue o queixo e estreita os olhos enquanto um leve sorriso toma forma em seus lábios.

— Isso pode soar meio arrogante, mas eu sou uma excelente juíza de caráter. Eu gosto de pensar que tenho a capacidade de olhar nos olhos de uma pessoa e saber exatamente quem ela é por dentro. Tudo o que você retrata do lado de fora é uma máscara, então ninguém sabe quem você realmente é ou o que está sentindo.

Eu sinto vontade de rir, não porque é engraçado, mas porque eu quero dizer a ela que o que ela vê é o que eu sou. Não há diferença da frieza que mostro no meu rosto para o frio que permanentemente congelou meu coração em pedra.

— Dentro, há uma alma perdida e sem esperança, sem direção. Isso é o que está dentro. Então, se é isso que você está vendo, ainda não responde à minha pergunta sobre por que você gostaria de ser amiga de alguém como eu. — Não tenho certeza se quero ouvi-la responder. Não sei se sei como abrir a tampa do meu mundo solitário para dar espaço a alguém que se preocupa comigo.

— Estou ciente — diz. — Eu não quero te consertar e eu não quero que você mude — fala, desviando o olhar de mim e encarando seu tênis vermelho vivo. — Então não vá pensar nisso também. — Ela só quebra o contato visual quando algo está incomodando dentro dela ou quando fica desconfortável dizendo o que está tentando dizer. — Você é uma pessoa incrivelmente forte que toma ervas daninhas e as transforma em lindas flores, literalmente. — Ela ri e olha de volta para mim, suas bochechas agora um pouco rosadas. — Olha, Hunter, eu não tenho uma resposta honesta, mas há uma atração que sinto por você e segui meu instinto. Como disse, não quero que você mude toda vez que olho pra você. Eu só desejo que você ganhe a habilidade de se curar. Eu sei que não vou ajudar nesse departamento, mas isso não significa

que não queira estar perto de você. Porque, quer você queira ou não, você vai se curar. — Com um sorriso, ela continua dizendo: — Nós também somos vizinhos, então estamos presos um ao outro. Podemos tirar o melhor proveito disso.

Normalmente, eu ficaria com raiva se alguém me dissesse que essa dor não duraria para sempre. Eu acho que posso ser um glutão pela dor que não vai desvanecer. Eu me agarro como uma tábua de salvação, mas à medida que Olivia fica mais velha e mais consciente de quem eu sou, acho que posso ter que deixar um pouco da minha dor aliviar, mesmo que seja só por ela.

— Tudo bem. Faz sentido. — Eu acho. Mas eu não tenho certeza do que acabei de aceitar.

A enfermeira Caroline volta e acena com a cabeça para que eu a siga. Eu passo por Charlotte, que está olhando para mim e esperando por uma decisão que eu deveria tomar sobre se eu quero ou não que ela fique. A pessoa que eu fui, quem eu ainda poderia ser, diria adeus e obrigado. No entanto, eu posso estar cansado de ser essa pessoa. Eu estendo minha mão para ela, fecho os olhos e respiro fundo novamente. Essa é a coisa certa a fazer. Para mim.

Charlotte engole em seco e alto o suficiente para eu ouvir, em seguida, pega a minha mão e se levanta para se juntar a mim. Seu toque é quente, macia, pequena, perfeita, obrigando-me a entrelaçar meus dedos nos dela e apertar um pouco mais, enquanto luto contra a dor aguda que percorre meus nervos. Pensando bem, talvez não seja dor; talvez seja essa coisa de conforto novamente. Como uma pessoa podia estar tão perdida a ponto de confundir os sentimentos de dor e conforto?

Enquanto andamos pelo corredor, a mão livre de Charlotte envolve meu braço, seu corpo pressionado contra o meu, e quanto mais nos aproximamos do quarto de Olivia, menos meu peito dói. Eu considero liberar a mão de Charlotte antes de entrar no quarto de Olivia, mas não o faço.

— Papai! Charlotte! — Olivia grita. Ela imediatamente faz o que eu sabia que faria, olha para nossos dedos entrelaçados e sorri, aquele sorriso, aquele que toma conta de todo o seu rosto. Assim como o de Ellie.

Nossas mãos se separam enquanto eu corro para o lado de Olivia, ajoelhando-me para poder me aproximar o máximo possível de seu rostinho.

— Você me assustou tanto, Olivia. Eu estava tão preocupado com você. — Eu envolvo meu braço em torno dela e a seguro com força até que ela geme e se contorce do meu aperto.

— Eu estou bem — diz ela, tão segura como sempre. Ela está sempre

“bem”.

— O que você estava fazendo na parte de cima do play? — eu pergunto, olhando em seus olhos apologeticos.

Ela não pisca enquanto fica parada pensando em uma resposta, e seu olhar me faz questionar se ela não se lembra ou apenas não quer me dizer. Depois de um longo minuto, um suspiro suave é expelido por seus lábios quando ela diz:

— Alguém me perguntou onde a mamãe estava e o topo do play foi o mais próximo que eu poderia chegar a ela. — Ainda que ache que vou ficar bem, sua explicação me devasta.

Quando Olivia me pergunta onde é o paraíso, eu costumo dizer que fica nas nuvens porque, por enquanto, aos cinco anos, é fácil entender. Quando eu disse isso a ela, Olivia respondeu com confusão, dizendo que não podia tocar as nuvens; portanto, não podia tocar em Ellie. Eu disse a ela que se chegasse alto o suficiente e fechasse os olhos, ela podia sentir as nuvens, assim como Ellie. Isto é minha culpa.

— Você me disse se eu chegasse alto o suficiente...

— Eu sei o que eu te disse, querida, mas eu estava errado. Eu...

Charlotte vem ao meu lado e se ajoelha também.

— Olivia — diz ela, sua voz suave e quente. — Se você fechar os olhos, não importa onde esteja, poderá sentir sua mãe, no céu. Você não precisa subir muito alto para alcançá-la... — Charlotte faz uma pausa para conter um soluço, provando uma dificuldade em oferecer a Olivia este conselho sólido. Sua respiração se acalma e um sorriso retorna aos seus lábios enquanto ela continua: — Porque sua mãe está bem aqui. — Charlotte aperta o peito de Olivia, sobre seu coração. — Feche os olhos, querida.

Olivia fecha os olhos, mas abre um pouco para olhar para nós, com ceticismo.

— E agora? — Ela ri.

— Você tem que manter os olhos fechados e imaginar como sua mãe se parece, como sua pele pode parecer, e como sua voz soa. — As palavras de Charlotte mudam de doces para suaves, sérias e críveis, uma combinação que faz Olivia relaxar na cama e fechar os dois olhos.

Eu assisto enquanto Charlotte continua a falar sobre Ellie como se a conhecesse, e eu vejo como um sorriso puxa os lábios de Olivia em resposta. A conexão entre as duas agora é quase demais para acontecer. Eu nunca vi Olivia tão calma e pacífica, não importa a ocasião.

— Eu acho que posso senti-la — diz Olivia em um sussurro. — A voz da mamãe soa como uma música bonita e sua pele parece uma pétala de flor. Ela parece comigo, mas maior, eu acho. — O sorriso de Olivia se alarga e suas bochechas ficam um pouco mais rosadas. — Ela realmente me ama, não é?

— Mais do que você poderia imaginar — digo a ela, sentindo minha garganta inchar em seu nó familiar.

— Ela também ama você, papai.



DEZEMBRO
UM MÊS DEPOIS

— Posso sair e brincar com Lana? — Olivia implora. Eu a mantive dentro de casa nas últimas semanas, não querendo tirar meus olhos dela nem por um segundo depois do susto que ela me deu.

— Hunter — AJ grita da sala de TV. — Deixe a criança sair e brincar. — Às vezes, morar com AJ é como viver com uma esposa chata, ele está constantemente reclamando e pega no meu pé como a maior parte delas faz. A parte engraçada é que ele não mora comigo, ele só passa mais tempo aqui do que na sua própria casa com Alexa, pelo que eu não tenho certeza se posso culpá-lo. Embora Alexa hoje esteja aqui com ele, ela está aqui com o AJ todos os domingos de manhã para o “Café da Manhã da Família”.

— O café da manhã vai ficar pronto em apenas alguns minutos — grito para os dois.

— Vovó e vovô acabaram de chegar! — Olivia grita do lado de fora da porta da frente. O que ela está fazendo lá fora? Eu coloco minha cabeça pra fora enquanto ovos crus escorrem do batedor na minha mão.

— Olivia, entre! Por que você está usando calça e botas de neve?

— Eu quero ir brincar nas folhas com Lana — ela lamenta.

— Ok, primeiro, não é preciso usar calças de neve e botas para brincar nas folhas, e segundo, você está usando um vestido de verão por cima. Terceiro, seus avós acabaram de chegar.

— Você é um pé no saco — diz Alexa para mim quando encontra Olivia na sala de estar. — Olivia, você parece fabulosa nessa roupa. Venha aqui e deixe-me ajeitar o seu cabelo.

Eu volto para os ovos e *waffles*, meu ritual de domingo de manhã. A cafeteira está em pleno andamento e eu tenho tudo sob controle.

— Vamos tomar o café da manhã, tem bastante! — Ouço a voz da minha mãe gritando na garagem. Eu não sei quem ela está convidando, mas imagino que seja Charlotte. — Não, não seja boba! Venha. Eu trouxe bolo de café e bolinhos! — Alguns minutos de silêncio depois ela continua. — Ok. Claro, querida, vou perguntar a ele.

A porta se abre e papai está chamando por Olivia em sua voz de *Cookie Monster*:

— Onde está minha princesinha?

Os gritinhos de Olivia me fazem rir. Ela vive para as manhãs de domingo com toda a família. Há algo sobre uma casa cheia que faz Olivia se sentir no topo do mundo, e essa é a razão pela qual eu continuo fazendo isso toda semana, independentemente de quanto trabalho dá. Eu não posso dar a Olivia uma família normal, mas posso dar a ela uma família cheia de amor.

— Querida, o que você está vestindo? — mamãe pergunta a Olivia. Eu sabia que isso ia acontecer.

— Eu vi na Vogue — ela responde. Eu fecho meus olhos e balanço minha cabeça. Alexa é uma influência tão incrível pra ela ...

— Muito engraçado — diz mamãe. — Hunter, querido. — A voz da mamãe fica mais alta quanto mais perto ela chega da cozinha. Encontrando-me no fogão, ela coloca suas mãos em meus ombros enquanto fica na ponta dos pés para dar um beijo na minha bochecha. — Olá querido, eu trouxe algumas coisas esta manhã.

— Oi, mãe.

— Hunter, eu convidei Charlotte. Ela estava tirando as compras do carro, então eu fiz o convite, mas ela não queria incomodar. Você se importaria se ela se juntasse a nós? — Eu sorrio somente pelo fato de ter convidado Charlotte alguns dias atrás e ela ter recusado devido a se sentir sem jeito. Eu

não a apresentei oficialmente ao resto da minha família, já que AJ era motivo suficiente, mas, graças a AJ, mamãe sabe tudo sobre ela.

— Isso seria legal — digo.

— Vocês dois estão... — Ela limpa a garganta. Eu olho para ela, sentindo uma onda de calor percorrer minhas bochechas. Mamãe e eu nunca falamos sobre relacionamentos ou mulheres de forma alguma. Ellie cresceu em nossa vida e tudo se encaixou nos momentos apropriados, então “a conversa” nunca foi necessária. Olhando para ela agora, com as sobrancelhas levantadas, sinto a necessidade de dizer a ela para não perguntar.

Em vez disso, acabo falando:

— Estamos o quê?

Ela bate nas minhas costas.

— Oh, Hunter, você sabe o que quero dizer.

— Somos amigos — lembro-lhe pela décima quinta vez no último mês. Somos amigos, amigos que olham um para o outro como amigos não deveriam se olhar. Amigos que se abraçam por muito mais tempo do que o normal se abraçar ao se despedir no final de uma conversa noturna em um de nossos sofás. Amigos que não ousaram levar as coisas um passo adiante com medo de perder o único amigo que cada um de nós tem. Eu me apaixonei por minha amiga... e não sei o que fazer sobre isso.

— Hunter, eu sei como você se sente sobre a minha intromissão em sua vida pessoal, e eu realmente tentei o meu melhor ao longo dos últimos dois anos para não forçar você. — Isso é verdade; em vez disso, ela encheu os ouvidos de AJ, sabendo que ele não consegue manter nada para si mesmo. Ela até tentou usar Olivia. Ambos informaram mamãe, mas ela não sabe que sei disso. — Eu só acho que essa mulher é querida e ela tem uma menina da idade de Olivia.

— Você nunca a conheceu — lembro a mamãe.

— Mas eu adoraria.

— Então vá convidá-la. — Eu rio. — Certamente isso irá melhorar a manhã de Olivia.

— Você disse meu nome? — Olivia diz, entrando na cozinha com quatro rabos de cavalo alinhando o centro de sua cabeça da frente para trás, moldando um moicano perfeito.

— Sério, Alexa? — grito.

— De nada — diz ela. Mamãe revira os olhos, pensando de Alexa o mesmo que eu.

— Eu volto já. Vou levar seu convite para Charlotte. — Normalmente, eu ficaria muito preocupado em mandar minha mãe para conversar com alguém a quem estou ligado, mas avisei Charlotte sobre minha mãe. Nada poderia ser uma surpresa, eu espero.

Termino os *waffles* e pego os pratos de papel e os guardanapos assim que ouço mamãe e Charlotte rindo enquanto entram na casa.

— Lana, eu ouvi que você e Olivia são melhores amigas. Está certo? — mamãe pergunta.

— Melhores amigas no mundo — diz Lana.

— Bem, ela guardou um lugar na mesa na sala de jantar pra você. Por que você não entra e a vê enquanto sua mãe e eu continuamos conversando? — Sem sequer um aviso, ouço Lana voando pela sala de estar, seguida por um gritinho de Olivia. A quantidade de barulho que duas meninas podem fazer é incrível.

Um por um, coloco os pratos cheios na sala de jantar de forma desordenada, e Charlotte se apressa em me encontrar na cozinha para ajudar na arrumação.

— Estou feliz que você veio.

— Como eu poderia dizer não à sua mãe? — ela diz baixinho com um sorriso torto.

— Eu não sei. Eu imaginei que você diria a ela do mesmo jeito que você disse não para mim. — Eu a cutuco de brincadeira no ombro enquanto ela passa por mim com uma jarra de suco de laranja e duas canecas de café.

Estou enxaguando a frigideira quando Charlotte retorna para pegar mais coisas. Ela me abraça pelas costas e apoia seu rosto no meu ombro. Isso é legal.

— Sua família é realmente ótima. Com meus pais sempre viajando, não me sinto bem-vinda assim em nenhum lugar há muito tempo — diz. Aprender sobre Charlotte nos últimos meses tem sido um processo de quebrar lentamente uma barreira que ela tentou arduamente manter no lugar. Enquanto ela geralmente não tem filtro, seu passado é uma história diferente, uma que parece estar enterrada em um lugar que só ela conhece. Eu acho que meio que temos isso em comum.

— Eu espero que eu não esteja interrompendo nada — diz mamãe, entrando com o jarro de suco de laranja agora vazio. O olhar no rosto da mamãe é quase ameaçador, como se ela estivesse planejando meu futuro com Charlotte nesse exato segundo. Eu sei que ela tem boa intenção, mas eu não

sei como dizer a ela que o futuro é uma definição improvável, é algo que eu me recuso a considerar ou pensar. Se eu não pensar em um amanhã, não terminarei de coração partido quando me encontrar em outro mundo vazio cheio de apenas *ontens*.

— Não, já estávamos indo nos juntar a todos — digo, afastando-me de Charlotte e tomando o jarro de suas mãos. — Vá na frente, eu vou encher isso e irei para lá. — Minha mãe gentilmente coloca o braço em torno de Charlotte e a leva de volta para a sala de jantar.

Quando ouço a conversa crescente, um sentimento de contentamento me preenche por dentro, trazendo consigo uma sensação de algo certo, algo desconhecido e que eu acho que gosto. Calor me acalma por dentro e estou nervoso por sentir o que sinto.

Desde o momento em que Charlotte entrou em casa hoje, não pensei em Ellie ou no fato de que o café da manhã de domingo era uma coisa que nossas famílias fizeram juntas por anos até que ela morresse.

As únicas refeições que eu compartilho com os pais de Ellie agora são as forçadas que eles planejam para que possam ver Olivia uma vez por mês. Eles olham para mim como se eu tivesse matado a filha deles, como se eu tivesse plantado uma semente destrutiva no útero dela e tirado tudo o que eles amavam. Às vezes eles olham para Olivia da mesma maneira e eu quero machucá-los e fazê-los sentir um pouco do que eles me fazem sentir. Embora, por mais que eu odeie viver com a perda da minha esposa, eu não sei como é perder uma filha e não vou julgá-los por seu comportamento em relação a mim, mas não entendo como eles podem fazer o mesmo com Olivia, sua neta e o único pedaço de Ellie que restou.

— Hunter — mamãe chama. — A comida está ficando fria. — Eu largo o pano de prato e enxugo as mãos nas laterais da minha calça. A visão que tenho quando entro na sala de jantar só pode ser descrita como felicidade. No entanto, rapidamente me deparo com uma realidade que tenho estado fechado demais para perceber. E quando todo mundo olha para mim, os sorrisos desaparecem e meu coração afunda um pouco. Eu estou fazendo com que todos ao meu redor sintam o que eu sinto, minha tristeza, minha autoaversão. O silêncio acompanha os rostos sérios enquanto me sento entre Charlotte e Olivia.

— Eu disse algo errado? — pergunto, sabendo que não disse nada. — Vocês estavam todos sorrindo até o momento em que entrei. — Eu preciso ouvir a verdade. Eu sou tão ruim assim? Charlotte também se sente assim?

Olivia?

— Você não é a pessoa mais feliz — Alexa fala primeiro. — É difícil ficar feliz perto de você, às vezes, porque acho que todos nós nos sentimos culpados por você não poder estar feliz conosco. — Mamãe e papai acenam com a cabeça concordando, provavelmente gratos, pela primeira vez, por Alexa ter tido a coragem de dizer alguma coisa... algo que eles também estavam sentindo, mas não sabiam como dizer em voz alta. Olivia está sufocando uma risada com a mão em concha sobre a boca, provando que não entende o que Alexa está falando, felizmente. E Charlotte, ela está olhando para mim do jeito que eu não quero que ela olhe, como se tivesse acabado de chegar à conclusão que eu poderia estar tentando esconder algo dela.

Eu respiro fundo, esperando aliviar um pouco da dor no meu peito, mas estranhamente, o ar extra só me faz sentir mais sufocado. Eu posso sair agora e fazer uma cena, posso ignorar tudo o que o Alexa acabou de dizer, ou posso dizer a verdade. Tomando uma decisão que surpreende até a mim mesmo, deixo escapar:

— Você está certa. — Ela está certa. — Sinto muito pelo peso que coloquei em vocês nos últimos cinco anos, — Quantas vezes posso dizer isso a todos eles antes que deixe de ser verdade?

Nos grupos de apoio que costumava frequentar, testemunhei algumas pessoas curando mais rápido do que outras. Algumas viúvas começaram a namorar apenas alguns meses após a morte do marido, enquanto algumas se opuseram completamente à ideia de um novo parceiro. Eu fui parte do último grupo por um longo tempo, mas o nevoeiro clareou o suficiente para eu ver um pouco mais adiante e vejo uma longa estrada, uma longa vida, uma na qual não tenho certeza se quero permanecer sozinho, em um estado constante de tristeza. Então, não tenho certeza se tomei a decisão de ser infeliz; eu não consegui descobrir como não ser. Às vezes sinto como se estivesse batendo em uma janela de vidro, tentando chamar a atenção de todos que amo, mas eles não me ouvem. Eu sinto que temos essa conversa com muita frequência e eu realmente gostaria que eles pudessem deixar isso para lá hoje com Charlotte aqui.

— Você sabe quantas vezes já disse isso? — papai diz. — O número de vezes que você se desculpou torna isto um pouco menos significativo, filho — Isso não é algo que eu queria que Charlotte fizesse parte, e pelo seu olhar, posso sentir que ela sente o mesmo.

— Minha melhor amiga perdeu o marido — Charlotte afirma como uma

oferta de paz. — Acredite ou não, Hunter está indo muito melhor do que ela estava cinco anos depois de sua morte.

— Oh, querida, eu sinto muito — mamãe fala. — Eu não posso imaginar o que ela deve ter passado, a coitadinha.

Sim, você pode! Oi! Você me assistiu passar por isso.

— Bem, com certeza você pode, Sra. Cole. — Charlotte solta um longo suspiro antes de colocar o guardanapo sobre o colo. — É bem parecido com o que Hunter já experimentou; no entanto, minha amiga não tem filhos, o que tornou mais fácil para ela escorregar ladeira abaixo, uma que incluía drogas, álcool e outras coisas que não são apropriadas para discutir na mesa. — Charlotte coloca a mão em volta da sua caneca de café, apertando-a como se fosse um alívio do estresse. — Eu sei que só conheci Hunter há alguns meses, mas eu acho que, considerando tudo, ele está indo muito bem.

Eu me sinto estranho enquanto falam de mim como se eu não estivesse sentado aqui, mas eu me sinto lisonjeado por Charlotte ter se mostrado orgulhosa de mim para minha família. O que ela acabou de fazer foi ousado.

Mamãe parece um pouco surpresa. Seus olhos estão arregalados e suas sobrancelhas estão presas cerca de um centímetro mais altas do que deveriam estar. Papai, porém, está apertando seus lábios tentando esconder um pequeno sorriso. Ele gosta da confiança de Charlotte. Ele me disse muitas vezes durante a minha vida que ele acha sexy e bonito uma mulher confiante.

Todos esperamos em silêncio que alguém responda, mas não tenho certeza se é necessária uma resposta.

— Olha — eu finalmente rompo o silêncio. — Sim, eu tenho sido uma pessoa infeliz, difícil de se estar por perto, tenho certeza. Eu sei que já faz cinco anos e talvez eu devesse ter superado a minha dor quatro anos atrás, mas ela fez parte da minha vida por vinte anos. O tempo ainda não me curou, então o que eu devo fazer? Vocês querem que eu finja que estou bem melhor? — Eu forço um sorriso estúpido. — Como é isso? Parece real o suficiente?

— Hunter — diz mamãe, desapontada.

— Melhor ainda — continuo. — Talvez eu devesse simplesmente ter desistido. Talvez eu devesse ter feito o que pensei em fazer tantas vezes depois que ela morreu.

A mão de Charlotte procura pela minha em meu colo e enrosca os seus dedos nos meus. Ela aperta com força, silenciosamente me dizendo para parar de ir na direção em que estou indo.

— Você está certo — diz mamãe. — Charlotte, você está certa também. Todos nós nos esforçamos tanto para ajudá-lo a se tornar feliz novamente, que não conseguimos perceber o quão longe você chegou e o que superou. Eu acho que falo por todos nós quando digo que podemos ter um pouco mais de compreensão para o tempo que está levando, vai demorar para você encontrar algo que te faça sorrir do jeito que você sorriu uma vez.

Eu os vejo uma vez por semana, e Charlotte normalmente não está aqui, então o que eles não veem é que eu sorrio como antigamente. E não é porque estou apaixonado por essa mulher sentada ao meu lado, é porque alguém teve paciência suficiente para ouvir e realmente entender o que eu passei, o que eu ainda estou passando, a tristeza que estou vivendo. Sua paciência tem sido algo que ninguém mais me ofereceu e, apesar de minha bagagem emocional, ela gosta da minha companhia tanto quanto eu gosto da dela.

— Eu sorrio — corrijo a mamãe. Eu olho para Charlotte, então pego sua mão e a puxo para cima da mesa para todo mundo ver, provocando um olhar surpreso dela. — Essa mulher me faz sorrir, e não, nós não estamos “namorando”, já que eu sei que vocês amam rótulos, mas ela é minha melhor amiga... e talvez mais. — Talvez mais. O que mais implicaria? Mais como no que penso em fazer, mais como no que evitei cuidadosamente? Mas quando eu finalmente cruzar essa linha, as lembranças de Ellie desaparecerão lentamente? O olhar de surpresa de Charlotte se transformou em um lampejo de prazer, e vejo um brilho em seus olhos.

— Eu sabia! — AJ grita em toda a mesa. — Seu cachorrão. Isso é uma grande vitória, confie em mim.

Bem, essa foi uma maneira fácil de desviar a atenção de mim. Mamãe está olhando para AJ, e Alexa está prestes a dar um tapa nele.

— AJ — mamãe repreende.

— Hei, eu quis dizer uma grande vitória para ele. — As palavras de explicação de AJ não funcionam tão bem quanto ele provavelmente pensou que fariam, e estou começando a me perguntar por que o sangue fugiu de seu rosto e por que ele parece prestes a vomitar.

— Talvez eu deva dizer, eu sabia — diz Alexa, saindo da mesa. — Charlotte. Eu deveria saber.

— Eu perdi alguma coisa? — pergunto.

Alexa está com um pé fora da porta quando diz:

— Oh, você não sabe, não é?

A mão de Charlotte desliza da minha e eu começo a tirar conclusões que

não me fazem bem.

— Meninas, vocês estão todas prontas? — mamãe pergunta para Lana e Olivia.

— Sim — Olivia responde, provavelmente tão confusa quanto eu.

— Por que vocês duas não vão para cima brincar, então? Eu vou lá em alguns minutos.

Ambas as meninas pulam de seus assentos e sobem as escadas, deixando a sala de alguma forma ainda mais constritiva.

— Alguém vai me dizer o que está acontecendo ou...? — Eu não sei como terminar essa pergunta, e as palavras vindas da minha boca soam sem fôlego, como se alguém tivesse me dado um soco no estômago.

— Podemos conversar por um minuto? — Charlotte pergunta, levantando-se de seu assento. Eu a ouço falar, e posso senti-la olhando, mas estou olhando para AJ e o olhar em seu rosto, o que me diz que há algo que vai me fazer perder a cabeça.

— Eu não consegui dar uma garfada na comida que eu passei uma hora cozinhando. Eu acho que nossa conversa pode esperar. — Eu mantenho meu foco no rosto de AJ, observando como o tom de rosa em suas bochechas continua caindo sombra a sombra, sempre tão lentamente, se transformando em uma palidez parecida com a de um fantasma.

Eu coloco pedaços de comida na boca, um a um, enquanto tento pensar. Talvez não seja tão ruim quanto estou supondo, mas o que estou supondo é que os lábios de AJ tocaram os lábios que eu me contive de tocar por uma razão que eu não deveria ter considerado. Estou presumindo que AJ viu o que há sob as roupas dessa linda mulher ao meu lado. Estou supondo que ele sabe se os seios dela são reais ou falsos... uma questão que eu pondero toda vez que a vejo vindo em minha direção. Seja o que for que ele está fazendo, eu não sei se foi recentemente ou antes de conhecer Charlotte, e essa é a única pergunta que tenho agora, porque dependendo da resposta, pode causar um conflito com um dos dez mandamentos sobre respeitar o próximo.

Charlotte não sai da sala nem se senta, mas eu posso sentir seus olhos perfurando o topo da minha cabeça. Mamãe tem seu rosto enterrado nas mãos... finalmente ela ficou sem palavras, e papai está sentado na beira do seu assento, esperando o show continuar. O que Alexa sabe? Como ela descobriu tanto de um comentário tão simples? AJ não disse a ela para parar e voltar, ou perguntar o que ela estava falando, o que confirma que Alexa tinha toda a razão para desconfiar de AJ.

Vários minutos passam e todos nós ainda estamos na mesma posição em que estávamos quando Alexa saiu. Mamãe finalmente dá o primeiro passo e se levanta da cadeira, limpando o máximo de pratos que consegue alcançar.

— Harold, venha me ajudar na cozinha — ela diz ao papai.

Papai segue, pegando mais alguns pratos ao longo do caminho. Agora, são apenas AJ, Charlotte e eu.

— Sinto muito — diz AJ.



“Sinto muito” era tudo que eu precisava ouvir. Essas palavras desprezíveis carregam um peso tão grande às vezes. Meus pêssames. Sinto muito que sua vida seja uma merda. Sinto muito que você vive como se fosse um zumbi. Sinto muito por ter dormido com a única mulher que parece ter te entendido desde o dia em que Ellie morreu. Danem-se todas as desculpas. Dane-se todo mundo.

Eu não dei a ele uma chance de explicar, porque, por mais que eu gostasse de ouvir todos os detalhes sobre como ele traiu Alexa com Charlotte, ao mesmo tempo eu não quero ouvir uma palavra sobre isso. Como ele a conhecia? A porra do trabalho dos Olsans, a casa de seus pais — deve ser isso — Charlotte deve ter estado lá supervisionando uma das manhãs que eu não estava. Filho da puta. Por que Charlotte não me contou? Seu encontro estúpido no ponto de ônibus naquele primeiro dia foi um acobertamento. Por que diabos nenhum deles me contou?

Eu estou na porta da frente antes que alguém tenha a chance de me impedir. Eu sei que Olivia está em boas mãos com mamãe e papai aqui, então estou saindo. Vou fugir como sempre faço porque, realmente, que outra opção eu tenho? Eu tentei brincar de enfrentar a realidade esta manhã no café da manhã, e isso acabou explodindo na minha cara. Se eu continuar correndo, talvez a vida tropece em seus próprios pés e pare de me perseguir na escuridão que se aproxima de mim um pouco mais a cada dia que eu

sobrevivo através deste inferno.

Quando saio da garagem, Charlotte está em pé na porta e papai tem Olivia nas mãos, me observando da janela. Jesus. Ele não conseguia apenas distraí-la por alguns minutos?

Eu tenho que tirar tudo da cabeça. Eu preciso respirar. Eu preciso recuperar o fôlego longe de todos eles, longe de todo mundo. Sem nenhuma direção em mente, eu me vejo no único lugar que eu sempre, instintivamente, acabo quando fujo.

Eu empurro o equipamento para o parque e chuto minha porta aberta como se estivesse sendo sufocado. Eu estou sufocando. Com sensação de claustrofobia desço os degraus, mas diminuo meu ritmo quando me aproximo da árvore.

— Diga-me que eu não deveria estar pensando em outras mulheres, Ellie. — Meu coração está na garganta enquanto eu tento sugar de volta um pouco do vento que prendeu meus pulmões contra minhas costelas. — Se você tivesse a chance de me dizer o que você queria me dizer antes de morrer, você teria me dito para seguir em frente ou você teria querido que eu vivesse minha vida, esperando até que fosse a minha vez de me juntar a você lá em cima? — Eu preciso saber. Preciso saber que o que estou fazendo não é errado, Ell. Eu preciso da sua benção sobre o que faço com o resto da minha vida.

— Você sabe que é com uma árvore que está falando, certo? — Uma voz suave me puxa da escuridão dos meus pensamentos. Eu me viro para encará-la, não reconhecendo a mulher à primeira vista. Depois de um momento, porém, lembro dela. A mulher arrancando até o último jasmim do solo que começava a congelar.

— Uhum. — Eu não consegui encontrar mais palavras para preencher o constrangimento entre nós. Eu estava, de fato, falando com uma árvore, palavras muito pessoais, não destinadas a ninguém além de Ellie. Eu olho para ela e para o lago, confirmando que não há nenhum vestígio de uma flor que possa ser colhida. — Não há mais flores aqui. — O que mais há a dizer para uma completa estranha com quem eu compartilhei menos de um minuto de conversa?

Ela olha por cima do ombro para onde eu estava olhando.

— Não, não há mais flores — ela confirma.

— Sim. — Isso está se tornando mais desconfortável a cada segundo. — Bem, eu estava apenas desabafando por aqui. Drama familiar, sabe?

Ela sorri, gentilmente, revelando um sorriso branco perfeito e brilhante. Todos os seus dentes são perfeitamente uniformes e a ponta do nariz está alinhada com a divisão dos dois dentes da frente. Seus olhos, embora incrivelmente simétricos, são maiores do que suas outras características, como um personagem de anime, discos de jade verde flutuando em um mar de neve branca. Ela passa os dedos pelo cabelo ondulado, e desvia o seu olhar do meu.

— Eu sei muito sobre drama familiar. Confie em mim.

— Todo mundo sabe, eu acho. — Eu passo os dedos pelo meu rosto, tentando respirar fundo na esperança de alongar os músculos doloridos no meu peito.

— Conte-me sobre ela — diz, apontando para a raiz da árvore. — Sua esposa.

Eu esqueci que tinha vomitado essa informação para ela quando nos conhecemos. Eu devo ter dito muito em questão de sessenta segundos. Talvez a conversa tenha sido mais longa que isso.

Eu dou alguns passos para o lado, para o banco ao longo da parede coberta de pedra. Sentando, eu me pergunto se ela vai me seguir. Ela não se move do lugar dela, mas está alternando o olhar entre a árvore e eu como se estivesse pensando em uma decisão.

— Eu não mordo.

Com hesitação ela faz o seu caminho, ocupando o lugar ao meu lado.

— Eu sou Ari — diz. — Ariella.

— Hunter — respondo, oferecendo-lhe a minha mão como um gesto, tornando esta reunião estranha mais oficial.

— Então? — Ela me estimula, inclinando-se para frente, pressionando as pontas dos cotovelos em seus joelhos.

— Nós éramos amigos desde os cinco anos de idade, nunca saímos de perto um do outro. Nós éramos inseparáveis até o dia em que ela deu à luz nossa filhinha. Isso resume muito bem a história. — Minha explicação da morte de Ellie fica menor a cada vez que eu repito. Elas são como palavras pré-programadas que apenas saem da minha boca. Isso torna mais fácil ter uma resposta automática, me salvando de cavar em meu cérebro apodrecido para recuperar os pedaços do por que, o que, quando e onde sobre Ellie.

Ari não pisca nem reage quando escuta minhas palavras. Seu foco permanece sólido no pequeno pedaço de grama à nossa frente.

— Você conhece aquele poema de Robert Frost? “The Road Not Taken”

— ela pergunta, finalmente olhando para mim. O brilho em seus olhos faz meu estômago doer, mas não de um jeito ruim. Dói de uma maneira que me diz que meus nervos ainda estão vivos, funcionando com a capacidade normal quando vejo uma mulher atraente; embora ela não seja a definição de atraente, ela é mais etérea, como um sonho. Sua pele é lisa e impecável e imagino que seria como cetim ou seda se eu a tocasse. Estou olhando para ela agora e devo desviar o olhar. Eu estou sentado na frente do túmulo da minha esposa, pelo amor de Deus. Quanto mais desrespeitoso eu poderia ser?

Com esse último pensamento, eu rompo o contato visual, movendo meu foco para o pedaço de grama que ela estava vasculhando com seu olhar apenas alguns segundos antes.

— Sim, eu conheço esse poema — minha voz sai mais severa e curta do que eu pretendia.

— Bem, ele diz que há dois caminhos para escolher e ele pegou o menos percorrido. É realmente um belo pensamento... — ela se interrompe.

— Sim, é. É um ótimo poema... — De cujas palavras não consigo lembrar. Aula de inglês da oitava série já faz um bom tempo e de repente eu me lembro de me perguntar para o que eu precisaria de poesia na vida. Minha pergunta foi respondida, então eu não pareço um completo perdedor quando uma mulher me pergunta sobre um poema.

— É tolice total — diz, me chocando completamente. Meu foco volta para o rosto dela, esquecendo o que Ellie pode ou não estar pensando de mim agora.

— Ah, é? — pergunto, sentindo-me intrigado.

— Ninguém tem escolha na vida. Ninguém realmente consegue escolher o caminho a seguir. Cada segundo de cada minuto de cada hora, dia, mês e ano que estamos vivos foi predeterminado para nós no momento em que nascemos. — Sua voz está crescendo em volume, como se ela estivesse zangada com o próprio Robert Frost. — Quero dizer, como uma pessoa pode dizer, seja lá o que for que ela pretenda com isso, que oferece tanta verdade, apenas para ser completamente desmentida por Robert Frost, que está falando sobre termos escolhas na vida. Ninguém tem escolha. Tudo o que acontece foi feito para acontecer e somos apenas passageiros neste passeio. Certo? — Santo Deus, esta mulher está exaltada. Ela deve ter sido realmente ferida pelo destino, mas esta pode ser a conversa mais inteligente que eu já tive, ou potencialmente a mais terapêutica, pelo menos.

— Quem disse que “seja o que for que ela pretenda com isso” —

pergunto.

— Eles, essa pessoa, quem quer que “eles” sejam, você sabe, a pessoa com todos os ditados — diz ela. Seu sorriso retorna, acompanhando um suave suspiro de riso.

Quanto mais olho para ela, mais me sinto à vontade. Eu não tenho certeza do porquê, considerando o desprezo que eu normalmente tenho por estar perto de outras pessoas, mas algo nela tira essa sensação, como o que Charlotte fez por mim nos últimos meses. Só que Charlotte estava transando com AJ.

— Você deve ser a pessoa mais inteligente que eu já conheci. — Eu ofereço como um elogio em vez de uma resposta às suas críticas a Robert Frost. Na verdade, nada que saia da minha boca poderia fazer frente aos pensamentos intelectuais que ela acabou de compartilhar.

— Por que você está aqui? — pergunto, não apenas pelo motivo de me afastar da discussão de poesia que acabaria encontrando, mas também porque eu realmente quero saber por que uma florista está aqui em um lugar onde não há mais flores... eu nunca vi ninguém visitar esses jardins floridos no final do outono, além de uma pessoa idosa dispersa que faz sua caminhada diária.

— Eu... — ela gagueja em resposta. — Eu só gosto disso aqui. Eu me sinto conectada a este lugar por uma razão que não consigo explicar. Esse lugar me faz sentir completa quando estou um pouco quebrada, sabe? Então eu venho aqui quase todos os dias.

Como eu só a encontrei duas vezes?

— E por que você está quebrada? — continuo.

— Estou literalmente quebrada de dentro para fora. Confie em mim, não é algo que eu quero perder seu tempo explicando.

— Lá está ele! — grita Olivia do topo da colina. Eu me viro para encontrar papai segurando-a com força em seus braços enquanto olha para mim com simpatia. Sempre simpatia. — Eu disse a você que o encontraríamos aqui — Olivia está dizendo a papai, enquanto ele desce os degraus de pedra, um por um. Eu quero dizer a ele para voltar e me deixar ter mais alguns minutos aqui, mas ele não iria ouvir.

— Pai, eu vou, hum, eu te encontro no carro em apenas um minuto — digo a ele, esperando que ele pare de vir em minha direção.

— Quem é ela? — Olivia pergunta em uma voz cantando. — Ela é bonita, como uma princesa da Disney. Você parece... — Olivia faz uma

pausa por um momento, batendo o dedo contra o queixo. — Ah, eu sei! Você parece a Rapunzel, mas com cabelos castanhos.

Sim, Olivia está certa. É exatamente com quem ela parece.

Ari ri em resposta e se levanta do banco, indo até papai e Olivia

— Bem, eu não sou Rapunzel, mas obrigada por dizer isso. Você é absolutamente adorável — diz Ari.

Um sorriso brota nos lábios de Olivia, estendendo-se de orelha a orelha.

— Obrigada — diz ela através de um ataque de riso.

— Se você não se importa de eu dizer, senhorita, você parece familiar, mas eu não consigo identificar de onde te conheço. Você e Hunt são amigos? Vocês estudaram juntos, talvez?

Ari dá alguns passos para trás, agitando nervosamente seu cabelo.

— Uh, oh, não, ela, nós apenas nos vemos aqui às vezes, um interesse comum, sabe?

Papai olha para mim por um minuto, encarando nós dois com um olhar que eu não consigo decifrar.

— Hum, bem, então talvez você só tenha um rosto familiar — ele falou se aproximando.

As bochechas de Ari assumem um tom escuro de rosa enquanto ela gagueja suas próximas palavras.

— Sim, eu-hum-eu-eu entendo isso acontece o tempo todo — diz ela.

Isso não acontece o tempo todo. Ela é requintada, honestamente, como ninguém que eu já tenha visto antes. Muito disso tem a ver com os olhos dela, não apenas do jeito que eles parecem, mas do jeito que ela olha para as coisas como se estivesse explorando tudo pela primeira vez, vendo as coisas com espanto. Ou pelo menos é o que eu notei nos trinta minutos que passamos juntos até agora.

— Você sabe, eu realmente acho que te conheço de algum lugar — diz papai novamente.

Ari se vira, pegando sua bolsa abaixo do banco.

— Eu não acho que isso é possível — diz ela, olhando como se estivesse prestes a correr, mais uma vez. — Acabei de me mudar para cá de San Diego há alguns meses.

San Diego? Quem sairia de San Diego, e cruzaria os Estados Unidos até Connecticut... para trabalhar em uma floricultura?

— Ari, qual é o nome da sua floricultura? — pergunto, pegando seu braço antes que ela esteja fora de alcance.

Ela balança a cabeça sutilmente e se solta do meu aperto.

— Papai, Charlotte está chateada com o fato de você tê-la deixado — Olivia diz, alto o suficiente para que Ari se vire e olhe para mim mais uma vez enquanto corre pelas escadas de pedra. — Ela disse que é tudo um grande mal-entendido. E um grande, grande e grande erro.

— Olivia, silêncio — papai diz para ela. E agora seu lábio inferior está no lugar e Olivia está oficialmente fazendo beicinho. — Oh, pare de fazer isso com o lábio. Eu preciso falar com seu pai por um minuto.

— Sinto muito — papai começa. — Eu não pretendia assustar sua amiga.

— Ela não é minha amiga — respondo friamente. Mas eu gostaria que ela fosse minha amiga, eu acho. O que eu estou pensando? Dizendo? Eu não namorei ninguém depois que Ellie foi embora porque não parecia certo. Agora eu estou sentado aqui confuso sobre como posso ter emoções tão fortes a respeito de Charlotte e do que eu realmente sinto pelo que ela fez com AJ, e agora isso... uma completa estranha chamou minha atenção em menos de trinta minutos. Este não sou eu.

— O que está acontecendo com você, Hunt? — papai pergunta. Colocando Olivia em pé, ele então se vira para ela, dizendo: — Vá me encontrar dez pedrinhas no banco ali. Dez. — Papai levanta os dedos um de cada vez para que Olivia conte.

— Eu sei o quanto dez é, vovô. — Olivia pula para o banco onde começa sua busca, contando cada pedra lentamente, um de cada vez.

— Hunter — ele começa novamente. — Fale comigo, filho.

— Eu não sei, pai. — Eu não sei. Eu não sei o que pensar ou sentir. Eu não sei o que é apropriado ou o que está errado.

— Você está com medo de se machucar novamente — diz meu pai. Sua declaração está parcialmente correta, mas eu estou mais preocupado com o que Ellie acharia se pudesse ver tudo o que estou fazendo.

Houve momentos em nossa vida juntos em que ela ficava com um olhar instável, um olhar que demonstrava quão longe seus pensamentos estavam. Às vezes levava um dia inteiro para decifrar o código. Ela não gostava de vocalizar suas preocupações; em vez disso, ela as anotava. Muitas vezes eu me perguntei se tinha feito alguma coisa para deixá-la chateada ou se eu simplesmente estraguei tudo ou me esqueci de algo, e tinha que arrancar dela se tivesse alguma esperança de descobrir o que fiz de errado. Esse era o único lado dela que realmente me deixava louco às vezes. Eu sou um obcecado. Eu gosto de resolver problemas, especialmente aqueles que eu causo. A única

coisa que eu não sei como consertar é a mim mesmo.

— Sim e não — digo a ele. — Você acha que ela pode me ver? Você acha que ela sabe como é minha vida, as decisões que tomo e os sentimentos que tenho? Você acha que ela consegue sentir tudo isso?

— Você sabe que eu não acredito nessas coisas — diz meu pai, mudando seu peso para se inclinar para trás contra uma árvore. — Eu acho que uma vez que uma pessoa se foi, ela passa para a próxima parte de sua vida, e eu não acho que esteja aqui na terra. Ela se foi, filho, e está tudo bem seguir em frente com sua vida. Tudo bem ser feliz. — Papai se inclina para pegar uma moeda coberta de sujeira ao lado de seu pé, trazendo-a de volta para inspecioná-la sob o pouco da luz do sol passando através das árvores. — Hum, olhe para isso. — Sua atenção é rapidamente desviada para a moeda quando ele a aproxima, virando de um lado para o outro. — Esta não é apenas uma moeda da sorte, é uma moeda de 1955. Essa coisa vale dinheiro.

Papai tem uma coisa com moedas. Não, não apenas uma coisa, uma obsessão. Passei a maior parte da minha juventude com um detector de metais na mão, vasculhando praias por centavos. O mundo pode congelar ao nosso redor, mas se ele estiver olhando para o cobre, nada mais importa.

— Pai — chamo por ele, tentando chamar sua atenção de volta.

Ele coloca a moeda no bolso da frente e muda o foco.

— Eu sinto muito. O que eu estava dizendo? — Ele faz uma pausa por um segundo. — Oh, certo. Se, Deus me livre, fosse você que morresse e você tivesse a chance de dizer a Ellie uma última coisa além de “eu te amo” o que seria?

Eu gostaria que ela fosse feliz e vivesse uma vida de que pudéssemos ambos nos orgulhar.

— Você ia querer que ela fosse feliz, não é?

Então me atinge. Eu prometi a ela que viveria por nós dois. Eu quebrei essa promessa de todas as formas possíveis. Eu cuidei de Olivia e fui um bom pai para ela, mas quando aquela menininha não está olhando para mim, eu sinto pena de mim mesmo e sei que ela é responsável por quem eu sou.

— Sim, eu quero que ela seja feliz — respondo simplesmente.

— Isso é o que ela gostaria para você também. Eu sei que ela gostaria que você fosse feliz — diz papai.

— Você sabe de fato? Do que você está falando?

— Lembra do acidente de carro que vocês dois tiveram? — papai pergunta.

— Eu encontrei dez, vovô! Dez! — Olivia gritou, correndo em nossa direção com dois punhados de pedras.

— Bom, agora vai encontrar dez gravetos que estejam verdes por dentro — Olivia olha para ele, intrigada no início, mas depois corre para a área gramada, caindo de joelhos.

— Sim, eu lembro do acidente. — Obviamente. Nós dois quase perdemos nossas vidas naquele dia. Algum idiota bêbado em um caminhão nos tirou da estrada, empurrando nosso carro para dentro de uma vala. Disseram-me que o carro havia rodado quatro vezes antes de uma árvore nos parar. Nós dois fomos retirados da cena e levados para o Mass General.

— Ela acordou antes de você, você sabe disso, certo? — papai continua.

— Sim, eu sei. Pode ter sido doze anos atrás, mas eu lembro como se fosse ontem.

— Eu me lembro de sentar com ela quando acordou. Seus pais estavam em Scottsdale ou algo assim, eu não sei. De qualquer forma, sua mãe estava com você e eu me sentei com Ellie para que ela não ficasse sozinha. — Papai respira fundo e afunda-se contra a árvore um pouco mais forte. — Uma das enfermeiras veio nos dizer que você tinha acordado e tudo parecia que ia ficar bem. — Ele estende a mão e coloca a mão sobre o meu ombro, apertando-o durante uma pausa em sua história. — Eu chorei como um bebê, filho. Sabia disso? — Ele ri, um riso inquieto. — De qualquer forma, em poucos minutos, um médico entrou para dizer a Ellie que uma de suas costelas havia perfurado seus pulmões e precisava de uma cirurgia de emergência. Ela estava tão assustada quando eles a levaram embora. — Papai fecha os olhos brevemente, sorrindo através da risada silenciosa. — Eles disseram que ela ia ficar bem, mas ela não queria acreditar neles, então, logo antes de sair, ela pegou minha mão, me olhou nos olhos e disse: “Se alguma coisa acontecer comigo, eu quero que você diga a Hunter para viver uma vida feliz. Diga a ele para não se preocupar comigo. Diga a ele que eu quero que ele viva sua vida sem arrependimentos e que sempre mantenha aquele sorriso que eu amo no rosto.” Naturalmente eu disse a ela para não se preocupar com nada, mas suas palavras me atingiram com força. — Papai dá outro par de respirações curtas antes de continuar. — De qualquer forma, os pais dela finalmente chegaram em algum momento enquanto ela estava em cirurgia e me pediram para sair, então eu não estava lá para dizer a ela “eu avisei” quando saiu. Caso contrário, eu teria dito.

— Por que você não me disse nada disso antes?

— Porque ela acordou da cirurgia, sobreviveu, como você, e passou a viver uma vida feliz. — Ele se afasta da árvore, espiando através de mim para ver o que Olivia está fazendo. Ela está descascando, procurando por um centro verde, e parece ter matado uma árvore inteira com a pilha que está criando. — Honestamente, eu não tinha pensado nisso novamente até agora quando você me perguntou o que ela estaria pensando. Acabei de me lembrar dela dizendo tudo isso.

— Você acha que o acidente teve algo a ver com o aneurisma de Ellie? — Eu não sei por que nunca considere isso antes, mas tenho que saber se isso poderia ter sido o motivo.

— Eu suponho que seja possível — diz papai. — Vocês dois tiveram danos na cabeça devido a esse acidente. Embora eu não me lembre de ouvir nada sobre suas tomografias. Ela fez todos esses testes depois que seus pais entraram, então eu realmente não sei quais foram os resultados.

— Ela teria me dito, certo? — Certamente ela não iria esconder algo assim de mim. Ela não iria. Contamos tudo um ao outro, a menos que ela estivesse com raiva de mim, é claro.

— Eu diria que sim — diz papai. — Você já perguntou aos pais dela?

— Não, nunca me ocorreu que o acidente poderia tê-la afetado sete anos depois.

— E pode não ter. Eu não acho que é algo que você precise descobrir neste momento. Não vai trazê-la de volta — continua papai.

Não faz sentido discutir isso com ele, e é apenas outra pergunta que me incomodará até chegar à conclusão de que não há resposta disponível.

— Olivia, o que você está fazendo aí? — papai grita para ela.

— Quase pronto! — ela grita de volta.

— Olha, meu ponto aqui é que Ellie gostaria que você fosse feliz. Você tem uma ótima garota lá em casa. Charlotte se preocupa muito com você. Você não deve ser tão rápido para afastá-la.

E assim, lembro exatamente o que me trouxe aqui.

— Papai, ela estava dormindo com AJ.

— Hunter, o que eu sempre te disse desde que você era um menino? — Eu reviro os olhos e jogo a cabeça para trás, focando no ramo acima de nós enquanto espero pelo que eu sei que ele está prestes a dizer. — Você não sabe o que a palavra presumir significa?

— Sim, pai. Eu sei — digo a ele.

— Então não seja um idiota — diz ele, batendo a mão nas minhas costas.

— Vá buscar Olivia e vamos voltar para casa antes de perdermos o almoço também.

Papai e Olivia sobem as escadas, deixando-me com Ellie por apenas mais um minuto.

Eu enterro meu dedo na terra, olhando diretamente para o centro do coração gravado na árvore.

— Ell, é verdade que você quer que eu seja feliz?

Agora é a hora em que o vento deve soprar ou o sol deve romper os galhos e me atingir no rosto, qualquer tipo de sinal que ela possa me ouvir. Mas isso nunca acontece.

E eu acho que é porque o coração dela ainda está segurando a alma dela em algum lugar no corpo de outra pessoa.



Eu acompanho o carro do papai no caminho de volta para casa. O café da manhã não deveria ser um evento que durasse o dia todo, mas claramente quando a minha família vê uma oportunidade de presenciar algum entretenimento, eles se sentam confortavelmente e pegam seu balde de pipoca.

Enquanto caminho de volta para dentro, percebo rapidamente que a casa foi arrumada, limpa como se o despejo nunca tivesse acontecido. Charlotte e Lana se foram, Alexa não está à vista e AJ está sentado na mesa limpa da sala de jantar com as mãos juntas.

Eu quero socar a mandíbula dele. E eu posso, se ele não tiver uma ótima explicação.

— Eu sinto muito — ele começa novamente.

— Cara, eu não dou a mínima se você se arrepende. Que tal você me dizer o que diabos você estava pensando?

Ele olha para mim e vejo o pesar em seus olhos.

— Não é o que você pensa...

— Então, o que é? Se você acha que eu vou sentar aqui e perguntar mais uma dúzia de vezes, você está errado. Eu vou embora de novo. Eu vou te cortar da minha vida em um segundo... e não vou pensar duas vezes.

— Jesus — diz ele, provavelmente atordoado pela minha resposta. Continuando com o que é melhor ser uma boa explicação, ele diz: — Um ano

atrás, pouco antes de Alexa e eu nos casarmos, eu estava tendo dúvidas. — Ele se recosta na cadeira e cruza os braços atrás da cabeça. — Todos nós sabemos que ela é uma chata e eu não tinha certeza se poderia passar o resto da minha vida com ela.

— Então você a traiu? — pergunto, fazendo o melhor para parecer imperturbável.

— Deixe-me terminar — ele responde. — Olha, não que eu vá colocar qualquer culpa em você ou qualquer coisa, mas, às vezes, eu preciso de um amigo ou um irmão para conversar e vamos ser francos, você não tem sido muito isso para mim nos últimos anos, compreensivelmente, mas ainda assim.

Eu suponho que eu mereço isso. É a verdade, mas mesmo assim acabo falando:

— Não coloque a culpa de sua traição em mim. Você é um homem adulto, AJ, e precisa agir como um. Você não pode culpar ninguém pelos erros que você comete ou cometeu.

Um grunhido escapa de sua garganta antes de continuar

— Não estou jogando a culpa em você. Eu estou dizendo a você que eu estava passando por um momento difícil. — Ele se move em torno de seu assento novamente, desta vez trazendo seus cotovelos para a mesa. — Eu precisava de alguém para conversar, então criei uma conta no “TheLword.com”. — Ele coloca as mãos para cima, eu imagino que é pra me impedir de dizer o que quero dizer. — Eu sei que não deveria estar naquele site. — Não foi assim que eu imaginei que ele tinha conhecido ela. Que inferno! — De qualquer forma, alguma coisa estranha aconteceu com a minha conta, fui hackeado ou alguma coisa assim, eu não estou bem certo, não sou muito bom com computadores, você sabe disso. Então, tive que entrar em contato com o responsável pelo site pra descobrir como resolver o problema. E-mails estavam sendo enviados para os meus amigos inclusive pra Alexa. Foi a maior confusão.

— E foi aí que tudo aconteceu — provoco ele. — Charlotte contatou você e assim você conseguiu uma pessoa com quem conversar.

Minhas bochechas estão queimando, na realidade toda a minha pele parece estar em chamas. Eu precisei de alguém pra conversar por anos, mas eu não recorri a um site de namoros e certamente não faria isso se estivesse comprometido a me casar. Mas esse era AJ e ele não pensa muito nas coisas.

— Bem, tipo isso, nós fomos nos falando enquanto ela navegava pela

minha página tentando descobrir o que aconteceu. Ela tinha acabado de se divorciar e também precisava de alguém pra conversar. Honestamente nós nos encontramos algumas poucas vezes porque eu percebi que era com Alexa que eu queria estar então resolvemos não nos ver mais porque Charlotte também não queria ser responsável pelo rompimento do meu compromisso.

Eu posso garantir que ele está me contando a verdade, mas eu não posso garantir que ele está me contando toda a verdade.

— Você transou com ela ou não?

— Hunter! — mamãe grita da cozinha. — Não use essa linguagem com a sua filha em casa.

Eu não sei por que eu imaginei que mamãe não estaria ouvindo a coisa toda. Ela estava provavelmente em um canto com aquela enorme bacia de pipoca.

— Você transou? — eu repito.

— Não. — Ele geme. — Nós nos beijamos e talvez um pouco mais, mas nós não dormimos juntos.

O “um pouco mais” me queima por dentro, mas pensando bem, podia ser pior. digo a mim mesmo que isso aconteceu antes que eu e Charlotte nos conhecêssemos. O que me incomoda é que os dois AJ e Charlotte não me contaram isso antes de hoje. Quais são as probabilidades? Eu estou há cinco anos sem me interessar romanticamente por uma mulher e quando, finalmente, encontro uma mulher cuja companhia eu aprecio, descubro que ela se envolveu com AJ primeiro.

— Você nunca contou isso a Alexa?

— Ela sabia que eu beijei alguém e sabia que seu nome era Charlotte.

— Eu acho que ela apostou na sorte com o que eu disse: “Isso foi uma grande vitória. Confie em mim.” Eu devia ter deixado de fora o “confia em mim”

— Você nunca devia ter beijado outra mulher e feito “algo mais” em primeiro lugar — provooco ele. Então algo me ocorre. — Espere um minuto, aquele trabalho para Olsan Hardwood não foi uma coincidência, foi? Como você foi estúpido! Você estava tentando esconder sua merda de Alexa e então pega um trabalho com os pais de Charlotte?

— Você disse que nós não estávamos em condições de recusar trabalho do jeito que a economia estava, então eu não recusei.

Jesus. Eu me jogo na cadeira de frente pra AJ, debruço os cotovelos na mesa do mesmo jeito que ele está fazendo, apoio minha testa contra os

punhos fechados e solto o ar dos pulmões aos poucos.

— Eu sinto muito — AJ diz. — Você sabe que eu nunca faria isso com uma mulher com quem você estivesse envolvido, mas você nem a conhecia na época.

— Eu sei — as palavras vêm abafadas contra meu punho, mas ele me ouve, o suspiro de alívio que ele solta me confirma isso.

Depois de uns minutos de silêncio eu levanto a cabeça, olho pra AJ e vejo arrependimento e desconforto estampado em seu rosto.

— Ela beija bem?

AJ baixa sua voz para apenas um sussurro:

— Você não a beijou ainda? Eu quero dizer, pensei que vocês estivessem transando como coelhos todas as noites aqui. — Suas palavras provocam um ronco de dor em meu estômago, eu não beijei e nem fiz nada mais com nenhuma outra mulher além de Ellie. Cruzar essa linha é uma coisa sobre a qual eu andei pensando, até de uma forma obcecada, mas não tive ainda coragem de fazer nenhum movimento nesse sentido.

—Não, nós somos apenas amigos — lembro a ele.

— Se ela fosse somente sua amiga você não teria feito essa tempestade e fugido de casa por quase duas horas. — Ele está certo. — Onde diabos você se meteu afinal?

— No jardim.

— Oh — diz ele, entendendo.

— Olha, se você quer minha opinião, levante sua bunda, atravesse a rua e dê a essa garota o beijo com o qual ela está sonhando, aquele que eu tenho certeza que você tem pensado também.

— Eu vou falar com ela, mas eu não vou lá para comparar histórias de troca de saliva — respondo.

— Bem, você deveria — ele brinca.

Eu gemo enquanto me levanto do meu lugar.

— Eu amo como vocês meninos falam de seus problemas — diz mamãe, aparecendo com as mãos sobre o coração. — Isso foi simplesmente lindo. Fico muito orgulhosa de saber que criei dois homens respeitáveis. — Quero revirar os olhos e dizer a ela que pare com isso, mas a mulher está à beira das lágrimas. — Vá em frente, Hunter, vá falar com Charlotte. Eu cuido de Olivia.

Eu entro na sala de TV e encontro Olivia dormindo, debaixo do braço de papai no sofá. Papai também está dormindo.

— Eu acho que papai e Olivia estão cuidando um do outro. — Eu rio baixinho.

— Bem, então, vou continuar limpando — diz. — E AJ, por favor, ache a Alexa. Você tem alguma explicação para dar.

Aos trinta e vinte e oito anos, AJ e eu ainda estamos sob o poder desta mulher. Nunca na vida conseguimos dizer não a ela.

Pego meu casaco no sofá da sala e coloco-o enquanto saio pela porta. Atravesso a rua e hesito por um breve segundo antes de bater. O que eu vou dizer?

Antes que eu tenha a chance de bater ou descobrir que palavras serão essas, Lana abre a porta.

— Oi, Sr. Cole — diz ela. Seus lábios estão curvados em uma leve carranca e eu espero que eu não seja a causa daquele olhar em seu rosto. Eu não acho que minha reação foi totalmente injustificada, mas talvez eu pudesse ter feito menos cena. Não, eu não fiz cena. Todos deveriam ter sido honestos comigo, mas não foram. Charlotte não foi, e AJ com certeza também não.

— Sua mãe está em casa? — pergunto.

— Sim, mas ela está meio chateada — diz Lana, desviando o olhar de mim e olhando para o chão.

— Posso entrar e conversar com ela? — continuo.

— Bem...

— Lana, alguém está na porta? — Eu ouço Charlotte gritar do outro cômodo.

— Sim, é o Sr. Cole — responde Lana.

Um baque na cozinha me diz que Charlotte deixou cair algo na pia, provavelmente por surpresa que estou aqui. Ela aparece, limpando as mãos nas calças.

— Hunter — diz ela, correndo para a porta. — Eu posso explicar tudo.

— AJ já fez isso — dou alguns passos para dentro.

— Eu deveria ter dito a você — ela continua.

— Sim, você deveria — confirmo. Mesmo querendo deixar tudo pra lá, eu não posso esquecer o fato de que eles estavam ambos escondendo isso de mim. — Por que você não disse? — pergunto.

Sento-me em seu sofá, afundando na almofada de pelúcia. É um desses sofás que tem um assento largo, fazendo com que você recoste completamente nele de forma relaxada ou se sente desajeitadamente na

borda, esperando não afundar tanto a ponto de perder o equilíbrio. A segunda opção aconteceu comigo e tento não demonstrar, inclinando-me casualmente. Ainda bem que tenho pernas compridas.

Ela se senta em sua mesa de centro, a poucos metros dos meus joelhos.

— Eu... — É tudo o que ela fala antes de suspirar. — Eu não tenho um bom motivo. Percebi que AJ era seu irmão no primeiro dia em que nos conhecemos e eu não sabia exatamente uma boa maneira de contar essa história. Então, à medida que a nossa amizade crescia, ficava cada vez mais difícil, porque eu achava que já deveria ter mencionado o assunto. Isso vem me atormentando desde o dia...

— Que dia? — eu a interrompo no meio do pensamento.

Ela desvia seu olhar do meu rosto, como normalmente faz quando tem vergonha de me dizer algo. Só que não tenho certeza do que ela teria vergonha desta vez.

— No dia em que percebi que estava me apaixonando por você — ela diz baixinho, tão suavemente que não tenho certeza se a ouvi corretamente.

— O que foi que você disse? — pergunto, precisando que ela repita.

— Hunter. — Ela levanta seu rosto corado, prendendo seu olhar de safira para o meu. — Eu me apaixonei por você, okay? Eu sei que você só quer ser meu amigo e respeito isso, mas não consigo controlar como me sinto. Eu só...

Tudo no meu peito dói como se minhas entranhas estivessem sendo retorcidas e alguém estivesse me sacudindo. Há apenas uma maneira de liberar a pressão.

Eu me inclino pra frente, me puxando para a borda do sofá e tranco minhas mãos ao redor de seus braços, puxando-a para mim, permitindo que ela caia em mim enquanto afundamos no poço sem fundo do sofá. Eu envolvo minhas mãos firmemente em torno de suas bochechas e não penso em mais nada, eu esqueço tudo, quando fecho os olhos e esmago meus lábios nos dela. Eu não acho que estou respirando, mas talvez eu simplesmente não perceba porque meu cérebro não está funcionando corretamente. Eu só sou capaz de pensar em seus lábios... No gosto deles e como se parecem com uma cereja madura.

Droga, eu nunca mais vou sair daqui. O corpo de Charlotte treme sob o meu aperto, mas seus lábios interagem com os meus na mesma intensidade com que os meus estão buscando os dela.

Seus dedos lentamente penetram meu cabelo, enviando sensações de choque pelo comprimento da minha espinha. Com o corpo dela pressionado

contra mim, percebo que perdi oficialmente todo o controle. Tudo nela é incrível, e a lembrança de por que fiquei tão irritado há apenas uma hora se transformou em nada mais do que um borrão.

Minhas mãos exploram o comprimento de suas costas até que as pontas dos meus dedos roçam a pele entre a camisa e as calças. O simples toque de sua pele é o suficiente para me deixar duro, e eu sei que ela está bem ciente disso, pois de alguma forma acabamos deitados no sofá com ela me abraçando.

Eu quase esqueci que Lana estava em casa quando a ouvi gritar: “Mãe, eu estou com sede!” da outra sala. Charlotte se vira para cima, separando nossos lábios que estão conectados há pelo menos cinco minutos. Deitado aqui, olhando para o corado em suas bochechas e o movimento pesado em seu peito, meus pensamentos reprimidos aparecem um por um. Eu pensei que sentiria remorso, mas me sinto livre e, embora eu ache que possa ser um pensamento horrível, eu precisava sentir isso. Eu precisei disso por tanto tempo.

— Oh, meu Deus. Imagine se ela entrasse aqui — diz Charlotte. — A gente se empolgou um pouco demais. — A mãe dentro dela fala e eu não poderia concordar mais. Eu nunca deixaria isso acontecer na minha casa, não com Olivia sempre espiando pelos cantos.

— Eu não deveria ter tido essa reação instintiva — digo.

— Sim, você deveria — ela me corrige. — Esse foi o melhor primeiro beijo que eu já recebi em meus 29 anos de vida. — Eu não esperava ouvir isso depois de quase esquecer como usar meus malditos lábios.

— E agora? — pergunto. Não tem que haver uma resposta para esta pergunta, mas eu preciso saber o que ela está pensando.

— Agora, ainda somos Hunter e Charlotte. Nós ainda somos o que você quiser que a gente seja, mesmo que seja apenas amigos que beijam e “o que quer que seja” — ela diz fervorosamente. “O que quer que seja”. O que ela quer dizer com “o que quer que seja?” Quando seríamos capazes de organizar “O que quer que seja” com as garotas correndo por aí? Alguma coisa sequer seria possível? — Sem regras. Sem expectativas. Sem rótulos.

— “O que quer que seja” funciona para mim — digo. — Mas agora, eu provavelmente deveria voltar para casa. — Eu aponto por cima do meu ombro para a janela que tem vista para o meu quintal da frente. Por que estou apontando para minha casa como se ela não soubesse onde moro? Estou tão louco agora e me sinto bem.

Ela alcança e aperta minhas duas bochechas.

— Você está um pouco pálido. Eles vão saber. — Ela me dá uma piscada fofa antes de dar a cada uma das minhas bochechas mais um beliscão levemente doloroso. — Pronto, agora suas bochechas estão rosadas novamente — diz. O momento me faz sentir um pouco tonto enquanto me levanto do sofá. Ajeitando minhas roupas para que elas pareçam arrumadas novamente, ela se levanta e passa os dedos pelo meu cabelo mais uma vez. — Estava amassado pelo sofá.

— Valeu a pena — digo, passando meu braço pelas suas costas enquanto a puxo para mim mais uma vez. Ela é pequena em meus braços e eu tenho que me inclinar um pouco para diminuir o espaço entre nós, mas fica na ponta dos pés e encontra meus lábios com os dela. Eu a aperto mais forte, precisando me segurar o máximo que posso enquanto absorvo tudo dela. Um gemido silencioso pulsa contra meus lábios e, mais uma vez, ela me leva ao ponto de quase perder o controle da cintura para baixo.

— Eu-eu posso não ser capaz de esperar para sempre por “qualquer coisa”, eu só preciso deixar isso claro — sussurro em sua boca.

— Bem, talvez vocês dois possam vir hoje à noite para que as garotas possam assistir a um filme, e nós podemos apenas fazer “o que quer que seja” — diz.

Eu me afasto, medindo o olhar em seu rosto, sentindo orgulho pelo rubor de suas bochechas, assim como pelo olhar lascivo em seus olhos enquanto ela aperta o lábio inferior entre os dentes.

— Ok. — Minha concordância ansiosa vem sem muito pensamento. — Eu te vejo mais tarde, Lana — grito para o outro cômodo. — Obrigado por me deixar falar com sua mãe.

— De nada! — ela grita.

— Esta noite então. Às seis? — Confirmo mais uma vez.

— Como quiser — diz ela com uma piscadela rápida.



O problema com os irmãos é que não há como esconder informações uns dos outros. Só pela olhada de AJ quando entro, sei que meu rosto está mais vermelho que uma lagosta do Maine. Ele se levanta do sofá com um sorriso de orelha a orelha quando vem em minha direção com um lento aplauso.

— Não seja idiota — respondo a ele.

— Estou tão orgulhoso de você, mano. — Seus braços se esticam na frente dele, na minha direção. — Você vai fazer isso afinal — ele continua cantando com voz de bebê desagradável. Se eu fosse ele, não se aproximaria mais um passo. Suas palavras condescendentes estão eliminando rapidamente toda endorfina feliz com que entrei aqui.

— Eu deveria ter ficado lá — falo em voz baixa. Afastando-me de AJ, a fim de me impedir de socá-lo, eu entro na sala de TV e encontro papai ainda dormindo, mamãe dobrando uma porção de roupa de Olivia, e Olivia arrancando roupas de cada uma de suas bonecas Barbie.

— Está tudo bem com você e Charlotte agora? — mamãe pergunta.

— Sim, tudo bem — respondo, ajoelhando ao lado de Olivia. — Quer jantar com a Lana hoje à noite?

— Oba! — Olivia grita. — Obrigada, obrigada, obrigada! — Ela pula em cima de mim repetidamente, passando os braços em volta do meu pescoço. — Posso usar um vestido?

— Se isso é o que te faz feliz, é claro que você pode — digo.

— Ela tem aula amanhã — diz mamãe, mantendo os olhos fixos no par de calças que ela está intrincadamente dobrando.

— Sim, estou ciente. Eu posso cuidar dela, acredite ou não.

— O que está te incomodando, Hunter? — pergunta.

Além do óbvio, como ela pode não saber o que está me incomodando?

— Eu sou o único que vê o quanto todos vocês se consomem com a minha vida privada? — Eu me levanto com Olivia ainda presa ao meu pescoço, rindo como uma hiena. Ela torna difícil ter uma conversa séria com mamãe, mas isso precisa ser entendido.

— É só porque todos nos preocupamos com você, querido. — Mamãe termina de dobrar a última roupa e levanta a pilha. — E a morte de Ellie foi difícil para o seu pai e para mim também. Ela não era apenas preciosa para nós, mas ver nosso filho perder a esposa foi de partir o coração. Nós amamos muito você e fizemos o melhor que pudemos para ajudá-lo nos últimos cinco anos, mas também é uma experiência de aprendizagem contínua para nós. Não há manual para como ajudar seu filho a passar por algo assim. Além disso, todas as mães se intrometem. Se eu não o fizesse, isso significaria que eu não me importo com você. Algum dia, eu não estarei aqui para ter certeza de que você está feliz e você vai sentir falta disso. — Ela passa por mim pra subir as escadas, deixando-me com sua versão maternal de um soco no estômago. É por isso que normalmente mantenho a paz e deixo que ela e todos os outros participem da minha vidinha miserável.

AJ finalmente entra e tira Olivia do meu pescoço.

— Desculpe, mais uma vez. — Ele se senta no sofá ao lado do meu pai, embalando uma Olivia que se contorce em seus braços. — Você deveria estar sorrindo.

— Você deveria estar procurando por sua esposa — replico.

— Ela está em casa — diz ele.

— Você deveria estar lá também.

— Eu quero o divórcio.

E lá vem o excesso de confiança. Não posso dizer que não vi isso acontecer no dia em que ele gastou suas economias em um diamante de três quilates apenas porque ela não aceitaria menos do que isso ao propor casamento, ou assim AJ disse.

— Você pensou sobre isso ou está com medo de consertar o problema que causou?

— Oh! — Olivia grita. — Você ouviu isso?

— Ouviu o que? — AJ volta sua atenção para ela, claramente evitando a minha pergunta.

— O correio está aqui. Correio, correio, correio! — ela diz, correndo pela casa.

— Onde você está indo, Olivia? — mamãe grita do andar de cima.

— Correio! — Olivia grita. Ela está na metade do caminho antes de eu chegar à porta da frente e já está correndo de volta com uma pilha de correspondência em suas mãos. — Eu sabia! — Ela passa por mim, largando a correspondência na mesa de centro, mantendo um pequeno envelope contra o peito. — É ela, papai!

— Quem? — pergunta mamãe, descendo as escadas para a sala de estar. — Quem é ela?

— O coração da mamãe — diz Olivia, como se isso fizesse sentido para alguém, além dela e de mim.

— Como é? — diz mamãe. Eu nunca disse exatamente a Olivia para manter essas cartas recorrentes entre essa mulher e eu em segredo, mas nunca pretendi deixar que ninguém mais soubesse sobre elas também. — Por que você está recebendo correspondência em um domingo?

Uh. Nós não recebemos correio aos domingos. Eu não peguei a correspondência ontem, mas por que ela acha que o correio acabou de chegar?

— Olivia, você viu o carteiro?

— Não, acabei de ouvir a caixa de correio. — Audição biônica? Nossa. Espera aí. Correndo para a porta, deixando o vento batê-la atrás de mim, eu chego na entrada a tempo de ouvir o motor de um carro, mas quem quer que seja já subiu o pico da colina. Mesmo que eu descesse a rua, não teria a chance de ver o carro.

Derrotado como sempre, volto para casa e pego o envelope de Olivia.

— Você viu a pessoa que colocou isso na caixa de correio? — pergunto. Ela já entregou essas cartas antes? Se sim, ela obviamente mora por aqui. Mas e as montanhas?

Olivia sacode a cabeça, suas tranças se revirando.

— Não.

— Você viu um carro indo embora?

— Sim — diz ela. Essa única palavra faz meu coração parar de bater por um breve segundo.

— Que cor era? — pergunto.

Olivia coloca o dedo sobre os lábios enquanto seu olhar vai para o teto.

— Hummmm, hmmm. Eu acho, acho que era verde, ou talvez fosse marrom. Cinza, sim, poderia ter sido cinza, como cinza e branco, talvez.

Eu me ajoelho na frente dela e pego suas mãos nas minhas.

— Olivia, eu preciso que você pense bem. Era um carro grande como o meu ou era pequeno como o da vovó e do vovô?

— Era médio, eu acho. Quer saber, acho que o carro era azul — ela fala com um grande sorriso. — Sim... eu gosto de carros azuis.

Isso é absolutamente inútil.

— Hunter, você gostaria de explicar isso? — mamãe me pergunta, como se eu fosse um adolescente que ela acabou de pegar escondendo maconha em sua gaveta.

— Uma senhora escreve pro papai o tempo todo. Ela tem o coração da mamãe. — Olivia me tira do sério um pouco mais.

— O quê? — mamãe murmura com raiva tingindo suas bochechas. — Você conhece a remetente?

— Não — eu a corrijo. — Eu não sei quem é essa mulher. Eu só recebo cartas dela.

— Ela obviamente conhece você e sabe onde você mora! — mamãe diz, exasperada. — Bem, abra-a!

Eu não quero ler a carta em voz alta. Não para ela. Olivia não entende muito do que essas cartas dizem, então eu não me importo de lê-las para ela, mas isso é tudo o que resta de Ellie, e parece que deveria ser privado.

— Mãe, eu preciso que isso seja apenas para os meus olhos. — Tento explicar, no entanto, eu sei que ela não vai entender. Ela amava Ellie como se fosse sua própria filha. E por essa razão, há lágrimas nos olhos da mamãe.

Ela não responde com uma discussão, apenas como se eu a tivesse magoado.

— Tudo bem — diz ela.

Com Olivia bem presa entre os braços, ela aperta a bochecha na cabeça da neta, os olhos se fecham e uma única lágrima escapa.

Eu abro o envelope, cuidadosamente deslizando o papel para fora. Desdobro, achando mais texto que normal.

Caro Sr. Cole — eu li em voz alta, sucumbindo à culpa. Os olhos de mamãe

se abrem com surpresa, euforia e um pedido por mais.

Quatro semanas se passaram desde a minha última carta para você. Naquela época, o tempo ficou mais frio e passei muito tempo dentro de casa, lendo, limpando e escrevendo um pouco. Eu temo que o coração dela se sinta um pouco vazio nesses dias e eu me sinto culpada por não fazer mais para preenchê-lo.

Eu engulo o nó na minha garganta enquanto sinto uma dor aguda no meu peito. Eu não quero que o coração dela se sinta vazio... nunca. Passei minha vida inteira aquecendo seu coração, enchendo-o com tanto amor quanto eu poderia oferecer. Precisando de uma pausa nas palavras geladas, eu olho para mamãe, avaliando seus pensamentos pelo olhar em seu rosto, mas confusão é tudo que vejo.

Eu conheci um homem, um homem que não sabe das minhas fraquezas, perdas ou ganhos. Acho que ele me viu por quem eu sou e queria descobrir mais sobre mim, mas temo o que ele pensaria ou faria se soubesse do meu estado frágil.

Eu quero dizer a ela que nenhum homem vale a luta se ele não amar uma mulher por tudo que a torna quem ela é, mas eu não posso dizer a ela porque eu não sei quem ela é e provavelmente nunca vou saber.

De qualquer forma, espero que você e sua filha estejam bem. Ellie me disse uma vez que sonhava em ter uma filha. Eu sei que não é assim que ela queria que acontecesse. Lamento ter decepcionado o coração de Ellie no mês passado e farei o que puder para trazer de volta um pouco do calor que escapou. Talvez esse homem que conheci seja diferente. Talvez ele seja o primeiro a amar um pássaro com uma asa quebrada. Nós precisamos ter

esperança, certo? Tome cuidado e espero que a temporada de férias lhe traga tudo o que você queria este ano.

*Atenciosamente,
O coração dela*

Eu sempre pensei que ela poderia conhecer Ellie, considerando que ela sabe quem eu sou e agora, onde moro, mas esta é a primeira vez que ela menciona o nome de Ellie ou o fato de que ela sabe que Ellie e eu temos uma filha. Essa informação teria permanecido privada em qualquer troca de informações de doadores, especialmente porque eu não tenho nenhuma informação sobre ela.

Meu único pensamento agora é que ela conhece Ellie, ela conhecia Ellie, o que significa que eu devo conhecê-la, ou gostaria de pensar que a conheço. Ellie e eu tivemos o mesmo grupo de amigos, além de alguns dos professores com quem ela trabalhou na escola, mas ela não era muito próxima de nenhum dos outros professores.

— Hunter — mamãe interrompe meus pensamentos, lágrimas agora derramando, uma após a outra pelas bochechas molhadas. — Essa mulher conhece você e Ellie. Esta não foi uma doação aleatória, foi? — Ela está me perguntando como se eu tivesse escondido informações dela, detalhes que eu estava morrendo para descobrir por mim mesmo.

— Parece, mas não tenho informações sobre ela. E nunca terei, a menos que ela se revele para mim. — Mamãe se inclina para frente e pega o envelope da mesa de café, virando-o para frente e para trás, procurando pelo endereço do remetente que estou sempre procurando.

— Ela não quer que você a encontre — diz mamãe.

— Eu sei. — Mas isso não vai me impedir de tentar.

— Estou saindo — diz AJ, entrando na sala de estar. Eu quase me esqueci da bomba atômica que ele deixou cair sobre mim há alguns minutos.

— Onde você está indo? — pergunto a ele.

— Pra casa, para resolver as coisas com Alexa, espero — mamãe interrompe.

— Não, eu vou passar um tempo no Lion — AJ diz, afastando-a.

— Oh, AJ, espero que você não esteja bebendo de novo. Você chegou tão

longe.

— Jesus, mãe. Eu acho que você e papai precisam pegar a estrada. Você está gastando muita energia se preocupando com Hunter e comigo hoje. Para sua informação, nunca tive problemas com bebida. Eu só gosto de relaxar e me divertir às vezes. Não há nada de errado com isso. Além do mais, talvez eu esteja apenas indo pela companhia dos bartenders.

AJ sabe que a está irritando e ele sempre gostou de fazer isso.

— Eu não te criei assim, AJ. Você deveria ter vergonha. Você precisa acertar as coisas com sua esposa, não se enfurnar em um... — Ela enruga o lábio em desgosto. — Bar sujo e vulgar, onde todas as garotas têm tetas maiores que o estado do Texas.

AJ solta uma gargalhada alta antes de colocar a mão no ombro da mamãe.

— Oh, mãe. Os seios delas não são tão grandes assim, mas com certeza valem uma boa olhada, hein? — Com isso, ele pega o casaco do sofá e sai sem outra palavra.

— Onde eu errei com vocês dois? — ela pergunta com uma voz trêmula. — Você quer morrer sozinho e ele não sabe como manter as calças abotoadas. — Embora eu saiba que ela não quis dizer o que disse, ainda parece uma bofetada no meu rosto. Eu nunca disse que queria morrer sozinho. Sim, o pensamento passou pela minha cabeça, mas nunca o admiti em voz alta.

— Isso não é justo.

— Você está certo — ela concorda. — Mas não se esconda depois de um contato superficial com algo bom, Hunter. Não faça isso. É tudo o que vou dizer. — Exceto que isso não é tudo o que ela vai dizer. — Aquela garota ali, Charlotte, ela é protetora, então não estrague tudo. Fique feliz, mesmo que seja só pelo bem de Olivia. — Agora ela terminou.

— Papai sempre me faz feliz — Olivia fala, evitando contato visual com mamãe. — Sempre.

Mamãe me entrega o envelope que está segurando firmemente em suas mãos e puxa Olivia para ela.

— Eu sei, querida. Esta é apenas uma conversa de adultos.

Olivia olha para ela, focando diretamente nos olhos de mamãe.

— Ele faz o melhor que pode — diz, seguindo sua última defesa.

Mamãe fecha seus olhos, esperançosamente percebendo que foi longe demais novamente.

— Você está certa, Olivia — ela diz. Com um longo suspiro, mamãe se

afasta e volta pra cozinha, dizendo alto: — Harold, está na hora de ir. — E é assim que a maioria dos domingos termina. Mamãe se sentindo magoada e papai todo desconcertado ao sair do coma induzido pelo excesso de comida.

Papai rodeia a sala de estar, esfregando seus olhos.

— O que está acontecendo?

— Somente o convite de sempre para partir — ela diz pra papai como se eu tivesse mandado que eles fossem embora. Seu comentário passivo-agressivo não vale a pena discutir. Eu aprendi muito tempo atrás que eu não posso vencer e ela vai terminar ainda mais magoada.

— Bem, acho que nos vemos no próximo domingo — diz papai preguiçosamente. Ele se abaixa e faz um carinho na cabeça de Olivia, então bate nas minhas costas. — Se cuida, meu filho.

Mamãe me dá um abraço frio e sussurra contra meu rosto:

— Eu amo você mesmo que você me odeie. — Mais culpa maternal, mas eu não vou deixar isso me atingir hoje.

Eles saem juntos deixando uma rajada de silêncio atrás deles depois que batem a porta.

— Está tudo bem, papai — Olivia diz.

— Eu estou realmente fazendo tudo certo? — pergunto.

Ela envolve seus braços na minha perna, apoia seu rosto contra o meu corpo.

— Você está sendo excelente — Olivia responde. — Oh! Eu quase esqueci! Eu tenho que me arrumar pra ir na casa da Lana. — Eu olho pro meu relógio e vejo que já são quase quatro. Como esse dia passou tão rápido?



Depois de umas duas horas assistindo ao jogo sem muita atenção eu pego o celular e mando uma mensagem pra Charlotte, voltando para onde meus pensamentos estão desde que saí da casa dela umas duas horas atrás.

Eu: pizza?

Charlotte: Simmmm! E “o que quer que seja” ;)

Eu: pizza e “o que quer que seja” entendi.

Eu coloco meu telefone de volta no bolso.

O pensamento da decisão que eu tenho que tomar não sai da minha cabeça, eu sinto uma combinação de medo e desejo. A minha situação é

diferente da maioria dos rapazes. Eu tive somente uma mulher, porque não havia outra mulher pra mim. Eu não sei como são as outras mulheres, se elas são diferentes pra melhor ou pior.

Nem Ellie nem eu sabíamos o que estávamos fazendo quando demos esse passo em nosso relacionamento. Nós tínhamos dezesseis anos e seus pais viajaram no fim de semana. Ela disse que estava com medo de passar a noite toda sozinha em casa, eu disse a ela que eu ia passar por cima da estrita regra de seus pais que não permitiam nenhum menino em casa quando eles não estivessem lá. Em se tratando de regras eu e Ellie quebramos cada uma delas. O amor jovem não é uma coisa com que se possa interferir visto que nossos hormônios estão enfurecidos em uma proporção que eu ainda tenho problemas pra compreender.

Nós éramos apenas amigos, melhores amigos até uns poucos meses antes desse particular fim de semana.

Tudo entre nós mudou durante uma festa de aniversário com o bom e velho jogo de girar a garrafa. Como o destino fez isso? A combinação de impulso e a velocidade da garrafa queria que nós nos beijássemos.

O momento que eu tinha imaginado na maioria das noites antes de dormir estava a alguns instantes de acontecer. Eu ia saborear o gosto dos seus lábios. Ela veio na minha direção primeiro, rapidamente no início e muito mais lentamente quando chegou mais perto. Seu olhar estava preso no meu. Ela não demonstrava nenhum aparente nervosismo, somente um pequeno sorriso, um sorriso que eu poderia ver muito mais vezes durante a nossa vida, sua vida. Ela fechou os olhos esperando que eu fosse encontrá-la no meio do caminho, o que pareceu uma milha naquele momento, meu coração estava batendo forte, o suor estava correndo pela minha testa e minha respiração se alojou na minha garganta.

Esse era um momento agora ou nunca. Eu considerava que fosse um nunca porque eu pensei que se eu não tivesse a coragem de fazer isso naquele segundo, eu poderia nunca ser capaz de tentar. Eu fechei os olhos e me inclinei pra frente, esquecendo as duas dúzias de olhos olhando para o que seria nosso primeiro beijo. A música estava tocando na minha cabeça, meu coração não estava mais batendo, mas driblando uma batida lenta enquanto meus dedos passavam por sua bochecha e em seus sedosos cachos loiros. Nossos lábios só estavam separados por dois centímetros de ar, cheios de partículas magnetizantes de atração. Adrenalina assumiu e nossos lábios se encontraram. Não era um daqueles beijos apaixonados como nós dávamos

quando ficamos mais velhos, onde eu a surpreendia por trás e a levantava até que ela estivesse presa contra uma parede sob o meu aperto. Este era estático, praticamente sem movimento, nossos lábios se conectando e travando no lugar, parecendo que nós estávamos sentados lá por horas. Aproveitei a oportunidade para inalar o cheiro de sua pele e a fragrância de seu xampu. Tudo mudou e aconteceu naquele segundo, me apaixonei por minha melhor amiga. Logo antes de nosso beijo terminar, seus lábios fizeram um pequeno movimento, eles se curvaram em um sorriso que eu podia sentir contra a minha boca.

Quando ela se afastou, e ela precisou fazer isso, porque eu nunca teria conseguido, seus olhos castanhos estavam arregalados e eu juro por Deus que eu vi um brilho neles. Essa merda não acontece, mas aconteceu naquele momento.

Que porra eu estou fazendo?

— Olivia! — grito para ela.

— Oi? — ela grita, descendo os degraus em seu vestido de festa.

— Eu não estou me sentindo tão bem, querida.

— Oh, não, você precisa que eu chame um médico? — ela pergunta. — Precisa de uma sopa? Eu posso ligar para Charlotte.

— Não, não sopa, ou Charlotte. Só preciso me deitar um pouco — digo a ela.

— Nem Lana?

Eu olho para seus olhos tristes por um longo minuto, tentando pensar em uma maneira de explicar a ela por que não é uma boa ideia ir até lá, mas não há como fazê-la entender que tenho medo de sentir algo remotamente perto do que eu sentia por Ellie. Eu vou manchar memórias. Eu vou esquecer sensações, sentimentos e o que meu coração já sentiu.

Meu celular vibra no meu bolso e eu o pego, vendo o rosto de AJ aparecer na minha tela. Eu atendo, perguntando:

— O que houve?

— Eu preciso que você venha me buscar — diz ele.

— Onde diabos você está?

— Centro da cidade — ele diz simplesmente.

— Você bebeu demais?

— Não.

— AJ, onde diabos você está?

— Cadeia da cidade — ele murmura.

— Jesus, AJ. O que diabos você fez?

— Por favor — ele implora em voz baixa.

— Eu estarei aí assim que puder. — Largo o telefone no sofá e pego a jaqueta de Olivia no cabide. — Estou te levando para a Lana. Pegue suas coisas — digo a Olivia.

— E você? — ela pergunta. — Eu quero que você venha também.

— Eu preciso ir ajudar seu tio primeiro.

Eu a peguei, junto com as bonecas Barbie que ela planejava levar para Lana. Nós atravessamos a rua e Charlotte abre a porta quando nós nos aproximamos dos degraus da frente. A coitada abre a porta com um grande sorriso, que estou prestes a arruinar.

— AJ foi preso; eu tenho que ir buscá-lo.

— O quê? — ela pergunta, chocada. — O que diabos ele fez?

— Não faço ideia.

Charlotte pega Olivia pelo braço e a puxa para dentro da casa.

— Entre, querida, Lana está lá em cima. Vá em frente. — Olivia se vira para trás e me dá um abraço rápido antes de entrar. — Você precisa de mim para fazer alguma coisa?

— Não, se você puder cuidar de Olivia, eu te informarei assim que descobrir o que aconteceu. Eu deveria deixar o idiota lá, mas...

— Isso não é quem você é — diz ela, ficando na ponta dos pés e me dando um beijo suave na bochecha. — Sempre há tempo para “o que quer que seja” depois. — Suas palavras flutuam em meu ouvido, colidindo com meus pensamentos já confusos, e eu respondo com um sorriso.

Eu deveria dizer mais para ela, como, eu não posso esperar, ou algo assim, mas as palavras não vêm para mim, então eu apenas envolvo meu braço em volta dos ombros dela e a deixo com um beijo no topo de sua cabeça.

— Eu aviso a você assim que souber o que está acontecendo.



— SÉrio? — É tudo o que tenho a dizer para AJ enquanto ele passa pela porta protegida por alarme do escritório do delegado.

— Eu posso explicar — ele murmura. O seu habitual sorriso despreocupado não está estampado no rosto e os olhos estão semicerrados. Na verdade, ele tem um olho roxo. AJ é um monte de coisas, mas não é de briga, então isso me surpreende um pouco e diminui relativamente minha raiva.

— O que diabos aconteceu com você? — pergunto a ele em voz baixa.

Ele evita minha pergunta quando se volta para a janela de segurança. Um oficial entrega a ele uma pequena pilha de pertences e AJ se vira, ainda me evitando enquanto se dirige para a porta principal.

Quando chegamos ao carro, o silêncio se torna alarmante. Ele não consegue encontrar uma palavra para explicar como conseguiu ser preso essa noite?

— Destrave a porta — diz ele.

— Não até você me dizer o que aconteceu.

— Alexa aconteceu — ele rosna, pressionando o polegar em seu lábio inferior, que agora vejo está cortado. Meu Deus.

— Alexa fez isso com você? — eu pergunto, soando duvidoso. Essa garota não é grande o suficiente para fazer o tipo de dano que foi feito a ele, então tem que haver mais nessa história.

— Não, ela fez o segurança fazer isso comigo — diz ele. Com a pouca quantidade de informação que tenho, decido dar uma pausa e destrancar as portas da caminhonete. AJ entra e bate a porta atrás dele. Assim que eu entro, sua boca começa a se mover.

— Eu não estava fazendo nada errado. Eu estava conversando com o barman quando Alexa entrou. Ela disse alguma merda para o segurança e a próxima coisa que eu vi foi o punho do babaca na minha boca. Instintivamente, eu revidei. Uma vez. Isso foi o suficiente para o gerente do bar chamar a polícia. É por isso que estou aqui.

— Olha — digo. — Isso não é da minha conta, mas como seu irmão, eu tenho dito isso há anos... essa garota não é boa para você. Ela nunca te fez feliz. Você propôs porque ela te ameaçou. Eu não tolero seus hábitos de trapaça, mas você precisa fazer o que é certo.

— Eu ia dizer a ela quando chegasse em casa, você sabe, que eu quero o divórcio e tudo mais, mas eu precisava de um pouco de confiança líquida antes de fazer isso.

— Você precisa de um lugar para dormir? — AJ está mais ou menos morando em minha casa ou onde quer que eu tenha morado desde que Ellie morreu. Ele dorme em casa, mas o resto do tempo, ele está comigo. Eu lhe dou crédito por aguentar Alexa tanto tempo, mas tenho certeza de que não há nada de bom nele estando sob o mesmo teto que ela agora.

— Sim, eu preciso — ele confirma, recostando contra o encosto do banco.

É apenas uma viagem de alguns minutos antes de entrarmos na garagem. Eu saio e atravesso a rua para pegar Olivia. Definitivamente não vai ter “o que quer que seja” acontecendo aqui essa noite, especialmente com AJ nos meus calcanhares.

Eu abro a porta e entro. Acho que chegamos ao ponto em que bater não é completamente necessário. Na verdade, não me lembro da última vez que Charlotte bateu à minha porta. É quase como se estivéssemos em um relacionamento que não envolva as partes normais de um relacionamento. Eu tornei tudo isso estranho e ela aceitou de bom grado. De repente, ocorre-me que ela realmente me ergueu um pouco. Eu estou tão preso à minha culpa por trair Ellie que não valorizo Charlotte por me aceitar com toda a minha bagagem, por ser uma amiga sem pedir mais do que posso dar. Eu preciso mudar isso... para que ela saiba o quanto eu a aprecio... Como me sinto sobre ela.

Como me sinto sobre ela? Meus pensamentos estão em todo lugar e mudam a cada minuto. Não é justo fazer isso com ela.

— Olivia adormeceu cerca de vinte minutos atrás — Charlotte me informa enquanto se aninha no sofá. — Se você quiser deixá-la, posso levá-la para casa a tempo de você prepará-la para a escola pela manhã. — A voz de Charlotte está menos calorosa do que o habitual. Embora eu não consiga identificar a emoção que ouço, acho que ela parece irritada.

— Você pode nos dar um minuto? — pergunto a AJ.

— Obrigado por cuidar de Olivia — diz AJ para Charlotte. — Eu te vejo amanhã. — AJ desliza para fora da porta, cuidadosamente fechando-a atrás dele para que não faça nenhum som.

— Charlotte — começo.

— Tudo bem, realmente. A família vem em primeiro lugar — ela diz friamente enquanto pega o cobertor do sofá e lentamente dobra ao meio. — Eu sinto que há uma parte de você que está ausente de qualquer coisa que estamos fazendo, de qualquer maneira. — Seu olhar não sai do cobertor. Ela não pode olhar para mim quando diz isso, o que eu não consigo entender. Perdi alguma coisa? Como nós fomos de planejar “o que quer que seja” para essa frieza em questão de horas?

— Porque eu fui pagar a fiança de AJ e tirá-lo da prisão?

— Não. — Ela suspira. — Não é por isso.

— Então o que é? Eu sou um beijador de merda ou o quê? Porque nós não nos provamos de nenhuma outra maneira para que eu possa ser totalmente avaliado. — Eu sei exatamente o que ela quer dizer, mas eu pensei que estava escondendo isso um pouco melhor. Acho que não.

— Uh, não. — Ela ri e suas bochechas queimam com um tom vermelho. — Você é um beijador incrível, provavelmente o melhor que eu já... como nunca... experimentei, mas eu sinto que estou roubando você de alguma outra coisa, como se seu coração não estivesse completamente disponível... se é que isso faz sentido.

— O que eu fiz para fazer você pensar isso? — O que eu não fiz para fazê-la pensar isso?

— Todos nós temos segredos, Hunter. Eu entendo isso e nunca esperaria que você se abrisse depois de apenas me conhecer por alguns meses, mas mesmo que entenda, eu também não posso deixar de me perguntar o que você não está me dizendo por outras razões. — Eu gostaria de saber a que ela estava se referindo. Que segredos eu tenho? Eu sinto que tenho sido um livro

aberto com ela mais do que com qualquer outra pessoa nos últimos cinco anos.

— Eu não sei a que segredos você está se referindo — digo e estou sendo honesto.

— Ótimo, bem, estamos em um lugar agora onde eu preciso saber quais são seus planos. Se você só precisa de uma companheira de foda, apenas diga. Se você quer que sejamos só amigos, isso é legal também. Eu acho que você hoje me jogou em um turbilhão com suas mensagens confusas quando me beijou. Você já sabe o que sinto por você, Hunter, mas apesar de algumas palavras doces que você bondosamente me ofereceu, eu não sei o que está passando pela sua cabeça e não sei por quanto tempo posso fingir estar bem com isso. Eu estou totalmente perplexa com a mudança em sua atitude, e esta é a última coisa de que preciso agora.

— Bem, isso vale pra nós dois! — Minha voz se eleva mais alto do que eu pretendia, mas a fúria está borbulhando no meu estômago e esta é a razão exata pela qual eu evitei chegar perto demais de alguém nos últimos anos. — Eu não sabia que você precisava colocar um rótulo em nós ou o que quer que estivéssemos fazendo, especialmente porque não fizemos nada de verdade, mas se você quiser colocar uma etiqueta em nós, então vá em frente e coloque um grande e gordo “amigos”.

— Eu acho que é hora de você sair — diz ela quase em um sussurro.

— Papai? — Olivia vai na ponta dos pés, descendo os degraus um por um, enquanto esfrega os olhos. — Estamos indo para casa?

— Vamos, princesa — me agacho para levantá-la.

— Pode dizer a Lana que eu vou vê-la na escola amanhã? — Olivia murmura para Charlotte.

— Pode deixar, gatinha — ela diz em troca. Com um sorriso para Olivia, seus lábios se encolhem em uma careta quando olha para mim. — Agora. — Seu dedo está apontado para a porta e é o suficiente para me fazer querer sair e nunca mais voltar. É uma pena que nossas filhas sejam tão próximas como elas são.

O que diabos aconteceu? Eu disse algo errado quando deixei a Olivia lá? Se ela não está chateada por eu ter libertado o AJ, o que seria ridículo, o que é?

Quando entramos pela porta da frente da nossa casa, AJ imediatamente pega Olivia.

— Mocinha, eu tenho uma história para você, Ollie-Lolly. — Ele começa

a subir as escadas com ela tendo os braços apertados em volta do pescoço dele.

— Própria para menores, por favor — grito para as escadas.

Sozinho e chateado, eu tiro minhas botas, deixando cada uma bater contra a parede. Que porra eu estou fazendo? Eu caio na cadeira que fica embaixo da foto de Ellie e deixo minha cabeça cair para trás até que eu esteja olhando para ela.

— Você deve estar tão enojada com o meu comportamento — digo. — Já que você provavelmente já está rolando em seu túmulo, eu poderia terminar a noite. — Eu me levanto e ando pela cozinha, revirando o armário superior acima da geladeira aberta para recuperar minha garrafa de Jack. A garrafa com que eu, às vezes, flerto depois que Olivia vai para a cama.

— Pegue um copo para mim — diz AJ, andando atrás de mim. Eu ia beber direto da garrafa, mas acho que um copo significa que tenho alguém com quem beber, que pelo menos soa melhor do que beber sozinho. Eu pego dois copos e encho até o meio, deixando o Jack fora do armário, caso haja necessidade de segundas doses.

— Você não está bebendo por minha causa, está? — AJ pergunta.

— Não — pressiono a borda do copo contra os meus lábios.

— É sobre a carta que encontrei em sua mesa de centro? — Foda-se. Porra. Porra. Eu levanto o copo um pouco mais alto, deixando o líquido queimar minha garganta a um ritmo impressionante. — Ou é sobre Charlotte? Ou talvez seja sobre a mulher no jardim. — Como? Simplesmente como? — Papai me falou. Cara... quantas mulheres você tem? Eu aqui pensando que você era impotente e você comendo três?

— Não é bem assim — termino o uísque no meu copo.

AJ agarra a garrafa e vai para a sala de estar.

— Vamos ouvir, então.



Em algum momento, hoje à noite, o ponteiro das horas no relógio mudou de oito para duas e já posso sentir a ressaca que vou sentir amanhã... ou hoje... em três horas, quando eu tiver que levar Olivia para a escola. Eu só espero que esteja sóbrio até lá. AJ está tagarelando, reclamando sobre Alexa, e eu estou olhando para o outro lado da sala para o retrato de Ellie.

— Nós dois somos... patéticos — digo a ele.

— Você é mais patético do que eu — diz AJ. — Sua esposa está morta há cinco anos e você ainda está olhando para a foto dela como se ela fosse começar a responder a qualquer momento. — Suas palavras normalmente me provocam raiva, mas como ele já fez muita merda nas últimas vinte e quatro horas, está bebendo, e há um pouco de verdade no que diz, eu vou deixar isso passar dessa vez. Só dessa vez.

— Você precisa falar mais com essa garota no jardim — diz AJ. — E você precisa fazer as pazes com Charlotte. Espere, você não consertou as coisas com ela hoje cedo? — Ele toma outro gole.

— Eu pensei assim. — solto um leve lamento. — Cara, estou tão confuso. Eu tenho sentimentos reais por Charlotte... eu tenho. Eu quero estar com ela, mais do que apenas ser essa merda de amigo idiota. Estou sempre ansioso para a próxima vez que eu a vir e estou sempre pensando em razões para ligar para ela à noite. Isso significa algo, certo? — Eu considero minhas verdades bêbadas por um minuto, percebendo que estou fugindo do que quero por causa da quantidade de perguntas não respondidas na minha vida. — Mas então eu fico... e a garota por trás das cartas? Eu quero encontrar o coração de Ellie também. Eu não acho que Charlotte vai entender isso. Não importa a mulher do jardim. Eu provavelmente nunca mais a verei de novo.

— Eu posso ver o seu problema — diz AJ. — Oh, meu Deus, Hunt, e se, e se as cartas forem do fantasma de Ellie? — AJ diz, fechando os olhos. — Quer saber? — Ele abana o dedo para mim por um longo minuto. — Não, você quer saber, cara? Você é meu irmão, meu sangue, meu irmão de sangue, você sabe. — Sua respiração se alonga como se ele estivesse prestes a cair no sono. — Então, vou ajudá-lo. Além disso, você me salvou hoje à noite, você está me recebendo aqui e você é um ótimo irmão. Eu vou ajudar você, Hunt. Eu vou te ajudar a encontrar essa sua garota misteriosa.

— Obrigado, cara — sinto o peso nas minhas pálpebras começar a tomar conta também.

— E se? — AJ diz, me puxando desse meu lugar quase tranquilo. — E se você já conhecesse essa mulher que escreve as cartas? Você pode imaginar?

— Você acabou de me dizer que ela poderia ser um fantasma — lembro a ele. — Mas eu não acho que é o caso. A maneira como a mulher fala em suas cartas é quase como se ela não fosse dessa área. Ela fala sobre montanhas e coisas do tipo. Nós não temos montanhas aqui.

— Talvez ela estivesse de férias? — AJ diz, surpreendentemente

perspicaz para seu estado de embriaguez.

— Talvez. — Minhas pálpebras ganham a batalha, me puxando para uma névoa pesada, um nevoeiro confortável, um lugar que está longe de todas as peças da minha vida, me deixando sozinho com visões de Ellie e da vida que deveríamos ainda estar compartilhando. É um problema que eu não tenha me desligado da minha esposa morta? Existe uma regra que diz que só é permitido aos viúvos um ano de luto antes que eles precisem se recompor e agir como seres humanos normais de novo? Eu sei que já faz cinco anos, mas eu a amo ainda hoje, tanto hoje como sempre, e não sei o que fazer com isso.

A quantidade de vezes que ouço a voz de Ellie na minha cabeça me dizendo para deixá-la ir, me faz pensar se ela está tentando me dizer alguma coisa ou se é meu subconsciente estúpido na tentativa de me fazer homem e seguir em frente. Eu não posso nem confiar em meu próprio cérebro para me dizer o que é certo.



— Papaiiiii... — O Sussurro de Olivia faz um estrondo no meu ouvido como um bongô em um banheiro fechado. — São nove, zero, zero. — Suas palavras inflamam meu cérebro e corpo, forçando-me a sentar na minha cadeira. Eu dormi em uma maldita cadeira. São nove, ela perdeu o ônibus e está atrasada para a escola. Esta é oficialmente a maior irresponsabilidade que eu faço desde o dia em que ela nasceu.

— Merdaaaa — AJ geme, levantando suas pálpebras abertas.

— O tio disse uma palavra feia — Olivia canta, dançando em um pequeno círculo. — Uma moeda, por favor? — Ela estende a mão para ele, esperando por outra moeda para colocar em seu cofrinho que já está transbordando de taxas de palavras feias de AJ.

— Olivia, vá brincar — AJ geme novamente.

— Não, estamos atrasados para a escola! — ela grita teatralmente.

— Merda, me desculpe — AJ pede. — Isso é minha culpa. — Por mais fácil que fosse colocar toda a culpa nele, desta vez, é minha culpa.

— Isto é sobre mim, mano — digo a ele.

— Me desculpe por ter dormido demais, Olivia. Eu não estou me sentindo bem. Estou doente — explico.

— Você não está doente, papai — Olivia diz severamente, cruzando os braços sobre o peito. Adicione esse momento ao número de vezes nos últimos dois anos com os quais eu queria responder “Ok, Ellie” mas me absteve.

— Estou doente — digo. — Minha cabeça e barriga doem. — Ela não diz mais nada, apenas me dá aquele olhar, o olhar que me diz que ela não sabe sobre o que estou mentindo ou por quê, mas sabe que estou mentindo.

— Vou levá-la para a escola — diz AJ, entrando na cozinha.

— Você cheira a Jack, então não — digo a ele.

— Quem é Jack? — Olivia pergunta. — Jack estava na cadeia? Como Jack-in-the-Box, ou Jack-in-the-Jail? — Ela ri furiosamente com sua própria piada, uma piada que eu acharia engraçadíssima também, se minha cabeça não estivesse prestes a se partir ao meio.

— Seu cheiro não é melhor — AJ me diz.

— Prepare-a e vou tomar um banho de dois minutos — digo a ele.

Eu corro até as escadas, tirando minhas roupas no caminho. Enquanto afasto a cortina do chuveiro sobre o varão, o guincho do metal toca sirenes na minha cabeça. Jesus. Preciso de Advil... muitos. Com a água em pleno calor, eu entro, deixando o chuveiro em cascata sobre mim como um cobertor quente. O vapor enche minha cabeça, não deixando espaço para pensamentos errantes ou as lembranças dos pensamentos que eu estava tentando afogar com a bebida na noite passada. Fodendo Charlotte.

Pensando nisso, estou um pouco surpreso por ela não ter batido na minha porta quando não nos viu no ponto de ônibus. Ela deve estar realmente chateada, não que eu saiba o porquê. Para alguém que administra um site de relacionamentos e é especialista em relacionamentos, ela devia saber melhor que a comunicação é um componente-chave. Então não estou errado aqui, ela está.

Depois de ensaboar meu cabelo e meu corpo, ainda estou precisando liberar um pouco da minha raiva e frustração. Eu pego meu pau, fecho meus olhos e deixo minha imaginação viajar, na esperança de escapar por alguns minutos, exceto que eu nem sei mais para quem fantasiar. Minha masculinidade é um fracasso que não acende. Talvez seja bom que eu tenha estragado tudo com Charlotte ontem à noite. Talvez minha virilidade tenha morrido com Ellie.

Eu pego uma toalha e saio, tirando o Listerine da prateleira. Encho minha boca com o líquido azul, permitindo que algumas gotas se infiltrem no fundo da minha garganta. A queimadura é boa por alguma razão doentia, mesmo que isso me lembre do Jack que ainda está apodrecendo por causa da noite passada. Pelo menos eu não vou cheirar assim agora.

Levo menos de cinco minutos para colocar algumas roupas e descer as

escadas, onde encontro Charlotte sentada em meu sofá.

— Oi — diz ela. Sua voz está envergonhada, desanimada, magoada.

— Oi.

— Você está bem? — ela pergunta.

— Na verdade, não.

Ela enrola um fio de cabelo atrás da orelha, puxando meu olhar para seus olhos brilhantes. Ela estava chorando?

— Eu percebi que algo estava acontecendo já que você não apareceu no ponto de ônibus.

— Sim, tenho que levar Olivia para a escola. Ela está atrasada e é minha culpa.

— Você quer que eu a leve? — ela oferece.

Parte da minha raiva irracional da noite passada explode em resposta à sua pergunta.

— Obrigado pela oferta. Eu posso levá-la. Mas... — Eu não sei o que diabos eu fiz, mas pelo olhar dela, é definitivamente algo. — Se você quiser vir junto para o passeio, você pode. — Talvez ela possa lançar alguma luz sobre o meu erro desconhecido.

Ela leva um minuto para me responder, parada, olhando pela janela em direção à sua casa. Eu gostaria de saber o que está passando pela mente dela.

— Por favor — Eu não quero que seja assim. Eu prefiro voltar para o sofá dela e retomar o que estávamos fazendo ontem, e pular toda a parte onde a minha culpa quase me afastou de algo bom.

Olivia está pronta e esperando na porta com sua mochila e seu cabelo em um rabo de cavalo que AJ tentou... eu nem sei o que ele tentou fazer. Charlotte nota o cabelo de Olivia ao mesmo tempo que eu e caminha até ela, ajoelhando ao seu lado. Ela tira o elástico do cabelo de Olivia e desliza entre os dentes enquanto corre os dedos pelos cachos. O rosto de Charlotte se ilumina, como se isso a fizesse feliz, cuidar da minha filha. Depois de alguns segundos estudando a habilidade de Charlotte de juntar os dois lados, com cuidado para não perder nenhum fio de cabelo solto, ela amarra-o em um rabo de cavalo perfeito, algo que eu ainda tenho que dominar. É por isso que a pobre precisa de uma mãe. Eu não fui criado para ajeitar o cabelo de uma menina.

— Perfeito — diz Charlotte, beliscando a bochecha de Olivia suavemente.

Olivia envolve os braços em volta do pescoço de Charlotte e a aperta com

força.

— Eu te amo — diz ela.

Minha garganta aperta; meu coração se enche de dor e alívio, mas principalmente dor. Essas três pequenas palavras que foram minhas desde o dia em que Olivia nasceu, agora foram compartilhadas com uma mulher que poderia me odiar, uma mulher que eu não tinha certeza se poderia seguir em frente por razões que talvez eu nem deveria ter. O simples ato de fazer seu cabelo perfeito trouxe aquelas palavras sagradas. Olivia não sabe disso, mas ela precisa de uma mulher em sua vida tanto quanto eu. Estou estragando tudo?

Charlotte, ainda segurando Olivia com força, olha para mim, desta vez com angústia em seus olhos, como se quisesse se desculpar pelo que Olivia acabou de dizer. Eu não quero que ela se desculpe.

— Pronta para ir? — pergunto a Olivia. Ela caminha até mim lentamente e envolve os braços em volta da minha perna. — Eu também te amo, papai. — O que está acontecendo dentro de sua pequena mente hoje? Às vezes me pergunto se Olivia sente o mesmo tipo de dor que eu sinto, mas a única dor que ela realmente sente é a dor que eu instiguei nela. Na verdade, ela não conhecia Ellie, ela não entende como é perder alguém e ela não entende como é ter uma mãe. Essas são coisas que só sinto em minha cabeça, e quando supponho que ela também pode sentir essa dor, isso causa muita culpa desnecessária.

— Eu te vejo no trabalho — grito para AJ, que parece estar tomando sua terceira xícara de café. Ele me dá um aceno rápido sem tirar a caneca da boca.

Enquanto ainda me pergunto se Charlotte vai me acompanhar ou não, alcanço a maçaneta da porta da caminhonete.

— O assento ainda está livre — digo.

Charlotte olha para o outro lado da rua mais uma vez e coloca a ponta do polegar entre os dentes, contemplando profundamente essa curta viagem.

— Tudo bem — ela diz, de modo quase inaudível, antes de caminhar para o outro lado. No momento em que estamos todos acomodados na caminhonete, Charlotte fala: — Sinto muito.

— Você não tem motivos para se arrepender. Quer dizer, talvez um pouco por ficar brava sem nenhuma explicação, mas eu nunca fui fã de pessoas que precisam se desculpar por coisas. A vida é curta demais para isso.

— Eu não deveria ter esperado que você me contasse tudo — ela continua. — Eu acho que... — Ela faz uma pausa por um momento e pressiona os dedos contra o lado de sua cabeça como se estivesse com dor de cabeça. Talvez ela tenha dores de simpatia por mim. — Eu acho que eu queria tanto que as coisas funcionassem com a gente e o pensamento de que você talvez estivesse tendo outra coisa acontecendo com outra mulher me fez sentir um pouco louca.

Ah, o quê? Com quem eu teria algo acontecendo?

— Por que você acha isso? — pergunto.

— Devemos falar sobre isso mais tarde... quando Olivia não estiver no carro — diz Charlotte, olhando para Olivia com um sorriso.

Sem brincadeiras. Não tenho certeza, porque ela abordou o assunto com Olivia ainda no carro. Que diabos ela está pensando? Entro no estacionamento da escola e estaciono a caminhonete.

— Eu vou levar apenas um minuto — digo a Charlotte.

Eu pego Olivia de seu assento e corro, de mãos dadas com ela, para a escola, entregando-a para a inspetora que está me encarando cautelosamente.

— Bom dia, Olivia — diz ela, retornando o sorriso de Olivia, em seguida, olhando para o relógio, antes de olhar para mim com as sobrancelhas levantadas. — Bom dia, Sr. Cole.

— Bom dia — retorno sua saudação, enquanto também me sinto como uma criança de cinco anos em apuros quando me inclino para dar um beijo na cabeça de Olivia. — Pegue o ônibus para casa, eu vou estar esperando por você no ponto, ok? — eu acrescento, enquanto eu a viro para a escola.

— Certo — ela canta. — Divirta-se com Charlotte hoje. — Ela ri e se joga na cadeira azul atrás de nós.

— Sim, Sr. Cole, se divirta com Charlotte hoje — diz a inspetora, cruzando os braços sobre o peito grande. Seus óculos escorregam pela ponte do nariz e ela aperta os olhos. — Essas crianças dependem muito da educação que vem de casa. É importante garantir que Olivia esteja aqui a tempo, de manhã.

Sério? Eu nunca me atrasei antes. Dá um tempo, minha senhora.

Sentindo-me como se estivesse fazendo a caminhada da vergonha dos pais pelo corredor vazio, volto para a caminhonete ansiosamente, com a necessidade de uma explicação das acusações de Charlotte.

Eu pulo de volta para a caminhonete onde Charlotte está esperando pacientemente, percorrendo suas mensagens em seu telefone.

— Você está atrasada para o trabalho, mas quero conversar se tiver tempo.

— Sim, precisamos conversar — diz ela, colocando o telefone no colo. — Que tal começarmos com as cartas... e a mulher no jardim. — Oh, merda. Olivia... minha pequena fofoqueira. Agora estou começando a entender de onde vem a raiva de Charlotte.

Um barulho de gemido ressoa no fundo da minha garganta, um hábito que tenho quando não consigo pensar em uma resposta adequada. Eu coço minha cabeça por um minuto enquanto afundo de volta no banco do motorista.

— Essas cartas são um segredo há muito tempo e não apenas de você, mas de toda a minha família também. É algo entre Ellie e eu, acho. Realmente não há outra explicação para eu esconder isso, além de ser algo que escolhi manter em sigilo.

— Uma mulher está escrevendo cartas para você toda semana, mais ou menos. Não posso deixar de me perguntar se havia algo mais acontecendo.

— Não. Eu nem sequer a conheço. São apenas cartas e não é algo que eu queira compartilhar com ninguém, eu acho.

— Eu deveria ter perguntado a você na noite passada, em vez de imaginar o pior — diz ela, tocando um fio solto no rasgo em seu jeans.

Apenas um leve toque de culpa me pega quando penso no jeito que eu estava olhando para Ari no jardim, mas eu poderia não ter olhado para ela desse jeito se eu não estivesse com raiva de Charlotte pelo que eu imaginei que ela fez com AJ.

— Devo lembrá-la do segredo que você escondeu de mim sobre AJ? — Eu termino minha pergunta com um sorriso astuto, tentando buscar uma trégua para a discussão.

— Justo — diz ela, soltando um suspiro de alívio.

— Não estou vendo mais ninguém ou dormindo com mais ninguém — confirmo.

— E eu, provavelmente, nunca teria chegado a essa conclusão se Olivia não tivesse me contado sobre seu encontro com uma princesa da Disney no jardim.

Isso é um pouco mais difícil de explicar, já que eu não sei muito sobre Ari além do fato de que compartilhamos um interesse comum em um lugar que visitamos. Olivia me cavou um pequeno buraco aqui.

— Há uma mulher que eu encontrei algumas vezes no jardim quando estava visitando Ellie. Ela parecia estar passando por algo e eu conversei com

ela por alguns minutos. Eu não sei muito sobre ela. — Eu sinto que estou na defensiva, tentando justificar minhas ações quando, na realidade, eu não fiz nada de errado além de notar uma mulher atraente. Não é um crime, até homens casados felizes fazem isso.

— Eu entendo — diz Charlotte. — Eu realmente entendo. Mas tenho certeza de que você pode entender minha súbita preocupação ou dúvidas.

— Eu entendo. Se isso tudo incomoda você, eu entendo, mas há certas coisas que preciso que permaneçam constantes em minha vida, para minha própria sanidade, como as cartas, e não posso me dobrar a isso. Eu não quero te dizer que você tem que estar bem com isso, mas esta é apenas a bagagem que vem comigo.

— Entendi. E eu ainda quero isso — diz ela, colocando a mão sobre a minha. — Eu fiquei com raiva ontem à noite porque eu realmente quero isso. Você. Eu só queria ter certeza de que estávamos na mesma página e eu duvidei disso.

Eu olho para ela, virando minha mão e apertando seus dedos.

— Eu quero isso também.

Ela solta o cinto de segurança e deixa o celular no porta-copos. Eu não sei como ela está conseguindo se manobrar do jeito que está, mas ela está subindo no console do meio, apoiando um joelho em cada lado de mim. Antes que eu tenha um segundo para interpor, seus lábios estão nos meus. Suas mãos estão escorregando na frente da minha camisa, e merda, ainda estamos sentados no meio do estacionamento da escola. Eu me afasto.

— Você está fora de si? — Eu rio. — Nós provavelmente poderíamos ser acusados por pedofilia ou algo assim, por fazer isso aqui.

Ela ri e tira a mão de dentro da minha camisa. Enterrando a cabeça no meu ombro ela murmura:

— Merda, você está certo. Quão rápido consegue chegar em casa?

— Rápido o suficiente.

Estamos na metade do caminho para casa quando a mão dela começa a subir pela minha perna.

— Charlotte, eu vou nos matar se você continuar. — Ela não para, mesmo assim. Sua mão continua até que ela atinge meu pau. Com um aperto suave, ela lentamente começa a mover a mão para frente e para trás sobre a minha dureza repentinamente insana. Eu vou explodir na minha maldita calça em um minuto. Acho que ele não está morto.

No momento em que alcançamos a entrada da garagem dela, sinto que

minha barraca está a segundos de explodir. Ela corre à minha frente, abrindo a porta e entrando. Sua camisa é removida antes mesmo que ela cruze o portal. Cristo, essas coisas não podem ser reais. Suas calças vão em seguida e então ela está de pé diante de mim usando uma calcinha preta e um sutiã de renda preta que não deixa nada para a imaginação. Eu a levanto e as pernas dela se enroscam ao redor do meu corpo enquanto a carrego até as escadas e para o quarto dela, um quarto no qual ainda não pisei desde que a conheço. Eu a coloco na cama e tiro minha camisa enquanto ela trabalha no meu cinto, minha braguilha, meu botão. Calças sumiram. Boxers se foram. Seu sutiã já se foi e sua calcinha está pendurada no canto da cabeceira da cama.

Eu subo em sua cama, pairando sobre ela, inclinando-me e levando um dos seus mamilos cor de rosa entre meus dentes. É tudo o que ela precisa para começar a gemer e para minha necessidade se tornar mais intensa. Minha mão percorre ao longo de seu corpo, chegando entre as pernas, onde sou agradavelmente recebido com a umidade. Eu acho que as preliminares não são necessárias pela sensação de sua prontidão, mas eu não terminei de explorar. Eu deslizo dois dedos dentro dela, sentindo-a apertar em torno de mim, fazendo com que meu pobre pau não tão morto fique com ciúmes. Seus gemidos ficam mais altos à medida que seus movimentos se tornam maiores. Sem querer que ela termine antes de mim, eu puxo meus dedos para fora, dando a ela a liberdade de estender a mão e tirar um preservativo de sua mesa de cabeceira.

Depois de desenrolá-lo sobre a minha dureza latejante, ela envolve seus dedos em volta de mim e me guia para dentro dela. Meus pensamentos ficam embaçados, perdidos dentro das sensações que meu corpo está experimentando gratamente. Fecho meus olhos e empurro dentro dela, achando que ela gosta quando sou firme e rude de acordo com suas palavras gritantes. Prendo seus braços acima da cabeça enquanto a penetro como se eu percebesse que queria isso por um bom tempo. Suas pernas apertam ao meu redor, tudo aperta em torno de mim enquanto ela grita mais alto do que eu imaginei uma garota gritando. Seus tremores me dizem que ela terminou, mas acho que sabe que eu ainda não estou lá.

Ela agarra as mãos ao redor do meu bíceps e me puxa para a cama ficando sobre mim em seguida, me dando a visão mais inacreditável de seus grandes seios saltitantes. Eu aperto minhas mãos ao redor de seus quadris, apreciando o jeito que sua bunda roça de forma abrupta contra minhas palmas. Com outra onda de gemidos encontrando seus lábios, estou supondo

que ela está prestes a gozar de novo. Desta vez, estou com ela. A pressão e o calor se acumulam dentro de mim e, como se ela soubesse o exato segundo a remexer em cima de mim com todo o seu peso, eu me alivio nela. É como se todo o meu estresse tivesse derretido e liquefeito na cama embaixo de mim. Eu não acho que posso me mover agora. Eu não acho que quero.

Ela cai em cima de mim, trazendo os lábios para o meu pescoço, deixando-os lá como um espaço reservado para qualquer outra coisa que deveria acontecer neste segundo.

— Você é incrível — ela sussurra contra a minha pele. — Eu nunca tive nada remotamente perto do que você acabou de me dar.

Suas palavras são uma mudança e um elogio. Eu não tinha certeza do que eu ia medir, especialmente depois de estar quase morto abaixo da cintura por tanto tempo, mas vou tomar isso como um bom ‘tapinha nas costas’.

— Você não é tão ruim — murmuro. — Na verdade, você é incrível pra caralho. — Um sorriso se estende em meus lábios enquanto eu dobro minhas mãos atrás da cabeça. Eu realmente me sinto como um milhão de dólares agora.

— Não, eu acho que você não entendeu — diz ela. — Ninguém nunca foi capaz de me fazer... você sabe. Não importa uma vez, mas duas vezes? — Suas palavras e risadas suaves são como um vinho doce, o final perfeito para uma refeição incrível.

Casada por tanto tempo e nenhum homem a fez gozar? Não sei se estou surpreso ou orgulhoso dos meus esforços. Eu apenas presumirei que sou incrível, mais fácil assim.

— Uau, cuidado para não acariciar muito meu ego — digo.

— Eu não vou acariciar seu ego, mas... — As palavras dela se apagam enquanto ela desce pelo meu corpo, tomando meu pau ainda muito duro à boca.

Eu nunca vou me mexer novamente. É isso. Eu estou pronto para... O que quer que seja.



FEVEREIRO
DOIS MESES DEPOIS

Aspirando o último fragmento deixado à esquerda do carpete, meu foco é atraído para AJ encostado na parede oposta, olhando para o telefone. Um olhar inquieto está tomando seu rosto e eu não consigo descobrir o que deu nele.

— Como foi a noite passada? Você finalmente contou a Alexa? — pergunto a ele.

— Não é importante — ele murmura, digitando algo em seu telefone. Sua mandíbula está se contraindo e ele está respirando com dificuldade, algo que ele tende a fazer quando está chateado.

— Cara, algo está obviamente acontecendo.

— Merda, Hunter, você pode me dar um tempo, porra? — Eu ando até ele, ignorando seu pedido, porque Deus sabe que ele faria o mesmo comigo. Ele faz o mesmo comigo. Sempre que preciso de espaço, ele me sufoca e me empurra em um canto até eu quebrar. Eu acho que é assim que mostramos amor fraternal. — Não faça isso agora — ele vocifera, enquanto joga o

telefone do outro lado da sala. Eu vejo quando a coisa é rebatida na parede oposta.

— Esta não é a nossa casa — lembro-lhe. — Fale comigo. Respire. Qualquer coisa.

— Sim, eu resolvi tudo a noite passada — ele grita. — Eu disse a ela que queria a porra do divórcio. — Levou dois meses para finalmente dizer isso a ela.

— Isso é bom, certo? — pergunto. — Não é isso que você queria fazer?

— Sim — ele grita. — É isso que eu queria fazer. — Não tenho certeza se estou acompanhando agora. Porque ele está tão puto se é isso que queria? — Merda. Merda. Merda!

Andando pelo quarto, ele pega o telefone do chão, levantando-o, inspecionando-o. Eu não sei dizer se ele quebrou ou não, mas acho que não, já que ele está apertando mais botões.

Ele levanta o telefone no ouvido enquanto passa os dedos pelo cabelo grosso. Seu olhar encontra o meu por um breve segundo, mas agora ele está indo para o outro lado da sala. Eu o sigo.

— Do que diabos você está falando? — pergunta ele, sua voz é baixa e suave. Ele não quer que eu ouça, que é mais uma razão para eu ouvir. — Como você sabe? — Há silêncio em seu final da chamada, enquanto suponho que ele está ouvindo quem está do outro lado. — Essas coisas nem sempre são precisas. — Outra pausa segue, provavelmente cheia de palavras que eu gostaria de ouvir. — Alô? Jesus. Alô?

AJ se vira, encontrando-me a menos de alguns metros de distância. A raiva está manchando o branco de seus olhos vermelhos.

— Ela tá grávida — diz ele com os dentes cerrados.

Ah, Merda! As palavras “É seu?” provavelmente não são as mais bem escolhidas nesse exato segundo, mas são exatamente as que saem da minha boca. Claro que é dele. Bem, talvez seja dele.

— Você está me perguntando se ela está transando com outros caras? Porque não desconsidero essa possibilidade! O que diabos eu devo fazer? Você acha que é meu? Eu deveria consertar as coisas com ela agora? É possível consertar as coisas? Eu sinto que estamos quebrados desde o começo. Porra! Que diabos eu vou fazer, Hunt? — O suor está se formando em sua testa. Ele está completamente enlouquecido agora. Não tenho certeza se AJ alguma vez teve a intenção de se tornar pai. Ele disse algo para mim uma vez depois que Ellie morreu. Ele estava com cara de bosta, é claro, mas

era algo do tipo que ele nunca vai se arriscar a acabar como um pai solteiro porque ele não poderia fazer o que eu faço. Era um elogio, mais ou menos, mas eu posso entender porque minha vida pode assustá-lo. Assusta a mim.

— Vamos relaxar por um segundo — digo a ele. — Sente-se. — Ele não se senta. Em vez disso, ele continua andando e arrancando os cabelos da cabeça. — AJ... — Eu tento manter minha voz calma na esperança de acalmá-lo, mesmo que seja só um pouco.

— Eu não posso fazer o que você faz, Hunt. Eu não posso fazer isso. Não posso ficar com Alexa e eu não vou ficar em um casamento horrível por Deus sabe quanto tempo só porque nós temos um filho juntos. — Sua raiva está diminuindo um pouco, mas eu posso dizer pelo olhar dele que pergunta atrás de pergunta está fervilhando em sua cabeça.

— Você precisa descobrir se é seu — digo a ele novamente. — Nós podemos descobrir e decidir o que fazer a partir daí.

— Como diabos eu descubro se é meu?

Como ele não sabe uma merda dessas aos vinte e oito?

— Um teste de paternidade. Eles podem fazer isso antes que o bebê nasça. — Eu pego o aspirador para que possa terminar o trabalho aqui. — Você só tem que convencê-la a fazer isso. — Eu ajusto o aspirador e me inclino para apertar o botão, mas paro quando outro pensamento vem à mente. — Quando foi a última vez que vocês dois...

— Ela não me tocou em semanas. Ela não chegava perto de mim. Eu tive sorte se ela chupou meu pau uma vez por mês. — Impressionante, eu realmente precisava saber disso. Seja qual for o caso, acho que ele pode ter sorte com isso.

— Vá encontrá-la e faça um teste de paternidade. Eu termino aqui. — AJ não pensa duas vezes. Ele pega o casaco do armário e sai pela porta. É apenas uma questão de segundos antes que eu ouça sua caminhonete roncar contra a temperatura abaixo de zero lá de fora. Espero, pelo bem dele, que a criança não seja dele.

Termino mais cedo do que pensei e volto para casa rápido, antes que seja hora de pegar Olivia no ônibus. Enquanto estou entrando na garagem, percebo que a aba da minha caixa de correio está aberta. O correio geralmente não vem até um pouco mais tarde, mas talvez eu não a tenha fechado direito ontem. Ou talvez haja algo lá. Pulando da caminhonete, corro até a entrada e enfio a mão na caixa, pegando um envelope. Ao sentir a textura do papel, eu já sei que é dela. Ela vem aqui para colocar isso na minha

caixa de correio e nem uma vez eu a vi. Para alguém que quer permanecer anônima, é estranho que ela faça isso, em vez de enviá-la pelo correio. Se ela sabe onde eu moro, não é como se ela não conseguisse encontrar meu endereço. Como ela sabe onde eu moro? Acabamos de nos mudar para cá há alguns meses.

No começo, considero abrir a coisa bem aqui, mas pensando bem, Charlotte poderia muito bem estar me olhando pela janela e prefiro não ter outra conversa sobre essa mulher anônima.

No momento em que entro, um pouco sem fôlego de excitação e correndo pela calçada, rasgo o lado do envelope e tiro a carta.

Caro Hunter

Eu não posso mais fazer isso. O coração dela sofre por você toda vez que eu te envio uma carta. A culpa enche minha alma e me cobre como um cobertor pesado que eu não consigo suportar. Eu sei que não sou responsável por tirar a vida dela, mas sinto que estou mantendo-a viva para você e ao mesmo tempo mantendo este coração como refém pelo bem de vocês.

Debati durante as últimas duas semanas se esta é ou não a decisão certa, mas acho que é.

Pedi aos médicos para manterem minhas informações anônimas, porque eu não achava que teria coragem de encarar a família que infelizmente perdeu esse coração que eu protejo com tanto carinho. Com a compreensão da injustiça nesta situação, dado que não lhe foi oferecida a opção de permanecer anônimo, sinto que devo revelar minha identidade para lhe oferecer o devido encerramento. Essas cartas não são justas para qualquer um de nós, e eu tenho sido egoísta em fingir que são.

Eu gostaria de pedir que você me encontre no Borderline Grill para jantar hoje às sete. Eu percebo que é pouco tempo e eu sei que você tem que encontrar alguém para cuidar de Olivia, mas se eu não fizer isso agora, talvez eu nunca encontre coragem para tentar de novo.

Eu entendo se isso for pedir demais ou se não quiser se encontrar comigo. De qualquer forma, agradeço sua consideração.

*Fique bem,
O coração dela*

Minhas mãos estão tremendo enquanto releio a última parte da carta uma e outra vez. Não tenho certeza se acompanho o processo de pensamento dela ou o que ela está sentindo. Ela quer se encontrar para poder seguir em frente? Essas cartas têm sido uma conexão de que eu precisei nos últimos cinco anos e o pensamento de não as receber mais faz meu estômago doer. Eu tenho me enganado, cedendo a um relacionamento fictício? Eu considereei a possibilidade de que isso fosse um efeito colateral de ficar completamente louco, mas também evito esses pensamentos.

Eu não posso pedir a Charlotte para cuidar de Olivia esta noite. Eu teria que explicar por que e não quero contar uma completa mentira agora que as coisas estão indo tão bem entre nós. Mesmo se eu tentasse explicar, ela me diria que entende, mas eu sei que não. Eu tenho conversado com mulheres tempo suficiente para saber que isso nunca fará sentido para ela. Em qualquer outra situação, eu nunca faria algo tão desprezível quanto esconder um encontro secreto com uma mulher, mas ela é a guardiã do coração de Ellie, e isso faz dela uma mulher especial, e isso torna a situação especial.

Eu pego meu telefone do bolso de trás e envio em uma mensagem.

Eu: *Você poderia cuidar de Olivia por algumas horas hoje à noite?*

Mãe: *Claro. Está tudo bem?*

Sem permitir que esses três pequenos pontos de pensamento apareçam por mais de dois segundos, respondo:

Eu: *Sim, eu tenho uma reunião com um cliente hoje à noite. Foi uma proposta de última hora.*

Mãe: *Isso é maravilhoso, querido. A que horas você gostaria que eu chegasse? Eu posso fazer o jantar dela se você quiser.*

Eu: *Isso seria ótimo. Seis?*

Mãe: *Te vejo às seis então, querido.*

Mentir para ela não parece tão ruim quanto mentir para Charlotte, eu acho.

Quase perdendo completamente a noção do tempo, ouço a porta bater do outro lado da rua e vejo Charlotte descendo a entrada da garagem em direção ao ponto de ônibus. Pisando na calçada, eu chamo sua atenção, ela parece surpresa em me ver.

— Pensei que você ainda estaria no trabalho — diz ela, tremendo de frio.

— Nós terminamos cedo e eu corri para casa. — Leva apenas alguns segundos para perceber o quão frio está aqui fora. — Devemos pegar um carro pra descer?

— Tudo bem, eu posso caminhar — ela fala, suas palavras abafadas contra os punhos enluvados.

— Tudo bem? — Significado, o que está errado? Algo está errado. Não há sorriso no rosto dela. Não houve beijo de olá. Me acostumando com os mecanismos de entrar em outro relacionamento, aprendi muito bem sobre seus maneirismos nas últimas semanas. Uma das coisas que eu gosto nela é que ela não vai me dizer “nada” se algo estiver errado. Ela vai me dizer exatamente o que está errado, mas não até eu perguntar.

— Eu vi uma mulher deixar algo na sua caixa de correio hoje. Ela não era uma funcionária do correio. É ela? A mulher que tem o coração de Ellie?

— O quê? — Eu sei o quê. Estou usando a palavra para ganhar tempo até descobrir o que dizer. — Você sabe quem ela é? — Eu nunca quis tanto uma resposta antes.

— Você sabe quem ela é? — Charlotte retruca, disparando minha própria pergunta de volta para mim. Se eu soubesse quem ela era, não teríamos essa conversa.

— Não — digo.

— Bem, você verificou sua caixa de correio? — pergunta.

— Sim — eu me abstive de mentir, seguindo minhas intenções anteriores.

— Então você sabe quem é — ela gentilmente me informa.

— A carta foi anônima.

— Era ela — ela sussurra, uma névoa fria saindo de sua boca.



— Eu estou aqui! — mamãe grita da porta da frente. — Onde está a minha pequena Olivia Palito?

Olivia está assistindo TV na sala da família e eu estou olhando para o meu espelho pelos últimos vinte minutos. Eu não tenho certeza do que estou olhando, mas talvez eu esteja esperando que algum tipo de senso encontre o meu reflexo. Não tive sorte. Charlotte não está feliz. Ela está provavelmente muito na merda, na verdade. Eu não posso dizer que não estaria se estivesse no lugar dela e, normalmente, eu me importaria. Eu me importo, especialmente depois que me apaixonei por Charlotte. Mas esse outro relacionamento ou “o que quer que seja”, que tive com essa mulher que tem o coração de Ellie está vivo há quase cinco anos. Eu não posso simplesmente abrir mão da única oportunidade que eu mais queria desde que recebi a primeira carta dela. Eu devo isso à minha curiosidade, à minha dor e mágoa... e à Ellie.

O que eu não entendo é o que de repente fez essa mulher querer acabar com seu anonimato. De qualquer forma, espero descobrir esta noite. Tantas vezes tenho estado acordado à noite imaginando como ela poderia ser. Uma mulher sem rosto é a única coisa que me veio à mente, porém, uma mulher sem rosto com um coração feito de ouro, um coração que pôde sobreviver mais que a mulher mais incrível que já existiu neste mundo.

— Hunter, querido — mamãe chama, sua voz ficando mais alta quanto

mais perto ela chega. Quando ela vira, entrando no meu quarto, um olhar interrogativo reveste seu rosto. — Deve ser um cliente muito importante!

— Sim, é uma grande oportunidade, pela qual eu estive esperando — Não é mentira, apenas a parte do cliente. — Obrigado por vir cuidar de Olivia — agradeço.

— Por que você não pediu a Charlotte para cuidar de Olivia esta noite como você normalmente tem feito ultimamente? — mamãe pergunta.

— Eu não quero abusar da sua disposição para me ajudar com tanta frequência — respondo honestamente.

— Entendo. — Há o olhar, perguntando se as coisas estão fracassando entre mim e seu sonho de uma nova nora. — De qualquer forma... — Mamãe afasta o cabelo da testa e solta um suspiro suave. — Você falou com seu irmão hoje?

Ah, merda... Eu tenho a sensação de que AJ não informou mamãe sobre sua nova situação. O problema é que ela sabe que trabalhamos juntos hoje.

— Sim, nós trabalhamos esta manhã.

— Você sabe para onde ele foi depois do trabalho? — Não que ela seja boa em nos dar espaço, mas ela está definitivamente pescando informações nesse momento. Ela deve saber alguma coisa.

— Não, eu tenho estado um pouco ansioso. — Era verdade.

— Hum. — Ela passa os dedos pela parte superior da minha cômoda, criando uma nuvem de poeira no ar. — Você realmente precisa de uma empregada — diz, limpando o dedo em suas calças.

— Anotado. — Suspiro. — Ok, não vou chegar em casa tarde. — Eu acho que não. Finalmente, tirando meu olhar do espelho, eu respiro profundamente e engulo contra a secura na minha boca.

— Você põe perfume para encontrar um cliente?

Meu Deus.

— Adeus, mãe. — Eu aperto seus ombros e dou um beijo em sua bochecha. — Obrigado, novamente.

Depois de dizer adeus a Olivia e afastar seus quatro milhões de perguntas, saí pela porta e entrei no carro, sem ser percebido, espero. Seja ou não Charlotte, de fato, me vigiando pela janela agora, eu não sei, mas sinto como se estivesse machucando-a fazendo isso, mesmo que eu não tenha mencionado esse encontro. Eu odeio que tenha que ser assim e eu não deveria ter que me convencer de que o que estou fazendo é certo ou errado, porque é algo que eu sei que tenho que fazer.

Quanto mais me aproximo do *Borderline Grill*, mais pesado meu peito fica e mais dolorido meu estômago se torna. Como vou saber como encontrá-la? Ela não me deixou nenhuma descrição ou mesmo um nome. Então agora eu vou ter que abordar todas as mulheres no restaurante e perguntar se ela escreve uma carta estranha, ou “Ei, me desculpe, isso pode soar estranho, mas, você tem o coração da minha esposa no seu peito?” Que diabos estou fazendo? Talvez eu tenha essa conexão não dita com ela e vou saber que é ela só de olhá-la. Só que esse pensamento é ridículo.

Minha mente acelerou nos últimos cinco minutos desta viagem e estou chegando ao estacionamento meio cheio. Eu olho para a fila de carros procurando por qualquer tipo de carro que possa se destacar para mim, mas não tenho certeza do que poderia se destacar e fazer uma confirmação. Um carro é um carro.

Sinto falta de ar quando saio da caminhonete. Meus joelhos estão fracos e se eu não estivesse tentando ao máximo não cair, eu estaria beijando a calçada.

O que deveria ser vinte e cinco degraus até a porta da frente parece que são apenas três e, antes que eu perceba, minha mão está presa na maçaneta gelada. A leve rajada de vento parece estar segurando a porta no lugar, mas na verdade são só meus músculos que não funcionam de acordo. O restaurante não é grande e é estilo vagão restaurante, o que significa que, no momento em que eu entrar, vou me deparar com pessoas olhando para mim, a razão pela qual uma sineta toca ao abrir a porta.

Eu prendo minha respiração e abro a porta, entrando. Olhando para várias pessoas sentadas em cabines, noto que nenhuma delas está sentada sozinha. Talvez ela tenha trazido alguém com ela... sua mãe, pai, irmã ou irmão? Eu poderia ser psicopata, afinal. No entanto, eu nem sei se ela tem algum desses parentes. Eu não sei quase nada sobre ela. Talvez eu devesse ter trazido alguém também... Charlotte. Talvez esse fosse o jeito certo de lidar com isso. Agora é tarde demais. Seja como for, não é assim um encontro às cegas. Eu só quero conhecê-la. Eu só quero estar perto do coração dela.

Enquanto continuo a examinar olhando para cima e para baixo da linha da esquerda para a direita, ninguém está olhando para mim mais, o que significa que ninguém se importou o suficiente para pensar que eu poderia ser Hunter. Ela sabe como eu sou? Acho que isso não me surpreenderia, já que ela sabe onde eu moro e qual é o meu nome. Não seria tão difícil de descobrir.

Eu solto outra respiração estremecida quando uma garçonete com uma

saia preta e uma blusa branca se aproxima de mim. Ela é jovem, talvez uma adolescente. Seu cabelo está em toda parte e há tristeza acumulando em seus olhos escuros alinhados, me dizendo que tem uma história para contar. Eu gostaria de me distrair com ela, mas não há intervalos ou pausas na vida real, então não vou perguntar se ela está bem, enquanto ela está me perguntando se eu gostaria de uma mesa para um. O simples fato de que eu ainda noto tristeza nos outros ao meu redor me faz perceber o quão diferente eu sou hoje do Hunter de luto que conheceu Charlotte no ponto de ônibus apenas alguns meses atrás.

— Dois, por favor — uma voz atrás de mim responde à pergunta antes que eu tenha a chance de abrir minha boca.

— Bem, por aqui — diz a garçonete, girando e seguindo pelo caminho estreito em direção à última mesa vazia do restaurante.

Eu deveria me virar. Eu deveria encará-la. Ela sabe quem eu sou mesmo de costas e eu não sei quem ela é.

Fazendo o que qualquer pessoa com medo faria, eu sigo a garçonete sem me virar. No momento em que chegamos à mesa, a garçonete já colocou os dois menus para baixo e nos disse para desfrutar da nossa refeição. Eu deslizo para o banco mais próximo, o que é rude. Eu sempre fui bom em oferecer à senhora o assento mais próximo primeiro, mas eu não tenho coragem de ser um cavalheiro neste momento. O coração da minha esposa está quatro centímetros atrás de mim, perto o suficiente para sentir a respiração sendo criada a partir do coração de Ellie.

O covarde dentro de mim gostaria de fugir e nunca encarar o resultado desse mistério, mas eu teria que encará-la para fazer isso também. Eu entendo agora porque ela manteve sua identidade em segredo todos esses anos. No momento em que a vir, a conhecer, falar com ela... tudo vai mudar.

Eu fecho os olhos brevemente quando sinto a cabine se ajustar um pouco, me dizendo que ela está agora sentada à minha frente, olhando para mim, provavelmente se perguntando o que diabos está errado comigo enquanto sento aqui com os olhos bem fechados.

Eu coloco minhas mãos na mesa, segurando o revestimento de plástico com as pontas dos dedos. Meu coração está na garganta e eu não tenho certeza se tenho o que é preciso para engolir até que uma mão, uma mão macia e quente, caia suavemente em cima de uma das minhas e, instantaneamente, meus olhos se abrem.

Minha outra mão encontra minha boca, cobrindo-a com choque e

admiração.

— Você! — É tudo que consigo dizer.

Ela balança a cabeça com um pequeno sorriso inseguro e responde:

— Eu! — Com uma risada gentil, ela diz: — Robert Frost me disse para seguir um caminho diferente hoje.

— Você não acabou de se mudar para cá de San Diego, não é? — O tenso sentimento nos meus músculos alivia com o som de sua voz. — E eu pensei que você não acreditasse em nada disso. De fato, se bem me lembro, você chamou de bobagem.

Ela solta um bufo silencioso e olha para o colo. Após uma breve pausa, ela olha de volta para mim através de seus cílios espessos e escuros.

— Não, eu menti sobre San Diego — diz. — E eu poderia estar errada sobre Frost.

— Por que você não me disse? — pergunto.

— Eu não conseguia descobrir como — fala, desviando o olhar do meu.

Eu pareço ter uma abundância de pessoas na minha vida que não sabem como me dizer as coisas... coisas importantes.

— Ei, eu tenho o coração de sua esposa — digo, oferecendo-lhe as palavras simples que tão facilmente poderiam ter sido admitidas quando nos conhecemos. — Isso teria feito a proeza.

— Sim, esse seria o jeito apropriado de fazer isso e não seria nem um pouco estranho — ela retruca, revirando os olhos. Sua parte superior do corpo se inclina para a frente, permitindo que o cabelo escuro escorregue pelas bordas dos ombros. Criando mais silêncio, ela abre o zíper do casaco, cuidadosamente puxando cada braço de suas mangas, revelando uma camisa preta com gola V que flerta com a clavícula. Meu olhar é atraído para o centro de seu peito, onde uma cicatriz perfeitamente reta brinca com o tecido de cobertura. É ela.

— Eu queria te contar, mas não sei se seria certo abordar um completo estranho e destruí-lo — diz ela.

Nós não somos estranhos.

— Em vez disso, você me escreveu cartas anônimas por cinco anos. Você não percebe que me destruiu também? — Talvez destruir não tenha sido a palavra correta, mas eu me sinto esvaziado toda vez que leio mais de suas palavras. Isso manteve a dor viva para mim. Também manteve Ellie viva para mim. — E onde era essa montanha que você escreveu?

— Essa nunca foi minha intenção, Hunter. Eu juro a você. — Ela

pressiona os dedos pelo cabelo, afastando-o de suas bochechas, e aproveito o momento para reconhecer que a descrição de Olivia de uma princesa da Disney é bastante precisa. Ela é perfeita. — A montanha fica ao norte. Eu gosto de fazer viagens curtas para pensar e ficar sozinha às vezes.

Checando as respostas às minhas perguntas, continuo:

— Você sabia que eu estaria no jardim naquele dia? Naqueles dias? — pergunto, imaginando o quanto Ari honestamente sabe sobre mim.

— Não, eu não fazia ideia. Isso aconteceu por conta própria. Como se Ellie quisesse que nos encontrássemos. Nada acontece sozinho. Tudo é pré-planejado e destinado a acontecer.

— Uau... — Eu ofereço como uma resposta honesta.

— Eu concordo. — Ari coloca as duas mãos sobre a mesa; entrelaçando os dedos bem cuidados. — Eu sei que você tem uma namorada, ou pelo menos, eu estou supondo pelo que Olivia disse naquele dia no jardim. Não é minha intenção causar qualquer problema em sua vida e espero não ter feito isso pedindo a você que me encontre aqui hoje à noite. — Eu não acho necessário admitir o problema que isso causou porque eu estou sentado em frente à batida do coração de Ellie.

— Eu tenho uma namorada, mas isso não tem nada a ver com a gente — eu admito. Ela sorri e eu não tenho certeza se entendi o porquê.

— Estou feliz que você esteja feliz. Isso tira um pouco mais da culpa de mim.

Eu não entendo como ela pode se sentir culpada. Ellie morreu e foi nobre o suficiente para pensar no que aconteceria na vida uma vez que ela fosse embora.

— Você nunca deveria se sentir culpada. Este momento aqui, agora, mostra-me quão maravilhosa Ellie era para pensar à frente e querer salvar uma vida se a dela acabasse. Isso me faz amá-la ainda mais.

— Ela era uma ótima mulher — diz Ari, mais uma vez roubando a respiração dos meus pulmões.

— Posso anotar os seus pedidos ou vocês precisam de mais alguns minutos? — A garçonete interrompe essa discussão incrivelmente importante, e Ari a usa para sua vantagem.

— Eu gostaria da salada verde com azeite e vinagre, coberta com o frango grelhado, por favor?

Perdendo o rastro do fato de que estou sentado em cima de uma montanha-russa com quase um quilômetro de altura esperando que os freios

sejam liberados, olho para ela, estupefato.

— Salada? Você está falando sério?

Ela coloca a mão sobre o peito.

— Tenho que manter esse tique-taque.

— Ela vai querer um hambúrguer e batatas fritas. — Eu sei que era rude e ela poderia ser vegetariana ou vegana ou algo assim, mas Ellie iria querer que ela comesse um hambúrguer e batatas fritas. Se havia uma coisa que Ellie fazia certo, era comer, e ela fazia como se fosse morrer no dia seguinte. Ela comeu uma pizza inteira de queijo e duas batatas fritas na noite anterior ao nascimento de Olivia, pois sabia que eles não a deixariam comer nada no hospital e as primeiras contrações já tinham começado. Foi seu último desejo pré-maternidade. A mulher conseguiu o que queria e isso salvou a noite dela; felizmente, desde que foi sua última refeição. Isso é que é última refeição.

— Ei — murmura.

— Você é vegetariana? — eu pergunto intencionalmente.

— Não — ela ri.

— Hambúrguer e batatas fritas, então. O mesmo para mim, por favor. — Isso ajuda a garçonete a acelerar o processo, deixando-nos de volta no topo da montanha-russa. — Você conhecia Ellie? Eu sei que você mencionou isso em uma de suas últimas cartas, mas ouvi-la mencionar em voz alta me atordoa novamente.

Ela evita meu olhar enquanto as lágrimas se acumulam em seus olhos. Eu dou o momento que ela precisa, enquanto observo seus dedos torcerem firmemente, forçando o branco de seus dedos a brilhar sob a luz da lâmpada suspensa sobre a mesa.

Quando ela foca sua atenção no meu rosto, há um reflexo em suas lágrimas, mostrando uma versão desfigurada dos meus traços faciais. Eu me pergunto o que o olhar no meu rosto mostra agora. Eu sinto muitas coisas diferentes, nenhuma das quais eu já senti antes.

— Eu fui aluna dela dois anos antes de ela falecer.

— Aluna? — Eu não sei por que estou perguntando isso, já que eu sabia que ela teve vários deles ao longo dos quatro anos que ensinou, mas ela nunca mencionou nenhum deles em particular para mim. — Eu não entendo o que uma coisa tem a ver com outra.

— Eu estava morrendo — diz enquanto as lágrimas secam. Suas palavras soaram amargas vindo de sua boca, mas também soam como se ela fosse forçada a se olhar no espelho e dizer a si mesma, repetidas vezes que estava

morrendo.

— De quê? — Eu deveria saber. Eu estou sabendo. Mas preciso ouvir tudo.

— Insuficiência Cardíaca Congênita. Eu não deveria ter passado dos vinte anos, mas consegui — explica. Sua explicação faz minha respiração prender na garganta. Ellie sempre foi de voltar para casa e compartilhar histórias de partir o coração comigo. Ela sempre teve uma ideia de como poderia consertar o mundo sozinha. Nunca foi uma questão de explicar a situação de uma pessoa com pena. Ela sempre tinha uma solução. Por que ela nunca mencionou Ari para mim é desconcertante. — Ela queria me ajudar.

— Essa era Ellie. Ela considerou se tornar enfermeira, mas ela tinha aversão a sangue e ser professora era a melhor segunda opção quando se tratava de ajudar as pessoas, então foi o que ela fez, já que também gostava de crianças, nasceu para ser mãe, sempre pensei.

Ari puxa uma respiração trêmula enquanto seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Ela me disse que se fosse para ser, eu receberia meu coração, ou seja, se seu coração sobrevivesse ao cérebro antes de eu morrer, eu teria muita sorte. A bondade de Ellie é algo que foi infundido dentro de mim; permaneceu em seu coração. Mas ela me dizendo que eu teria sorte não parecia tão claro até que descobri que o coração seria meu. Eu não consideraria que a morte dela em troca da minha sobrevivência seria um sinal de sorte.

Eu queria ouvir todas as últimas palavras que Ari acabou de dizer, mas minha mente está viciada em uma afirmação específica que não posso ultrapassar.

— Eu sinto muito. — Balanço minha cabeça. — O que você estava dizendo sobre o coração dela sobreviver ao cérebro?

Palidez engloba suas bochechas.

— Isso foi o que ela disse para mim — simplifica Ari.

— Mas por que ela consideraria essa possibilidade? — Um suor frio está subindo pela minha nuca e está me deixando tonto e fraco a ponto de eu só querer baixar a cabeça e descansar por um minuto. Em vez disso, tento me manter firme e fazer as perguntas que precisam ser feitas. — Você deve saber por que ela diria algo tão aleatório?

Eu ouço minha voz ficando mais alta e mais agressiva, mas por mais que eu queira domar meu desabafo, eu não consigo descobrir como. Ari parece

surpresa, um pouco assustada até. Parece que o restaurante está se fechando ao meu redor, me fechando nesta bolha oca onde todo mundo está olhando para mim, falando de mim em sussurros como se eu não pudesse ouvi-los. Eu só posso ouvir os pensamentos em minha própria cabeça, lutando uns contra os outros, lutando por um simples entendimento.

Ari olha para o lado, observando os olhares fixos das mesas ao nosso redor. Eu deveria me sentir mal por deixá-la desconfortável, mas, em vez disso, estou preocupado com a implosão.

— Ela disse que era seu destino dar vida. Era o plano de Deus para ela — Ari oferece.

— Não. Há mais — respondo, fazendo o meu melhor para manter o volume baixo.

— Este não é o meu lugar — diz. — Não me sinto bem sobre isso, e é exatamente por isso que mantive minha distância ao longo dos anos. Eu não vim aqui esta noite para contar coisas que Ellie me confidenciou. Eu vim aqui para acabar com a dor que eu presumivelmente estou causando a você, o que é evidente agora. — Ari olha para o banco em que está sentada e pega sua bolsa e seu casaco, colocando-os em seus braços. — Esta foi uma ideia terrível.

Ela está saindo. De jeito nenhum. Ela não pode sair. Não depois de tudo isso. Eu aperto seu braço enquanto ela passa, segurando-a no lugar, não permitindo a ela a liberdade que merece.

— Não me deixe — gaguejo.

— Solte, Hunter. — Ela puxa o braço do meu aperto frouxo e caminha para a porta.

Eu enfio a mão no bolso de trás e tiro uma nota de cinquenta dólares, a jogo na mesa e pego meu casaco, saindo da cabine para segui-la. Espero encontrá-la trancada no carro quando chegar lá fora, mas ela está sentada na calçada em frente ao restaurante, encolhida, segurando-se com força.

Por um momento, tudo dentro de mim facilita, mas não tenho certeza se é porque eu temporariamente não tenho medo de perder o controle ou se estou excessivamente esperançoso por uma confissão que eu mereço receber.

— Ellie e eu mantivemos contato ao longo dos anos. Eu soube quando você descobriu que ela estava grávida de Olivia. Eu soube quando ela entrou em trabalho de parto. Eu soube quando ela morreu. Na verdade, eu vi você no saguão do hospital — ela explica delicadamente.

— Como você sabia quem eu era? — Sento-me ao lado dela no meio-fio,

instintivamente colocando meu braço em volta dela como uma oferta de paz, tentando ao máximo entender que não sou o único que sentiu dor, independentemente da minha confusão em torno da amizade de Ari com Ellie. Por que eu nunca ouvi falar dela? Eu realmente pensei que Ellie me contasse tudo.

Ari passa os dedos pelo cabelo novamente, um hábito que tenho notado nas últimas vezes em que a vi. Ela expõe o perfil de seu rosto bonito, que agora está brilhando sob a luz laranja da rua e da lua cremosa. Ela funga suavemente e puxa as mãos até o peito, tremendo contra a brisa fria.

— Ela te amava tanto — diz ela através de uma respiração suave. — Mais do que eu já vi alguém amar uma pessoa. Ela me mostrava fotos na escola, como fotos estúpidas insignificantes para um estranho, mas ela queria mostrar um certo sorriso que você tinha quando estava pintando um quarto ou o olhar que tinha depois que acabou de queimar uma refeição que você gastou três horas fazendo.

Nada disso me toca, mas eu quero ouvir mais.

— Ellie estava loucamente, perdidamente, apaixonada por você — Ari continua. — Todas as decisões que ela tomou de alguma forma giraram em torno de sua vida, e embora eu nunca tenha te conhecido pessoalmente, senti como se te conhecesse do quanto ela falou de você.

Meu coração dói de contentamento, ouvindo suas palavras, suas explicações para uma razão que eu posso nunca entender completamente. Eu precisava ouvir isso. Eu precisava muito disso.

— Eu sabia que era ela que tinha morrido quando fui avisada da doação. Disseram-me para ir ao hospital imediatamente. Eu estava cheia de uma combinação de mágoa, desespero e esperança. Eu nunca senti tantos sentimentos intensos ao mesmo tempo. A sorte egoísta foi um desses sentimentos, aquele de que mais me envergonho. Eu queria fingir que Ellie não era a doadora e que ela não perdera a vida, por sua vez, me deu um futuro que eu não imaginava ter. Eu tentei ao máximo tirar isso da cabeça quando entrei no hospital naquele dia.

Ari se levanta, ainda segurando as mãos sobre o peito. Andando no meio do estacionamento e até seu híbrido azul, ela para pra se apoiar na parte de trás do carro.

— Eu vi você no segundo em que entrei no hospital. Eu pensei que meu coração ia parar antes que eu tivesse a chance de aceitar a doação. Você estava apoiado contra uma parede sob um telefone público, seus joelhos

estavam puxados para dentro de seu peito e seus olhos estavam inflamados, suas bochechas estavam vermelhas e manchadas com um fluxo constante de lágrimas. Você normalmente não vê o momento em que uma pessoa se decompõe ou perde o amor de sua vida. — Ela respira pesadamente com o excesso de palavras. — Mas se o fizesse, você sentiria pena dele ou dela, independentemente de saber sua história. E eu conheci sua história. A culpa que me encontrou naquele momento particular permaneceu congelada dentro da minha cabeça.

— Você me viu naquele dia, naquele momento? — perguntei.

— Fiquei de pé e observando você por cinco minutos até que minha mãe me obrigou a continuar andando. Eu mal conseguia me segurar no estado fraco em que meu corpo estava, mas senti que era o reflexo que eu precisava antes de entrar e pegar o coração de sua esposa.

— Ellie sabia que ia morrer? — Eu preciso saber e vou continuar implorando por informações até que eu não tenha mais a oportunidade de fazê-lo.

— Hunter, você quer que eu te diga uma coisa que ela me confidenciou?



Meu punho está ficando fraco enquanto continuo batendo na porta de Charlotte. Eu sei que ela está em casa. Eu também sei que é quase meia-noite. Pego meu telefone e envio outra mensagem pedindo que responda.

Eu não vou desistir até ela responder. Eu preciso falar com ela. Estou tentando evitar ligar, caso o volume do telefone esteja alto, já que eu não quero acordar Lana a essa hora da noite, mas ela não me deixa escolha.

Eu estou quase apertando o botão de chamada quando vejo a luz do corredor acender através do vidro embaçado. Eu ouço passos. Por favor, não seja Lana. A porta se abre lentamente e Charlotte está em pé na minha frente com um roupão branco e desalinhado, o cabelo despenteado espalhado por toda parte e os olhos meio fechados e também cheios de confusão. Ela ainda não me deu a oportunidade de vê-la sem maquiagem e agora eu não entendo o porquê. Cada uma de suas características é mais leve, mais natural, corada, bonita.

— Hunter, é meia-noite — ela boceja.

— Eu sei, mas preciso falar com você — afirmo o óbvio.

— Não pode esperar até amanhã? Eu estava dormindo — ela diz, lentamente percebendo como está. Seus dedos pressionam através das raízes de seus cabelos, alisando os emaranhados enquanto ela puxa o roupão um pouco mais apertado em seu peito.

Eu dou um passo à frente, forçando-a a recuar, permitindo-me entrar.

— Ela conhecia Ellie. Ellie prometeu-lhe o coração. A mulher das cartas era a mulher que encontrei no jardim. Isso é loucura, certo?

— O quê? — Charlotte diz através de um indistinto gemido. — Eu não consigo acompanhar. — O incômodo se instala, mas eu preciso que ela se mantenha bem agora. Eu preciso dela para me ajudar a descobrir tudo isso.

— Ela a conhecia, Charlotte. Eu não a conhecia, mas Ellie a conhecia. Ellie disse que daria seu coração a essa mulher se ele sobrevivesse ao seu cérebro. Que sentido isso faz? — Minha voz está crescendo em volume e a atenção de Charlotte vai pra escada.

— Por favor, mantenha sua voz baixa para que Lana não acorde. — Suas palavras saem em suaves granidos. Eu não deveria tê-la acordado. Eu preciso me controlar.

— Sinto muito. — É tudo que posso oferecer. Com minha voz mais baixa, eu calmamente explico tudo de novo, Ari sendo a receptora do coração e também a mulher no jardim. Enquanto estou explicando, fico imaginando se Ellie queria que Ari e eu nos encontrássemos. Nada disso pode ser coincidência. Eu não acredito nessa porcaria, especialmente desde que Ellie não pode me enviar nenhuma daquelas mensagens extravagantes e alucinantes através do vento e tal. Tem que haver mais do que o que Ari admitiu para mim. Eu preciso saber o resto.

Charlotte me pega pelo braço e me puxa para o sofá onde nós dois nos sentamos.

— Você tem que se acalmar. — Sua mão descansa nas minhas costas enquanto ela faz, com as pontas dos dedos, pequenos círculos abaixo do meu ombro.

Eu respiro profundo, uma pausa que eu vinha precisando dar por horas.

— Eu sei que tudo isso soa ridículo.

— Não é ridículo. Eu também gostaria de saber quem ela é se eu estivesse no seu lugar — diz.

— Você gostaria? — Eu olho para ela, precisando da confirmação em seus olhos, dizendo-me que não sou completamente insano.

— Claro — fala, mas não há confirmação em seus olhos. Em vez disso, há um olhar distante. — Hunter...

— Eu não deveria ter acordado você. Eu só... você é a única pessoa com quem eu queria conversar.

— Você está tornando isso tão difícil — diz ela, afundando mais no sofá.

— Hunt, este não é o melhor momento para ter essa conversa, mas já que você está aqui...

— O quê? — pergunto, minha voz soando tão desgastada quanto eu me sinto. O que ela está prestes a dizer?

— Eu não sei se posso acompanhá-lo nesse caminho que você está seguindo. Eu quero estar aqui para você, entender você e apoiá-lo, mas isso é incrivelmente difícil com seus humores flutuantes e comportamento errático. Quero dizer, você nem me disse que ia conhecer essa mulher hoje à noite. Eu me sinto magoada com isso, eu acho. — Com todos os pensamentos voltados para entender a situação com Ari, escapou completamente da minha mente o fato de que eu não contei a Charlotte que eu estava indo conhecê-la hoje à noite. Boa, Hunter. — Se isso é inocente ou não, eu só queria que você tivesse sido honesto comigo hoje à noite. — Ela apoia a cabeça em suas mãos, soltando um suspiro pesado, um suspiro de quem não perdoa. Eu fiz merda esta noite. Eu mereço isso. — Eu não tenho certeza do que você precisa que eu faça agora, mas não sei se posso lidar com isso. Eu já passei por meu quinhão de merda, nada comparado a você, mas eu não quero que as coisas sejam assim. Tão confusas, difíceis.

— Eu não pretendia dificultar as coisas pra você — digo. Ela é a última pessoa para quem eu quero dificultar as coisas.

— Eu sei. — Seus cotovelos apoiam nos joelhos e ela se inclina, claramente exausta. Eu assisto, esperando que seus pensamentos diminuam. — Hunt, eu só não acho que seu coração ou mente estão no lugar certo para nós agora — diz ela com lágrimas enchendo os olhos.

Ela está terminando comigo e eu não consigo pensar em nada para dizer. Eu quero isso, ela. As coisas mal tiveram a chance de começar com a gente e agora estão acabando e a culpa é minha.

— Então é isso. Você está terminando comigo?

— As coisas foram muito divertidas. Eu amo estar com você e Olivia, claro, mas parece que algo está faltando. Há um vazio e está começando a me machucar. Eu só posso imaginar que vai ficar mais difícil, pior ao longo do tempo, quando eu estiver mais apaixonada por você do que já estou. Então esta sou eu me protegendo. — Ela coloca a mão sobre o meu joelho e aperta suavemente. — Eu não quero que seja assim, mas você precisa descobrir algumas coisas.

— Charlotte, eu quero estar com você. Eu preciso estar com você. — As palavras saem muito mais fáceis agora do que há um mês ou dois atrás. Eu

realmente me apeguei a ela, a ponto de ela parecer uma parte crucial da minha vida, uma parte que parece normal com ela nela. Eu nem sabia que conseguia encontrar algo remotamente próximo do normal antes de conhecê-la, e não quero perder isso. — Eu deveria ter sido sincero com você hoje. Eu estava errado e eu errei — falo, envolvendo meu braço em volta dos ombros dela. — Por favor, não faça isso.

— Hunt, você deixou claro que precisa explorar essa parte recente da sua vida e eu quero que você seja capaz de fazer isso. Você claramente tem uma conexão com essa mulher e pela chance de querer explorar isso depois de ler suas cartas por cinco anos, eu quero que você tenha essa liberdade. Olivia me contou sobre o olhar em seus olhos quando você lê uma de suas cartas. Ela me disse que você tem um sorriso especial apenas pelas palavras dessa mulher. — Eu quero discutir e dizer que ela está completamente errada, mas eu estaria mentindo se dissesse que não senti nada em relação a Ari. E Charlotte está certa, não é justo com ela. — Tire algum tempo e descubra o que você quer. Se por acaso você perceber que sou eu, estarei aqui. E se for ela, eu entendo completamente.

— Charlotte, eu quero você! — Mas eu também quero saber mais sobre Ari, e estou vendo agora que não posso ter as duas coisas. Eu não pedi que as coisas fossem assim. Não é justo.

— Então é assim que as coisas vão acabar.

— Não jogue esse destino para mim, por favor — digo a ela. Enquanto estou dizendo isso, ouço as palavras argumentativas de Ari sobre nossos caminhos predestinados na vida. Eu não sei como diabos eu vou descobrir se Charlotte é o meu caminho... se meu caminho não foi definido, ou se é Ari.

— Eu não acredito em destino, Hunter. Eu acredito em escolhas.

Eu me levanto, já que esta conversa tem uma marca de fim definida que estou tentando ignorar.

— Eu sinto muito por acordar você tão tarde. — Essa porra é uma merda. Tenho trinta anos e estou sendo dispensado pela primeira pessoa que me permiti ter sentimentos além de Ellie.

— A qualquer hora, de verdade. Somos amigos, somos vizinhos e nossas filhas são amigas. Nós estamos presos um ao outro. — Palavras do beijo da morte. Sua voz balança com uma risada desconfortável enquanto ela puxa seu roupão novamente. — Hunt, somos adultos; podemos lidar com isso. Eu não quero que haja embaraço, ok?

— Eu vi você nua — acrescento com um sorriso provocante, testando as

águas.

— E eu vi você nu — diz ela.

— “O que quer que seja”.

— Se “o que quer que seja”, significa isso, assim será — ela responde.

Eu deixo a conversa naquilo, silenciosamente saindo pela porta, sem vontade de me virar e olhar para trás, para qualquer emoção que esteja escrita em seu rosto. Eu sei que sou a causa de sua dor e confusão, e agora da minha também.



Graças a Deus, mamãe está dormindo no quarto de hóspedes e Olivia está roncando. Silenciosamente, amorteço meus passos ficando descalço, subindo as escadas, evitando os lugares que rangem. Uma vez dentro do meu quarto, acendo as luzes e abro as portas do armário, estendendo a mão para a grande caixa marrom com o nome de Ellie na parte de cima.

Eu coloco a caixa na minha cama e abro as abas, expondo todos os pertences de Ellie que eu consegui espremer nessa coisa. Eu coloco minha mão no lado direito até tocar o fundo, procurando o livro que quero encontrar. O tecido entra em contato com as pontas dos meus dedos e eu o aliso com cuidado.

Já folhee o diário dela várias vezes antes, arruinando egoisticamente qualquer privacidade que ela desejasse enquanto estivesse viva, mas quase tudo que eu lia eram coisas que eu já sabia, e é por isso que eu apenas vasculhei as páginas. As lembranças sempre pareciam doer mais do que ajudar. Agora, porém, preciso procurar mais pelas partes da vida de Ellie que ela mantinha em segredo.

Eu entendo. Todos temos segredos. Todos nós temos demônios e todos temos momentos tão pessoais que não podemos compartilhar. Eu nunca considere as partes que ela deixou de fora.

Virando página após página, eu arrasto meu dedo no meio das belas palavras de Ellie, a caligrafia que sempre admirei. Eu a provocava dizendo que ela nasceu para ser professora, com sua caligrafia perfeita. É o tipo de escrita que é tão clara e nítida que ninguém jamais se esforçaria para lê-la como a maioria das escritas cursivas.

Quando começo a ler, as palavras afundam e as lembranças se juntam a

elas. Eu não faço isso há algum tempo, então é uma sensação de frescor, como se as palavras encaixassem perfeitamente no final de um dia perfeito que experimentei apenas algumas horas antes. Ellie escrevia neste diário uma vez por mês, recordando todos os detalhes importantes dos últimos trinta dias. Ela começou este novo diário no dia em que nos casamos, disse que era um novo capítulo e merecia um novo livro.

Minhas bochechas queimam enquanto eu leio suas lembranças da primeira noite de nossa lua de mel, os pensamentos internos que ela tinha quando começamos nosso casamento em Puerto Vallarta na frente das portas abertas da nossa varanda, inspecionados por nada além de água, estrelas e lua. O calor ao nosso redor parecia um casulo nos protegendo de tudo e de todos. Éramos só nós naquela noite, e eu daria tudo o que tenho para estar de volta naquele momento.

A maneira como ela olhou para mim, como se todos os seus sonhos tivessem finalmente se tornado realidade, me fez entender o verdadeiro significado de plano da vida. Os homens não costumam sonhar com o dia do casamento, mas desde o momento em que meus hormônios substituíram os pensamentos de Ellie sendo apenas uma amiga em minha vida, eu sonhei com aquele momento, naquela cama, naquele quarto de hotel, naquela noite com ela. Embora tivéssemos muitos treinos prévios, aquela noite pareceu a primeira vez de novo.

Virando para a próxima página, continuo a ler seus pensamentos poéticos, tropeçando em uma certa linha que sei que nunca li antes.

Se Deus tivesse me colocado nesta terra para servir a um propósito maior do que apenas fazer um homem se apaixonar lentamente por mim por dezessete anos, eu poderia prometer a ele dezessete anos a mais. “Até que a morte nos separe” é uma verdade que darei a minha alma para a eternidade, o que quer que isso seja.

Ellie sempre tinha um jeito de falar em círculos quando escrevia, palavras que pareciam fazer pouco sentido para mim, embora eu soubesse que sempre havia um significado mais profundo por trás do que estava delicadamente rolando da sua língua através da ponta de uma caneta. Essas palavras escritas,

no entanto, fazem sentido para mim agora, mas isso é uma intuição de seus pensamentos ou um segredo? Isso é o que eu não entendo.

Eu pulo várias páginas para frente, encontrando outra citação recortada centralizada no meio da página.

*Um presente nem sempre tem que ser tangível
Nem sempre tem que ser envolvido com uma opressão
Ocasionalmente, é protegido em sangue e chega sem rótulo
Enquanto cheio de alma rendida ao amor, também pode produzir
lamentação
Eu ofereço este legado
No que resta da minha sombra
Um presente que vai superar meu último suspiro*

Eu leio o poema repetidamente, fazendo o meu melhor para dar sentido a ele, o presente do qual ela está falando, um presente coberto de sangue. Ellie, minha Ellie, aquela com um sorriso sempre esculpido em seus lábios perfeitos e rosados, nunca expressou um pensamento mórbido. Eu quero negar o pensamento de que ela poderia saber de uma data de validade. Seus pais teriam sabido e, no entanto, nunca compartilharam um sinal de esperar sua morte prematura. Ela teria guardado algo assim para si mesma?

Eu tenho medo de ler mais. Tenho medo de procurar por rimas mais perspicazes das quais não consigo entender. Eu fecho o diário, abraçando-o contra o meu peito com força.

— Ellie, o que você estava escondendo de mim? — pergunto enquanto me deito apoiado no meu travesseiro. Estar nesta cama fria que eu ocupei sozinho por tanto tempo, faz com que eu me sinta mais vazio esta noite.

Olhando para a mesa de cabeceira, vejo que são duas da manhã, e as engrenagens na minha cabeça estão trabalhando mais do que ao meio do dia. Minha dor sempre foi sentir falta dela, tristeza pelo que perdi e pelo que Olivia e eu perdemos, mas agora há uma dor de pensar sobre o que eu nunca soube, que segredos ela escondia de mim.



Eu não me lembro de adormecer, mas quando o sono chegou, eu sei que era de manhã. Depois de uma noite sem fim, a luz do dia é dolorosa, enchendo meu corpo com leves sintomas de gripe. O esgotamento me prende na cama, incapaz de me mexer além de levantar minhas pálpebras o máximo que elas puderem.

A luz do sol está se filtrando através das minhas cortinas entreabertas e brilhando através dos cachos loiros de Olivia. Aproveito o momento para olhar nos olhos dela, admirando o quão azul eles parecem cercados pelos jovens e brilhantes brancos que os rodeiam. Por que meu coração, às vezes, dói quando olho para ela? Um pai nunca deve sentir dor quando olha para a filha, mas eu sinto tantas vezes que me sinto culpado.

— Você está bem? — Olivia me pergunta suavemente enquanto passa a mão pequena na minha testa. — Você não parece quente. — Ela levanta as cobertas e as puxa até o pescoço, independentemente de já estar completamente vestida da cabeça aos pés para a escola. — Vovó está me levando para o ponto de ônibus. Ela disse que você não está se sentindo bem. Por que você ainda está com suas roupas de ontem, papai? — Eu continuo a olhar seu rosto se mover enquanto ela me faz todas as suas perguntas. — Por que você não está me respondendo? Há algo de errado com você?

Eu removo meu braço de trás da minha cabeça e o envolvo em torno de seus ombros.

— Eu estou bem, Olivia. Estou cansado, só isso.

— Vovó disse que você não está bem — ela continua. — Eu não quero que você fique doente, papai. Eu posso pedir a vovó que faça sopa para você. Por que você parece tão triste? — A pergunta de Olivia falha quando seu queixo treme e uma lágrima cai de seu olho. — Por favor, não fique triste

Por que eu sou tão bom em fazer as pessoas chorarem?

Eu a puxo contra o peito, ainda não tendo palavras para fazê-la se sentir melhor. Eu beijo sua cabeça e inalo o cheiro doce de seu xampu de melancia.

— Eu estou bem e eu te amo mais do que tudo neste mundo inteiro. Você entende isso?

— Eu te amo mais que o sol, o céu, a grama, a lua e as estrelas. Eu te amo tanto que dói, papai. — Suas palavras maduras provocam meus nervos, fazendo-me imaginar o quanto ela entende do que disse. É como se os pensamentos líricos de Ellie estivessem geneticamente entrelaçados no DNA de Olivia.

— Eu não quero que você nunca sinta dor, Olivia.

— Mas às vezes — ela faz uma pausa, olhando para um pedaço de pano no lençol —, quando eu olho para você, sinto sua dor.

Oh, Deus, o que eu fiz?

— Você quer ficar em casa comigo hoje? — pergunto.

Ela acena com a cabeça ligeiramente quando um pequeno sorriso toca seus lábios e ela se deita na dobra do meu braço, aninhando sua cabeça contra o meu peito.

— Olivia, nós temos que ir — diz mamãe do corredor.

— Ela vai ficar em casa comigo hoje — eu respondo.

Mamãe entra no meu quarto, com as mãos nos quadris e um olhar inquieto no rosto.

— Hunter, você não pode mantê-la em casa sem motivo. A escola desaprova esse comportamento. — Abraço Olivia um pouco mais apertado. — Hunter, aconteceu alguma coisa?

Só posso oferecer-lhe um sorriso fraco e lamentável

— O que há de errado comigo, mãe?

— Olivia, querida, desça e ligue a TV um pouco. Vou avisar a escola que você vai ficar em casa hoje — mamãe a orienta.

Normalmente, Olivia ficaria feliz em saber que ficará em casa, mas ela está chateada, e é por minha causa. Ela toma seu tempo saindo da cama e passa por mamãe na porta sem outra palavra.

Mamãe se aproxima, sentando-se na beira da cama.

— Estou muito preocupada com você — ela começa. — Precisamos encontrar alguma ajuda para você.

— Isso não responde à minha pergunta — eu a lembro. — O que diabos está errado comigo? Já faz cinco anos e eu não estou melhor hoje do que naquele dia no hospital e agora as coisas estão terminadas com Charlotte também.

Mamãe passa a parte de trás de seus dedos na lateral do meu rosto, me fazendo perceber que essa conversa não é uma que um adulto crescido tem com sua mãe. Mas eu não sou um adulto crescido neste momento. Eu sou o garotinho dela novamente. Eu estou perdendo isso. Eu perdi isso, minha mente se foi.

— Oh, querido. — Mamãe suspira. — Eles dizem que leva o mesmo tempo para superar a perda de uma pessoa que levou pra se apaixonar por ela. Você amava Ellie desde os cinco anos de idade. Isso é o que está errado com você.

— Você está dizendo que eu vou me sentir assim por mais quinze anos?

— Não essa quantidade de dor, mas alguma dor. Por enquanto, porém, você precisa falar com alguém. Isso está afetando Olivia agora que ela tem idade suficiente para entender. Nós tivemos essas conversas, Hunter. Você continua nos afastando e não podemos fazer nada para ajudá-lo se você não quiser nossa ajuda.

Tudo o que ela está dizendo é verdade. Eu já reconheci isso antes, mas ignorei por um longo tempo.

— Ellie estava mantendo um segredo de mim.

Mamãe se levanta, as sobrancelhas puxando uma para a outra.

— Do que você está falando?

— Ellie sabia que ia morrer. Ela contou à mulher das cartas, a mulher que conheci ontem à noite. Ela conhecia Ellie e Ellie havia prometido seu coração a essa mulher.

Mamãe parece tão perplexa quanto eu me senti ontem à noite

— Eu pensei que você tinha ido se encontrar com um cliente na noite passada?

— Eu menti.

— Você conheceu aquela mulher? — Ela fecha os olhos e balança a cabeça, provavelmente tentando entender tudo o que estou dizendo. — Ela conhecia Ellie? Ellie sabia que ia morrer? Hunter, isso não faz sentido algum. — Manchas vermelhas aparecem em suas bochechas enquanto ela olha através de mim. — Eu falo com os pais de Ellie o tempo todo e nem uma vez eles insinuaram que isso poderia ter acontecido. Você não acha que é algo que eles teriam compartilhado conosco, com você?

Eu dou de ombros porque não tenho uma boa resposta. Eu estou questionando um monte agora mesmo e eu não colocaria nenhum tipo de segredo na conta dos pais da Ellie.

— Se isso é verdade, eles não sabiam, Hunter. Eu posso te garantir isso — ela continua. — Aquela mulher te contou mais alguma coisa além do que você acabou de dizer?

— Não, ela disse que não se sentia bem em compartilhar o segredo de Ellie.

— Oh, Deus.



MARÇO
UM MÊS DEPOIS

Você sabe que está em uma espiral descendente para nenhum lugar bom quando cancela trabalhos para não ter que ir trabalhar. AJ está chateado comigo, ou eu vou supor que ele está chateado comigo porque eu não falei com ele em uma semana inteira e nem sei se ele foi fazer o teste de paternidade que ele tinha programado ou como tudo isso funcionou. Eu tenho sido um irmão de merda, assim como um colega de trabalho de merda, e ainda assim parte de mim não se importa, o que é ainda mais merda.

Eu posso olhar no espelho e dizer a mim mesmo que tenho um problema e preciso de ajuda. Eu não cheguei ao ponto de pegar o telefone para obter ajuda. Tudo dói o tempo todo, se estou acordado ou dormindo. Passei todos os dias nas últimas semanas sentado no chão congelado na frente da minha árvore e de Ellie. Está frio aqui fora, mas esta dor é apenas superficial e dói muito menos do que tudo no meu estômago e no meu peito.

— Seu fodido idiota! — Sua voz ecoa entre os bancos de neve. —

Quantos trabalhos você vai nos fazer perder? Tire sua cabeça das nuvens e traga sua bunda para a caminhonete. — AJ contorna a esquina da escada de pedra, segurando os braços firmemente ao redor de seu corpo, tremendo contra a temperatura fria.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, me perguntando por que depois de ficar sentado aqui por pelo menos uma hora eu sinto muito menos frio do que parece.

— Procurando por você, idiota. Por que você não retornou nenhuma das minhas ligações? Ou de Charlotte? O que diabos está acontecendo com você? Primeiro foi o silêncio incomum e agora sumiu completamente. Eu já vi isso antes, Hunter. Você já esteve nessa estrada. Você não vai voltar atrás novamente. Não vou deixar você.

Eu só posso olhar para ele porque não tenho uma boa resposta, como de costume.

— Levante-se e entre na caminhonete, Hunter — ele exige. — Eu deixei isso continuar por tempo suficiente.

Em vez de me mover, relaxo a cabeça contra a árvore e fecho os olhos, erguendo o queixo em direção ao céu. Flocos de neve estão caindo sobre mim enquanto partículas de gelo repousam na ponta do meu nariz. Enquanto inala o ar dolorido, AJ me arranca do chão e me prende na árvore. Com minhas costas raspando contra as letras gravadas que eu esculpi uma vez, a raiva me invade, e o desejo de socar meu irmão é quase irresistível. Exercitando contenção, eu cerro os dentes quando o rosto de AJ para a poucos centímetros do meu. — Entre na caminhonete, agora — diz ele novamente.

Eu não concordei ou discordei, mas ele está me arrastando até as escadas e estou fazendo pouco esforço. De repente, estou congelando e meus músculos estão doendo embaixo da minha pele entorpecida. Os degraus se tornam um borrão e eu não recupero minhas forças até que minhas costas estejam pressionadas contra a caminhonete de AJ. A porta do passageiro se abre e AJ me empurra para dentro. Nunca em nossas vidas ele foi mais forte do que eu. Eu sempre fui o maior de nós dois, mas agora eu não tenho energia para revidar.

Ele bate a porta e se dirige ao lado do motorista, entrando e batendo a porta da mesma forma. Seus punhos caem contra o volante enquanto ele solta um grunhido ousado.

— Eu passei por isso, Hunt. Todos nós já passamos por isso.

Eu deixo ele falar porque não importa o que eu diga, não fará diferença e

não diminuirá a raiva dele. Esse é AJ. Ele se consome até a névoa desaparecer. Ele liga a caminhonete e sai do estacionamento. A neve está caindo mais forte agora, tornando a visibilidade mais difícil à medida que continuamos nessa estrada. Eu olho para o meu relógio, observando a hora. É apenas meio-dia, mas se a neve continuar assim, eles podem dispensar Olivia mais cedo do que o normal

— Para onde você está me levando?

— Não se preocupe com isso — ele murmura com um arrepio. Mexendo no painel central, ele gira o botão e aumenta o calor até o máximo e, em seguida, faz o mesmo com o botão de volume, permitindo que o som do aquecedor se misture com os tons ásperos do Metal Rock.

Eu diminuo os dois botões, olhando para o lado do seu rosto, esperando que ele me diga onde diabos está me levando, porque neste momento eu sei que é certo que não é pra casa.

— AJ, não seja um idiota.

Ele ri e olha pela janela como se não quisesse reconhecer minha afirmação.

— O bebê não é meu. Eu entrei em contato com um advogado para redigir os documentos e, no final desta semana, estou fazendo *check-out* do hotel em que estive e fico com você. — Todas as minhas respostas em uma frase simples. Independentemente disso, eu deveria ter ligado para ele, especialmente desde que eu pensei que ele já tinha se mudado para minha casa e ainda assim ele não voltou para casa na semana passada. Parte de mim apenas presumiu que ele estava resolvendo as coisas com Alexa, mas eu deveria ter perguntado. Eu devia sim.

— O que diabos você estava fazendo em um hotel a semana toda? — pergunto.

Ele encolhe os ombros e olha para mim com raiva marcando seus olhos.

— Se você tivesse respondido a alguma das minhas ligações, você saberia, mas quando você ignorou minha décima ligação, achei que você não queria que eu ficasse na sua casa. Então mamãe me informou de seu comportamento de merda.

— Claro que ela informou.

— Cara, você precisa de ajuda. Isso não está bem e não é justo com Olivia.

— Não se atreva a trazê-la para a conversa — respondo de volta.

— Sim, não, veja, eu estou trazendo-a para a conversa porque tudo é

sobre ela. Ela é a única coisa que importa e deve ser importante em sua vida e, no entanto, você não pode nem mesmo trabalhar para continuar a sustentá-la. Então, como padrinho de Olivia, eu estou aqui para intervir e obter a ajuda que você precisa para dar a menina uma vida tão normal como ela pode ter sem uma mãe. — Suas palavras me aturdem, elas me atormentam, me mantendo como refém junto com a verdade que eu preferiria negar.

Enquanto considero tudo o que ele disse, a caminhonete sacode e nós entramos em um terreno quase vazio com uma pequena estrutura de aparência de casa.

— O que é isso?

— Vamos — diz ele, saindo da caminhonete. Ele está louco se ele acha que eu vou segui-lo pra onde quer que este lugar seja.

— Diga-me o que é isso, AJ — eu exijo quando ele abre a minha porta. — Pare com essa besteira. — Eu estou perdendo a paciência e posso ver que ele está ganhando mais do que isso.

— Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou mais difícil. A escolha é sua — diz ele, cruzando os braços sobre o peito.

— Sim, eu não vou entrar em algum prédio abandonado só porque você está me ameaçando.

Eu permaneço sentado na caminhonete enquanto ele bate o punho no teto.

— Tudo bem.

Ele sai da caminhonete e entra no prédio, deixando-me sentado aqui assistindo e esperando ele voltar. Eu olho em volta, procurando por um sinal ou uma pista de onde poderíamos estar, mas não há nada.

Visto que ele levou as chaves com ele, fecho a porta, tentando manter um pouco do que resta de calor. Isso é estúpido. Tirando meu celular do bolso do casaco, verifico para ter certeza de que não recebi nenhuma mensagem da escola sobre uma liberação antecipada.

Nada ainda.

Com o meu celular tocando na minha cara, clico no aplicativo de mensagens de texto e digito uma mensagem rápida, esperando por uma resposta desta vez.

Eu: *Ari, eu realmente preciso falar com você.*

A mensagem está embaixo das últimas cinco mensagens que enviei nas últimas semanas. Eu estou começando a supor que ela me deu um número de telefone falso apenas para me calar. Não tenho certeza se ela estava planejando me oferecer o número dela, mas eu pedi. Ela definitivamente lutou com um momento de debate interno antes de finalmente oferecê-lo.

Eu mantenho meu olhar na mensagem que enviei, esperando para ver uma mensagem de resposta aparecer. Enquanto estou esperando, minha porta reabre, trazendo uma nuvem de neve. Uma mulher está atrás de AJ, coberta por uma jaqueta e um chapéu de esqui preto com o cabelo cor de sal e pimenta pendurado solto sobre o casaco. Ela não parece fria, irritada ou desconfortável enquanto está de pé atrás de AJ que pressiona o dedo contra o meu peito.

— Não seja um idiota.

AJ se move para o lado, permitindo que a mulher entre na abertura da minha porta.

— Hunter, eu sou Amy Torris e sou uma terapeuta especializada em ajudar viúvos como você. Sua família parece bastante preocupada com o seu bem-estar e eu adoraria oferecer algumas orientações se você estiver aberto a isso.

— Parece que estou aberto a isso?

Ele me levou a uma maldita psiquiatra. Ele, de todas as pessoas, me trouxe para essa mulher. Inacreditável.

— Você não precisa responder a nenhuma pergunta ou mesmo conversar — continua Amy. — Talvez você pudesse entrar por alguns minutos? Eu tenho uma jarra de café fresco. — Ela está tentando me atrair oferecendo algo como um doce a uma criança? Não está funcionando.

— Você chegou ao fundo do poço, Hunt — AJ interveio. — Faça isso por Olivia.

Olivia. Seu nome poderia me colocar em um transe hipnótico e ele sabe que eu farei qualquer coisa por ela. Se ele está me dizendo que eu a estou machucando, farei o que for preciso para desfazer isso. Eu solto meu cinto de segurança e saio da caminhonete, indo contra tudo o que quero fazer neste momento. Passando pela terapeuta e AJ, eu faço o meu caminho até a porta da frente deste prédio de aspecto sujo.

Eu me deixo entrar, olhando em volta procurando a direção para onde eu deveria continuar andando. Antes de me aproximar da lista de placas douradas na parede, a voz de Amy interrompe a minha pergunta. — Vire à

esquerda e é a primeira porta à direita.

Em vez de seguir em frente, deixo-a liderar o caminho e AJ segue atrás de mim. Seu escritório não parece em nada com o lado de fora do prédio. Aqui é quente, envolto por uma pintura amarelo brilhante e móveis de cor creme. Revistas enchem as pequenas mesas entre cada cadeira e cheira a café fresco, exatamente como ela prometeu.

— Eu não preciso de terapia — eu aviso aos dois. Mas talvez eu precise.

— Isso não tem que ser considerado terapia, Hunter. Pode ser dois amigos conversando. — Suas palavras são ridículas, e o significado por trás delas é ainda mais ridículo. As pessoas não se tornam amigas depois de dois minutos, especialmente quando alguém é forçado a encontrar o outro. — Hunter, se você não quiser conversar, pode ir embora. Você tem que entrar por vontade própria.

— Faça isso por Olivia, Hunt — AJ diz novamente.

Eu gemo silenciosamente e sigo Amy através de uma porta de madeira que guincha uma melodia quando aberta. AJ permanece na sala de espera, deixando-me sozinho com essa mulher que conheci há noventa segundos. Quando entramos em seu escritório, um novo perfume, que acompanha o café torrado, enche meu nariz. Lavanda misturada com lilás, óleo de aromaterapia provavelmente. Ellie estava obcecada por eles no inverno, já que era o mais perto que ela conseguia sentir o cheiro de uma flor nos meses frios.

Levo um momento para olhar ao redor da sala, notando que a decoração é semelhante à área de espera, mas com a adição de diplomas de grau de psiquiatria alinhados na parede atrás de sua mesa. Eu me sento no sofá, tentando me deixar confortável, mas noto uma caixa de lenços na mesa de café de carvalho à minha frente. O trabalho desta mulher é fazer as pessoas chorarem? Talvez eu deva ser um terapeuta. Eu faço as pessoas chorarem.

— Sua família está muito preocupada com você — começa Amy. — Normalmente, eu não trabalho dessa forma, já que se trata da confidencialidade do paciente, mas muitas vezes eu acho que homens e mulheres na sua situação precisam de um empurrãozinho na direção certa.

— Olha, eu agradeço que você esteja acompanhando as preocupações da minha família, mas talvez eles tenham deixado de fora o fato de que minha esposa morreu há mais de cinco anos. Esta não é uma nova vida para mim e eu não estou gritando por ajuda. — Uma linha fina se estende por sua boca. Eu quero dizer que é um olhar condescendente, mas provavelmente não é. — Realmente, estou bem. — Eu me pergunto se poderia ser menos convincente.

— A definição de bem é muito relativa e depende dos pensamentos de cada pessoa. Você se consideraria bem se olhasse para frente e se visse neste momento há dez anos? — Isso é uma armadilha. É claro que não posso dizer sim a essa pergunta, que, pelo processo de eliminação, sugere que sua acusação é verdadeira. — Por que não seguimos esse caminho? Sua vontade de falar comigo apenas por causa de sua filha me diz que você fará praticamente qualquer coisa por ela, podemos nos concentrar nisso?

Enquanto suas palavras flutuam através dos meus ouvidos e do topo da minha cabeça, eu mantenho meu foco na caixa de lenços, imaginando quantos viúvos falaram com ela aqui, quantos deles sentaram-se neste sofá chorando tanto que seus órgãos doíam. Viúvos sabem que os órgãos de fato doem porque nossos corações se cansam de suportar toda a dor e, eventualmente, permitem que ela se espalhe em outro lugar para aliviar um pouco do peso.

— Eu não vou derramar meu coração em você e contar tudo sobre minha filha e, em seguida, dizer-lhe como minha vida tem sido triste nos últimos cinco anos. Eu não vou nem te dizer porque eu tenho estado tão infeliz na última semana. Eu internalizo meus pensamentos e, embora possa não ser o método mais saudável de lidar com problemas, funciona para mim. — Admito que estou um pouco chocado ao ver que ela não está escrevendo cada palavra minha. Eu já estive em terapeutas antes, mesmo aqueles que se especializaram em viúvos. Normalmente, eles começam com uma caneta e papel e anotam cada momento da minha vida até o dia atual. Então, vou dar a Amy esse respeito, ela está realmente absorvendo o que digo em vez de criar partes de um trabalho de pesquisa sobre o funcionamento interno de um homem fodido.

— Você não precisa me dizer nada — diz. — Você tem uma foto da sua filha com você? AJ me disse como ela é adorável e agora só preciso ver por mim mesma. — Eu sei que isso é outra armadilha, mas eu nunca consigo me impedir de mostrar Olivia. Eu pego minha carteira do bolso de trás e abro a aba para tirar a foto que tenho dela. Eu me inclino para frente, segurando entre meus dois dedos para Amy pegar.

Ela me encontra no meio do caminho e tira a foto dos meus dedos. Estudando por um momento, outro sorriso encontra seus lábios.

— Ela parece com você. Eu entendo que sua esposa deve ter tido o cabelo loiro. — Ela ri. Ela ri porque meu cabelo é negro e o de Olivia é tão loiro que é quase branco.

— Sim, ela é toda Ellie, até as palavras que ela usa e a maneira como as diz.

— Isso deve ser bom — ela oferece simplesmente. Mais uma vez, eu esperava um: “E como isso faz você se sentir?” Mas ela não diz isso.

— É uma ótima lembrança — acrescento.

— Olivia gosta da neve?

— Na verdade, não. Ela é uma das poucas crianças que prefeririam sentar-se dentro de casa e saborear um chocolate quente do que se empacotar para sair e fazer um boneco de neve. Ela prefere o clima quente. — E assim, estou falando como um idiota. Claramente, essa mulher sabe exatamente como me fazer falar.

Amy se inclina para frente, pressionando os cotovelos em suas coxas.

— Eu não acho que há algo errado com você, Hunter. Parece-me que você é um pai amoroso e só um pouco solitário sem Ellie. Isso não define exatamente a palavra maluco. Eu sei que você deve pensar isso por estar aqui agora, mas na maioria das vezes, eu apenas ouço coisas que ninguém mais quer ouvir você dizer repetidas vezes.

Eu abaixo minha cabeça pensando. Eu sei que preciso disso, mas também sei o que acontece toda vez que considero a ideia da terapia. Isso abre velhas feridas e eu acabo exatamente onde estou agora.

— Eu não sei — digo.

— E está tudo bem — diz ela, apertando os lábios. — Tome todo o tempo que precisar. Amy chega até a mesa e pega um cartão de visitas de uma pequena bandeja de mármore. — Se você decidir que precisa de alguém para ouvi-lo, me ligue.

Eu pego o cartão de seus dedos e coloco no bolso do casaco.

— Obrigado — murmuro. Estou feliz que ela não tenha me pedido para marcar uma hora ou me fazer sentir culpado por não ter marcado uma. Estou grato por ela não ser agressiva e estar sinceramente permitindo que a decisão seja minha, diferente de AJ e também de mamãe que, suponho, está se escondendo atrás dele.

Ao me levantar da cadeira, sinto uma vibração no bolso de trás. Sem considerar o pensamento de ser rude enquanto Amy está dizendo os horários que ela tem disponíveis, eu olho para baixo na tela do meu telefone, vendo a notificação de uma nova mensagem de texto. Eu pressiono ler.

Ari: *estou aqui.*

Eu rapidamente manuseio as teclas para perguntar:

Eu: *Onde?*

Ari: *Minha loja. 250 Main Street.*

Eu olho para Amy, que agora está olhando com uma expressão curiosa.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

— Sim, está ótimo. — É mais do que ótimo.

Suas sobrancelhas se uniram com confusão.

— Qualquer que seja a mensagem, certamente mudou seu humor rapidamente.

— É... — Eu hesito antes de revelar mais informações sobre a minha vida. Ela parece mais interessada do que qualquer outra pessoa com quem eu compartilharia isso. — É Ari, a mulher que tem o coração de Ellie.

— Eu não entendo — ela pressiona.

A excitação está borbulhando no meu estômago e eu só quero ir embora, mas eu lembro agora que AJ está esperando no saguão por mim, e vou ter que explicar para ele porque eu entrei e saí daqui em dez minutos.

Eu olho de volta para o meu telefone, ponderando por um momento antes de digitar minha próxima mensagem.

Eu: *Você vai estar aí em noventa minutos?*

Ari: *Sim, eu estarei aqui até às cinco hoje.*

Eu olho para o relógio e me sento no banco, removendo meu casaco para ficar mais confortável. Eu entrelaço meus dedos e os apoio em meus joelhos enquanto me inclino para frente.

— Ellie morreu dando à luz a nossa filha, Olivia. Para minha surpresa,

depois de sua morte, ela tinha um acordo privado que não foi decidido em conjunto comigo que dizia que doaria seu coração se a situação surgisse. Como ela morreu de um aneurisma, seu pedido foi cumprido. Semanas depois da morte de Ellie, comecei a receber cartas sem remetente. Elas eram todas anônimas. Cinco anos se passaram e, na semana passada, pela primeira vez, a mulher com o coração de Ellie pediu para me conhecer.

Amy parece intrigada, além de intrigada, na verdade. Há uma paixão preenchendo a pergunta em seus olhos. Ela deve amar o que faz... ouvir as histórias, depois tentar colocar as peças do quebra-cabeça de volta na imagem perfeita que ela nunca viu, em primeiro lugar. Sem direção ou uma imagem para copiar, deve ser difícil.

— Acontece que eu encontrei essa mulher algumas vezes antes. Ela é maravilhosa e cativante, e sabe segredos sobre minha esposa que Ellie nunca se importou em compartilhar comigo. Tudo isso chegou a um ponto culminante na semana passada e parece que minha mente está implodindo.

Amy ri baixinho. Não é um tipo de riso zombeteiro, é um tipo de som simpático e solidário.

— Acabamos de passar cerca de cinco sessões de informações em três minutos — diz ela, recostando-se na cadeira de couro, que lamenta o peso. — As pessoas nem sempre guardam segredos para prejudicar os outros. Às vezes elas guardam segredos para proteger os que amam. Estou curiosa, porém, você disse que Ellie e essa mulher se conheciam?

— Eu acho; no entanto, estou descobrindo isso agora — digo.

— Que interessante — diz Amy. — Você vai continuar procurando a resposta?

— Como posso evitar? — respondo. Os pensamentos constantes de Ellie guardando segredos de mim me consumiram e causaram agitações na vida que eu tentei tanto juntar. — Sim, eu preciso ver essa mulher novamente.

— Você acha que está feliz em ver essa mulher porque ela é dona desse segredo ou porque ela tem um pedaço de Ellie vivo dentro dela?

— Ambos — digo. Claro, ambos.

— Você tem sentimentos por essa mulher? — ela continua.

Flashes dos olhos de Ari penetram em minha mente quando considero essa resposta.

— Não tenho certeza. Eu estava no começo de um relacionamento legal com uma mulher que por acaso mora do outro lado da rua, mas ela não está exatamente interessada em estar comigo enquanto eu descubro meus

sentimentos por Ari, a mulher com o coração de Ellie. As respostas são tão simples, mas a resolução é tão difícil. Não tenho certeza de que algo será resolvido e eu poderia acabar na mesma situação em que estava antes de conhecer Charlotte. Sozinho. Se eu nunca encontrar outra mulher para estar com ela novamente, será justo, no entanto. A maioria das pessoas não tem a sorte de ter uma Ellie em sua vida pelo tempo que eu passei e depois viver para experimentar qualquer coisa remotamente próxima disso novamente. Eu já aceitei viver o resto da minha vida focado apenas em Olivia, mas ultimamente parece que uma parte de mim também quer ser egoísta.

— Sua cabeça deve estar doendo com o número de pensamentos indo e vindo a cada minuto do dia — diz Amy. — Eu acho que você está agindo sobre isso da maneira correta. Você está poupando a mulher que estava com algum descontentamento e está sendo justo consigo mesmo para saber quais são seus sentimentos por essa outra mulher. — Amy descruza as pernas e escorrega para a beira da cadeira, estendendo a mão para pegar as minhas. — Para uma pessoa cuja família pensa que ele é uma bagunça, você está se saindo muito bem.

Meu olhar prende na mão de Amy sobre a minha. Pela aparência de sua pele enrugada, estou supondo que ela esteja perto da idade da mamãe, o que me diz que ela não está falando apenas da sabedoria e do conhecimento, mas também da experiência de vida. É um pouco reconfortante, suponho.

— Eu quero voltar e falar com você de novo — falo, olhando em seus olhos claros e nebulosos.

— Me diga quando e eu estarei aqui. — Ela puxa uma agenda e abre a capa enquanto se inclina em direção à sua mesa para pegar um lápis.

— Próxima semana, mesmo hora? — pergunto, sentindo o peso levantar levemente dos meus ombros.

Ela anota meu nome na data apropriada em sua agenda e alcança sua mesa mais uma vez para um cartão. Ela escreve a hora e o dia no verso e entrega para mim.

— Estou ansiosa para ouvir o que acontece com Ari — diz ela com um sorriso torto. — Boa sorte, Hunter. — Amy estende a mão para apertar a minha e eu devolvo o gesto. Enquanto fico em pé mais uma vez, recolocando meu paletó sobre os ombros, sinto mais espaço dentro dos meus pulmões, como se, de repente, se tornasse um pouco mais fácil respirar.

Enquanto ando para a porta do consultório, meu telefone toca no meu bolso novamente. Eu pego o telefone e vejo o número da escola chamando.

Merda.

Eu atendo o telefone, pressionando contra o meu ouvido, ouvindo a mensagem pré-gravada nos dizendo que o ônibus levará as crianças para casa uma hora antes, devido à nevasca iminente. Uma nevasca no final de março? Impressionante.

Eu atravesso a porta de madeira, encontrando AJ confortável em uma das cadeiras, folheando uma edição de “Casas e Jardins”. A visão dele lendo aquelas revistas em particular me faz rir. Nós somos carpinteiros, mas isso termina com o chão, especialmente para AJ, que não tem habilidades de coordenação de cores, considerando que ele é daltônico.

— Merda, essa mulher é mágica, né? Um sorriso e tudo mais — diz AJ, colocando a revista na mesinha ao lado.

— Obrigado — respondo a ele, sentindo uma contração no meu peito e uma pontada de dor por trás dos meus olhos. Talvez eu tenha ficado cego para isso e Amy tenha me esclarecido apenas um toque, mas percebo que é bom saber que tenho pessoas que me amam e se importam com o meu bem-estar enquanto cuido dessa confusão. Até meu irmão idiota que está passando por suas próprias coisas agora. — Temos que ir para casa. A escola liberou mais cedo e Olivia vai estar de volta em quarenta e cinco minutos.

— Cara, você viu como está lá fora? — AJ pergunta. — Você pode querer ligar para Charlotte para ver se ela pode pegá-la.

E assim, a irritação entra de novo. Não existe nada, além do pensamento de perder a oportunidade de falar com Ari hoje.

— Vou ligar para ela quando entrarmos na caminhonete.

No momento em que saímos, vejo que AJ não está exagerando. Três polegadas devem ter caído na última meia hora em que estivemos aqui. Eu puxo a manga do meu casaco sobre a mão e esfrego a neve do para-brisa do lado do passageiro antes de entrar. Isso é uma droga.

Nós saímos para a estrada, indo a menos de dezesseis quilômetros por hora, já que é quase impossível ver pela janela como a neve está caindo.

Disco o número de Charlotte e ouço os três toques antes que ela responda, parecendo sem fôlego.

— Você está bem? — eu pergunto.

— Sim, apenas raspando a neve agora antes que fique muito pesada — diz ela.

— Vou limpar sua entrada quando parar. Você vai machucar suas costas novamente.

— Tudo bem, Hunt, realmente, mas obrigado. Você precisa de alguma coisa? — Nossas conversas soam tão amigáveis, mas eu me importo com ela como mais que uma amiga e há muitos momentos em que eu gostaria que o nosso *timing* fosse diferente.

— AJ foi bom o suficiente para me arrastar para um terapeuta além da minha vontade de ir por conta própria. Acabei de receber o telefonema da escola e estamos tentando voltar, mas há uma linha de luzes de freio na nossa frente agora. Estou preocupado que não cheguemos lá a tempo.

Um sopro de ar cria um som alto de arranhão no meu ouvido.

— Você foi falar com alguém? — ela pergunta, com uma sugestão de esperança enchendo sua voz, me dizendo que ela provavelmente estava nessa intervenção também. — Ouvir isso me deixa muito feliz.

— Estou feliz — digo suavemente, quase intimamente, falando quase em voz baixa para evitar os olhares de AJ. Embora, com o quão duro ele está se concentrando na estrada, eu não acho que ele ao menos perceba que estou no telefone.

— Vou pegar Olivia e trazê-la pra cá até você chegar em casa. Não se apresse, apenas tenha cuidado, ok?

— Eu terei.

— AJ está dirigindo devagar? — ela pergunta.

— Sim, mãe — provoco.

— Hunter, não comece. Nós dois sabemos como AJ dirige.

Estou sorrindo para a raiva dela, mas ela normalmente teria um ponto válido. Hoje, no entanto, o AJ nem chega a dez quilômetros por hora.

— Eu te vejo quando chegar em casa.

Posso ouvir um sorriso em seus lábios quando ela diz: “O que quer que seja”.



O tráfego andou, ou os três acidentes, devo dizer. As pessoas na Nova Inglaterra parecem pensar que são super-heróis na neve com seus carros de tração dianteira. A caminhonete de AJ está um pouco instável, mas é só porque a caçamba dele está vazia, graças a mim, cancelando nosso trabalho por um dia. Nós descemos a rua do ponto de ônibus exatamente na hora que nós vemos o veículo que lentamente desce a colina. Olivia está provavelmente chateada agora. Ela não gosta quando as coisas mudam ou estão fora de ordem. Isso a deixa nervosa. Eu saio da caminhonete assim que o ônibus para. A neve é espessa e pesada enquanto cobre minha cabeça. Puxo meu capuz e passo ao lado de Charlotte, que parece um esquimó.

— Você está protegida aí? — Eu empurro meu ombro no dela.

Ela puxa o capuz do casaco, permitindo apenas uma pequena abertura para os olhos mostrarem.

— As estradas estão ruins? — ela pergunta.

— Elas não estão boas.

A porta do ônibus se abre e Olivia pula do degrau inferior direto para um monte de neve. Seu lábio curva enquanto ela anda na ponta dos pés pelas grandes pilhas que ainda não foram aradas.

— Está frio! — ela grita, vindo até mim. Eu envolvo meus braços ao redor dela, fazendo o meu melhor para aquecê-la.

— Ei, por mais que eu odeie ser essa donzela em apuros, minha lavadora está vazando e tenho uma semana de roupa para lavar. Alguma chance de você poder dar uma olhada nisso hoje à noite?

A última pergunta dela é cortada com um suspiro alto quando Lana balança os braços ao redor de Charlotte.

— Eu perdi outro dente, mamãe! — Lana aponta para a grande lacuna na frente de sua boca.

— Meu Deus, você não tem mais dentes da frente! — Charlotte diz através do riso.

— Você acha que a fada vai conseguir vir na neve? — Lana pergunta.

— Sim, ela é mágica e forte. Ela pode passar por qualquer coisa — explica Charlotte, agachada na frente dela.

— Assim como você, mãe. Você é mágica e forte e me diz o tempo todo que consegue superar tudo. Lembra que você disse ontem à noite quando estava chorando ao telefone?

Levando em conta a conversa entre Lana e Charlotte, estou cheio de perguntas enquanto me pergunto por que ela estava chorando na noite passada e com quem ela estava ao telefone. Não que isso seja da minha conta, mas espero que ela esteja bem.

— Lana, vá andando com Olivia — diz ela, levantando-se e tirando a neve dos joelhos.

Charlotte olha para mim, os olhos arregalados. Penso se ela espera que eu pergunte algo ou se quer que eu não pergunte.

— Fale.

— Não é nada — ela responde, dando alguns passos para trás e voltando para casa.

Eu olho para AJ na caminhonete, acenando para ele para chamar sua atenção. Ele abre a janela e eu grito:

— Vou para casa. Vejo você depois. — A janela se fecha e as engrenagens rangem quando ele vira a caminhonete para descer a rua.

— Hunter, você não tem que desempenhar esse papel, lembra? — Charlotte diz com um arrepio.

— Não me faça implorar, Charlotte. O que está acontecendo? Não estou fazendo nenhum tipo de papel, eu me importo muito com você. Você é quem não quer estar comigo agora...

Ela olha para mim como se eu fizesse algo errado ou apenas dissesse algo estúpido, o que parece ser a norma ultimamente. Eu questiono se alguma

coisa inteligente sai da minha boca hoje em dia.

— E eu me importo muito com você, mas eu não quero entrar nisso... — Ela exala com exagero.

— Por que você estava chorando na noite passada? — pergunto novamente.

— Você acabou de me perguntar isso...

— Eu sou persistente. Então, por que você estava chorando na noite passada? — pergunto em uma voz mais suave enquanto alcançamos as meninas.

— Porque esse idiota retirou a porra da minha pensão — diz Lana em uma voz de falsa adulta.

Jesus.

— Lana — Charlotte repreende. — O que eu te disse sobre espionagem e o que eu te disse sobre repetir coisas que você me ouve dizer em casa?

Um beicinho puxa os lábios de Lana, um biquinho falso.

— Eu esqueci — ela diz. Então grita: — Olivia! Olhe! — E as garotas correm na frente até chegarem a um banco de neve criado por um arado. Olivia para e observa enquanto Lana sobe e depois desliza para a rua. — Vamos, Olivia!

Olivia contempla por um longo momento, sabendo sua aversão à neve fria, mas acho que ela percebe a quantidade de diversão que Lana está tendo e decide se juntar a ela. Sem calças de neve, as duas meninas instantaneamente ficam encharcadas do escorregão improvisado. Normalmente, Olivia teria um ataque por estar molhada, mas evidentemente nenhuma delas sente isso, ou elas estão se divertindo muito, então não se importam. Se a vida adulta pudesse apenas ser tão despreocupada.

Charlotte coloca as mãos enluvadas nos bolsos fundos, andando um passo à frente de mim.

— Você está bem? — pergunto.

Sua cabeça treme sob o capuz e a poeira de neve sai do tecido.

— Você pode lutar contra isso no tribunal? — questiono. Eu não sei muito sobre divórcios ou como eles funcionam, mas posso imaginar que o que está acontecendo não é justo.

— Ele aceitou um emprego para um empreiteiro clandestino. Ele está sendo pago ilegalmente e não está declarando nenhuma renda. Para o tribunal, parece que ele não tem um emprego ou dinheiro, então eles não podem forçá-lo a pagar pensão alimentícia — diz ela. Eu estou tendo

dificuldade em ouvi-la com o sopro de neve e as crianças gritando, então eu pego seu braço e a forço a virar pra mim, mantendo meus olhos nas crianças ao mesmo tempo.

— Como você descobriu isso? — pergunto.

— Meu advogado ligou.

— Qual é o próximo passo?

— Eu não sei, Hunter. Por favor, eu não quero falar sobre isso.

— Eu não posso ajudá-la a menos que você me dê os detalhes. — Eu percebo que ela não pediu ajuda, mas claramente precisa de alguém para, pelo menos, falar.

— Eu não pedi sua ajuda. Não há nada que você possa fazer por mim — diz ela. — Tudo o que importa é que vou perder minha casa se eu não resolver isso. — A tristeza rasga meu peito enquanto considero o pensamento de Charlotte e Lana não viverem mais na nossa frente.

— Eu não vou deixar isso acontecer com você. — É a única coisa que sai da minha boca. Não sei como posso prometer isso, mas parece que é a única coisa a dizer e a única coisa que quero dizer. — Nós dois sabemos que tenho muito espaço em minha casa, então apenas saiba que você tem isso como meu apoio.

— Hunter, como você poderia oferecer uma coisa dessas?

Como eu não poderia?

— Charlotte, como você ainda está questionando o quanto eu me importo com você e Lana?

— Eu não estou questionando isso. Eu estou questionando todas as outras partes — diz ela, puxando o capuz para baixo para esconder os olhos. Ela se vira e continua andando enquanto tira o telefone do bolso. Está aceso e tocando um tom suave. Eu dou um passo mais perto enquanto ela olha o nome no telefone e intencionalmente o coloca na frente dela, então está fora da minha vista. Não importa, porque eu já vi. Alguém com o nome de Lance. Lance. Quem diabos é Lance? Eu nunca a ouvi mencionar um Lance, e por que ela não atenderia a ligação? Embora ela tenha tirado a luva e agora esteja mandando mensagens para alguém, Lance, presumo. Ela está vendo algum cara chamado Lance? Eu ainda sou o que ela pediu para olhar para sua máquina de lavar roupa. Isso é uma coisa boa?

Dou a Charlotte o espaço que estou supondo que precise e agarro as duas garotas, uma embaixo de cada braço, enquanto ando pela rua coberta de neve. As garotas estão me batendo e apertando seus punhos cobertos de neve contra

mim enquanto riem. Eu amo o quanto essas duas se amam e é apenas outra razão pela qual eu ficaria de coração partido se Charlotte se mudasse.

À medida que nos aproximamos de nossas calçadas, eu presumo que a falta de conversa pode ficar estranha, mas não há nenhum constrangimento quando Charlotte pega Lana pelo braço e a leva até a entrada da garagem sem sequer dizer adeus.

— Charlotte está chateada? — Olivia pergunta. Obviamente não está na minha cabeça se Olivia está percebendo isso também.

— Não tenho certeza — falo, puxando-a para dentro da casa. — Eu preciso que você vá trocar de roupa porque temos que sair por alguns minutos.

— Onde você está indo? — AJ pergunta do outro quarto. — Está horrível lá fora.

— Sim, onde estamos indo, papai?

— A uma loja — respondo.

— Temos comida — AJ responde. — Cara, você não deveria sair de novo.

Estou olhando para trás e para frente entre AJ e Olivia, ambos olhando para mim. Pego o telefone do meu bolso e digito outro texto para Ari.

Eu: *Você ainda está aí?*

Um minuto se passa antes que os três pontinhos brilhem sob o meu texto.

Ari: *Infelizmente. Eu acho que não vou a lugar nenhum esta noite.*

Eu coloco meu celular no bolso e olho para Olivia.

— Você quer vir comigo ou ficar aqui com o tio AJ?

AJ está olhando para mim e cruza os braços sobre o peito.

— Olivia, por que você não fica aqui e me ajuda a fazer algo gostoso para o jantar?

Olivia cobre a boca e ri.

— Tio, você nem consegue assar marshmallows.

Eu rio junto com Olivia porque é verdade. AJ dá um bote nela e vira-a por cima do ombro.

— Ah é, garotinha? — O riso se encaixa em erupção enquanto ele faz cócegas nela até que ela esteja sem fôlego. — É por isso que eu preciso que você fique aqui e me ajude.

— Ok, tudo bem — ela concorda. — Papai, eu deveria ficar aqui com o tio para que ele não estrague a comida.

— Onde você está indo, Hunt? — AJ pergunta. Eu olho para Olivia, agora percebendo que levá-la comigo não teria sido uma boa ideia, nem acho que ela deveria saber para onde estou indo. Permitir que ela se apegue a qualquer outra mulher na minha vida agora não é saudável para ela. Ainda não, de qualquer maneira.

— Suba as escadas e troque as calças — digo a Olivia. — Você está encharcada.

Ela pula as escadas, seguida pela porta se fechando.

— Ari está presa em sua loja e concordou em falar comigo. Quanto mais cedo eu puder descobrir tudo isso, mais cedo posso parar de debater as decisões da minha vida — explico.

— Pelo fato de você estar agindo parcialmente normal neste momento, eu não darei a mínima para você sair numa nevasca por causa de uma garota, mesmo que não seja normal fazer isso.

Ela não é uma garota. AJ sabe disso, mas é assim que ele a vê. Argumentar com isso não ajudará em nada, desperdiçará mais tempo.

— Você se importa de cuidar de Olivia por um tempo? Vou tentar demorar menos de duas horas.

— Cara, você provavelmente levará duas horas só para chegar nessa porcaria.

— Vou mantê-lo atualizado — digo a ele. Olho pela janela, vendo um limpador de neve passar. — Eu vou ficar bem.

Olivia vem voando de volta pelas escadas em calça de moletom e camiseta com seu avental por cima.

— Pronto!

— Quando chegar em casa, quero ouvir mais sobre o que aconteceu com Alexa — digo a ele. Eu me sinto culpado por ignorar completamente os problemas da vida dele.

— Não há muito a dizer — diz ele. — Na verdade, eu gostaria de esquecer o nome dela completamente.

— Entendi — respondo, vestindo meu casaco.

— Certifique-se de que você esteja em casa na hora do jantar, papai — Olivia grita da cozinha.

— Sim, senhora. — Outra risada flutua no ar. — Te amo, Olivia.

— Te amo, papai!



Duas horas. Até parece! Foram vinte minutos. Eu segui um caminhão de sal a metade do caminho, o que funcionou perfeitamente. Pelo menos eles estão mantendo as estradas. Enquanto estou dirigindo, percebo que não atendi ao pedido de Charlotte para arrumar a sua máquina de lavar roupa. Bem, ela apenas terá que esperar ou deixar que Lance cuide disso.

Quando chego à floricultura, estaciono ao longo da calçada. Tenho certeza de que não deveria estacionar aqui agora, já que os limpadores estão tentando trabalhar, mas não há outro lugar para parar. Além disso, o carro de Ari está enterrado bem na minha frente.

Eu chuto a neve e crio um caminho estreito até a porta de vidro da loja de flores. Eu estou supondo que é por isso que ela não vai a lugar nenhum essa noite. Além do fato de que o carro dela está praticamente preso, graças à nevasca, a porta também está coberta de neve.

Eu ando de volta para a minha caminhonete e pego uma pá da caçamba. Limpando um caminho, removo a neve para que a porta possa se mover livremente, mas quando puxo a alça, a porta não se move. Bato algumas vezes, esfregando uma camada de gelo na janela para que eu possa ver o interior.

Através do borrão, leva apenas alguns segundos até Ari aparecer na porta com um sorriso. Ela abre a tranca e empurra a porta.

— Você estava presa aqui e sentiu a necessidade de trancar a porta? — eu pergunto com diversão.

— Você nunca sabe quem é louco o suficiente para ter uma pá e desenterrar para poder invadir e me raptar — diz ela com um sorriso astuto. Sua risada suave enche o ar enquanto afasta alguns fios de cabelo de sua bochecha. No mesmo momento em que a observo, o cheiro misturado de

flores diferentes me atinge de uma só vez, quase deixando meus joelhos fracos. Muitos dos aromas me fazem lembrar Ellie. Ela sempre teve obsessão por novas flores e cada flor teve seu momento no centro das atenções sob a claraboia em nossa sala de estar. O aroma das flores sempre encheu a casa.

— Você sempre lidou com flores? — pergunto a Ari.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro como se sua resposta não estivesse aqui nem ali. Levanta uma plantadeira de uma das prateleiras e a coloca no balcão de vidro

— Na verdade, não, mas como meus pais são jardineiros, eu sempre estive em volta de plantas e flores. Você sabe, muito de qualquer coisa, às vezes, pode ser mais que suficiente.

— Sim, eu posso entender isso.

— De qualquer forma, uma vez que me recuperei do transplante, eu meio que precisava de um novo começo. Pensei em voltar a lecionar, mas eles me obrigaram a tirar um ano de folga por razões de responsabilidade e eu não iria perder dias preciosos da minha vida sentada em frente à TV. Meus pais eram amigos do dono desse lugar e ele estava se preparando para se aposentar. Um mês depois, eu estava comprando a loja. Louco, não é?

— Eu acho que tudo acontece por um motivo — digo. — Ellie teria adorado essa loja. Ela viveu e respirou por flores. Era apenas um hobby, mas foi sua maior paixão.

— Eu sei — diz. — Ela me disse muitas vezes. — Ari move o plantador para o balcão e eu sigo. — Isso definitivamente ajudou com a minha decisão de gerenciar esta loja. Eu acho que é um bom tributo para Ellie. — Ela se vira, me encontrando, provavelmente, um pouco perto demais. — Eu sei que é bobo, mas, às vezes, me pergunto se ela pode sentir que estou na loja aqui, você sabe, se ela realmente está conectada a mim e outras coisas.

— Eu gostaria de pensar isso — digo. Suas palavras são atraentes, maravilhosas e semelhantes aos pensamentos que não compartilho com ninguém. Por que isso me faz querer dizer a essa mulher que eu a amo? Por que eu quero beijá-la e pressionar minha mão contra seu coração e nunca me separar de sua existência novamente? Eu não a conheço. Isto está errado.

Se eu estiver errado, por que ela está olhando para mim como se eu estivesse certo? Meu coração está batendo tão forte que posso senti-lo na minha cabeça e nos meus braços e pernas. Eu só preciso... eu não deveria. Tem a Charlotte. E Ellie, mas parte de Ellie está dentro dela. Eu tenho que... eu acho...

A luta dura pouco e eu ajo em um capricho imprudente, colocando minhas mãos firmemente ao redor de seu rosto enquanto pressiono meus lábios contra os dela. Eu a assusto, assim como a mim, e ela cai pesadamente contra o balcão de trás, suas mãos indo e voltando da minha cintura para o balcão atrás dela, como se ela não pudesse se decidir sobre o certo ou errado dessa situação. Estou beijando uma completa estranha cuja alma eu não poderia conhecer mais neste mundo. Meu peito está contra o dela e, puta merda, eu posso sentir seu coração batendo. Minhas bochechas estão queimando e eu fecho meus olhos com força, evitando lágrimas que poderiam destruir este momento antes que ele tivesse a chance de se desfazer. Eu posso sentir o coração dela. O coração de Ellie. Está batendo contra o meu novamente. Está batendo contra mim. Eu posso senti-lo. Eu posso senti-la. Ellie. Ellie. Está batendo tão forte, assim como o meu. Parece tudo o que o meu sente, como sempre fez antes. Ela está lá.

Enquanto nossos lábios se separam, percebo que nem considereei a sensação de sua boca contra a minha; meus únicos pensamentos estavam concentrados em seu coração. Isso é tudo que posso sentir. Ainda. Eu posso senti-lo contra o meu peito, embora haja espaço entre nós agora.

— Hunter — diz ela entre respirações pesadas. — Isso está errado?

Sim. Completamente errado. Minha mente está girando entre Charlotte e Ellie e agora Ari, e por que eu me jogaria em uma bagunça assim?

— Eu não sei.

— Você não tem namorada? — ela pergunta. — Oh, meu Deus, você tem. Isso não devia estar acontecendo. Eu não deveria ter feito isso... Ellie. Deus, eu não sei o que estou pensando agora. Isso não está certo. Isso definitivamente não está certo. Isso, nós, não devíamos estar fazendo isso.

Eu concordo com tudo o que ela acabou de dizer. Eu não deveria estar beijando-a quando me sinto do jeito que me sinto a respeito de Charlotte, mas meus lábios contra os dela fazem o coração de Ellie bater mais rápido. Essa atração é uma conexão, estou tão desesperado que não posso dizer que sinto muito pelo que acabei de fazer.

— Charlotte terminou as coisas comigo para que eu pudesse descobrir o que eu quero — digo. — Conhecer você adicionou muita confusão em minha vida. — Talvez isso seja honesto demais.

— Oh — ela diz. Estamos olhando nos olhos um do outro e tudo que eu quero é ver a alma de Ellie dentro de seu lindo olhar. Mas as almas não podem ser vistas, elas só podem ser sentidas e eu sinto isso. Estou sem

palavras. Eu não sei o que dizer. — Por que você me beijou se estou adicionando confusão à sua vida?

A resposta não deve ser complicada. Como a convenço que me apaixonei pelas palavras em cada nota datilografada que ela me deu? Como a convenço que quero estar perto dela porque é como estar perto de Ellie? Faz algum tipo de confusão na minha cabeça, mas não tenho certeza se faria muito sentido para qualquer outra pessoa.

— Eu quis — digo simplesmente.

— Eu não acho que você quer se envolver comigo, Hunter.

Não que eu possa decidir se é uma boa ideia me envolver com ela ou não, mas por que ela disse isso? Claramente o beijo não a incomodou já que ela não me parou.

— Por quê? — Eu deveria estar me fazendo a mesma pergunta. Por causa de Charlotte.

Ela sorri para mim e toca o dedo nos lábios antes de sair do meu alcance. Agarrando a vassoura no canto da sala, ela começa a varrer ao meu redor. Eu coloco minha mão na vassoura e a paro.

— Por quê? — pergunto de novo.

— Eu me apaixonaria por você — diz ela.

— Você não precisa — digo como se fosse assim tão fácil.

— Eu sei, mas aconteceria.

— Então, e se acontecer? — O que estou dizendo? Amar? Eu não posso amar mais ninguém... eu acho que não. Eu deveria estar dizendo que ela não quer ficar comigo. Eu só posso querer estar com ela pelo que está dentro do seu corpo.

— Você vai acabar machucado — ela termina, com essa declaração é como se me esfaqueasse.

— Como você pode ter tanta certeza? — Eu cobro por uma explicação mais profunda, uma que eu não preciso, mas a curiosidade está esfaqueando meu cérebro.

Ari olha friamente nos meus olhos e eu juro que vejo seus pensamentos se reunindo dentro de seu olhar.

— Hunter — ela começa, embora isso pareça mais como uma prolongada pausa.

— O que é? — pergunto, apoiando minhas mãos em torno de seus ombros magros. A sensação de tocá-la é estranha, considerando que eu pulei de todos os outros estágios de conhecer alguém para beijá-la.

Seu olhar se afasta do meu rosto e ela olha para baixo entre nós. Eu quero pressionar meu dedo sob o queixo dela para que ela olhe de volta para mim, mas eu dou a ela o tempo que precisa, esperando que ela decida falar.

— O médico de Ellie disse que ela tinha um aneurisma não rompido. Eles descobriram quando fizeram uma tomografia computadorizada após o acidente de carro em que vocês dois estiveram. — Suas palavras são suaves, quase difíceis de ouvir, mas o significado do que ela está dizendo parece tão alto que dói no meu ouvido. — Os médicos disseram que operar apenas resultaria em uma chance de cinquenta por cento de sobrevivência. Eles também disseram, ao não operar, ela teria apenas cinquenta por cento de chance de sobrevivência. Por causa de onde o aneurisma estava localizado, ele poderia se romper com qualquer atividade intensa ou trauma. Os médicos aconselharam-na a não tentar uma gravidez.

Meus joelhos literalmente cedem e eu estou no chão, encostado no balcão, olhando inexpressivamente pela porta de vidro. Tudo que eu achava que sabia não era certo. Ellie estava escondendo o mundo de mim por trás de seus olhos cheios de verdade.

— Ela queria tanto um bebê — falo em voz alta para mim mesmo. — Tentamos conceber Olivia por três anos. Se eu soubesse...

— Você não teria Olivia — ela me interrompe com severidade atada em sua voz.

Eu nunca poderia responder a isso com o que primeiro vem à mente porque eu nunca desistiria de Olivia por nada no mundo, mas eu deveria saber.

— Ela escondeu isso de mim —. Ari desliza contra o balcão, a umidade de suas mãos raspando o vidro enquanto se coloca do meu lado. — Eu achava que sabia tudo sobre ela, até a ordem em que ela se maquiava pela manhã. Nós não escondíamos as coisas um do outro, e agora eu descubro que ela escondeu tudo de mim.

— Isso não é tudo — diz Ari. — Este é um segredo que ela manteve de você.

— Esse único segredo é tudo.

— Perguntei a ela uma vez o que você achava sobre a condição dela e nunca esquecerei o olhar que passou pelo rosto dela naquele momento. Eu nunca tinha visto esse olhar antes, não que eu conhecesse Ellie toda a minha vida ou qualquer coisa assim, mas ela era minha mentora e passamos muito tempo juntas. — Ari estende a mão e passa as costas da mão sob os olhos. —

Ela me disse que era algo que ela não conseguia descobrir como contar e que não havia decidido se queria arruinar sua vida contando a você. Até mesmo seus pais não sabiam. Ela sabia que as chances de sobreviver eram poucas e a última coisa que queria era ser tratada de forma diferente por causa disso. Especialmente por você.

— Eu não entendo por que ela iria querer tanto um bebê se tudo isso é verdade — Como isso tudo pode ser verdade? Eu estava com ela no hospital depois do acidente, ela nunca disse uma palavra. O médico que vimos para a gravidez, ele teria que saber também. Esta informação tinha que estar em sua ficha em algum lugar. Por que ninguém me diria?

— Ela queria deixar sua marca neste mundo, e Olivia era o caminho para ela fazer isso — diz Ari, colocando a mão na minha.

— Ela me deixou de propósito, me deixou com uma garotinha que estou criando sozinho. — Ela fez isso deliberadamente e eu não sei como aceitar esse fato. Como ela poderia supor que eu gostaria de ficar sem ela, e como pai solteiro?

— Você ficou com uma parte de Ellie — diz Ari, como se ela pudesse ouvir meus pensamentos.

— Por que diabos ela diria tudo isso pra você? Você era uma aluna para ela, ela era sua mentora, qualquer coisa assim. Por que diabos você ao invés de mim? — Eu me levanto, fazendo pouco para esconder minha ira crescente. Por que Ari e não eu? Eu merecia saber. Eu era a vida dela. Eu a estava empurrando para mais perto de sua morte todos os meses, enquanto nós tentávamos engravidar, e nada em sua cabeça a fez pensar que não tínhamos que ter um bebê para que ela pudesse viver. Nada a fez pensar isso. Poderíamos ter vivido uma vida relaxante e a mantido segura contra atividades extenuantes. Não precisava ser assim. Ela poderia ter vivido.

Andando da porta até o meio da loja e de volta, percebo Ari com o canto do olho, abraçando a si mesma na parte de trás da loja, parecendo um pouco assustada. Eu não deveria estar culpando ela. Eu deveria estar culpando Ellie. Todos esses anos eu me recusei a sentir qualquer ressentimento ou raiva por Ellie, mesmo que, às vezes, eu sentisse, nas noites em que Olivia não dormia e nos dias em que ela estava doente e eu não tinha ideia do que fazer para ajudá-la. Eu queria gritar tão alto na esperança de Ellie me ouvir, então ela saberia o quanto eu estava com raiva por ter que criar nossa garotinha sozinho. O que eu sei sobre criar um filho? Nada. Eu deveria ter uma parceira nesta vida. Olivia deveria ter uma mãe.

Olivia deveria ter uma mãe.

Olivia nunca foi concebida para ter uma mãe. Ela foi concebida pra ter só a mim.

— Um acidente de carro, até mesmo uma pequena batida poderia tê-la matado — diz Ari através de um sussurro. Então você teria ficado sem nada. — Eu não quero ouvir Ari e suas circunspectas palavras. Eu não quero ouvir a verdade ou mais mentiras. Agora eu sei por que Ari não queria me contar e posso presumir por que Ellie não me contou. Eu teria falado com ela sobre isso. Eu a colocaria em uma bolha e cuidaria dela. Mas ela não me deu essa opção. — Em vez disso, ela deixou partes dela para trás. — Ari coloca a mão em seu coração, segurando o tecido do seu peito. — Olivia tem tantas partes de Ellie.

— Você nem mesmo a conhece — lembro a Ari. Eu sei que é um comentário idiota, mas é verdade. A menos que ela também conheça Olivia, e simplesmente decidiu não compartilhar isso comigo também.

— Você tem razão, mas são necessárias duas pessoas para criar outro ser humano; portanto, ela é, na verdade, metade Ellie. — diz ela. Com nada mais para discutir, Ari envolve sua mão em volta da minha e a puxa em direção ao seu corpo. Colocando a palma da minha mão contra seu peito, ela segura lá, firme. Eu fecho meus olhos e me concentro no ritmo acelerado. — É ela. — A voz suave de Ari vibra através de seu peito.

Eu me concentro apenas na batida do coração de Ellie, tentando lembrar de uma ocasião em que ouvi o batimento cardíaco dela. Há apenas uma vez que me lembro, no entanto. O primeiro exame de doppler cardíaco que recebemos no início de sua gravidez. Nós pensamos que o batimento cardíaco era de Olivia, mas na realidade era de Ellie. Demorou um minuto para ouvirmos um som parecido, mais suave e mais delicado. Eu não considereei o quanto gostaria de lembrar desse som. Soa do mesmo jeito no peito de Ari? Funciona assim?

— Quando o médico me disse que havia um coração esperando por mim, eu sabia — diz Ari. — Os médicos me disseram que havia pouca ou nenhuma chance de encontrar um doador de coração com o mesmo tipo sanguíneo. Então eu sabia que era Ellie. Excitação, alívio e gratidão se misturaram quando ouvi as palavras saírem da boca do meu médico. Eu tinha menos de um mês de vida naquele momento. Eu estava me deteriorando a cada dia e estávamos a ponto de procurar por asilos, já que estava se tornando muito difícil para os meus pais cuidarem de mim.

— Você não estava feliz por estar recebendo um coração? — pergunto, querendo esclarecer o que ela está explicando.

Ela pressiona os lábios juntos quando um sorriso inquieto ameaça se mostrar através da dor evidente.

— Como eu disse, sabia que era Ellie. Eu sabia que ela havia morrido. Eu sabia que era devido a ter dado à luz a Olivia, e eu sabia a probabilidade de ela sobreviver ao trabalho de parto.

Eu quero dizer que isso não é justo, que ela sabia, e que eu tive minha vida arrancada debaixo de mim, mas eu ainda estou focado em sentir o coração dela batendo embaixo da minha mão. Agora eu sei por que Ellie nomeou Olivia antes de ela nascer. Ela sabia que estava acabado.

— Eu não sei se estou bravo ou grato por suas ações, mas estou ferido. Incrivelmente ferido.

— Eu posso imaginar — diz ela, liberando minha mão. — Mas você não pode ficar bravo com ela. Ela não queria morrer, mas, às vezes, na vida nós não conseguimos escolher o caminho que queremos, às vezes só nos restam opções de merda e ela escolheu a menos ruim em sua mente. — Como posso concordar com isso? — Ela não te enganou para te machucar... ela fez as escolhas que fez porque te amava muito. Ela queria deixar algo para trás que pertencesse tanto a você quanto a ela. Esse algo era alguém... Olivia.

Por mais que eu precise de espaço agora, minha mão não está se movendo, então eu fecho meus olhos, tentando juntar tudo. Minha cabeça dói. Os pensamentos indo e vindo estão muito confusos. Como as coisas acabaram assim?

— Por que você não está ensinando agora? Seu ano de folga veio e se foi. Por que você não voltou? — pergunto, imaginando por que ela passaria todo esse tempo sendo orientada por Ellie e agora não estaria fazendo o que queria fazer.

— Para manter minha licença no ano seguinte à minha cirurgia, eu precisaria obter meu mestrado em administração de empresas. Eu decidi não fazer isso — diz ela.

— Por quê?

— Pela mesma razão que você não deveria pensar em se envolver comigo, Hunter. — Um relutante sorriso puxa o canto de seus lábios e ela coloca sua mão macia ao redor da minha bochecha. — Eu não sou boa para você. Eu sou simplesmente a portadora da alma do coração de Ellie. Se nossos caminhos tivessem se cruzado em diferentes circunstâncias,

poderíamos nos sentir diferentes, mas esse não é o caso.

Isso me confunde. Eu não sabia quem ela era quando nos conhecemos no jardim e, no entanto, fui puxado para ela, eu estava atraído por ela e pelo seu jeito expressivo de falar, uma vez que soava muito parecido com o jeito que Ellie falava.

— Isso não é verdade — argumento.

— Eu estava no jardim porque eu visito Ellie regularmente para agradecê-la por seu generoso presente de me dar a vida. É por isso que nos conhecemos. Se não fosse pelo coração de Ellie, não teríamos nos conhecido — diz ela.

Essa é uma declaração ridícula, especialmente para alguém que parece tão inteligente quanto ela.

— A menos que você seja Deus, eu não tenho certeza se você pode realmente saber disso com certeza. — Ela tira a mão do meu rosto e se levanta para caminhar em direção à porta da frente, abrindo espaço entre a minha mão e o coração de Ellie. Ela espia através do vidro. — Qual é a verdadeira razão pela qual você não conseguiu seu mestrado em administração de empresas, e qual é a verdadeira razão pela qual eu acabaria ferido por você?

— A neve parou — diz ela.

Eu também me levanto e subo atrás dela, colocando minhas mãos em seus ombros.

— Por quê?

Ela se vira, o cabelo voando no meu rosto enquanto me encara.

— Todos nós temos nossos segredos, Hunter. O meu é a minha razão para tudo.

Sem entender por que suas palavras não me deixaram completamente louco, tomo seu rosto de volta em minhas mãos e beijo-a suavemente, focando na textura de seus lábios e no calor que sua pele oferece à minha. Seus braços envolvem minhas costas, apertando-me gentilmente, mas com força. Eu deslizo minha mão entre nós, pressionando-a contra o peito, sentindo o pesado baque de seu coração enquanto nossos lábios permanecem conectados. Precisando de uma reação mais intensa, eu deslizo minha língua em sua boca, percebendo imediatamente o efeito em seu coração, o aumento das batidas, a velocidade com que está correndo. Eu ainda tenho um efeito nesse coração.

Ari se afasta sem fôlego, olhando para mim com admiração em seus

olhos.

— O que você sentiu? — ela pergunta, arrastando a língua ao longo de seu lábio inferior antes de mordê-lo.

— Seu coração — digo.

— E eu sinto o coração dela. — Pela expressão do olhar em seu rosto, não foi a resposta certa. Eu não sei qual seria a resposta certa. Devo dizer que ela é gostosa e beija muito bem? É isso que as mulheres realmente querem ouvir? Porque sempre pareci pensar de forma diferente. — Você está apaixonado por este coração, essa é a verdade.

— Ari, isso é ridículo — argumento, mas talvez ela esteja certa...

Ela solta uma risada silenciosa e pressiona levemente os dedos contra a minha boca.

— As flores, os cheiros, as verdades, este coração, é ela, não eu, Hunter. Você não me conhece.

— Eu conheço você. Conheço todas as palavras que você escreveu para mim nos últimos cinco anos. Eu aprendi sobre seus desejos, necessidades e paixões. Você é grata por tudo que tem, e vive como se estivesse cuidando do bem mais precioso que esse mundo já teve. Suas histórias e atualizações sobre como você está cuidando do coração de Ellie são o que me fez conhecer você. As únicas coisas que eu não sabia eram o seu nome e onde você morava.

Ela cria um espaço entre nós, aparentemente lutando com minhas palavras, lutando com esse momento.

— Tudo o que você disse significa muito para mim, sabendo que você leu cada palavra que escrevi, sabendo que você apreciava os pensamentos por trás de cada carta. Escrever tornou-se minha inspiração para curar a culpa ligada a este coração emprestado, mas as cartas nunca foram destinadas a fazer você se apaixonar por mim, porque eu sei que não sou o caminho para você. Por favor, entenda isso. E essas palavras, foram palavras para descrever o que o coração de Ellie estava sentindo, então eu entendo por que você se sentiu conectado. Eu percebi que estava te fazendo mais mal do que bem enviando-lhe aquelas cartas, é por isso que eu decidi parar. Não era assim que eu poderia fazer você se apaixonar por mim.

Sua explicação de por que eu não deveria pensar em nada mais dela a não ser a receptora do coração de Ellie me deixa em um novo nível de confusão.

— O que você está dizendo?

Suas sobrancelhas franzem enquanto pressiona a mão contra a garganta,

como se estivesse se sentindo estrangulada.

— Eu não sei — ela chora baixinho enquanto joga os braços em volta do meu pescoço e coloca a cabeça no meu peito. Seu corpo treme dentro do meu abraço e suas respirações são superficiais e irregulares. Se estou confuso, ela também está. A fraqueza dentro de suas decisões está fazendo meu peito doer.

Eu a seguro pela mão e trago-a para o quarto dos fundos, onde encontro um sofá. Quando nos sentamos, ela olha para mim com lágrimas nublando seus olhos.

— Isso está errado — diz ela. — Eu gosto de você, Hunter... Mas acho que poderia ser pelas razões erradas. — Ari esfrega as costas de sua mão sob os olhos, enxugando as lágrimas caídas. — Eu não sei se o que sinto é por causa do coração de Ellie ou se é porque eu, egoisticamente, precisei te conhecer. Eu só queria ter certeza de que sua vida não foi destruída depois do sacrifício de Ellie por mim. A dor que senti por você naquele dia no hospital me fez querer ajudá-lo do jeito que Ellie me ajudou. Eu nunca poderei saber a resposta para minha própria pergunta; portanto, isso pode nunca funcionar.

— Mas e se eu só quiser estar com você por causa do coração de Ellie? Isso não nos confunde mesmo? — O que estou dizendo? Por que estou dizendo isso em voz alta? É ridículo... eu acho. Ela também é uma pessoa, não apenas colocada na terra para carregar o coração de Ellie, como eu imaginei por cinco anos. Isso é terrível.

— Talvez isso nos faça equilibrar, mas você tem que entender, eu posso ser boa em fazer parte do seu presente, mas nunca serei parte do seu futuro. Acho que estamos destinados a estar na vida um do outro por um motivo diferente. Uma razão que faz sentido para mim e que não tenho certeza se posso explicar.

— Você nunca deve presumir como o nosso futuro vai ser.

Independentemente disso, ela aumenta minha confusão em apenas uma respiração cheia de palavras. Eu só preciso dela na minha vida, de qualquer forma, por mais simples que seja. — Porém, você faz tudo fazer sentido.



MAIO
DOIS MESES DEPOIS

— **E** i, você está pronta? — eu grito para a cozinha. — Se não quiser vir, pode esperar aqui.

Ela pega seu suéter do armário.

— Sim, estou bem. Eu só queria colocar a cobertura do bolo.

Eu enfio a cabeça na cozinha, olhando para o bolo que ela fez.

— Está muito legal.

— Sim, eu não sou tão ruim na cozinha — diz ela, brincando, me socando no ombro quando passa por mim. — Você vai permanecer por perto hoje à noite, certo?

— Sim, sobre isso, eu quero saber se você está bem com o fato de Ari se juntar a nós hoje à noite. Ela quer conhecer você e Lana e passar algum tempo com Olivia. — A estranheza do meu relacionamento com Ari é algo difícil de explicar. Não é uma coisa típica de namorado / namorada. Eu somente posso explicar o que temos como uma conexão que não posso imaginar quebrar. Eu sinto que preciso estar perto dela e ela sente o mesmo.

Eu amo estar com ela, aprendendo tudo sobre ela. É o relacionamento mais estranho que já tive, mas parece certo para mim.

— Claro. Contanto que você não se importe de Lance se juntar a nós também — diz Charlotte. Essa é uma outra história. Charlotte realmente seguiu em frente. Rótulo de namorado e tudo. Eu não posso culpá-la. Minha mente está em dez lugares e ela merece ser o único foco na vida de um homem. Ela meio que conhece a essência do meu relacionamento com Ari, mas isso a deixa desconcertada ao mesmo tempo. Pelo que posso dizer, Lance pode oferecer-lhe um relacionamento simples e não confuso. Eu quero que Charlotte seja feliz, mas eu estaria mentindo se dissesse que não era chato ouvir sobre ele.

— Claro que não. — Eu rio. — Eu amo *Lancelot*. Certo?

— Você é um idiota — diz ela, abrindo a porta da frente.

— Sim, um idiota que deixa o seu bumbum bonito morar aqui. — Faz um pouco mais de um mês desde que Charlotte e Lana se mudaram. Com nenhuma pensão alimentícia chegando, Charlotte teve que sair e alugar sua casa pra poder receber. Parecia a coisa certa a fazer... deixar Lana e ela morarem com Olivia e eu. Eu disse a mim mesmo que é por isso que eu fiz isso. Isso, e assim Olivia e Lana não seriam separadas. Mas a verdade é que eu não queria que Charlotte se afastasse. Eu gosto de tê-la por perto, mesmo que não estejamos mais juntos.

— Você não tem permissão para falar sobre minha bunda — ela fala cantando, andando pela calçada. Eu fecho a porta e corro para o lado de Charlotte. — Tem certeza de que você vai ser tranquilo encontrar Lance hoje à noite? — ela pergunta. Eu sabia que esse encontro seria inevitável em algum momento, já que ela manteve as coisas privadas até agora. A única coisa que vejo de Lance é o corte de cabelo idiota pela janela do carro quando ele a pega.

— Claro. Ele te faz feliz, então isso me faz feliz — minto.

— Certo. — Ela dá uma risada baixa, que se mistura com um silêncio constrangedor.

Nós caminhamos lado a lado por várias casas enquanto o silêncio entre nós começa a incomodar. As coisas entre Charlotte e eu estão bem. Bem. Tem sido um pouco estranho às vezes, mas no geral funciona muito bem. Nós não pedimos e nós não contamos. Levou semanas para ela admitir que estava namorando Lance, mas era fácil fazer a suposição com base no perfume extra com o qual ela estava se banhando antes de sair à noite.

Independentemente de nossas duas vidas separadas se desviando em direções diferentes agora, eu gosto de ter Charlotte e Lana por perto. Minha casa solitária que Olivia e eu achávamos tão vazia apenas alguns meses atrás agora está cheia. É legal.

— Você está ficando nervosa sobre o seu encontro no tribunal? — eu pergunto a Charlotte, quebrando o silêncio.

— Muito — ela suspira. — Meu advogado acha que tem evidências suficientes para pelo menos abrir o processo, mas não teremos certeza até as coisas começarem.

— É uma aposta, eu acho. — Eu não posso imaginar como ela deve se sentir. Eu tenho um buraco no estômago só de pensar em sua situação.

— Por quê? Você está ansioso para se livrar de mim? — pergunta, olhando para mim.

Eu coloco minha mão em torno de seu cotovelo, interrompendo seus passos, e a forço a se virar para mim.

— Eu não quero que você saia, Charlotte. — Querendo o que é melhor para ela, eu quero que ela abra o caso. Ao mesmo tempo, o pensamento dela se mudando me enche de pavor.

— Como você pode dizer isso? — ela pergunta, puxando o braço do meu aperto. — Você está em um relacionamento, ou o que você quiser chamá-lo, com alguém e eu também. — Ela tem razão mas, para dizer a verdade, mesmo que seja difícil viver com ela enquanto está namorando Lance, o pensamento de não a ter em minha vida seria muito pior.

— Falo isso porque é como me sinto — admito.

Ela respira fundo e limpa a garganta, depois muda de assunto.

— Eu comprei mais leite e cereal esta manhã. Olivia me disse que acabou. Eu tentei explicar a ela que não precisa encher a tigela até a borda, já que ela só come metade — diz.

— Boa sorte em conseguir que ela concorde com isso. Olivia gosta das coisas de uma certa maneira. Ou outra. — Eu rio. — Mas obrigada por fazer isso, mesmo assim. Você não precisava. Eu poderia ter comprado mais cereais para ela.

— Não é grande coisa — responde Charlotte. — Eu precisava de algumas coisas do mercado, de qualquer maneira.

Chegamos ao pé da colina e sentamos no banco.

— Você ainda vai voltar ao trabalho antes do jantar? — Charlotte pergunta. — Eu notei que AJ se foi desde as seis da manhã.

— Sim, eu tenho que ajudá-lo a terminar depois de pegar a Olivia. Só dei uma passada por lá hoje.

— Ele está bem? — Charlotte pergunta, cruzando as pernas e se inclinando para trás no banco.

— Sim, eu acho que sim. Acho que ele teve alguns encontros no mês passado, mas nada sério. Ele ainda pode estar fora de forma por causa de Alexa. Eu não posso culpá-lo.

— Talvez — ela concorda. — Ela definitivamente deu-lhe uma boa razão.

Nossa conversa é interrompida quando o ônibus para.

— É hoje — Olivia grita, pulando do ônibus. — É hooooje.

— O que é hoje? — Charlotte pergunta a ela com um sorriso. Tenho certeza de que ela suspeita que a exuberância de Olivia esteja associada à festa de aniversário de Lana hoje à noite.

Olivia para de cantar suas palavras e direciona seu corpo para mim.

— Oops — diz ela. — Esqueci.

Eu envolvo meu braço em torno dela e a puxo para o meu lado, dando-lhe um beijo rápido no topo de sua cabeça.

— Oh — diz Charlotte. — Você está animada para ver Ari esta noite? — Eu não sei como Charlotte colocou dois e dois juntos tão rápido, mas ela conseguiu. Eu tinha contado a Olivia sobre Ari antes de perguntar a Charlotte se estava tudo bem em trazê-la para o jantar de aniversário de Lana hoje à noite. Eu queria que elas se conhecessem, mas Charlotte inventou desculpas toda vez que eu tentei fazer planos. Ela nunca admitiria estar com ciúmes, especialmente desde que ela está com Lance, então eu realmente não entendo.

— Sim — Olivia sussurra. — Mas só um pouco. É só porque ela parece uma princesa, você sabe. — Enquanto eu sei que Olivia estava tentando minimizar sua excitação, eu não acho que ela percebe que apenas martelou o prego um pouco mais.

— Bem, eu não posso esperar para conhecer esta princesa — diz Charlotte, brincando, dando-me um olhar indecifrável. Eu aperto meu nariz e balanço a cabeça, tentando dizer a ela que a descrição de Olivia está levemente exagerada. Mas não é verdade. Ari parece uma princesa de conto de fadas. Mas essa não é a razão pela qual eu quero estar tão perto dela.

— Nós vamos conhecer o Sr. Lance hoje à noite também — Lana fala. Ok, então eu me sinto um pouco melhor sabendo que Charlotte já havia feito esse plano, mesmo que ela tivesse acabado de me perguntar se eu estava bem

com isso. É quase pior que ela o tenha convidado sem falar comigo do que eu convidar Ari sem falar com ela. É a minha casa.

Estamos quites. Eu acho que podemos simplesmente deixar por isso mesmo.

— Olivia, temos que ir ajudar o tio a terminar um trabalho.

— Oh — diz ela, chutando uma pequena pilha de sujeira. — Eu pensei que ia ajudar Charlotte a cozinhar.

— Ela pode ficar comigo — diz Charlotte enquanto pega a mochila de Lana.

— Sim! — Lana responde, gritando tão alto que sua coroa de aniversário voa de sua cabeça e espirala em uma rajada de vento. Eu corro para pegá-la, agarrando-a no ar. — Obrigada, Hunter — grita Lana, correndo e envolvendo os braços em volta da minha perna. — Você é o melhor.

Por que parece que nós quatro nos transformamos em uma família? Parece tão normal, mas completamente anormal ao mesmo tempo. Quero dizer, nós não estamos juntos, mas eu acho que estamos mais próximos do que alguns casais. Isso torna tudo estranho demais. Estamos fazendo tudo errado.

Só para confirmar meus pensamentos, eu ando atrás de Charlotte e das garotas, admirando o fato de que Charlotte está com os braços em volta das duas garotas, uma de cada lado como se ambas fossem dela. Talvez nós estivéssemos apenas destinados a encontrar um ao outro para que pudéssemos ser a pedra sólida do outro, a robustez que nós dois precisamos desesperadamente em nossas vidas. Poderia ser essa a razão pela qual deveríamos nos encontrar?

De vez em quando eu deixo Olivia ficar com Charlotte depois da escola, parcialmente porque ela tem a chance de fazer o dever de casa enquanto não está cansada, e ela realmente gosta da hora das garotas com Charlotte e Lana. Tem sido difícil tomar a decisão de fazer o que é certo para Olivia, em vez do que parece certo para mim.

Amy, a ouvinte, como eu a chamo, ajudou-me a trabalhar meus traços egoístas versus o que está sendo misturado com meu amor por Olivia. Acontece que alguém pode realmente ser sufocado pelo amor, até mesmo uma filha. Como pai, sou um trabalho em andamento, eu acho.

Entramos em casa e as meninas correm para cima rapidamente. Charlotte está parada na minha frente com um olhar que não consigo entender. Talvez ela esteja pensando o que estou pensando. “Eu sinto sua falta” eu quero dizer

a ela. Apesar de morarmos juntos, sinto sua falta. Sinto falta do “nós” que foi muito curto. É como se o nosso relacionamento continuasse a crescer mesmo depois de ela terminar tudo comigo. Não é para funcionar assim. Eu ando até ela e envolvo meus braços em volta do seu pescoço.

— Você parece que precisa de um abraço hoje.

— Eu preciso — ela sussurra.



Dirigindo-me ao local de trabalho, paro na entrada, encontrando AJ carregando a caminhonete com as ferramentas. Eu mal coloco os pés para fora do carro e ele grita:

— Acabei de terminar. Eu queria ter certeza de que estaríamos em casa a tempo para o jantar, então liguei o AC / DC e fiz essa merda.

— Você está muito alegre sobre o jantar de hoje à noite — falo isso como uma espécie de pergunta persistente através das minhas palavras.

— Uh. — Ele ri, passando a manga do braço na testa. — Você tem alguma ideia de quanto drama vai acontecer esta noite? E eu tenho assentos na primeira fila! Sim, não perco isso por nada no mundo.

— Drama?

— Sim, vocês dois têm um encontro e não é um com o outro. — Ele dá uma gargalhada.

— Como diabos você...

— Vocês dois falam tão alto no telefone. Você acha que as paredes são à prova de som? O que você achou que ia acontecer quando me fez morar com vocês dois? — Ele pergunta, continuando a rir. Idiota.

— Você está prestes a se mudar para o porão — digo a ele, entrando de volta na caminhonete. — Além disso, não posso contar Ari como um encontro. Eu te disse, as coisas são apenas...

— Estranhas — ele termina minha frase. — Você quer estar com uma mulher que você não fode, só assim você pode estar mais perto de seu coração. Isso soa estranho quando ouve saindo da minha boca? Porque é estranho demais saindo da sua. Você está ciente de que esta é a coisa mais estranha que eu já ouvi falar, certo?

— Eu não esperava que você entendesse — digo a ele. — Ari e eu somente temos um ao outro e nosso relacionamento é algo de que nós

desesperadamente precisamos. Isso está nos curando.

— Então, por que você não está com Charlotte se você e Ari são apenas amigos? — AJ acrescenta.

— Não fui eu quem rompeu as coisas e agora ela está com outra pessoa, então é o que é e nós dois estamos onde precisamos estar, eu acho, mas eu nunca disse que Ari e eu somos apenas amigos. — Na verdade, não sei o que Ari e eu somos.

— Nenhum de vocês está onde deveria estar — diz ele, subindo em sua caminhonete. — Você pode pensar que eu não sei nada, mas você e Charlotte devem estar juntos. Eu sei muito bem disso. Ninguém disse que você não pode estar com a pessoa que ama e ter uma amiga que seja dona do coração de sua esposa ao mesmo tempo. — AJ termina seu pensamento e, em seguida, sai da caminhonete. — Puta merda, sua vida é tão confusa. Cara... eu nem sei. — E com sua última informação perspicaz, ele balança a cabeça e pula de volta em sua caminhonete. Obrigado pela conversa, AJ.



Charlotte está colocando as guarnições no peru e eu estou mexendo no molho, enquanto Olivia e Lana gritam da sala de estar.

— Alguém está aqui!

— Oh, oh, Oh! — AJ grita, correndo pelo corredor até a sala de estar. Às vezes, eu juro que ele é um garoto de oito anos preso no corpo de um homem. Eu sei que ele está apenas brincando com as garotas, mas parte dele está provocando Charlotte e eu. Meu peito aperta e minhas palmas estão um pouco suadas. Seja Lance ou Ari chegando, ambos estão me deixando desconfortável agora. Esta não foi uma ótima ideia para nenhum de nós.

Além disso, se esta situação é difícil para AJ entender, provavelmente está confundindo as meninas. Esperamos um pouco antes de trazer um desses dois para esta casa, mas não temos uma situação típica. Na verdade, eu me pergunto o quanto Lance sabe sobre a situação de vida de Charlotte.

— Alguém mais está aqui também! — Olivia grita. Oh, ótimo, eles estão aqui. Eles estão indo para a calçada ao mesmo tempo e ambos vão se perguntar quem é o outro.

Eu me inclino para trás para olhar para a sala de estar, vendo AJ alcançando a maçaneta. Ele abre e dá um aceno.

— Olá! Entre, a festa está apenas começando! — Por que ele parecendo o mais útil de todos os tempos? Com o jeito que ele está falando, ele deveria estar usando um cardigã e mocassins, em vez de uma camiseta branca quase transparente com manchas de tinta e jeans rasgados.

— Oi — a voz de Ari passa pela casa. — Eu sou Ari, você deve ser, AJ? — ela pergunta com dúvida, mas presumindo, também.

— Isso, sou eu — diz ele. — Você deve ser Ari — ele revida em uma voz provocante cheia de sarcasmo.

Limpo minhas mãos no pano e coloco a colher de pau sobre um guardanapo.

— Ei, querida — falo, caminhando em direção a Ari. — Eu vejo que você conheceu AJ. Sinta-se livre para ignorá-lo; ele está com um humor particularmente desagradável hoje.

— Querida... — Ouço a voz de Charlotte ecoar silenciosamente pela cozinha. Eu não acho que ela pretendia que eu ouvisse, mas eu ouvi. Irritação notada.

— Como foi o trabalho? — pergunto a Ari.

— Bom, nos saímos bem hoje. Você sabe, com o Dia das Mães em alguns dias, as coisas têm sido um pouco loucas. — Dia das Mães, o dia em que eu escondia Olivia e eu em um quarto escuro enquanto assistíamos filmes da hora em que acordávamos até a hora que íamos para a cama. Fiz o meu melhor para evitar que ela soubesse muito sobre o Dia das Mães. Eu não achei que fosse necessário, já que provavelmente causaria tristeza desnecessária. Ela sabe que é feriado, mas sabe que é o dia em que assistimos a filmes juntos o dia todo. Filmes sem comerciais, devo acrescentar.

Ari tira a mão de trás das costas e a estende com um pequeno buquê de jasmims azuis.

— Olivia, eu ouvi que estas são as suas favoritas — diz, inclinando-se para entregá-las a ela.

Olivia corre até Ari e cuidadosamente tira as flores da mão dela.

— Estas são minhas favoritas. Da minha mãe também. Deve ser por isso que você as desenhou no verso da carta do papai. — Ela ri.

— É — diz Ari suavemente.

Olivia olha para mim e de volta para Ari.

— Papai disse que você a conhecia.

Um sorriso de boca fechada toca a boca de Ari, iluminando suas profundas covinhas.

— Eu a conheci. Ela era uma mulher linda e incrível e você se parece com ela. — Ari toca a ponta do dedo no nariz de Olivia.

— Papai diz isso também — Olivia diz risonha.

— Olá, eu sou Charlotte — Charlotte sai de trás de mim e oferece sua mão para Ari. — Eu... eu ouvi muito sobre v-você. — Ela ri inquieta. — É bom, isso é bom. — Sua voz soa amigável o suficiente, embora insegura, enquanto se apresenta.

— Oh, meu Deus — Ari diz alegremente —, eu... eu — ela gagueja, soando semelhante ao jeito que Charlotte faz. — Eu também ouvi muito sobre você. Hunter fala de você o tempo todo — Nossa. Não sabia que eu estava indo tão longe. As bochechas de Charlotte se tornam um tom escarlate e ela se afasta, indo em direção à porta da frente onde Lance está agora de pé. Uau, isso é estranho.

— Hey, querida — diz ele para Charlotte. Infantil. Bruto. Ele lhe dá um beijo na bochecha e passa a mão até pelas costas dela. Eu não deveria estar olhando, mas estou, e agora eu sei que Ari está me observando, pois ela cutuca seu ombro no meu antes de agarrar a manga da minha camisa e me puxar para a cozinha. Isso estava tão ruim, não, essa foi uma ideia horrível.

— Você está bem? — Ari me pergunta, pegando a colher de pau do balcão e mexendo o molho borbulhante. — Você não encontrou Lance antes de hoje à noite?

— Sim, isso é um pouco mais estressante do que eu pensava que seria. Estou feliz que você veio — digo a ela, tentando rir através das minhas palavras.

— Por quê? Porque sua ex-namorada convidou seu novo namorado para a sua casa para comemorar o aniversário de sua filha? — Os olhos de Ari estão semicerrados de seu sorriso e seus dentes estão pressionados firmemente em seu lábio inferior. Eu não sei dizer se ela está sendo sarcástica ou sincera. — Então você me adiciona no cenário, a portadora do coração de sua esposa, e as coisas podem parecer um pouco estranhas. — Sua risada alivia um pouco do meu estresse. — Relaxa. Tá tudo bem. Há uma razão pela qual não há manual de instruções para a vida.

— Uh... — É a única coisa que posso pensar em dizer agora porque tudo o que ela acabou de dizer é verdade.

— Hunter, não é para tornar as coisas mais estressantes, mas eu tenho uma pergunta.

Com apenas um segundo de respiração, sem problemas, meu peito se

contraí novamente.

— Sim?

— Tenho certeza que Charlotte é casada com o chefe de cirurgia do Hospital Brookhill. Ou era, eu deveria dizer ... quero dizer, ele era o chefe da cirurgia.

— O quê? Ela é divorciada.

— Oh, bem, isso faz sentido então — retruca Ari.

— Mas eu não achei que ele fosse um cirurgião — Embora, lembrando do médico de plantão no hospital reconhecendo Charlotte no dia em que Olivia caiu na escola. Eu nunca pensei em perguntar como ela conhecia alguém lá porque estava muito preocupado com Olivia. Estou sempre tão envolvido que nunca faço perguntas importantes. Eu também nunca pensei em perguntar muito sobre o ex-marido dela. Além de ouvir que ele é um babaca diariamente, eu não vi a necessidade de saber mais sobre ele.

— Era o chefe da cirurgia? — pergunto.

— Sim — ela diz, seus olhos examinando a cozinha, ao invés de olhar para mim.

— Então, você conhece Charlotte? — pergunto, segurando meu olhar firmemente em seus olhos errantes. Percebo que esposas de cirurgiões não são encontradas no hospital, mas não consigo deixar de pensar, depois da estranha saudação na sala de estar.

Ari olha para onde seus dedos estão mexendo com a bainha de sua camisa preta.

— Sim, quero dizer, o Dr. Don Drake foi meu médico por anos. Ele era o melhor que havia e eu estava morrendo. Eu estava praticamente morando no hospital com a quantidade de testes e crises que eu tinha, e Drake parecia estar sempre em um turno interminável, então Charlotte estava um pouco por perto. Na verdade, algumas vezes ela me trouxe flores. Eu não tenho certeza se ela se lembra de mim. Tenho certeza que ela visitou muitos de seus pacientes.

Isso é como se existisse um lado inteiramente novo de Charlotte que eu não conheço. Como poderia um cirurgião cardíaco de seu status estar consultando em algum lugar clandestino agora?

— Charlotte! — grito para a sala de estar. Eu tenho que ir ao fundo disso.

— Hunter, o que você está fazendo? — Ari, diz, pressionando as mãos contra o meu peito. — Pare.

São vários segundos até eu mesmo ouvir os pés de Charlotte se movendo

pelo chão e eu estou supondo que sua hesitação está desempenhando um papel em sua velocidade.

— Você precisa de alguma coisa? — ela pergunta, caminhando até o peru.

— Hunter — Ari diz novamente.

— Olhe para ela, Charlotte — digo.

Charlotte gira sobre os calcanhares e desliza as mãos nos bolsos de trás. Leva um minuto, mas ela levanta o queixo, forçando o contato visual com Ari, que agora parece incrivelmente desconfortável.

— Ariella — diz Charlotte. — Como eu poderia te esquecer?

Charlotte coloca a mão suavemente no ombro de Ari.

— Como está o coração?

— Você sabia sobre Ellie? — pergunto a Charlotte. — Seu marido, ele é o chefe da cirurgia em Brookhill. Don Drake, esse é o nome dele? O cirurgião que removeu o coração de Ellie. — Minhas palavras podem ser um pouco ásperas considerando que Ellie morreu de um aneurisma, mas por cinco anos, eu não tive ninguém para culpar e agora culpá-lo é tão bom.

— Ex-marido — ela diz. — E eu não acredito que Ellie foi uma paciente de Don — diz Charlotte suavemente, tão suavemente que eu não tenho certeza se ela está sendo sincera. — Ele era um cirurgião cardíaco e Ellie não tinha problemas cardíacos, certo?

— Não, ela não tinha. — Ainda há uma persistente explicação em algum lugar nesta sala e eu não sei a quem diabos recorrer.

— Você sabe de alguma coisa, não é? — Eu pego a colher de pau do balcão e jogo na cozinha. — Você sabia que eu era a maldita razão pela qual Ellie morreu? Hã? Você, Charlotte? Deus! — Eu ri. Você devia saber. Você sabia sobre Ellie, não sabia? Claramente, os regulamentos que restringem o acesso às informações médicas não importam em sua casa. Você conhece toda essa porcaria de confidencialidade médico-paciente. É por isso que Don não tem mais emprego no hospital? Porque ele infringiu as leis imoralmente? — Enquanto as palavras continuam a sair da minha boca, não filtradas, ouço as palavras do meu pai ecoando alto na minha cabeça. “Você sabe o que a arrogância faz”.

Agora, lágrimas estão saindo dos olhos de Charlotte, e ela está se segurando com força quando Lance entra na cozinha com sua postura de rato de academia no ar. Cara, você não trabalha. Você parece que passa o dia todo apenas olhando no maldito espelho e flexionando.

— O que está acontecendo aqui? Tudo bem, querida? — Foda-se você e a porra do querida.

— Sim — diz ela, fungando. Com uma mão em seu ombro, ela força um sorriso falso e de boca fechada e aperta um pouco mais a mão dele. — Apenas um mal-entendido. Por que você não fala com AJ por mais um minuto? Eu prometo que estarei lá logo.

Sem muita preocupação de sua parte, ele deposita um beijo rápido no topo de sua cabeça e pega uma cerveja do balcão antes de voltar para a sala de estar.

— Você tem a ousadia de me acusar de tudo isso — diz Charlotte em voz baixa. — Você também tem a audácia de perturbar a Ari depois dela só estar nessa casa por cinco minutos. Ela não pediu nada disso.

Eu olho para Ari, que está apoiada desajeitadamente contra a parede, passando os braços ao redor de seu corpo e com as mangas enroladas sobre as mãos. Seus dentes estão apertados sobre o lábio inferior e seu olhar está colado ao chão de ladrilhos.

Eu coloco minha mão em torno do cotovelo de Ari e a puxo para perto de mim

— Eu sinto muito.

Ela a contragosto concorda com o meu esforço para deixá-la menos desconfortável, mas não olha para mim ou diz qualquer coisa.

— Eu não conhecia a história da Ellie e, para ser sincera, eu não sabia muito sobre a sua morte. O que eu sei é que Don perdeu o emprego depois de um processo de negligência conhecido em todo o hospital após o transplante de Ariella. Você deve ter ouvido falar do caso dele; todos neste estado ouviram falar sobre isso. Esteve em todas as notícias, assim como Ari.

É por isso que ela parecia familiar pra papai. Inacreditável.

Eu me sinto perdido no outro lado da história dela. Não me lembro de ouvir nada sobre esse médico.

— Eu não estava exatamente assistindo as notícias depois que Ellie morreu. Eu estava cuidando de uma recém-nascida durante o luto.

Um brilho de suor cobre a testa de Charlotte enquanto ela passa os dedos pelos cabelos.

— As coisas foram mantidas em segredo quando se tratou dos detalhes, mas o que o público sabia era que Don manipulou mal a papelada para o transplante. E eu não sei mais do que isso porque, dias depois da cirurgia, ele foi despedido do hospital. Ao mesmo tempo, ele me disse que queria o

divórcio. Perguntei-lhe repetidas vezes o que realmente havia acontecido e ele apenas me disse que havia um mal-entendido e que ele foi erroneamente acusado. Nosso casamento era assim, precisávamos saber apenas o básico.

— Papelada mal manipulada? O que diabos isso significa? — eu grito, enquanto ando de um lado para o outro com as mãos nos quadris. — Ele fez alguma coisa para Ellie? — Eu sei que soa absurdo, mas o que pode ser mal manipulado com os papéis de transplante de órgãos?

Ela encolhe os ombros.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Independentemente disso, ele agora vende documentos clandestinos para fontes internacionais, ganhando mais dinheiro do que como cirurgião. Além disso, ele não precisa declarar impostos ou deixar alguém saber que está ganhando um centavo. É por isso que estou aqui, morando com você, caso você tenha esquecido.

Atordoado pela perda, e tentando juntar os pedaços de informação, Charlotte passa por mim, agarra o prato de peru fatiado e o leva para a sala de jantar.

— Eu sei do que ela está falando — Ari fala depois que Charlotte está fora de alcance pra ouvir.

Eu solto uma risada suave.

— O quê?

— Eu não sabia que ele foi demitido por minha causa.

— Do que você está falando? — pergunto de novo.

— Eu não deveria ter conseguido o coração de Ellie, Hunter.

— Você não disse que ela queria que você o tivesse? — O oxigênio deixado nos meus pulmões parece que está sendo sugado por um pequeno canudo. — Diga-me do que você está falando.

— Ela queria, mas eu acho que um doador vivo não pode prometer um coração para uma pessoa em particular. É contra a ética médica ou algo assim.

Estou tentando pensar em minhas palavras antes que elas passem pela minha língua, deixando Ari encurralada e emocionalmente destruída, sem motivo.

— Então, como você acabou recebendo seu coração? — A questão que eu formulo é muito melhor do que muitos dos outros pensamentos que eu tinha para escolher.

— Dr. Drake meio que tinha uma queda por mim...

Eu posso sentir meu rosto queimando de dentro. Eu sei que estou

vermelho. Eu sei que parece que o vapor deve estar saindo dos meus ouvidos. E eu não tenho certeza se posso lidar com o que está prestes a sair de sua boca em seguida.

— Você não pode estar falando sério...

— Eu nunca aceitei, Hunter, mas ele deixou seus sentimentos bem claros — diz ela, desviando o olhar do meu rosto.

— Você não contou a ninguém? — pergunto, tentando manter a calma, independentemente de como estou com raiva agora.

— Ele queria me salvar mais do que qualquer outro médico. Eu...

— Eu entendo — a interrompo.

— Quando Ellie e eu descobrimos que tínhamos o mesmo tipo de sangue, ela veio comigo para encontrá-lo e disse que só doaria seu coração se fosse para mim. Ela brincou com ele, sabendo que poderia facilmente chantageá-lo com o que eu disse a ela sobre o Dr. Drake, as coisas que ele havia dito para mim, os momentos em que ele tentou... — Ela suspira e engole em seco. — De qualquer forma, funcionou. Não havia papelada. Tudo foi um acordo verbal.

Eu aperto a mão em volta do meu queixo, sentindo minha cabeça começar a doer. Parece que alguém acabou de me dar uma pancada na cabeça com uma frigideira.

— Jesus.

— Não haveria outros doadores, minhas chances eram inferiores a dois por cento. Ele nem discutiu. Eu só posso imaginar o que você está pensando agora, mas se você fosse eu, você não teria feito coisas questionáveis para salvar sua própria vida?

Culpa. É com isso que Ari está sobrevivendo. Possuir o coração da minha esposa morta, sendo a razão pela qual o chefe de cirurgia cardíaca cometeu negligência e, posteriormente, perdeu sua licença médica. Ele deveria ter perdido, independentemente. Eu me pergunto se a resposta para sua última pergunta seria diferente se ela se perguntasse isso nesse exato segundo. Viver ou morrer? Eu acho que a maioria das pessoas escolheria viver, independentemente de quais fossem as repercussões.

— Eu entendo — digo. Ainda não entendi por que Ellie não me contou nada disso. Eu teria dito a ela para não se envolver.

— Eu não espero que você entenda. Ellie escondeu isso de você e você tem todo o direito de estar com raiva e com o coração partido, mas eu juro que ela escondeu isso de você porque te amava. — Não importa quantas

vezes ela diga isso, o pensamento de segredos, segredos grandes pra caralho, entre nós, dói demais.

— Eu preciso de uma pausa dessa conversa. Minha cabeça pode explodir tentando entender tudo isso. — Ellie era uma mulher de mente forte. Se houvesse algo que ela quisesse realizar, nada iria atrapalhar. Não é uma surpresa que ela tenha ido até o escritório do chefe de cirurgia apenas para dizer a ele o que queria. Só minha esposa podia controlar o que aconteceria com seus órgãos depois de sua morte. O pensamento traz um sorriso orgulhoso ao meu rosto, um sentimento estranho ao considerar os detalhes desconhecidos da vida de Ellie que descobri nos últimos meses. O que eu sei é que ela queria que Ari vivesse. Ela fez isso acontecer.

— Devemos nos juntar aos outros. A comida vai esfriar — diz Ari. Eu coloco meu braço em volta dela e a conduzo para a sala de jantar, puxando um lugar para ela.

— Eu quero sentar ao lado de Ari — Olivia diz sem fôlego, enquanto corre para a sala de jantar. — E papai, você pode se sentar do outro lado da Ari.

Todo mundo que circula em torno da mesa está quieto, exceto AJ, que está mastigando seu pão absurdamente alto enquanto toma o tempo para olhar para cada um de nós por alguns segundos.

— Então — diz ele, apontando com a faca de manteiga. — Vocês duas se conhecem? — Ele aponta para frente e para trás entre Charlotte e Ari. — Mundo pequeno, hein? — A sala fica totalmente silenciosa. Oh, Deus! AJ, cala a boca! Eu grito dentro da minha cabeça enquanto tento chamar sua atenção.

— Eu dificilmente diria que nos conhecemos — responde Ari. — Charlotte é apenas uma pessoa adorável que me trouxe flores uma ocasião.

— Você sabia que Ari recebeu o coração de Ellie? — AJ continua com uma pergunta para Charlotte, uma pergunta que eu considereei, mas decidi deixar pra lá depois do modo como a última conversa terminou.

— Você e Ellie eram amigas, certo? — Charlotte pergunta a Ari, redirecionando a pergunta de AJ.

— Nós apenas trabalhamos juntas, mas sim, você poderia nos chamar de amigas. — Mantenho meus pensamentos para mim mesmo. Eu conhecia todos os amigos de Ellie. Todos eles, exceto Ari. Por que você escondeu isso de mim, Ellie?

— E Ellie prometeu a você seu coração quando ela morresse? —

Charlotte continua.

— Bem... — Ari gagueja.

— Ah — diz Charlotte. — Don deixou bem claro que não ia perder você. Eu presumi que o uso indevido de documentos poderia ter algo a ver com o seu caso, mas nunca soube com certeza. — Charlotte não está sendo rude com a maneira enquanto ela está afirmando sua declaração. Em vez disso, sua mandíbula está se movendo para frente e para trás, suprimindo o que parece ser um possível sorriso. — Aquele homem era um total enigma para mim e nunca deixava de me decepcionar, mas para seus pacientes, alguns de seus pacientes... Ele nunca deixaria algo acontecer a uma linda garota como você.

— Eu sinto muito que você teve que descobrir assim — diz Ari, com cautela.

— Isso realmente não importa agora — diz Charlotte. — É realmente bom finalmente ter uma resposta para o que aconteceu.

— Nada aconteceu... — Ari diz, soando à beira das lágrimas.

Charlotte permite que um leve sorriso se forme em seus lábios, quase como se ela fosse grata pelas respostas.

— Obrigada.

O silêncio consome a mesa e o desconforto aumenta dez vezes. Lana e Olivia estão se encarando com perplexidade, e AJ e Lance provavelmente estão tentando descobrir do que todo mundo está falando. Eu nunca pretendi que esta noite acabasse assim. Não achei que a noite passasse muito bem, obviamente, mas nós saímos do caminho de celebrar o aniversário da Lana.

— Nós temos uma aniversariante aqui esta noite — digo. — É por isso que estamos todos aqui, então vamos deixar tudo de lado para que possamos permitir a Lana saborear seu jantar favorito.

— Você começou isso — diz Olivia, franzindo seu nariz e apertando seu lábio inferior sobre o seu superior.

Charlotte bufa e resmunga algo baixinho, o que eu suponho ser algum tipo de sarcasmo.

— Então — Ari diz, seguindo minha atitude —, quantos anos você faz hoje, Lana?

Lana levanta uma mão cheia de dedos e depois mais dois dedos na outra mão, mas não fala. Ela está chateada. Lana está sempre falando, a menos que algo esteja incomodando.

— Querida, há algo errado? — Charlotte pergunta.

— Papai é um homem mau? — ela pergunta, fazendo um buraco no

pedaço de pão em sua mão.

Mais uma vez, estamos todos em silêncio. Normalmente, somos cuidadosos com o que dizemos em voz alta, mas as coisas escapam na hora da raiva

— Não, Lana, seu pai não é um homem mau — Charlotte fecha os olhos e aperta os dedos. Minha atenção é atraída para suas mãos, notando o esmalte vermelho cobrindo suas unhas. Eu nunca vi suas unhas feitas antes desta noite. Ela é uma garota que gosta de camiseta e jeans. Dou uma olhada melhor no rosto dela e vejo que está usando mais maquiagem do que o normal também. Ela está tentando impressionar este otário?

— Você está mentindo? — Lana pergunta.

— Eu minto para você? — Charlotte vociferou.

— Não — Lana responde.

— Eu quero que você me diga o que você quer de aniversário. O que você tem me pedido desde setembro? — Charlotte pergunta.

Um largo sorriso se desenrola nos lábios de Lana, enquanto seus pensamentos sobre seu pai de merda desaparecem.

— Ummm, uma bicicleta? — ela grita.

— Lance, você poderia pegar o presente de Lana? — Charlotte me pediu para ajudá-la com a bicicleta e eu obviamente disse sim mas como ela não tocou mais no assunto, eu achei que ela tinha mudado de ideia. Agora, percebo, ela só tinha pedido a *Lancelot* para ajudá-la. Otário.

— Claro, querida. — É tudo o que ele diz.

Lance se levanta, pressionando o peito para fazer uma demonstração disso, e geme quando puxa a cadeira para longe da mesa. Ele aponta o dedo para Lana e pisca.

— Espere até você ver isso, garotinha. — Isso não soa terrível, afinal.

Lance sai pela porta da frente e volta um minuto depois carregando uma bicicleta azul-turquesa com uma grande fita rosa no guidão. Lana solta um grito que pode ser confundido com um grito de pterodátilo.

Olivia parece animada com Lana, porque eu acabei de comprar uma bicicleta pelo aniversário dela também, e as duas garotas têm muitos planos de andar de bicicleta o verão todo.

— Doce passeio, menina — AJ diz em sua voz durona. — Quantas velocidades diferentes você consegue nessa coisa?

Charlotte empurra AJ no peito, forçando-o a sufocar de rir.

— Você gostou, querida?

— Eu amei muito, mamãe! — Lana responde. Com os braços ao redor da cintura de Charlotte e a cabeça de Charlotte pousada sobre a dela, meu coração se aquece da última hora de frieza. — Obrigada, obrigada, obrigada. — Lana solta os braços de Charlotte e pula para Lance, dando-lhe o mesmo abraço. E isso me machuca. Não deveria. Eu não sou o pai dela e eu não sou o namorado da mãe dela, sou apenas a pessoa com quem ela está hospedada agora. Mas eu a amo, independentemente.

— Olivia, você deveria ir buscar o presente de Lana agora — digo a ela.

— Oba! — Olivia grita enquanto sobe os degraus aos pulos. Eu a ouço lutando com o pacote em seu quarto antes de ela voltar.

— O que é? O que é? — Lana pergunta, alegremente.

— Dois rádios de comunicação! — Olivia revela antes que Lana possa abrir o presente, mas não parece tirar o entusiasmo. As duas garotas estão pedindo por isso nos últimos meses, então achei que seria um belo presente.

Depois que os presentes foram abertos e as garotas se acomodaram, estamos remexendo nosso jantar frio. Todo mundo parece satisfeito no momento, então acho que estamos bem agora.

Eu raspo meu prato primeiro, olhando para Charlotte só porque ela está sentada na minha frente. Eu a vejo olhando para mim com um pequeno sorriso quase irreconhecível. AJ, Ari e Lance estão todos conversando sobre flores e a loja de Ari, as meninas estão na sala de estar brincando com seus rádios e Charlotte e eu estamos perdidos em uma luta de olhares fixos.

— Eu nunca quis causar-lhe mais dor, Hunt — diz ela suavemente. — Quando você me contou o nome completo de Ellie, eu juntei os pontos, mas com a quantidade de dor que eu vi em seus olhos depois de tantos anos, eu não vi o propósito de dizer a você quem meu ex-marido era. Eu não estava escondendo informações de você por qualquer motivo além de não causar mais estresse.

Quero cruzar a mesa e pegar a mão dela, mas isso seria inapropriado agora. Eu acredito no que ela está dizendo.

— Eu sei.

— Esta cidade é tão pequena que é difícil não encontrar alguém com quem você não tenha alguma conexão.

— Oh — eu rio —, eu sei.

Eu me levanto da mesa e junto tantos pratos quanto posso segurar de uma só vez. Charlotte faz o mesmo em seu lado da mesa e nos encontramos na cozinha.

— Isso tudo parece errado — ela diz para mim, uma vez atrás da parede entre a cozinha e a sala de jantar.

— O quê?

— Esta situação toda esta noite. Eu não gosto de Lance e acho que percebi que preciso consertar alguns algoritmos em meu site de namoro porque ele nos uniu. — Ela parece um pouco envergonhada e, ao mesmo tempo, bem-humorada.

— Sim, você pode querer fazer isso — falo, colocando a mão em seu ombro. Charlotte olha para a minha mão como se fosse estranho eu estar tocando-a. O que é, considerando nosso status atual.

— As coisas ainda estão no limbo com você e Ari? — ela pergunta.

Eu fecho meus olhos brevemente, sem saber como responder.

— Sim, praticamente. Mas ela tem o coração de Ellie. Estou apaixonado por esse coração e não sei se tem algo a ver com Ari, mas não estou em condições de afastá-la depois de me perguntar quem ela era por tanto tempo.

Charlotte afasta as mãos dos meus braços e olha para mim.

— Eu entendo — diz ela, seus olhos estreitando-se ligeiramente com a sensação de compreensão. — Eu realmente, realmente entendi.

— Entendeu?

— Sim, apenas seja justo com o seu coração também, Hunt.



JULHO
DOIS MESES DEPOIS

— Eu acho que peguei a última das caixas, Charlotte.

— Vai ser tão bom estar em casa novamente — diz ela. — Não que viver com você e Olivia não tenha sido um deleite, mas eu sinto falta das minhas coisas.

Os locatários do outro lado da rua levaram mais de um mês para sair, o que atrasou os planos de Charlotte um pouco. A única coisa que importa, porém, é que ela ganhou o processo judicial e Don não está mais vendendo documentos para os consultores clandestinos. Provar este fato foi um desafio, mas com o bem-estar de Lana em jogo durante as poucas visitas que ela tem de Don, foi mais fácil convencer o juiz com as provas apresentadas a ele. Charlotte está cansada de tudo isso, e eu não acho que ela vai confiar em Don novamente, mas sua vida está lentamente voltando ao normal e isso é o mais importante.

— Mãe, nós realmente temos que voltar para o outro lado da rua? Eu amo morar aqui. Além disso, Olivia e eu somos como irmãs, e você nunca deve separar irmãs. Você não sabe disso? — Lana e Olivia têm andado deprimidas

pela casa nas últimas duas semanas desde que lhes contamos as novidades. Está partindo meu coração um pouco.

— Meninas, vocês estarão a apenas trinta metros de distância uma da outra. Não é algo para se incomodar — diz Charlotte.

— Eu não entendo. Por que você está indo embora? — Olivia pergunta.
— Você e papai não estão casados agora? Pessoas casadas não moram juntas?

As perguntas de Olivia me atordoam e um grande buraco fica no meu estômago quando me ajoelho e a puxo para mim

— Por que você acha que Charlotte e eu nos casamos, Olivia?

— Vocês moram juntos e você ama Lana. — Suas razões são tão simples, inocentes e verdadeiras, mas ainda tão longe da realidade.

— Querida, isso não significa que duas pessoas são casadas.

— Mas papai, você também ama Charlotte — diz ela, alto o suficiente para que Charlotte e Lana ouçam. Eu posso sentir o olhar de Charlotte queimando e fazendo um buraco nas minhas costas agora.

Minha consciência não aguenta muito mais das perguntas e suposições da vida intelectual de Olivia.

— Ollie, você tem seis anos. Como você sabe o que é amor?

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios enquanto ela fecha os olhos e pressiona as mãos nos meus ombros.

— É o calor que você sente quando está perto de alguém, como se você pertencesse a ela. Não é assim que você se sente quando Charlotte e Lana estão aqui? — Sua pergunta apunhala através de mim, como eu nunca imaginei que ela estaria tão sintonizada com tudo isso, e se soubesse, eu teria sido mais cuidadoso. Eu não tenho certeza de como eu poderia ter sido mais cuidadoso nessa situação.

— A que horas Ari está vindo hoje? — Charlotte pergunta.

— Eu não sei se ela vem — respondo.

— O que você quer dizer? É sexta-feira. Vocês normalmente não vão para o jardim?

— Ela tem estado um pouco distante ultimamente, mas eu acho que tenho estado também.

— Como assim? — Charlotte pergunta.

— Eu não sei. — Eu meio que dou de ombros. Na verdade, eu não prestei muita atenção à falta de comunicação que Ari teve comigo, principalmente porque eu tive dois trabalhos consecutivos nas últimas duas semanas. Eu

também estou um pouco chateado por Charlotte e Lana estarem indo embora, então eu não me senti motivado para fazer muito. AJ conseguiu um lugar pra ele no mês passado e, pela primeira vez em meses, seremos Olivia e eu novamente. Estou feliz por ter nosso tempo sozinho, mas esta casa vai parecer muito vazia a partir de amanhã de manhã.

— Oh — diz Charlotte, parecendo um pouco surpresa. Ela levanta uma pequena caixa e a leva até a porta para rotulá-la — Isso é estranho.

Isso é estranho. Eu pego meu telefone e mando uma mensagem de texto para Ari.

Eu: *É sexta-feira, você ainda vem hoje?*

Dez minutos passam e não há resposta dela. Não houve resposta aos últimos textos que enviei a ela nas últimas duas semanas, quando entrei em contato e pedi para fazer uma refeição comigo, ou apenas conversar, pelo menos.

— Por que você não vai falar com Ari na loja? — Charlotte sugere.

Eu aceno em resposta, concordando com sua sugestão.

— Tenho a sensação de que ela pode não gostar disso, mas eu preciso saber o que está acontecendo, eu acho.

— Vá em frente, eu fico com as garotas. Vamos começar a desempacotar.

— Obrigado — falo enquanto levanto Olivia e a abraço com força. — Eu volto em algumas horas.

Ela coloca suas pequenas mãos contra minhas bochechas.

— O coração da mamãe não é a mamãe.

— Olivia — respondo através de um resmungo rouco. — Eu sei disso.

— É a verdade — ela diz em meu ouvido. — Apenas lembre-se disso.

Eu a coloco no chão e olho para Charlotte, que tem a mão achatada contra o peito, respirando fundo.

— Espero que esteja tudo bem — ela me diz. — Diga a ela que eu mando um olá.

— Tem certeza de que você ficará bem com as duas enquanto desempacota?

— Sim, nós vamos ficar bem. — Charlotte toma os poucos passos de distância entre nós e passa seus braços em volta do meu pescoço, um gesto

que ela não faz desde o momento em que se mudou para cá. — Obrigada por nos salvar quando eu mais precisei. O que você fez é inesquecível e você é realmente o mais genuíno e melhor amigo que já tive. Se é isso que eu tenho sorte suficiente para conseguir de você, então eu sou grata.

— Você está falando que nunca mais vai falar comigo agora que não é forçada a isso? — respondo nervosamente.

— Eu não disse isso — diz ela. Recuando um pouco, ela passa o polegar pela minha bochecha antes de dar um pequeno beijo no lugar onde estava o polegar. O toque de seus lábios envia calor reconfortante através de todo o meu corpo e foi apenas minha bochecha que ela beijou.

Eu pego minhas chaves da mesa lateral e saio para o ar quente de julho. O sol está quente hoje e o ar está seco, contribuindo para o clima perfeito de verão, o tipo de dia favorito de Ellie. Logo depois que nos casamos, íamos ao jardim, encontrávamos um banco diretamente no sol e sentávamos lá até que ficasse quente demais. Nós apoiávamos nossas cabeças para trás sobre as costas do banco enquanto permitíamos que o sol nos envolvesse em seu calor.

Antes de ir para a floricultura, faço um desvio para o jardim, chegando sozinho pela primeira vez em alguns meses. Eu dou os passos lentamente para a área sombreada onde está a nossa árvore. Está cercada pelos jasmins que Ari e eu plantamos aqui há alguns meses.

Eu coloco minha mão sobre a escrita gravada e pressiono minha cabeça contra a árvore.

— Estou fazendo tudo errado, Ell? Eu sinto que é tudo que posso te perguntar. Eu só queria que você pudesse me responder uma vez. — Suspiro pesadamente e caio na grama. — Eu pensei que tinha tudo isso planejado, mas você sabe o que não consigo descobrir? Eu nunca deveria ter que tomar uma decisão como essa. Você deveria estar comigo até que fôssemos velhos e grisalhos. — Agarrando as lâminas afiadas da grama nova, sinto a culpa fluindo através de mim como sempre acontece. — Em vez disso, fui um idiota e nos envolvi em um acidente de carro. E você foi uma idiota e não me disse que o acidente de carro encurtou sua vida por setenta anos ou mais. Eu acho que nós, dois idiotas, fomos destinados um ao outro. Mas agora eu estou sentado aqui na frente de dois caminhos e não sei qual caminho seguir. Eu respiro fundo, contemplando a resposta para a minha própria pergunta.

— Ell, eu sigo seu coração ou o meu?

— Você segue o seu, Hunter. — A voz de Ari é suave entre a brisa leve. Eu não a vi descer os degraus e não vi o carro dela no estacionamento quando

cheguei, mas ela veio do caminho atrás de mim, o que significa que ela estava aqui o tempo todo.

— Ari — falo, levantando-me, esfregando a sujeira do meu traseiro. — Por que você não retornou minhas mensagens ou ligações?

Ela coloca a mão sobre o coração, o coração de Ellie. Girando seu outro braço ao redor do meu, ela me puxa para o banco onde ambos nos sentamos.

— Você se lembra quando eu te disse que não era boa para você, que você iria acabar se machucando por minha causa? — ela pergunta.

— Sim, eu lembro dessa conversa. — Eu coloco minha mão em seu joelho trêmulo.

— Sou egoísta. Eu fui egoísta, Hunter, mas por favor, esqueça isso, o que quer que isso tenha sido, companheirismo, amizade, conexão, um pouco mais.

Eu não entendo o que ela quer dizer com isso. Meus olhos se esticam contra o sol enquanto continuo olhando para ela com admiração.

— Não existe isso de egoísmo, especialmente considerando tudo com que você teve que lidar.

— Eu sempre soube que você é apaixonado pelo coração do meu corpo, e não posso deixar de sentir que me acostumei com isso, a maneira como você me trata é como ninguém nunca me tratou. Você é um cavalheiro e perfeito em todos os outros aspectos também. Por mais simples que nosso relacionamento tenha permanecido, você ainda conseguiu me fazer sentir coisas que eu tinha certeza de que nunca teria a oportunidade de sentir, mas principalmente, você me fez sentir viva.

— Você está se despedindo de mim? — Eu rio ansiosamente, percebendo que, embora eu queira pensar que é uma piada, tenho certeza que não é.

Ela olha para o céu e fecha um olho contra o brilho.

— Eu vi você e Charlotte na mercearia na semana passada. — Ela faz uma pausa e sorri para o sol. — Você sabe que vocês dois estão destinados a ficar juntos, certo?

— O que? Onde você estava? Por que não veio até nós?

— Eu não posso responder isso ainda.

— Eu não entendo de onde tudo isso está vindo, Ari.

— Eu sei — diz ela. — Hunter, eu sei que você quer estar perto de mim por mais razões do que apenas o coração de Ellie. Nós nos aproximamos muito, mas estou machucando sua vida agora. Você simplesmente não percebe.

Eu me inclino e pego uma pequena flor branca do chão, mantendo meu olhar nela enquanto me permito digerir cada palavra que ela está dizendo.

— Como você pode pensar isso?

— Além disso, sinto que estou evitando que você mude para ter um relacionamento normal com Charlotte, a única pessoa que provavelmente estará lá para envelhecer com você, há um fato que você ignorou, ou possivelmente nunca considerou.

Uma rajada de vento sopra a pequena flor do meu aperto solto, e meu coração bate pesadamente quando olho para ela. Seus lábios apertados me dizem que ela está lutando para manter a compostura.

— Eu não sei o que você está fazendo — falo, inclinando a cabeça e dando-lhe um olhar perplexo.

— Algumas pessoas são incrivelmente sortudas e vivem uma vida longa com o transplante, mas um em cada dois receptores de coração não sobrevivem por mais de dez anos.

— Bem, você está na melhor metade do que os cinquenta por cento — falo, sentindo raiva que ela pudesse considerar estar do outro lado da metade. O coração de Ellie é para sobreviver. Com isso, vejo uma pedra fascinante que acho que Olivia gostaria. Tentando me distrair do que estou ouvindo, inclino-me para pegá-la, percebendo que é, ironicamente, em forma de coração, não como um coração de dia dos namorados, mas um verdadeiro coração.

Ela sacode a cabeça e joga o cabelo atrás das costas.

— Não, eu não estou — diz ela, através de uma expiração frustrada.

— O quê? Do que você está falando? — pergunto, minha voz traindo minha raiva enquanto eu atiro a pedra até onde posso jogá-la. — Você não tem como saber disso. Ari, você não deveria falar assim. Você precisa ser positiva. Veja até onde você chegou nos últimos seis anos.

— Hunter — ela diz calmamente. — Pare. Simplesmente pare.

— Ari, o que diabos você está tentando me dizer agora?

Ela se levanta do banco e torce os dedos ao redor de seus pulsos enquanto anda de um lado para o outro.

— Na última sexta-feira à tarde, fiz meu check-up semestral. O médico encontrou algo que todos esperávamos não encontrar.

— O quê? Ari, me diga, por favor, eu imploro.

— As tomografias voltaram, mostrando que eu acelerei a doença da artéria coronária. — Eu nem sei o que isso significa, mas a palavra doença e

artéria são suficientes.

— Bem, eles podem consertar isso. Eles podem te dar remédios ou mudar sua dieta, certo? Agora que eles sabem o que você tem, eles podem tratar... com certeza. Eu sei que pareço ridículo e não tenho ideia do que estou falando. — Tenho certeza de que eles podem fazer algo para ajudar você. Mais uma vez, não seja tão negativa. — Estou quase gritando com ela, repreendendo-a por dizer o que está dizendo. Por que ela está dizendo tudo isso para mim? Por que ela parece que está prestes a vomitar? Por que eu sinto que estou prestes a vomitar? Por que diabos eu sinto que vou começar a chorar como a porra de um bebê aqui em um minuto?

— Eles me deram um ano no máximo, Hunter. — E, assim mesmo, ela diz as palavras que eu esperava nunca ouvir dela. — Eu ia guardar isso para mim mesma por medo de colocar você em algo assim depois do que você já passou.

Eu me levanto e, sem nenhuma palavra para dizer, eu a agarro e a puxo para perto de mim com força. Eu a aperto mais forte do que deveria e choro mais do que deixo alguém me ver chorar em anos. Eu enterro minha cabeça em seu ombro, sacudindo-a junto com o meu corpo estremecendo.

— Não. — Eu choro. — Não, não, não...

Ela envolve seus braços ao meu redor.

— Recebi seis anos, um presente da Ellie. Foi um presente, Hunter. Eu nunca deveria passar dos vinte e agora estou com quase trinta anos. É um presente. Por favor, perceba o que ela fez por mim. Seu coração deveria ser apenas para ela, mas ela compartilhou para que eu pudesse experimentar apenas um pouco de uma vida adulta normal. É tudo que eu queria desde que fui diagnosticada com insuficiência cardíaca aos quinze anos. Eu não estou triste. Eu não estou assustada. Eu sou tão incrivelmente grata pelo que você e Ellie me deram. — O que eu dei a ela? Eu não dei o coração de Ellie. Eu teria lutado com Ellie em doar seu coração se eu soubesse seus planos. Eu queria mantê-la perto de mim e inteira por minhas próprias razões egoístas, o que é uma loucura desde que ela foi cremada em um bilhão de peças, mas porque ela era inteligente o suficiente para não me dizer, Ari teve tempo por causa de Ellie. Apenas Ellie.

— Eu não vou sair do seu lado — digo.

— Sim, você vai — ela responde. — Você vai ficar com a mulher por quem você está apaixonado, e isso vai me fazer feliz em saber que posso deixar este mundo para encontrar Ellie lá em cima e dizer a ela que, em troca

do presente de seu coração, eu fiz, com certeza, seu coração ficar feliz.

Seu sentimento é apreciado, mas eu não posso sentar aqui e dizer que estou indo embora agora porque ela está morrendo, porque o coração de Ellie está morrendo.

— Eu vou fazer o que for preciso para ajudá-la.

— Eu vou ficar bem — diz ela. — Meus pais vão morar comigo na semana que vem.

— Isso vai acontecer ou...

— Eu já passei por isso antes. Vai ser uma deterioração gradual de novo, disse o médico.

— Que tal outro doador? Podemos encontrar outro doador? — Estou cuspindo ideias que eu quase tenho certeza que ela já considerou.

— Hunter... — Ela ri baixinho. — Ellie foi minha primeira e única. Confie em mim. Tenho certeza que você sabia que ela tinha um tipo sanguíneo AB negativo raro.

— Sim, o mais raro dos tipos sanguíneos. Não era algo que eu já tivesse pensado, no entanto.

— O destino juntou Ellie e eu, acredito. Menos de um por cento da população tem esse tipo de sangue e acabar encontrando-a, tudo pareceu um sinal para nós duas. — Irônico, como nós dois nos sentimos do mesmo jeito sobre Ellie, por tanto tempo, considere Ellie sendo minha primeira e única. Embora, o processo de cura tenha recentemente provado a mim que, às vezes, há mais de uma chance para todos nós.

— Um por cento da população mundial é de setenta e um milhões, Ari.

Ela me aperta novamente e descansa a cabeça contra o meu ombro enquanto sua mão encontra a minha e a leva ao peito, permitindo-me sentir o coração de Ellie batendo novamente.

— Agora você entende por que eu te disse que não sou seu caminho?

— Sim... — Eu respiro. — Mas seu caminho me trouxe para onde estou agora. Você estava certa sobre Robert Frost estar errado.

— Leve-me até Charlotte — diz. — Eu preciso falar com ela.

— O quê? Por quê? — eu pergunto, me afastando, olhando para ela com uma pergunta.

— Apenas me leve até ela.



Durante o trajeto do jardim até a minha casa, vejo que estou preso no trânsito do engarrafamento. Eu agarro a direção até que minhas juntas fiquem brancas, meu peito está doendo, minha garganta está apertada, minha cabeça está latejando, e ainda sinto que posso ficar doente. Estou tentando entender tudo o que o Ari acabou de me contar. Eu também estou tentando encontrar brechas e maneiras de girar isso em uma direção melhor. Ninguém nunca antes me disse que está morrendo e agora que isso aconteceu, eu me sinto perdido no centro de um tornado negro, um que está sugando meus órgãos dos meus poros. Ela estava certa sobre Robert Frost estar errado. Em alguns aspectos, não há caminhos para escolher, tudo é predestinado, e quando uma pessoa está destinada a morrer, ela morre. Não há opções.

— Você se sente doente e coisas assim? — pergunto.

— Eu tenho estado um pouco cansada, sem fôlego e enjoada, mas eu definitivamente passei por coisa pior. — Claro que ela passou, ela estava dias ou semanas morrendo quando recebeu o coração de Ellie. Agora ela tem que passar por tudo isso de novo. Quão cruel é a vida para fazer isso com alguém duas vezes?

— Eu quero ajudá-la — falo novamente. Eu não vou sentar e fingir que ela não existe até que eu leia seu obituário no jornal algum dia.

— Eu aprecio isso — ela diz. — Mas saber o que eu vou passar nos próximos meses não é algo que eu queira que alguém testemunhe.

— Isso é egoísmo — digo. — Você acha que me importo com como você vai estar?

— Hunter — diz ela com firmeza. — Eu não vou fazer você passar por isso uma segunda vez. Perder Ellie foi uma perda maior do que você jamais deveria precisar lidar em uma única vida.

Eu torço e aperto o volante, querendo dizer muito, mas sabendo que nada que eu diga vai ter algum efeito.

— E a floricultura?

Eu a vejo encolher-se com o canto do meu olho.

— Vou continuar trabalhando até que se torne demais.

— E o que, você simplesmente cai morta um dia enquanto está sozinha na loja? — Eu não deveria ter dito isso. Seus olhos estão atirando adagas invisíveis ao lado do meu rosto e ela tem todo o direito de estar olhando para mim desse jeito.

— Minha mãe me liga a cada hora. Se eu não responder, ela vai presumir que eu estou morta — ela diz, finalmente ficando brava. Seu tom é duro, suas

palavras frias e cheias de tanta dor, dor que ela está tentando esconder.

— Posso visitá-la? — pergunto, tentando agir um pouco mais gentil. Eu sinto que já sei a resposta para isso, considerando que tem simplesmente muitas maneiras de fazer a mesma pergunta.

— Não — diz ela sem pensar muito.

— Mas a loja é aberta ao público, não é? — Agora eu sou infantil, o que sei que não vai ajudar, mas me faz sentir melhor.

— Hunter... — Ela suspira. — Por favor, não faça isso mais difícil do que tem que ser. — Agora ela soa como minha mãe me dando um sermão. — Se você não acha que eu gostaria de morrer de forma significativa ao lado do homem que se tornou tão intrincadamente costurado em todas as facetas da minha vida, então você está errado. Eu amo que você tenha escolhido passar tanto tempo comigo nos últimos meses. Conhecer o homem que perdeu o coração no dia em que Ellie deu o seu para mim me ofereceu mais paz do que você jamais poderia imaginar. Ainda assim, isso foi egoísmo. Eu queria conhecê-lo para que pudesse me sentir melhor sabendo que você não era mais aquele homem dobrado ao meio sob um telefone público no hospital. Eu precisava saber que você estava sobrevivendo. Deus dá e Deus leva. Ele me deu e tirou de você, e eu precisava agradecer pessoalmente porque era o mínimo que eu podia fazer. — Ari fungou brevemente através de uma pausa em seus pensamentos claramente inacabados. — Você é uma pessoa incrível, Hunter, e eu amei o tempo que passamos juntos, minha culpa não é tão sufocante, já que sei que você vai ficar bem. Mas além disso, meu egoísmo acaba aqui. Agora, eu quero protegê-lo de ver outra pessoa em sua vida, morrer. — Ela faz parecer que estava me usando, mas eu queria estar perto dela por uma razão egoísta também. Uma razão que não existirá por muito mais tempo porque ela vai morrer.

Morte. Essas cinco letras agem como um soco toda vez que eu as ouço, elas simbolizam o fim de tudo. Meus ouvidos deveriam estar entorpecidos com essa palavra agora, mas eles não estão. Minha respiração fica curta ao dizê-lo e, embora geralmente se tenha um tempo depois da notícia, esse tempo acaba não sendo realmente necessário porque, morrer significa o fim. O tempo deve ser como uma marca com uma ponta silenciosa, calmamente perfurando o coração de quem testemunha o significado dessa palavra estúpida.

Nós entramos na minha garagem e eu saio primeiro, observando Ari olhar sem expressão através do para-brisa. Eu quero saber o que está passando por

sua mente. Eu quero saber se tudo o que ela acabou de me dizer foi uma mentira forçada e que ela realmente quer que eu esteja lá para ela. Mas, enquanto o pensamento passa pela minha mente mais uma vez, lembro-me do último suspiro que vi Ellie dando sozinha sem uma maldita máquina ligada a ela. Lembro-me de testemunhar seu corpo sem vida apenas momentos depois que seu cérebro morreu. A vida que uma vez esteve estampada em seu rosto relaxou em uma aparência de estacionada insignificância. Não tenho certeza se tenho em mim forças para viver isso de novo de qualquer forma, se o nosso relacionamento foi baseado em ganhos egoístas ou não, mas eu faria se significasse algo para ela... eu ficaria ao lado dela.

Eu não me apaixonei por Ari no modo típico que um homem ama uma mulher. Em vez disso, eu amo a pessoa que passou um tempo com o coração de Ellie, para ter certeza de que tudo que o coração dela tocou foi cuidado de alguma forma. Eu amo essa pessoa que foi capaz de manter seu coração vivo, mesmo que por um curto período de tempo. O coração de Ellie era grande e cheio de tanto amor, carinho e compaixão que merecia ter quilômetros extras.

Abro a porta de Ari e lhe ofereço minha mão.

— Eu posso sair sozinha — diz ela, humildemente. — Obrigada mesmo assim.

Uma vez fora da caminhonete, Ari lidera o caminho em direção à minha porta da frente, mas eu a paro.

— Charlotte mudou para casa dela hoje — Ari olha para mim por alguns longos segundos, olhando para frente e para trás entre os meus olhos. — Ela estava feliz por ter sua casa de volta.

As sobranceiras de Ari arqueiam um toque enquanto ela processa essa pequena informação. Então ela se vira e passa por mim, descendo a escada em direção à rua. Eu a sigo para a entrada de carro de Charlotte e para a porta da frente dela. Eu ainda não tenho ideia de por que ela queria vir aqui ou o que precisa dizer para Charlotte, mas estamos aqui agora, e eu devo descobrir em breve por que ela está fazendo isso.

Charlotte atende a porta, parecendo confusa a princípio.

— Ari? Você está bem? — Ela não me viu de início, mas que ela viu, a confusão fica mais forte em seus olhos. Eu lhe dou o mesmo olhar perplexo, deixando-a saber que não tenho ideia do que é tudo isso. — Entre — diz Charlotte, afastando-se da porta, permitindo-nos entrar. As caixas agora estão espalhadas, em vez de empilhadas, como eu as deixei. Metade delas estão abertas e a outra metade ainda está fechada com fita adesiva. Os móveis ainda

não foram retirados do depósito, mas a empresa de mudanças deve trazer tudo amanhã de manhã. Basicamente, a casa está vazia.

Eu ouço as garotas cantando e dançando em um dos quartos no andar de cima e o eco de suas vozes me diz que o quarto ainda está vazio também.

— Sinto muito me intrometer com você assim — diz Ari, observando a imagem da casa vazia. — Tenho certeza de que você tem muito o que fazer e não precisa que eu ocupe seu tempo, mas senti que era necessário vir até aqui e conversar com você. Vocês dois.

A expressão de Charlotte se transforma em preocupação, e posso supor que ela está tão no escuro quanto eu sobre o que isso poderia ser e por que Ari quis vir aqui na casa dela.

— Eu sinto muito por não ter um assento para oferecer a você — diz Charlotte. — Você parece exausta. O que está acontecendo? — Charlotte olha para mim como se a resposta pudesse estar escrita no meu rosto ou falada pelos meus olhos, mas eu não acho que há um olhar para transmitir que uma pessoa nesta sala está morrendo.

— Hunter está apaixonado por você — diz Ari entre respirações pesadas, soando como se ela tivesse acabado de subir um lance de escadas. — Ele fala sobre você o tempo todo. Seus olhos se iluminam quando eu menciono seu nome. Ele fala sobre Lana como se ela fosse tão filha dele quanto Olivia. Compartilhar uma casa com você nos últimos meses foi um deleite para ele, algo de que ele gostava, diferente de uma pessoa que morava com um colega de quarto. Você estar saindo é duro pra ele. Você é a família que ele queria desde que Ellie morreu. A relação que existiu entre mim e Hunter tem sido uma honrada amizade, uma que eu apreciei mais do que poderia explicar. Eu sou apenas a pessoa que carrega o coração de Ellie, e eu não sou aquela que deveria estar entre vocês dois.

— Ari — murmura Charlotte. — Por quê...

— Estou dizendo isso porque você olha para ele da mesma maneira. Você fala sobre ele sempre que conversamos. Você ama Olivia. Você amou viver com os dois e está se mudando apenas porque acha que é o que ele quer.

— Isso não é verdade — diz Charlotte com o som de hesitação trançado através de cada palavra. — Nem tudo isso é verdade. — Não sei se é importante que partes sejam verdadeiras ou não. Todas elas essencialmente significam a mesma coisa.

— Hunter me adora — Ari continua. — Ele está apaixonado pelo meu coração. Ele tem sido um bom companheiro e removeu a culpa que eu estava

desesperada para perder. — Ari se aproxima, pegando as mãos de Charlotte. — Eu me sinto sortuda e grata por ter passado esse tempo aprendendo sobre ele, ouvindo sua felicidade atijando suas palavras quando ele fala sobre você. Eu o observei progressivamente se tornar mais feliz com o passar dos meses e isso está me completando. Isso me fez amá-lo. — Ari ri suavemente enquanto um rubor rosa preenche suas bochechas. — Meu coração pertence a Ellie, e o coração de Hunter pertence a você, Charlotte.

Os olhos de Charlotte se arregalam quando uma membrana de lágrimas salienta seus cílios.

— Eu não acho que entendi por que você está dizendo tudo isso — diz Charlotte.

Eu sinto que devo entrar na conversa e proteger as duas da dor, mas eu não sei como e eu não sei o que dizer. Eu não acho que é meu direito anunciar o futuro pré-planejado de Ari.

Ari se inclina em direção à escada, presumivelmente certificando-se de que as meninas não estejam no alcance de ouvir. Enquanto endireita sua postura, ela inspira em um suspiro agudo e curto.

— Nunca houve uma garantia vitalícia neste coração e cada transplante é diferente. Alguns têm sorte e vivem uma vida longa, enquanto outros não conseguem passar os primeiros seis meses após a cirurgia. Eu tenho quase seis anos e eu considero isso sorte.

— O que? — Charlotte pergunta através de uma respiração presa.

— Eu não vou viver até próximo ano — diz Ari sem vacilar uma sílaba.

Charlotte não é tão forte, no entanto. Lágrimas rolam por suas bochechas; deixando listras vermelhas no centro de sua pele já corada. Não há palavras para serem ditas depois da declaração de Ari, como eu já aprendi. Em vez de falar, Charlotte corre na direção de Ari e envolve os braços em volta do seu pescoço. Eu me pergunto se Charlotte já foi informada por uma pessoa que ela está morrendo ou se esta é a primeira vez para ela também. Eu estou supondo que é. Os olhos de Charlotte estão arregalados, sem piscar, e olhando diretamente para mim como se alguém tivesse acabado de dar notícias do fim do mundo. Isso definitivamente despedaça nosso mundinho e muda tudo.

Ari passa os braços em volta de Charlotte e descansa a cabeça no ombro dela.

— Eu estarei aqui para você — diz Charlotte. — Todo dia. O que você precisar. Todos estaremos aqui para você.

Ouvir as palavras calorosas saindo da boca de Charlotte realça os sentimentos que sempre tive em relação a ela.

— Isso não é necessário, mas obrigada pela gentil oferta — diz Ari, afastando-se do abraço de Charlotte.

— Você deve estar se sentindo perdida — argumenta Charlotte. — Sou sua amiga e farei tudo o que puder para ser o que você precisar daqui para frente.

Eu sei que elas falaram quando seus caminhos se cruzaram, mas eu não tenho certeza se eu as classificaria como amigas na situação embaraçosa que criei para nós três.

— Eu não quero envolver vocês no que está prestes a acontecer comigo — explica Ari. — Especialmente Hunter.

— Pare de se preocupar comigo — digo a Ari.

— Olha — diz Ari. — Eu vim aqui hoje porque preciso que vocês dois resolvam as coisas e estejam juntos um do outro. Eu preciso deixar Ellie saber que eu fiz o que prometi que faria, que é ter certeza de que Hunter está feliz. Eu fiz essa promessa a ela anos atrás quando ela sabia que sua hora chegaria mais cedo do que tarde. Fiz essa promessa quando nenhum de nós sabia quem sobreviveria a quem.

Charlotte e eu estamos olhando, aparentemente tentando ler a mente um do outro.

— Pode levar algum tempo para juntar suas peças de volta — diz Ari, olhando entre nós dois. — Mas Charlotte é o seu caminho, Hunter. — Ari mantém seu foco em Charlotte agora. — E Hunter é o seu. Eu nunca estive mais segura de alguma coisa em toda a minha vida.

— Ari — diz Charlotte, mas sem nada para seguir com isso, o silêncio preenche a sala vazia.

Com o que parece ser o mais longo minuto da minha vida, os passos de Olivia eliminam o silêncio gelado e ela corre em direção a Ari e envolve seus braços em volta de suas pernas.

— Você disse a ele? — ela pergunta a Ari.

A pergunta e o calor se espalharam por mim rapidamente, imaginando o que Olivia sabe e o que Ari lhe disse. Ela é minha filha e eu vou ser o único a explicar a vida e a morte para ela. Esse é meu trabalho e meu direito. Ninguém deveria tirar de mim. Embora eu perceba que posso estar presumindo demais, não posso, pela minha vida, imaginar a que mais Olivia poderia estar se referindo. Quando Ari teria dito a ela?

— Dizer-me o que, Olivia? — Eu tento manter minha voz calma e minha respiração controlada, mas meu rosto está queimando e tenho certeza que está vermelho.

— Ainda não, Olivia — diz Ari.

— Ari tem um presente para você — diz Olivia.

Ari pega sua bolsa e pega um envelope.

— Leia isso quando for tarde demais para me agradecer — ela diz, me entregando. O envelope que lembrava filtro de café corresponde a todos os outros que ela me enviou ao longo dos anos. — Prometa.

Minhas palavras estão alojadas na garganta, então eu faço a próxima melhor coisa e aceno um sim.

— Eu sei que você está se despedindo agora, Ari, mas você não nos viu pela última vez — diz Charlotte com firmeza. — Você terá que contratar um exército para nos manter longe.



26 DE DEZEMBRO

Eu subo na cama com Olivia, envolvendo meu braço ao redor dela, abraçando o calor que seu corpo oferece. Seus cachos estão espalhados sobre o travesseiro em uma confusão e suas bochechas são do tom perfeito de rosa. É o aniversário dela, mas ela é meu presente. Sete anos, essa menina e eu conseguimos. Sete anos.

— Feliz aniversário, Ollie — sussurro em seu ouvido.

Ela vira a cabeça, ficando de lado para me encarar, me deixando com o rosto e a boca cheia de cabelos.

— É meu aniversário — ela murmura. — Eu me sinto tão velha hoje. — Com uma risada silenciosa, ela se arrasta contra a cabeceira da cama, puxando os cobertores até a cintura. — Pronto?

Eu sorrio e me levanto para abrir as cortinas.

— Agora estou pronto — digo.

— Parabéns para você — ela começa em sua voz suave que imita uma canção de ninar calmante. Eu me junto com ela enquanto continuamos: — Parabéns para você, nessa data querida, parabéns para a mamãe, parabéns

para você.

Consigo passar pela nossa tradição anual sem lágrimas este ano, mas apenas porque a felicidade que brota dos olhos de Olivia agora torna impossível sentir tristeza.

— Minha vez .

— Parabéns para você — eu canto todo o caminho. Me inclino para o lado da cama e pego o presente dela, colocando-o gentilmente no colo coberto pela colcha.

— O que é? — ela pergunta, batendo palmas enquanto pula para cima e para baixo.

— Abra, boba.

Olivia rasga o papel de embrulho, revelando uma parte da caixa do presente.

— Você me trouxe cereais? — ela pergunta com um sorriso bobo, como se não tivesse certeza se eu realmente daria algo assim para o aniversário dela ou se é um truque. Eu nunca questioneei sua sagacidade, mas ela nunca faria nada para ferir meus sentimentos também.

— Talvez haja um amuleto da sorte na caixa?

Ela sacode a caixa um pouco e abre as abas no topo. Espreitando para dentro primeiro, ela então coloca seu braço na abertura, que engole seu braço até o ombro. Sua mão pesca por um minuto antes de puxar de volta segurando a pulseira de Ellie com três pequenos amuletos nela. Um representa Olivia, um para mim e um para Ellie.

— É tão bonita — diz ela, colocando-o no pulso.

— Era da sua mãe. Eu dei a ela quando descobrimos que você faria parte de nossas vidas. Eu sei que é um pouco grande, mas quero que você fique com ela.

— Este é o melhor presente de aniversário que já recebi — diz ela com a respiração curta, admirando-o. — Eu amei.

— Eu também tenho outra coisa, mas eu não queria trazê-lo para cima. — Eu tenho uma tendência de exagerar com o aniversário de Olivia, especialmente com o Natal no dia anterior, mas uma parte de mim sempre sentiu como se eu tivesse que garantir que o dia só seja preenchido com boas lembranças.

— Você tem? — ela grita, arrancando as cobertas.

Correndo para fora de seu quarto e para o corredor, ouço outro grito alto de excitação seguido por palavras borbulhando de sua boca tão alto que elas

não fazem sentido. Eu a sigo para o corredor, vendo Charlotte e Lana na parte inferior dos degraus segurando Jasmim, nosso novo cachorrinho.

Surpreendentemente, Olivia desce os degraus sem cair e diminui a velocidade antes de estender a mão para a pequena esponja de quatro quilos.

— Qual é o nome dele? — ela pergunta.

— Jasmim — respondo, descendo os degraus.

— Como a flor favorita da mamãe? — ela pergunta.

— Sim. — Eu sorrio.

Charlotte está radiante enquanto observa amorosamente Olivia falar com o filhote de cachorro em voz baixa.

— Vocês, garotas, brincam com o cachorrinho e eu vou terminar o café da manhã para que possamos levá-lo para Ari — Charlotte diz quando sai pela porta da frente, me dando um rápido aceno enquanto corre pela rua até a casa dela. Eu pensei que ela tinha começado a cozinhar aqui, mas talvez ela não tenha terminado de se preparar. Eu a acordei cedo, já que nosso jantar de família de Natal foi até a meia-noite na noite passada.

Aproveito para ajeitar as coisas um pouco mais, mas eu mal começo a descarregar a máquina de lavar louça quando a porta da frente se abre.

— Sou só eu — AJ grita da porta. — Essa é a aniversariante do dia!

— Ei, querida, feliz aniversário — Tori, a nova namorada de AJ, diz a Olivia. Eu gosto da Tori. Acabamos de encontrá-la pela primeira vez há algumas semanas, visto que AJ manteve esse relacionamento escondido por quase três meses, o que é muito incomum dele. Eu tenho a sensação de que ele fez isso porque as coisas estavam indo bem e ele provavelmente estava com medo de estragar tudo de alguma forma. Além disso, Olivia, com suas pequenas secretas barganhas, nem sempre é útil. Ela sabe bastante sujeira de AJ para destruir todo e qualquer relacionamento futuro.

Depois de terminar na cozinha, ouço Charlotte retornar.

— Tudo pronto! — ela grita. — Vamos indo!

Nós entramos no SUV de Charlotte e dirigimos os seis quilômetros até o Brookside Hospital. Ari está nos esperando hoje e estava animada para ver Olivia em seu aniversário, que também acontece de ser o mesmo dia em que ela recebeu uma segunda chance na vida, uma pequena segunda chance, mas um motivo para celebração, no entanto.

Charlotte segura minha mão no elevador, apertando-a com força. Nenhum de nós gosta de estar neste hospital. Muitas pessoas conhecem Charlotte e sabem de seu casamento fracassado com um homem que poderia ter

enterrado esse lugar com suas ações ilegais; e para mim, o cheiro sozinho é como gás sarin atacando todos os meus sentidos.

Chegamos à recepção das enfermeiras no décimo andar e espero que uma delas me atenda para que possamos ser admitidos.

— Ei, pessoal — diz uma das enfermeiras. — Bem na hora. Ela acabou de acordar.

— Ótimo, obrigado! — digo, acompanhando Olivia e Lana à frente.

— Sr. Cole — a enfermeira diz gentilmente, o que atrai apenas a minha atenção enquanto os outros já estão andando pelo corredor. — Está chegando a hora. Eu posso ter que encurtar a visita hoje.

Eu aperto meu queixo, sentindo um familiar queimar de lágrimas atrás dos meus olhos. Isto é o que Ari não queria que eu passasse. Essas palavras, embora estranhas, parecem muito familiares.

— Obrigado.

Eu me encontro com Charlotte, AJ, Tori e as meninas enquanto continuamos no corredor.

— O que foi aquilo? — AJ pergunta.

Tudo o que posso fazer é dar-lhe uma olhada, um olhar que deveria dizer tudo sem falar em voz alta. Eu passei por minhas opções de esconder isso de Olivia ou ser honesto com ela. Eu debati sobre permitir ou não que ela visse a condição de declínio de Ari, mas Olivia e seu sexto sentido sabiam que algo estava errado sem eu ter que dizer a ela. Suas palavras para mim foram:

— Devemos estar lá para Ari como se fôssemos sua família. Isso é o que mamãe ia querer para o coração dela. — Ouvir Olivia dizer isso facilitou minha decisão. Ela traz felicidade para Ari, e Ari tem um lugar muito especial no coração de Olivia, uma conexão que ela talvez nunca entenda.

AJ limpa a garganta enquanto compreende meu olhar e aperta a mão de Tori um pouco mais apertado. Charlotte, que deve ter notado o olhar que dei a AJ, me alcança e segura minha mão na dela.

Quando nos aproximamos do quarto de Ari, eu aperto a mão de Charlotte um pouco mais. Faz apenas uma semana, mas sua pele está consideravelmente mais pálida do que da última vez e suas maçãs do rosto estão mais proeminentes. A escuridão do cabelo dela escava os olhos dela e ela parece... Ela está morrendo. Ela parece que está morrendo há semanas, mas hoje, não tenho certeza se haverá tempo para outra visita.

— Hey — diz ela fracamente, forçando pra demonstrar o máximo de emoção através de sua voz fraca, da melhor forma possível. — Como está a

aniversariante?

Olivia, destemida como sempre, sobe diretamente para a cama e se aconchega sob o braço dela.

— Eu me sinto tão velha hoje — diz Olivia novamente. — Você acredita que eu tenho sete? Isso é como... — Ela levanta os dedos como se estivesse contando. — Três anos menos que dez. Quer dizer, eu estarei dirigindo em breve, o que é bom, já que poderei visitá-la sempre que quiser. — E assim, cada grama de compreensão que eu pensava que Olivia tinha me traz de volta à percepção de que ela tem apenas sete e pode não entender essa situação tanto quanto eu pensava.

Ari luta para levantar o braço e passa os dedos pelo cabelo de Olivia.

— Você sabe o quanto sou feliz por ter te conhecido? — Ari diz.

— Sim, eu sou muito legal — brinca Olivia.

— Eu tenho algo para você — diz Ari, estendendo a mão para tirar um pequeno presente de seu criado-mudo.

— O que é? — Olivia pergunta, seus olhos arregalados e cheios de emoção.

Ari oferece um sorriso fraco e assiste enquanto Olivia abre o presente. Ela abre a caixa e tira uma chave de ouro gorda, grande e antiga. Eu estou querendo saber o que é, mas tenho certeza que Ari tem um motivo.

— Isso é muito legal — diz Olivia, admirando os dois lados. — Onde isso vai?

— Algum dia, seu pai vai te mostrar, mas agora é segredo. Então, por enquanto, eu preciso de você para segurar a chave e mantê-la segura, porque você é a única que tem permissão para segurá-la.

— É mágica? — ela pergunta, totalmente apaixonada pela explicação de Ari.

— Definitivamente — diz Ari lutando com o riso. — Ela une as pessoas e as mantém cercadas de amor por toda a eternidade.

Olivia joga os braços em volta do pescoço de Ari e beija sua bochecha.

Eu estou olhando para Ari com uma pergunta, perguntando se ela vai me deixar entrar na explicação mágica da chave, já que sei que Olivia vai me perguntar o que isso destranca até o dia que eu morrer.

— Você vai ver — Ari sussurra para mim.

Trinta minutos cheios de piadas bregas de “você está morrendo”, bolo e olhares simpáticos vêm e vão, e agora Charlotte está sugerindo que deixemos Ari descansar. Ela recolhe as meninas, e AJ e Tori as seguem porta afora

depois de um monte de despedidas, deixando-me parado aqui olhando para Ari.

Com apenas nós dois na sala, não posso deixar de permitir que a dor entre no meu peito. Eu posso sentar aqui e tentar fingir que ela não está morrendo e que eu não estou realmente olhando para uma pessoa se deteriorando a cada segundo, mas não posso mentir para mim mesmo.

O sorriso magro de Ari reaparece em seus lábios secos.

— É isso, não é? — pergunto.

— Você nunca sabe. — Ela suspira. — Um milagre pode acontecer. — Eu só posso supor que ela está tentando se convencer, mas assim como não posso mentir para mim mesmo, posso presumir que é o mesmo para ela.

Lágrimas enchem seus olhos nebulosos e ela olha através de mim como se eu fosse uma janela. O comportamento inquebrantável que todos pensam que ela tem é destruído em milhões de peças agora e, desta vez, não há como colocá-las de volta. É a primeira vez que vejo o rosto dela sombreado pelo medo, acompanhando a tristeza e o sofrimento

— Eu acho que posso dizer que estou morrendo de um coração partido agora.

Sua declaração não é engraçada; é dolorosa. Eu não sei se as palavras dela têm um duplo sentido, mas há culpa se formando dentro de mim como se eu pudesse ter feito algo diferente, eu não tenho certeza do que teria sido.

— Eu pensei que o coração de Ellie iria sobreviver a um longo período de tempo quando eu conheci você.

— Nossos corações determinam nossos caminhos, as distâncias que vamos percorrer, a direção e a duração de nossa estada — diz ela.

Ela estende a mão para mim e eu levo os dois passos para o lado da cama dela, dando-lhe a minha mão. Ela a coloca no peito, sobre o coração. Eu sinto o ritmo embaixo da palma da minha mão e a linha de uma cicatriz grossa em seu peito quase nu. A batida é mais lenta do que eu me lembro da última vez que coloquei minha mão em seu peito, que foi há meses.

— Eu sinto muito.

— Nós dois sabemos que este é o coração de Ellie, e ambos sabemos que é por isso que você e eu estamos conectados, mas o que você não percebeu é que, às vezes, nossos corações andam do lado de fora de nossos corpos.

Eu sinto minha testa enrugar e distorcer enquanto minha cabeça cai ligeiramente para o lado, esperando por esclarecimentos.

— O que você quer dizer?

— Olivia é o verdadeiro coração de Ellie — explica ela. — Olivia é uma parte de Ellie. Ela vai ter seus próprios filhos, que terão seus próprios filhos, e o coração de Ellie continuará vivendo indefinidamente. Olivia é o coração de Ellie. Ela tem um coração feito de tempo que viverá para sempre.

Suas palavras são como mãos que chegam ao meu peito para arrancar a dor do meu coração. Todos esses anos eu tenho perseguido o último órgão remanescente de Ellie quando o tempo todo, uma parte dela ficou comigo para sempre.

— Eu entendo — digo.

— Hunter — diz ela, fechando os olhos em um longo piscar. — Eu te amo por fazer parte da minha vida e te amo por ficar ao meu lado quando eu lhe disse para não fazer isso.

— Eu amo...

— Não. Eu não preciso ouvir isso. Eu não quero ouvir isso. Você não teve a chance de se apaixonar por mim. Eu não te dei uma chance e fico feliz porque não sou a pessoa certa para você.

— Então, como você pode dizer que me ama? — pergunto.

— Quando o tempo é emprestado, você vive rápido, ama muito e põe tudo em risco, sabendo que amanhã você pode acordar sem nada, ou você pode não acordar de jeito nenhum.

— Eu entendo — tiro uma mecha de cabelo do rosto dela. — Ari, obrigado por cuidar de seu coração, protegê-lo e tratá-lo como se fosse um presente. Suas cartas me fizeram passar por aqueles anos, como se realmente me mantivessem, sabendo o quão sortudo o coração de Ellie era.

— Rapaz, parece que você está dizendo adeus — diz ela, pegando minha mão e enrolando os dedos ao redor dos meus enquanto o olhar dela queima em mim. — Não interessa quanto tempo você ficar aqui. Eu não vou morrer na sua frente. — Nós dois rimos e ela solta minha mão. — Vá em frente para que eu possa morrer em paz.

Minha mandíbula dói, rangendo meus dentes com tanta força, tentando evitar qualquer indício de emoção. Eu tenho que ser forte para ela, pelo menos tão forte quanto ela é, enquanto me diz adeus.

— Ari..

— Diga, Hunter — diz ela, com a voz um pouco mais fraca desta vez.

Eu puxo um grosso e superficial gole de ar e permito que as palavras fluam da minha boca para o que parece ser um esquecimento.

— Adeus, Ari.

Eu ouço a luta de sua respiração enquanto ela pressiona a cabeça firmemente em seu travesseiro, fechando suavemente os olhos. Eu permaneço de pé ao lado da cama dela, observando-a atentamente, esperando o que eu não tenha certeza.

— Eu ainda não vou morrer na sua frente — ela sussurra através dos lábios entreabertos.

Eu fecho meus olhos, liberando minha respiração pesada enquanto solto a mão dela. Piscando uma onda rápida que ela não vê, eu viro e saio da sala. Saber que eu nunca vou vê-la novamente não é fácil de compreender e enche minha cabeça. Um momento de parar o coração foi colocado no final deste capítulo da minha vida.



JANEIRO

Eu só encontrei os pais de Ari algumas vezes. No início, eles foram calorosos e acolhedores, mas depois de receber a notícia de que seu coração havia parado, ambos mudaram. Era como se uma nuvem escura descesse sobre eles. Sorrisos não eram vistos em parte alguma, seus olhos estavam cobertos de veias vermelhas e finas, e bolsas escuras cobriam os vincos acima de suas bochechas, a evidência de muitas lágrimas derramadas. Eu vi esse olhar antes, logo após a morte de Ellie. Os pais dela nunca mais foram os mesmos. A vida, como eles conheciam, foi roubada deles e não havia como consertá-la.

Com o coração na garganta, fico na parte de trás do círculo fechado, admirando a força dentro de todos. Os pais de Ari estão segurando as mãos com tanta força que o sangue está se acumulando em seus dedos. Os olhos de sua mãe estão cobertos de lágrimas, mas o queixo está erguido. Seu peito se movem em uníssono, para dentro e para fora, lentamente, suprimindo sua dor.

A mão de Charlotte alisa o lado das minhas costas enquanto suas unhas desenham pequenos círculos para acalmar o que sinto por dentro.

À medida que a cerimônia chega ao fim, vozes suaves se transformam em pêsames e desejos de melhoras para os pais de Ari. Ao mesmo tempo, as unhas de Charlotte cavam um pouco mais fundo na minha pele quando a ouço sussurrar:

— Oh, meu Deus.

Eu me viro para encará-la, encontrando uma palidez fantasmagórica cobrindo suas bochechas.

— Qual é o problema?

— Don — ela aponta para os pais de Ari. — É ele. — Não podemos ouvir a conversa entre eles, mas Don tem a mão pressionada contra o peito, e sua estatura é alta e forte, como se ele estivesse segurando mais ar do que seus pulmões são capazes de carregar. Eu nunca conheci o homem, nem vi uma foto, mas ele é um cara bonito, forte, de boa aparência. O que mais eu esperaria de alguém que costumava ser casado com Charlotte? Seu terno parece que pode ter custado mais do que um dos meus pagamentos de hipoteca e, pelo que parece, alguém barbeou seu rosto para ele esta manhã. Independentemente da camada externa, há algo a ser dito sobre o olhar desanimado em seu rosto.

Com a mão no ombro da mãe de Ari, o olhar de Don é transferido para Charlotte, e o rosto dele fica chocado. Ele definitivamente não esperava encontrá-la aqui hoje. Quando ele a vê, imediatamente termina a conversa em que ele estava e faz o seu caminho até nós. Espero que Charlotte tire a mão das minhas costas e se separe de mim, mas em vez disso ela passa o braço ao redor do meu, apertando-o com força, como se, de repente, ela precisasse de mim para protegê-la. Charlotte nunca foi uma mulher que pareça precisar de proteção. Ela é dominante, feroz e sabe o que quer. Eu sei que ela tem um interior suave, mas neste momento, sua casca externa está tão fraca. Fico feliz em ser aquele a cujo braço ela se apegava em seu momento de fraqueza.

— Charlotte — Don a aborda. — O que você está fazendo aqui? Você conheceu Ariella?

Charlotte olha fixamente para ele como se não soubesse como responder adequadamente.

— Eu-ah.

— Charlotte está comigo, e Ari recebeu o coração da minha esposa — digo bruscamente.

Don coloca a mão sobre sua boca aberta, seu grande anel de ouro piscando um prato de diamantes na nossa cara.

— Meu Deus — diz ele. — Eleanor Cole.

Ouvir o nome dela vindo da boca dele faz meu estômago doer. As únicas pessoas que se referiam a Ellie como Eleanor eram os médicos. Até os pais de Ellie não a chamavam assim. Era um nome usado apenas em casos de risco de vida, durante o acidente de carro e, em seguida, no dia em que ela morreu.

— Sim, essa é minha esposa.

Ele olha entre mim e Charlotte e, aparentemente tenta entender tudo.

— Mundo pequeno, hein? — ele pergunta, obviamente perturbado pela situação.

— Muito — respondo friamente, sem vontade de aliviar seu desconforto.

— Eu imagino que agora tenha as respostas pelas quais você estava tão desesperada? — ele pergunta a Charlotte.

— Eu sei tudo — diz Charlotte. — Você é um merda, mas ainda sou grata por ter dado a Ari alguns anos a mais.

Don olha para baixo, extremamente envergonhado. Ele cava a sola de seu sapato de ponta de asa recém-engraxado em uma pequena pilha de terra.

— Eu sinto muito por ter feito você perder a casa, Charlotte. Eu estava...

É só por isso que sente muito?

— Não é necessário explicar — diz ela, interrompendo-o. Para os momentos de fraqueza que ela retratou quando ele estava andando por aí, estou impressionado e orgulhoso pela maneira como ela está se comportando.

— Eu estava envolvido muito profundamente e tinha medo de ser pego. Não estou mais realizando negócios dessa maneira. Consegui um emprego numa empresa de pesquisa de transplantes para que você e Lana sejam cuidadas daqui em diante.

— Apenas se preocupe com Lana — grito. — Ela fala sobre você diariamente e sente mais a sua falta do que você claramente merece. De Charlotte, eu posso cuidar. — As palavras sobre Lana são mentiras. Eu não quero ele em nenhum lugar perto de Lana, mas eu não vou ficar entre um pai e sua filha. Vou apenas preencher esses buracos na vida dela. Eu estarei lá para ela e farei o que puder para ter certeza que ela nunca se sinta como se estivesse faltando alguma coisa.

Don coloca a mão no meu ombro e o perfume da sua colônia queima o interior do meu nariz.

— Obrigado por cuidar de Lana, e Charlotte claramente tem sorte de ter você. — Ele soa estrangulado, como se a verdade estivesse apertando em

torno de seus pulmões, sufocando-o. Tudo sobre ele, sua voz, suas palavras e seu comportamento, sugerem que ele percebeu o que perdeu e é inteligente o suficiente para saber que é tarde demais para recuperar. No entanto, não tenho simpatia por ele; na verdade, ele ainda me deixa doente.

— Apesar do fato de que eu acho você um ser humano desprezível, agradeço por salvar Ari e satisfazer o desejo de Ellie — digo, a ousadia da minha honestidade surpreendendo até a mim mesmo.

Ele puxa um suspiro agudo.

— Estou ciente de que Ellie queria que seu pedido permanecesse em sigilo. Ela era uma mulher forte que sabia exatamente o que queria. Muito convincente, chantagista, na verdade. Era difícil negar um gesto como o dela, e Ari foi minha paciente por anos, uma paciente que passei metade da minha carreira tentando ajudar.

Ajudar? Foi isso que ele se convenceu de ter feito? A ajuda é uma ação que não exige comportamento impróprio como agradecimento.

— Ellie tinha um jeito com as pessoas — digo, sem querer rosnando para ele.

Com um aumento da expressão de desconforto nos olhos de Don, ele se remexe inquieto e respira fundo.

— Bem, cuide-se, Charlotte — diz ele, encerrando a conversa. — Talvez possamos discutir a custódia novamente em algum momento. — Eu só posso imaginar o que está passando pela mente de Charlotte agora. Não tenho certeza se a custódia em qualquer circunstância será fácil para ela concordar, depois que Don fez escolhas de carreira que fizeram com que a própria filha ficasse sem casa por meses, sem levar em conta tudo mais que sinalizava em seu histórico.

— Eu preciso de mais tempo — diz Charlotte. O tribunal fará o que quer que Charlotte queira, o que torna isso ainda mais difícil para ela.

— Entendido. Diga a Lana que sinto falta dela. — Don estende a mão para apertar minha mão e eu ofereço a minha em troca, só porque sou um ser humano decente. A parte não decente de mim gostaria de derrubar suas máscaras falsas. Otário. — É um prazer conhecê-lo e lamento sua perda.

Enquanto ele se afasta, sinto o peito de Charlotte relaxar contra as minhas costas enquanto sua bochecha descansa contra o meu ombro, obviamente feliz por ter essa conversa terminada.

— Eu o odeio — diz ela. — Independentemente do fato de que ele salvou Ari, eu realmente o odeio.

— Considerando as circunstâncias, acho que está tudo bem — digo.

Eu pego no bolso do meu casaco o envelope que Ari me deu alguns meses atrás, dizendo que eu não poderia abri-lo até que fosse tarde demais para agradecer a ela. Eu o mantive em cima da minha escrivaninha desde aquele dia, praticamente queimando um buraco através dele com os olhos toda vez que o olhava. Eu segurei na frente do sol tentando ler o que está dentro, mas ela antecipou meu movimento, cobrindo o conteúdo do envelope com um pedaço de papel em branco.

— Oh, meu Deus, eu quase me esqueci disso — diz Charlotte.

Minhas mãos tremem enquanto abro o envelope. Espero ver uma carta, semelhante à que Ari escreveu para mim durante cinco anos, mas não é isso. Confuso com o que estou vendo, desdobro os papéis, endireitando-os para dar uma olhada melhor. Com o sol tão brilhante no céu, no entanto, há um brilho sobre o centro, mas é instantaneamente coberto por uma sombra.

— Ari tomou essa decisão seis anos atrás. — Uma voz diz por cima do meu ombro. Eu me viro, encontrando o pai de Ari atrás de mim. — Vá em frente, leia o que diz.

Eu examino as palavras várias vezes, tentando o meu melhor para compreender o que estou vendo. Eu acho que sei o que estou vendo, mas como isso pode ser?

— Eu não entendo — digo a ele.

— Minha esposa e eu somos os donos do jardim — diz ele.

Eu balanço minha cabeça, perplexo.

— O quê? Eu...

— Já faz parte da família há algum tempo — continua ele.

— Ellie sabia?

Ele ri baixinho.

— Claro que ela sabia. Ellie vinha diariamente para o jardim, com e sem você. Falei com ela muitas vezes ao longo dos anos e foi ela quem conseguiu o emprego de professora para Ari. Ellie tem sido uma bênção em nossas vidas desde que me lembro.

— Por que ninguém me disse isso?

— Uma pessoa boa não faz nada de bom se suas razões são nada mais do que um preenchimento da alma. Eu tenho certeza que você sabe que Ellie fez as coisas com a bondade de seu coração, nunca querendo nada em troca. — Essa era a minha Ellie. Sempre foi. Isso não deveria ser uma surpresa para mim. — Quando contei a Ellie sobre a condição de Ari e seus sonhos, desejos

e esperanças, era como se Ellie soubesse qual era o propósito dela na vida. Além do amor que ela tinha por você, ela queria deixar sua marca neste mundo. E ela conseguiu. Na verdade, fazemos uma oração por ela todas as noites antes de dormir.

Eu olho para os papéis, lendo-os mais uma vez.

— Você está falando...?

— O jardim está agora em seu nome. — Com choque e mais apreciação do que eu já tive por qualquer coisa, eu o puxo para um abraço, fechando meus punhos firmemente em torno dele. Dizer a ele que isso significa muito para mim não faria justiça ao que realmente sinto. Eu não tinha ideia de que a família de Ari era proprietária do jardim, mas é como se minha vida estivesse planejada para seguir esse caminho... esse caminho inesperado. Eu não entendo os planos da vida e as estradas sinuosas que a acompanham. Eu ainda não entendo Robert Frost e suas palavras instigantes, mas eu entendo que enquanto nossos corações podem ditar o tempo que passamos nesta terra, eles também nos direcionam para o caminho que devemos tomar, seja um menos viajado ou não.

Meu coração me levou a Ellie. Seu coração levou-a para Ari. O coração de Ari trouxe Charlotte para mim. A vida não é uma estrada reta; às vezes, é um caminho inusitado sem direção, sem sinais, sem avisos e, muitas vezes, sem razão aparente. Raramente é percorrido porque não há final conclusivo e não há final definido até que uma pessoa chegue lá.

Aqui estou eu, no começo de uma nova curva neste caminho sem fim, comecei aos cinco anos quando conheci Ellie. Eu nunca considerei uma direção diferente, nem me perguntei onde poderia ter me levado.

A paz que busquei desde o momento em que Ellie morreu me encontrou aqui, hoje, com a compreensão do caminho de Ellie que se afastou do meu. Algum dia nossas estradas se cruzarão novamente, mas até esse dia, eu continuarei andando cegamente em torno de novos cantos e em território inexplorado, ignorando o que está por vir. Permitirei que a vida se desdobre em cada curva da estrada.



UM ANO DEPOIS

— Se eu tiver que mover essas caixas mais uma vez... — ameaço jocosamente.

As mãos de Charlotte alisam a parte de trás da minha camisa enquanto ela dá beijos suaves no meu queixo.

— Eu disse obrigada — ela sussurra contra meus lábios. — O que mais você quer de mim? — ela acrescenta, sugestivamente.

Eu a pego em meus braços e levo-a, seguindo os degraus até o meu, nosso quarto.

— Já te disse o quanto eu te amo? — pergunto.

— Apenas vinte vezes nas últimas duas horas — diz ela com um sorriso irônico. — Mas, caso você planeje me mostrar, só temos uma hora antes das meninas chegarem da escola.

Eu puxo os lençóis e tiro a camisa sobre a minha cabeça.

— Então não perca tempo — falo em um grunhido baixo. Ela pula de costas para o meio da cama, tirando a blusa, as calças e todo o resto. Eu subo sobre ela, abaixando meu corpo no dela, abrangendo seu calor e permitindo

que ele acalme meus músculos doloridos.

Eu tomo um momento para olhar nos olhos dela, afastando os cabelos de seu rosto.

— Você sabe o quanto somos sortudos?

— Nossas loucas e confusas vidas nos trouxeram até aqui, então sim. — Ela ri suavemente.

Minha mente clareia quando me concentro em Charlotte, seu batimento cardíaco, sua respiração, sua pele contra a minha, a paixão que tenho por ela. Eu estava me segurando contra esses sentimentos, mas com o incentivo de Ari, eu finalmente abaixei minha guarda. Agora há espaço na minha vida e em meu coração para a paixão, uma segunda chance para o amor, um lugar que Charlotte e eu estamos descobrindo juntos, algum lugar que é novo um para o outro como um primeiro amor. Nossos primeiros amores não podem ser substituídos, eles são parte de quem nós dois somos, e eles indiretamente fazem parte do que nos uniu, nos dando o dom de uma segunda chance para sempre. Esta segunda vez não é para substituir lembranças, amor ou um passado, é apenas para avançar e construir uma nova vida juntos como uma família, permitindo que o nosso amor um pelo outro cure o nosso quebrantamento.

Eu assisto à emoção no rosto de Charlotte enquanto nos movemos juntos em um movimento aquecido. Com as pontas dos dedos dela pressionadas nas minhas costas, seus lábios se derretem contra meu pescoço, e gemidos suaves escapam de sua garganta.

— Não pare — ela choraminga.

Suas palavras provocam um movimento mais áspero em mim, fazendo-a apertar meus braços com mais força, trazendo uma dor incrivelmente deliciosa.

— Assim? — eu rosno, provocando.

Ela tenta responder, mas suas respirações são rápidas e altas demais para criar palavras inteligíveis. Gotas de suor escorrem entre nós enquanto eu a abraço com mais força. A pressão aumenta, nossos músculos se contraem e então seus tremores cessam. Eu me desfajo como ela, caindo um pouco mais fundo em um mundo cheio de luz e uma felicidade que uma vez pensei que seria impossível encontrar novamente.

Desprendendo de nosso abraço apertado, eu caio pesadamente ao lado dela, procurando recuperar cada uma das minhas respirações perdidas.

— Você está pronta para amanhã? — pergunto, enrolando meu braço em

volta do seu pescoço.

— Amanhã é apenas mais um dia — diz ela. — Eu já tenho tudo o que quero.

Eu pressiono meus lábios contra a testa dela.

— Nossas meninas finalmente serão irmãs — acrescento.

— E elas vão ter tudo o que querem — diz Charlotte com um sorriso lindo e satisfeito enfeitando suas bochechas coradas.

Meu telefone vibra na mesa de cabeceira e eu peço a Charlotte para pegá-lo. Eu o coloco no meu ouvido, esperando para ouvir a ira de AJ.

— Cara, eu não estou nem na metade desse trabalho. Você precisa vir logo pra cá.

— Eu estou quase, estou quase — eu gemo.

— Você já terminou — murmura Charlotte abaixo da respiração através de uma risada silenciosa.

— Seu filho da puta — diz AJ. — Você está na cama agora, não está?

— Hum... — Eu rio.

— Vocês estarão saindo pra porra da lua de mel em dois dias. Você não pode manter as calças abotoadas até então?

— Eu gostaria de dizer sim, mas ainda estou compensando o tempo perdido de uma abstinência autoinduzida de cinco anos. — Charlotte passa a mão pelos meus cabelos e beija minha têmpora enquanto sai da cama. Eu olho para ela preguiçosamente enquanto AJ continua arrancando minha orelha. O brilho de seu corpo nu ao sol está evitando todo e qualquer pensamento cognitivo. Eu não tenho ideia do que AJ está dizendo... não se preocupe em se levantar, se vestir e dirigir dois quilômetros até o local de trabalho.

— Hunter! — AJ estala, tentando recuperar minha atenção. Ignorando-o, desligo o telefone e o lanço em direção aos pés da cama.

— Eu terei o jantar pronto quando você chegar em casa — diz Charlotte, puxando a camisa sobre a cabeça.

— Graças a Deus, meu plano funcionou — digo. — Jantar na mesa, esperando por mim na minha própria casa.

Charlotte joga um travesseiro no meu rosto e veste a calça jeans.

— Eu ainda tenho quinze horas para mudar minha opinião sobre essa coisa de para sempre.

— “O que quer que seja” — respondo, sorrindo como um idiota.

Ela pula de volta na cama e me beija descontroladamente antes de me

deixar, sem fôlego e nu, no meio de uma confusão de lençóis.



AJ me segue para casa depois de limpar o local de trabalho e não sei por quê. Eu não o convidei de volta. Talvez ele tenha esquecido alguma coisa na minha caminhonete? Eu saio, esperando que ele abra a porta da caminhonete. Mas enquanto estou esperando para perguntar o que ele está fazendo, o carro da mamãe e do papai também aparece.

AJ finalmente abre a porta com um sorriso arrogante.

— Surpresa!

— Surpresa para o quê? O que diabos está acontecendo?

— Eu não sei — diz ele com um encolher de ombros. — Charlotte queria ter a família junta hoje à noite. Algo sobre não precisar de um ensaio, mas apenas um bom jantar.

Mamãe desce do carro com as mãos entrelaçadas e um olhar que não me lembro de ver em seu rosto há anos. Ela atravessa a calçada e coloca as mãos nas minhas bochechas, puxando minha cabeça para me beijar. Ela se inclina um pouco para trás e olha nos meus olhos, mas não diz nada por um longo momento.

— Por que você está me olhando assim? — pergunto.

— Primeiro, quem planeja um casamento em três dias? — ela pergunta.

— Duas pessoas que já foram casadas uma vez? — respondo enquanto rio.

— Em segundo lugar, você me escuta — ela começa em seu tom de conselho maternal. — Eu posso dizer isso porque eu sou sua mãe, não importa quantos anos você tem... — Ela faz uma pausa por um momento enquanto um sorriso pousa sobre os lábios. — Estou tão orgulhosa de você, Hunter. Tão orgulhosa de você.

Eu não preciso perguntar o que ela quer dizer com isso. Eu sei o que fiz minha família passar ao longo dos últimos seis anos. Eles ficaram do meu lado todos os dias, bons e ruins. Eu gritei com eles. Eu lhes disse para ir embora. Eu implorei para que me deixassem morrer. Ainda assim, todos eles ficaram do meu lado com compreensão e paciência. Todos me ajudaram a criar Olivia enquanto ficavam longe o suficiente para evitar tomar o meu lugar. Mamãe deixou claro nos últimos anos que sou jovem demais para

desistir. Agora percebo que existe vida após a morte e tudo bem. Eu enxotei seus comentários e conselhos, pensando que não havia nenhuma maneira que eu pudesse chegar a um acordo com o que ela queria para mim. Acontece que ela estava certa.

Ela pressiona os dedos no meu coração.

— Isso é seu. É importante, como sempre foi, e estou tão feliz por você estar sendo fiel a isso agora. Ellie ficaria orgulhosa de você, Hunter. Eu te garanto. — Sem as palavras adequadas para responder à sua declaração, eu a puxo para um abraço, sentindo seu corpo estremecer um pouco enquanto seus braços se apertam em volta de mim.

— Eu te amo, mãe. Obrigado por sempre estar aqui para mim quando eu preciso de você, mesmo naqueles momentos em que eu não sei que preciso de você. — Ela agarra meu rosto e beija minha bochecha, soluçando silenciosamente.

Quando mamãe pega minha mão, todos nós vamos para dentro da casa, encontrando Olivia correndo por aí como uma pequena pessoa louca, cheia de emoção. Ela vai ter uma irmã amanhã e vai usar um vestido bonito, claramente, é tudo o que é necessário para tornar o mundo de uma garotinha completo.

— Vovó, você quer conhecer minha nova irmã? — Olivia diz através de risadas enquanto gira Lana em círculos.

— Tenho certeza que já nos conhecemos, sua menina boba — diz mamãe.

— Você sabe o que mais? — Olivia continua: — Eu posso usar minha chave mágica amanhã.

Mamãe olha para mim com uma pergunta, já que não tenho certeza de que mencionei essa chave que Ari lhe deu.

— Ah, é mesmo? — diz mamãe.

— Sim, você vai ver — Olivia diz com um sorriso.

— Que chave? — Mamãe me pergunta.

— Você vai ver — eu ecoo Olivia, dando-lhe uma piscadela.

Mamãe revira os olhos e vai até a cozinha para ajudar Charlotte. Papai e AJ caem no sofá, conversando sobre o trabalho de hoje e Tori entra pela porta. AJ pula e está ao lado dela dentro de um segundo, levando sua esposa muito grávida para o sofá.

— Dois casamentos e um bebê este ano — diz meu pai com um brilho orgulhoso em seus olhos. — E o sobrenome Cole continua. Esse é um bom

ano.

Ao longo da noite, no meio da felicidade deles, noto uma mudança na forma como minha família está agindo. É algo que eu estava muito fechado para perceber ou algo que eu causei. Independentemente disso, a quantidade de amor nesta sala de jantar me trouxe uma sensação de paz, sabendo que amanhã a parte final da minha vida despedaçada se encaixará de novo, diferentemente, com algumas rachaduras aqui e ali, mas juntas, mesmo assim.

Mamãe esteve me encarando a noite toda com esse brilho nos olhos. Acho que me ver feliz novamente finalmente tirou um pouco da dor dela. Seu cotovelo está descansando na mesa e ela está olhando para mim. Eu não pergunto por que ela está me olhando do jeito que está, mas sorrio de volta, um sorriso de coração cheio. Lágrimas enchem seus olhos e ela olha para o teto, silenciosamente agradecendo àqueles acima.

A casa esvazia logo após o jantar, já que todos nós precisamos acordar cedo amanhã. As garotas estão dormindo em seus novos beliches e Charlotte e eu estamos enrolados no sofá em frente à TV.

— Nunca pensei que poderia encontrar algo tão certo novamente — diz ela, simplesmente, relaxando a cabeça no meu peito. Meu olhar vai para a foto de Ellie pendurada na parede e eu acho conforto. Meu coração bate um pouco mais forte e, silenciosamente, agradeço a ela por olhar por nós, certificando-me de que, na sombra de sua vida, eu estou feliz.

— Eu nunca pensei que houvesse algo que pudesse parecer certo de novo — murmuro contra seu ouvido, beijando-a suavemente. — Mas eu estava errado.



Independentemente de precisar de uma noite normal de sono, Charlotte e eu acordamos nos braços um do outro no sofá enquanto o sol espia através das árvores do lado de fora. A maioria das pessoas passa a noite longe uma da outra antes do casamento, mas acho que Charlotte e eu passamos tempo suficiente separados, então parece mais apropriado acordar assim hoje.

Eu me encontro em pé no meio da casa enquanto a manhã se arrasta, observando as mulheres em minha vida correndo por todo lado tentando ter certeza de que elas estarão perfeitas hoje. Eu sei que levarei apenas vinte

minutos para me vestir, então, por enquanto, prefiro apenas assistir à excitação ao meu redor. Ou até que AJ passe pela porta.

Ele está radiante e tem uma garrafa de Jack na mão.

— Apenas um gole, já que eu não pude lhe dar uma despedida de solteiro. Isso vai relaxar seus nervos.

— Mas eu não estou nervoso.

— Oh, bem, ainda é necessário — diz ele, empurrando a garrafa no meu peito.

— Você deveria ser o meu padrinho, não a minha pior influência. — Eu rio.

— Cara, eu sou um mestre em ser ambos.

Isso é verdade. Finalmente, algo que podemos concordar.

Mesmo que Charlotte estivesse bem em dormir ao meu lado ontem à noite, ela não quer que eu a veja antes da hora da cerimônia. AJ e eu vamos levar as meninas até o jardim.

— Eu vou encontrá-lo lá — diz Charlotte, inclinando-se na esquina, soprando-me um beijo.

— “O que quer que seja” — falo, dando-lhe uma piscadela rápida.

Com risadas fluindo pelo corredor, ouço minha mãe chamando Charlotte para que ela possa ajudá-la a terminar de se arrumar.

— Prontas, senhoras? — AJ diz para Olivia e Lana, que estão ambas envoltas em vestidos brancos na altura do joelho, com flores no cabelo.

Elas estão girando em círculos, fazendo com que seus vestidos voem alto, e a emoção explodindo delas é algo de que eu sempre me lembrarei sobre hoje.

Risos enchem a caminhonete enquanto nós fazemos a curta viagem até o jardim, encontrando o lugar vazio, exceto por um carro. Como eu gosto.

AJ e eu escoltamos as meninas na descida dos degraus, fazendo o nosso caminho até a árvore. Olivia corre na frente e passa os braços em volta do tronco.

— Bom dia, mamãe. — Ela coloca a mão em volta de sua boca e pressiona contra a casca. — Papai está finalmente feliz e é o melhor dia da minha vida. Obrigada por cuidar dele.

Suas palavras fazem meu peito estremecer, então eu respiro fundo e olho para o céu azul claro, repetindo as palavras de Olivia em silêncio.

Continuamos andando por um caminho desconhecido, um que não está bem marcado, um que parece não ser visitado, mas me disseram que ele leva

ao lugar onde a chave de Olivia funciona. O pai de Ari compartilhou o grande segredo comigo, o que está do outro lado da porta fechada, e é onde Charlotte e eu devemos começar nossa vida juntos. Então é isso que estamos fazendo.

O caminho chega ao fim e caminhamos até uma porta de madeira entre árvores densamente enraizadas. Não é nada que eu já tenha visto antes e é incrível.

— Vá em frente, Olivia. Eu sei que você está esperando por isso.

Olivia pega a chave de sua pequena bolsa branca, que Charlotte comprou para ela e, lentamente a coloca na fechadura manchada.

Com um rangido, a porta se abre, revelando um grande jardim fechado cheio de jasmims azuis e hortênsias brancas, com um pequeno e estreito caminho de paralelepípedos no centro que leva até um gazebo branco. Um letreiro na frente do mirante diz: “Jardim Secreto de Olivia”. O olhar em seu rosto é um que eu gostaria que Ari pudesse ver como um agradecimento pelo presente mais incrível que ela poderia ter dado.

Olivia gira ao redor, olhando em todos os cantos antes de se deitar em um caminho de flores

— É como se mamãe estivesse aqui, em todos os lugares — diz ela. — Este é o lugar mais incrível; deve ser como o céu.

Deito-me ao lado dela, puxando-a para o meu lado.

— Ela está sempre perto de você, Olivia. Ela está sempre com a gente.

Estamos vestindo roupas de casamento e estamos deitados no chão, e nada nunca pareceu tão certo.

Não, espere. Agora, nada nunca pareceu tão certo. Charlotte, em seu lindo vestido, deita ao meu lado e Lana se junta a nós também. Nós parecemos ridículos, mas agora eu sei, olhando de volta para o céu, que Ellie e Ari estão nos observando. Eu tenho que acreditar que elas planejaram isso.

— Eu deveria apenas declará-los marido e mulher? — pergunta o pai de Ari, entrando pelo portão. Quando lhe disse que Charlotte e eu havíamos decidido nos casar, o que aconteceu há mais de três dias, ele pediu que eu lhe desse dois meses e me informou que ele era um oficiante de casamento. Eu não sabia por que ele precisava de tanto tempo, mas um jardim não é construído em um dia, eu sei disso.

— Por favor — diz Charlotte, virando a cabeça, trazendo o nariz para perto do meu. Seus olhos estão brilhando sob os cílios e seus lábios estão brilhando, refletindo as flores ao nosso redor. Estou apaixonado por essa mulher. Estou completamente apaixonado por ela e isso parece certo, parece

perfeito e completo.

O pai de Ari fala algumas linhas antes de começar nosso casamento e a conexão de nossa nova família.

Nunca em um milhão de anos eu previ minha vida indo nessa direção, estando com alguém além de Ellie, deitado em um prado de jasmins azuis enquanto juntava minha vida com a de Charlotte.

A vida é como o centro de uma flor desabrochando, com cada pétala se elevando ao longo do tempo, expondo lentamente nossos corações e almas enquanto o movimento da vida circula ao nosso redor. Eu não posso mudar isso e não posso parar, mas posso assistir e absorver a beleza de tudo isso. Eu definitivamente peguei a estrada menos viajada e, meu Deus, fez toda a diferença.

Robert Frost, você é um homem brilhante.



DEZ ANOS DEPOIS

São oito horas da manhã de um sábado e eu imaginei que seria o único acordado na casa, mas o súbito aparecimento de ruídos de luta no porão fez com que eu me perguntasse quem poderia estar de pé. Talvez Jasmim tenha voltado para lá novamente. Ela tem uma queda pela escuridão almiscarada em sua velhice. Por mais algum tempo, continuo a ouvir barulhos e, ao mesmo tempo, Charlotte desce as escadas, grogue e ainda meio sonolenta.

— O que você tá olhando? — ela pergunta, beijando-me rapidamente antes de pegar uma caneca de café.

— Você ouviu isso? — pergunto.

Charlotte se interrompe para ouvir.

— Ah, sim, acho que Olivia estava procurando por algo na noite passada e ela provavelmente está lá embaixo continuando a busca.

— O que ela estava procurando? — pergunto.

— Ela não disse. Você a conhece, quando ela está tentando descobrir alguma coisa, é melhor não fazer perguntas. — Eu rio da explicação dela. É

verdade. É algo que todos aprendemos bem ao longo de sua adolescência. — Ashley já acordou? Ela tem um jogo de futebol às onze e eu quase me esqueci — diz Charlotte.

— Merda, não. Eu também me esqueci. Deixe-me descer e ver o que está acontecendo com Olivia e depois vou levar nossa princesinha ao futebol. Você disse que precisava verificar algumas coisas no escritório, certo?

— Sim, eu quero ter certeza de que as novas atualizações foram concluídas pelos desenvolvedores na noite passada — diz ela.

— Combinado, minha grande CEO famosa — digo, puxando-a para o meu colo.

— Muito engraçado. — Ela sorri. — Ah, e no caso de você não receber o memorando, sua princesinha agora tem nove anos e não gostará de você chamando-a de princesa. Você pode me agradecer pelo aviso depois.

Meninas...

— Vou apenas agradecer agora e acabar logo com isso — digo, pressionando meus lábios contra o pescoço dela.

— Ugh, que nojo — diz Ashley, apontando o dedo em sua boca. — Vão pro quarto.

Sim. Não sinto falta dessa idade.

— Desculpe-me, Princesa Ashley — eu provoco.

— Ah, meu Deus, pai, se toca. Eu tenho nove anos — diz Ashley, jogando o cabelo ruivo atrás dos ombros.

— Bom dia para você também. — Eu sorrio para ela.

Colocando minha caneca de café na mesa da cozinha, percorro lentamente os degraus de madeira, encontrando apenas a luz do canto perto da parte de trás da escada.

— Olivia, o que você está fazendo aqui? — pergunto enquanto a vejo vasculhando uma caixa velha.

Ela se agacha frustrada, com as mãos ao longo dos quadris.

— Ugh, eu estava procurando por uma bolsa para levar comigo esta noite e pensei que talvez mamãe tivesse algo fofo que eu pudesse usar. — Eu vejo agora que ela está vasculhando uma das caixas de roupas de Ellie. Eu me pergunto com que frequência ela o faz, considerando que esta é a primeira vez que a vejo fazendo isso, mas definitivamente, parece que já fez isso antes.

— Oh — Honestamente, eu não sei se alguma de suas bolsas está aí.

Eu realmente não tive coragem de mexer em suas coisas e separá-las. Eu só sabia que não conseguiria me livrar delas.

Ela me ignora e continua remexendo ao redor.

— Eu já vi uma aqui antes — diz ela. Acho que isso responde à minha pergunta sobre se ela pesquisou ou não os itens de Ellie no passado.

— Como ela é?

— Eu não sei, é preta e ah, eu acho que achei. — Ela puxa uma pequena bolsa preta com um ornamento de ouro bordado no couro. Eu lembro agora, foi a última coisa que Ellie pegou no caminho para fora de casa quando entrou em trabalho de parto. Lembro-me de perguntar por que ela precisaria de uma bolsa para dar à luz, mas eu acho que é uma daquelas perguntas que um homem não deveria fazer a uma mulher.

— Fico feliz que você tenha encontrado. Tenho certeza que ela adoraria saber que você a estará levando para o baile de formatura hoje à noite. — Olivia se levanta, a cabeça dela vem para o meu ombro. Quando ela ficou tão alta? Está linda. Seus longos cachos loiros estão uma bagunça e ela ainda está usando pijama, parecendo um pouco com uma menina e um pouco como uma garota à beira da feminilidade. — Está muito cedo pra você já estar procurando uma bolsa — digo.

— Estou muito animada pra esta noite e um pouco nervosa, já que Lana não está aqui para ir comigo. — Este ano inteiro tem sido uma transição difícil para Olivia com Lana em seu primeiro ano na faculdade, uma prévia do que eu vou passar no próximo ano, quando minha filhinha me deixar. Lana volta para casa uma vez por mês, mas Olivia sente falta dela como uma louca e não faz muito para esconder seus verdadeiros sentimentos sobre o assunto. A influência dos hormônios adolescentes exige um alerta que eu queria que alguém, qualquer um, tivesse me dado.

— Você vai se divertir muito hoje à noite. Eu garanto — digo.

Olivia inspeciona a bolsa e abre para olhar por dentro. Ela coloca a mão no interior enquanto um olhar estranho passa pelos olhos dela. Não deveria haver nada lá desde que eu tive que retirar a carteira de Ellie quando estávamos no hospital, e eu não me lembro de nada sendo deixado dentro. Olivia tira a mão da bolsa e um papel está comprimido entre os seus dedos.

— O que é isso?

Pego o papel da mão dela e o desdobro o mais rápido que posso, descobrindo que ele se desdobra seis vezes antes de se abrir em uma folha tamanho grande de papel de caderno.

— Você pode acender a luz principal? — pergunto a Olivia.

Meu coração já está doendo e não consigo entender nenhuma das palavras

no escuro. Mas quando a luz ilumina a sala, a escrita fica clara.

— É da mamãe? — ela pergunta.

— Sim — digo, sem fôlego. Depois de todos esses anos, essa mulher ainda sabe como roubar minha respiração.

— Leia em voz alta. — Os braços de Olivia me envolvem e sua cabeça descansa no meu braço quando eu começo a ler.

Meu Hunter

Ok, então, eu não sei quando você verá esta carta e eu estou na verdade meio que esperando que você nunca o faça, porque se você fizer isso, significará que algo aconteceu comigo e eu provavelmente não estou mais com você. Isso também vai significar que você vai ficar bem chateado comigo quando descobrir alguns dos segredos que eu guardei de você, considerando que eu sabia que algo horrível iria acontecer e que decidi escondê-lo de você. Isso soa realmente pior do que é. Eu acho.

Antes de lhe contar mais, preciso que saiba o quanto amo você. Desde o primeiro dia de aula, quando você pegou minha mão e me levou até o ônibus e secou minhas lágrimas enquanto eu acenava para os meus pais, para o segundo dia de aula quando você teve que fazer a mesma coisa e, na verdade, todos os dias do primeiro ano de escola. Em junho daquele ano, eu sabia que você seria meu melhor amigo para sempre e é bom saber que meu eu de seis anos estava certo.

A vida sem você não faria sentido. Crescer com o homem com quem você quer passar sua vida não é algo que toda garota tem a sorte de experimentar. Mas eu tive sorte. Tanta sorte, o tipo de sorte que uma garota tem quando um cara arrasta sua garota para um jardim à noite e coloca o nome dela em uma árvore junto com o dele.

Suponho que seria mais fácil se eu lhe dissesse que minhas chances de sobreviver depois dos vinte e cinco anos eram improváveis. Eu poderia ter te dito todas as coisas que eu queria te dizer, como por favor, não pare de viver sua vida porque eu fui embora, e espero que você encontre uma segunda chance de um amor verdadeiro, mesmo que você não tenha conhecido a mulher por vinte anos antes.

No momento em que descobri o aneurisma após o nosso acidente de carro, fiquei com dois caminhos a seguir: eu poderia lhe dizer que não ia conseguir ou poderia mantê-lo e fingir que tudo ficaria bem. A maioria das pessoas podia ter escolhido o caminho mais honesto, mas eu não conseguia aceitar a ideia de contar a você qual era o resultado esperado. Você teria passado todos os dias se preocupando comigo, cuidando de mim, agindo como se eu fosse um pedaço de vidro quebrável. Você teria se casado comigo, eu sei disso, mas você nunca teria querido um filho comigo se eu lhe dissesse que esse único detalhe em nossas vidas poderia ser o evento mais provável a causar a ruptura do aneurisma.

Você me conhece; tenho medo de sangue, cortes, hematomas, ossos quebrados, doenças e germes, o que se tornou irônico quando o médico me disse o meu prognóstico. Daquele ponto em diante, nada parecia me assustar mais. Se eu caísse e batesse minha cabeça, isso poderia ter sido o fim. Mas eu superei essas probabilidades bobas e engravidamos e estou prestes a dar à luz a nossa filha. Eu sei que parece terrível esconder isso de você e, possivelmente, deixar você cuidar de nossa filha como pai solteiro, mas pensei nisso. Por anos, na verdade. Eu queria deixar você com uma parte de mim. Você não pode passar vinte e cinco anos com alguém e depois não ter nada para mostrar. Eu considerei o fato de que você pode não concordar com essa teoria, mas eu também acho que te conheço muito bem e você gostaria de uma parte de mim para segurar porque eu iria querer o mesmo se as posições fossem invertidas.

Tenho certeza que você ficará surpreso quando descobrir que eu escolhi doar meu coração, mas eu realmente não vejo por que eu não deveria. Uma mulher que eu conheço está morrendo e eu disse a ela que se eu morrer antes dela, eu quero que ela tenha a parte de mim que ainda está viva. Ela me disse que as chances estão contra ela quando se trata de um doador por causa de seu tipo sanguíneo raro, o mesmo tipo de sangue que eu tenho. Esse único sinal me disse que é a coisa certa a fazer. Eu sei que você não conhece essa mulher ou de quem eu estou falando pois eu nunca a mencionei... foi porque ela sabia a verdade e você não sabia. E, sim, percebo enquanto estou escrevendo isso como é injusto, mas, novamente, é só porque eu não queria magoar você por mais tempo do que você já seria forçada a sentir dor. Você tem que aproveitar os anos que tivemos juntos sem que cada dia seja ofuscado pela preocupação e medo de quando algo pode acontecer comigo, e isso me deixa feliz. Meus pais não sabem e não precisam. Os machucaria

demais saber que eu escondia isso deles.

Eu deixei anotações para nossa filha em seu livro de bebê, que espero que ela leia quando ficar mais velha. Espero que ela se pareça comigo e aja como você. Espero que ela seja gentil conosco e ame tudo e todos. Se ela tiver meu cabelo louco e encaracolado, diga a ela que sinto muito. Se ela tiver seus intensos olhos azuis, diga que ela tem sorte. Se ela perguntar alguma coisa sobre mim, diga que eu vou ouvir e ela pode falar comigo sempre que quiser. Eu sempre serei seu anjo e dela. Eu não sei exatamente como tudo funciona lá em cima, no grande azul, mas se meu coração pode viver, minha alma também pode.

Não se deixe levar como você costuma fazer quando está chateado com alguma coisa. Não afaste as pessoas. Deixe seus pais ajudá-lo, deixe AJ ser o tio que ele nasceu para ser, e ignore meus pais quando eles culparem você pela minha morte, porque eu já tenho certeza que eles vão. Mais importante, não ouse se culpar pelo modo como minha vida se foi. Eu sei que você levou a culpa por aquele acidente de carro, mesmo que não tenha sido nem de longe sua culpa; portanto, tenho certeza de que o Hunter que eu amo e conheço atualmente está se culpando pela minha morte. Não é sua culpa. Este foi o meu caminho... ele somente terminou antes do seu.

Você conhece aquele poema de Robert Frost? A estrada não tomada? Eu costumava ensiná-lo aos meus alunos, não porque foi escrito por um famoso poeta, mas por causa do significado por trás dele. O significado, no entanto, depende de como o leitor o compreende. Alguns dirão que não temos escolhas na vida. Outros dirão que temos. Eu pessoalmente acho que temos um pouco de ambos. Eu não tive escolha se você entrou na minha vida quando éramos crianças. Eu não tive escolha quando me apaixonei por você. Eu, no entanto, tive uma escolha quando você me pediu em casamento e quando decidimos ter um bebê. Talvez essas não fossem escolhas que outros teriam decidido da mesma maneira, mas eu fui na direção que eu pensei que deveria ir, e embora ambos os caminhos tivessem eventualmente levado ao mesmo ponto final, eu estou feliz por ter ido pelo caminho que eu escolhi porque eu não mudaria nada.

Lembre-se disso enquanto você passa pela vida: às vezes temos escolhas e outras vezes não. São as vezes em que escolhemos considerar o caminho que pode ser menos percorrido, que pode fazer toda a diferença. Viva no limite, Hunter, viva como se não houvesse amanhã e você nunca se arrependerá. Confie em mim.

*Para sempre sua,
Seu coração - Ellie*

NOTAS

Capítulo Três

1 Olive – Além de Olivia o nome pode ser traduzido como azeitona.

SOBRE A AUTORA

A autora internacional de best-sellers, Shari J. Ryan, vem do centro de Massachusetts, onde mora com o marido e dois vivazes meninos. Shari sempre teve uma imaginação ativa e gosta de se perder nos mundos fictícios que cria.

Quando Shari não está escrevendo ou desenhando capas de livros, geralmente ela pode ser encontrada recolhendo brinquedos do chão.